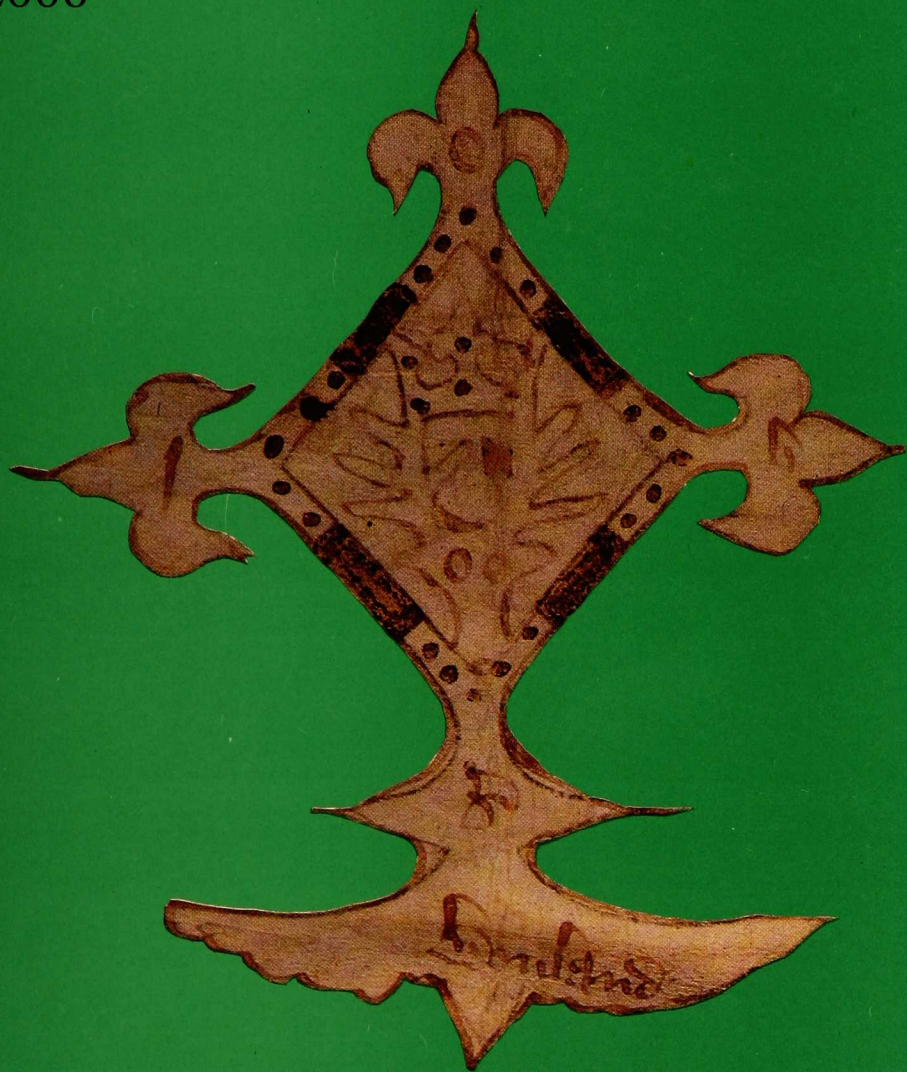




Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 15
2006



Fundação para a Ciência e a Tecnologia

TÍTULO

Revista de Estudos Anglo-Portugueses
Número 15 2006
ISSN: 0871-682X

DIRECTORA

Maria Leonor Machado de Sousa

SECRETÁRIA

Joana Dias

COMISSÃO REDACTORIAL

George Monteiro, Brown University
Isabel Maria da Cruz Lousada, CEAP
João Paulo Pereira da Silva, CEAP
Maria Leonor Machado de Sousa, CEAP
Patricia Odber de Baubeta, University of Birmingham

DIRECÇÃO E REDACÇÃO

Centro de Estudos Anglo-Portugueses
da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, 26 - C — 1069-061 LISBOA
<http://www.fcsh.unl.pt/ceap/>

EDIÇÃO

Tiragem: 500 exemplares
FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia / FCSH —
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

CAPA

Arranjo gráfico de Mário Vaz, a partir do selo existente na
Ratificação do Tratado de Ricardo II, Rei de Inglaterra com
D. João I — 1386 — Arq. Nacional Torre do Tombo

EXECUÇÃO GRÁFICA

Editorial Minerva
Rua da Alegria, 30 — 1250-007 LISBOA — Telef. 21 322 4950

DISTRIBUIÇÃO

Centro de Estudos Anglo-Portugueses

Depósito Legal n.º 93441/95

Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 15

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Centro de Estudos Anglo-Portugueses

Lisboa

2006

S U M Á R I O

Estudos

1. Zepetnek, Steven Tötösy de, "As Novas Ciências Humanas: o Intercultural, o Comparativo e o Interdisciplinar"
Boston and University of Halle-Wittenberg 7
2. Monteiro, George, "Articles about, poems by, references to, and mentions of Luiz de Camões in U. S. periodicals (1791-2002)"
Full Professor, Brown University 25
3. Castel-Branco, Maria da Conceição Emiliano, "O Percurso Anglo-Português da Rainha D. Catarina de Bragança"
Professora Auxiliar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa 155
4. Duarte, Maria de Deus, "From Duppy Stories to Slavery Tales. An Interview with Afua Cooper"
Centro de Estudos Anglo-Portugueses, Doutora pela Faculdade de Filologia da Universidade de Salamanca 205
5. Terenas, Gabriela Gândara "A verde Erin": imagens da Irlanda no periodismo português"
Professora Auxiliar, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa 223
6. Guedes, Fernando, "Polémicas Londrinas entre Tories e Whigs motivadas pelas Guerras Civas em Portugal e Espanha"
Editorial Verbo 235
7. Vicente, Ana, "A Face Feminina da Comunidade Britânica em Portugal"
Investigadora em Estudos de Género 259

Recensões Críticas

Alarcão, Miguel, "Edward Quillinan, <i>As Irmãs do Douro. Uma história portuguesa.</i> " Tradução de M. Gomes da Torre e Jorge Pais Antunes, Porto, Campo das Letras - Editores, S.A, e Associação Cívica Antão de Carvalho, 2006.	315
Vieira, Carla Sofia "Manuel Ruas (Trad.), António Ventura (Introd. e notas), <i>George Borrow em Portugal</i> ", Livros Horizonte, Colecção "Memórias de Portugal", Lisboa 2006, 111 pp.	321
Abstracts	325

AS NOVAS CIÊNCIAS HUMANAS: O INTERCULTURAL, O COMPARATIVO E O INTERDISCIPLINAR

Steven Tötösy de Zepetnek
(Boston and University of Halle-Wittenberg)

O propósito do meu trabalho é introduzir perspectivas seleccionadas sobre a situação actual da disciplina de Literatura Comparada num contexto teórico e institucional. Ao mesmo tempo, a minha discussão da actual situação intelectual e institucional da disciplina está situada no contexto das Ciências Humanas em geral. Por outras palavras, a minha discussão sobre a disciplina de literatura comparada pode ser aplicada, por inúmeras razões, à situação actual das Ciências Humanas. Gostaria de mencionar que vários aspectos da minha discussão são as ideias que publiquei em versões anteriores (incluindo um manifesto em forma de tópicos de literatura comparada e estudos culturais comparados), no meu *Comparative Literature: Theory, Method, Applications* e em "From Comparative Literature Today toward Comparative Cultural Studies", uma versão actualizada do mesmo trabalho publicada antes numa versão on-line em <<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/clcweb99-3/totosy99.html>>. Nestes textos anteriores, discuto aspectos como a situação actual da literatura comparada no mundo todo, incluindo a evidência de que a literatura comparada é uma área em desenvolvimento em muitas partes do mundo, enquanto se está retraindo no seu espaço tradicional na Europa e na América do Norte, a questão da importância e da relevância social da investigação em literatura, etc. Então, vou analisar algumas noções que introduzi anteriormente, incluindo exemplos pertinentes dentro da situação da Literatura Comparada como uma disciplina académica tanto como a sua extensão para

Recensões Críticas

Alarcão, Miguel, "Edward Quillinan, <i>As Irmãs do Douro. Uma história portuguesa.</i> " Tradução de M. Gomes da Torre e Jorge Pais Antunes, Porto, Campo das Letras - Editores, S.A, e Associação Cívica Antão de Carvalho, 2006.	315
Vieira, Carla Sofia "Manuel Ruas (Trad.), António Ventura (Introd. e notas), <i>George Borrow em Portugal</i> ", Livros Horizonte, Coleção "Memórias de Portugal", Lisboa 2006, 111 pp.	321
Abstracts	325

AS NOVAS CIÊNCIAS HUMANAS: O INTERCULTURAL, O COMPARATIVO E O INTERDISCIPLINAR

Steven Tötösy de Zepetnek
(Boston and University of Halle-Wittenberg)

O propósito do meu trabalho é introduzir perspectivas seleccionadas sobre a situação actual da disciplina de Literatura Comparada num contexto teórico e institucional. Ao mesmo tempo, a minha discussão da actual situação intelectual e institucional da disciplina está situada no contexto das Ciências Humanas em geral. Por outras palavras, a minha discussão sobre a disciplina de literatura comparada pode ser aplicada, por inúmeras razões, à situação actual das Ciências Humanas. Gostaria de mencionar que vários aspectos da minha discussão são as ideias que publiquei em versões anteriores (incluindo um manifesto em forma de tópicos de literatura comparada e estudos culturais comparados), no meu *Comparative Literature: Theory, Method, Applications* e em "From Comparative Literature Today toward Comparative Cultural Studies", uma versão actualizada do mesmo trabalho publicada antes numa versão on-line em <<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/clcweb99-3/totosy99.html>>. Nestes textos anteriores, discuto aspectos como a situação actual da literatura comparada no mundo todo, incluindo a evidência de que a literatura comparada é uma área em desenvolvimento em muitas partes do mundo, enquanto se está retraindo no seu espaço tradicional na Europa e na América do Norte, a questão da importância e da relevância social da investigação em literatura, etc. Então, vou analisar algumas noções que introduzi anteriormente, incluindo exemplos pertinentes dentro da situação da Literatura Comparada como uma disciplina académica tanto como a sua extensão para

“ciências humanas comparativas”, “estudos comparativos”, etc., áreas que no âmbito institucional das universidades estão sendo substituídas ou estão sendo vistas como designação alternativa para a antiga Literatura Comparada. Início a minha discussão do conteúdo intelectual da disciplina, com a insistência na teoria e metodologia explícitas quando estamos a estudar comparativamente a literatura e a cultura.

Quando George Steiner, um erudito de textos seminais da literatura comparada e das Ciências Humanas em geral, deu a sua palestra inaugural como Lord Widenfield Professor de Literatura Comparada Europeia na Universidade de Oxford em 1994, apresentou um trabalho intitulado “O que é literatura comparada?” (depois também publicado em forma de livro). Primeiro, Steiner descreve-a dizendo que “cada acto de recepção de forma significativa, na língua, na arte, na música é comparado” (1) e argumenta que “desde o seu início, os estudos literários e as artes de interpretação têm sido comparativos” (3). Assim, Steiner nega o estado da literatura comparada como uma disciplina completa e funcional. Susan Bassnett, no seu livro *Comparative Literature: An Introduction* (1993), sugere que a literatura comparada está morta (47), e mais recentemente (em 2003) Gayatri Chakravorty-Spivak intitula o seu livro sobre literatura comparada, uma colecção de palestras que fez em 2000, “Wellek Library Lectures in Critical Theory”, como *The Death of a Discipline* (i.e., a morte da literatura comparada; sobre Spivak, ver Virk <<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/clcweb03-4/virk03.html>>).

Aqui temos três exemplos de académicos que publicam textos sobre literatura comparada e ao mesmo tempo são professores catedráticos da mesma disciplina com reputação internacional e têm um alto índice de citação. As suas sugestões apontam um grande número de problemas, que discutirei no decurso deste trabalho. Comparatistas, claro, mas investigadores da literatura e teoria literária em geral, estão conscientes da história interessante da literatura comparada, onde, desde o final do século XIX, em intervalos fixos de cada dez anos, publicações aparecem e congressos são organizados sobre as definições e os significados de, razões e justificativas para, problemas de, etc., enfim, a sobrevivência da disciplina (ver, por exemplo, o grande número destes tópicos na minha bibliografia em site: <<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/library/clitbib2-99.html>>. Do meu ponto de vista, estudiosos tais como Bassnett e Spivak estão a cometer um grave erro quando sugerem que a literatura comparada está “morta”. Estarão certas quando sugerem novos

pensamentos e noções para ressuscitar e alterar os parâmetros intelectuais da disciplina, mas isto deveria ser feito de tal maneira que nenhum reitor que quisesse fechar mais um departamento ou programa de Literatura Comparada para economizar dinheiro pudesse refugiar-se na afirmação de Bassnett ou no título do livro de Spivak para justificar a eliminação ou o corte de verbas para a Literatura Comparada. Como eu argumento, há outras maneiras para manter as aplicações da Literatura Comparada. E isto é, do meu ponto de vista, mais importante, porque o destino da Literatura Comparada está ligado ao destino das Ciências Humanas como um todo, no mundo inteiro. Gostaria também de observar que o livro de Spivak contém muitas, se não todas, as minhas sugestões e noções sobre como ressuscitar e fazer a Literatura Comparada, noções que, desde o início de 1990, eu tenho publicado em periódicos de diferentes línguas. Na minha opinião, porém, o problema está no título espúrio e óbvio do seu livro.

No seu trabalho, Steiner diz: “Eu entendo a literatura comparada, na melhor hipótese, como uma arte exacta e exigente da leitura, um estilo de ouvir actos orais e escritos da língua que privilegiam certos componentes nestes actos. Tais componentes não são ignorados em nenhum modo de estudo literário, mas são privilegiados na literatura comparada” (9). Aqui, Steiner faz referência ao tipo estabelecido e à forma tradicional da literatura comparada, onde o conhecimento de línguas estrangeiras é um factor essencial. Ele então aponta três áreas específicas que, em sua opinião, são características essenciais da disciplina: 1) “Tem por objectivo elucidar a obscuridade, o núcleo autónomo do ‘sentido histórico e actual do mundo’ (o *Weltsinn* de Husserl) na linguagem e esclarecer, na medida do possível, as condições, as estratégias, os limites recíprocos de compreensão e o mau entendimento entre as línguas. Em breve, a literatura comparada será a arte de compreensão centrada na eventualidade e nas derrotas da tradução” (10), 2) a “primazia do assunto da tradução em literatura comparada está directamente relacionada com o que eu entendo como segundo ponto de destaque” (11), e 3) “Estudos temáticos formam um terceiro ‘centro de gravidade’ na literatura comparada” (13). O modo como entendo as ideias de Steiner é que ele as liga claramente ao conhecimento de línguas estrangeiras, e eu não tenho problema com isto. Porém, se posso concordar com ele em que isto é um aspecto básico e essencial da disciplina, acho que o conjunto dessas ideias é omissso. Como sabemos, o conhecimento de línguas estrangeiras não é

necessariamente o privilégio só dos comparatistas, i.e., há muitos especialistas em estudos literários nos departamentos de Inglês ou em outros departamentos de línguas nacionais que falam e trabalham com outras línguas. Na minha opinião, o cunho da literatura comparada é, ou deveria ser, o conhecimento de línguas estrangeiras com uma ideologia baseada na inclusão da disciplina envolta numa metodologia precisa. Na sua argumentação, Steiner não menciona a metodologia nem explícita nem implicitamente. O volume muito discutido até hoje de Charles Bernheimer, *Comparative Literature in the Age of Multiculturalism*, é semelhante. Enquanto, a maioria dos contribuintes para o volume argumenta em favor de uma ideologia política de inclusão, não mencionam a metodologia. Além disso, a questão da metodologia não aparece na maioria dos livros didáticos de literatura comparada ou em obras da área em geral. Talvez isto seja devido ao facto de que a literatura comparada, como uma tradução de literaturas e culturas (como tradução conceptual e ideológica ou /e como tradução verdadeira) ou como uma ideologia e prática inclusivas e transculturais, é assumida como uma metodologia em si. Se por um lado aceito este argumento ancorado na história da disciplina e como uma característica essencial no mesmo contexto histórico, proponho que isto não seja suficiente para justificar ou fazer a disciplina funcionar hoje. E o facto de que a referida abordagem não é suficiente para convencer os estudiosos na actualidade é evidente, num grande número de trabalhos, por exemplo, num artigo intitulado "Why Comparisons Are Odious", escrito pelo editor de *Critical Inquiry*, W. J. T. Mitchell em 1996, em resposta à edição temática de 1995 de *World Literature Today*, *Comparative Literature: States of the Art*.

O trabalho de Steiner sobre a literatura comparada é de um estudioso com reputação internacional, cujo trabalho, aliás, é sem dúvida de grande influência, revela em alguns pontos até uma regressão, apesar de que, em geral, ela está de acordo com os colaboradores do volume de Bernheimer. Mais uma vez, o que falta, na minha opinião, é a questão do método. É interessante voltar atrás no tempo para um dos eruditos da literatura comparada, Hugo Dysernick, juntamente com Manfred Fischer, situado na literatura comparada uma década antes, em 1985, em duas áreas principais, "1. Uma história comparada da literatura, envolvendo as relações mútuas e também as semelhanças e as diferenças entre literaturas individuais" e "2. Uma teoria comparada e metodologia da literatura, tratando de teorias literárias desenvolvidas em países individuais (ou áreas

linguísticas) e com métodos correspondentes de crítica literária (xvii)". A segunda área de Dysernick, pelo menos em princípio, prescreve a metodologia para a disciplina, mas este destaque parece ser retratado na maioria dos actuais manuais (de pós-graduação ou licenciatura) de literatura comparada (para uma selecção de volumes mais conhecidos, principalmente em Inglês, ver <<http://clwebjournal.lib.purdue.edu/library/booklist.html>>). Gostaria de mencionar, portanto, que o argumento de Steiner inclui uma área que corresponde tanto à primeira área de literatura comparada de Dysernick, a história literária, quanto à proposta de Bassnett, que na sua opinião pode salvar a disciplina, mais especificamente o estudo da tradução. Na proposta de Steiner, este situa-se na "disseminação e recepção de trabalhos literários através do tempo e espaço" (11), especificado mais adiante no estudo "Quem lê, quem pode ler o quê e quando?" (12). Esta área de investigação, certamente, é prometedora, e defino-a como o campo da "sociologia e história de leitura e leitores" (ver Tötösy: "Introduction", "Readership"). Porém, a minha crítica dos textos mais recentes sobre literatura comparada deveria ser entendida no contexto, e apresso-me a dizer que há um bom número de textos que representam o melhor que a disciplina tem a oferecer e o que ainda está por descobrir (isto é por académicos e estudiosos de estudos culturais e de inglês). Para citar alguns que na minha opinião são os textos seminais, como *The Culture of Literacy* de Wlad Godzich, *The Cultural Analysis of Texts* de Miko Lehtonen, *Le Phénomène de la Littérature* de Clément Moisan, *Literature and Society: The Function of Literary Sociology in Comparative Literature* (editado por Bart Keunen e Bart Eeckhout), *Grundlagentexte der Vergleichenden Literaturwissenschaft aus drei Jahrhunderten* de Zoran Konstantinovic e *The Challenge of Comparative Literature* de Claudio Guillén (na minha opinião, o último é o mais importante texto de literatura comparada até hoje publicado). Também gostaria de acrescentar que na área de teoria literária o melhor texto pela profundidade e escopo é *A Theory of the Literary Text* de António Garcia-Berrio.

Mais um item, que em minha opinião deve ser desenvolvido, é a questão da tipologia da literatura comparada. Investigadores como Eva Kushner ou Yves Chevrel, nas últimas duas décadas, chamaram repetidamente a atenção para uma tipologia da disciplina; porém desconheço a sua existência até hoje. Comecei a trabalhar nesta questão recentemente e vou listar alguns itens de uma tipologia em formação: a comparação de texto com texto

(abordagem “tradicional”), a abordagem por período, literatura inter-comparada (comparação de textos diferentes dentro da mesma língua); abordagem temática, abordagem mitológica (e.g., Northrop Frye), abordagem de comparação entre géneros de texto, entre formas de texto (e.g., literatura e filme), entre formas de arte e texto (e.g., pintura e literatura) etc. O que deve ser feito, com certeza é “ordenar” o vasto número de publicações de literatura comparada numa classificação diferente baseada em tipos, assim estabelecendo a tipologia da disciplina.

No meu livro *Comparative Literature: Theory, Method, Application*, proponho inúmeras áreas que representam factores específicos e pensamentos que fazem da Literatura Comparada uma disciplina auto-definida. A minha convicção do valor inerente da Literatura Comparada é que desde os anos 90 a disciplina passou e ainda está a passar por mudanças de pensamento — tanto epistemológico quanto institucional e administrativo — com velocidade crescente, precisamente por causa das dificuldades agudas com e da disciplina. Listo aqui algumas: a descoberta e a adopção da teoria literária (uma área importante da Literatura Comparada desde seu o início) pelos departamentos de Inglês, o eurocentrismo da disciplina, a lenta, mas óbvia diminuição do conhecimento de línguas estrangeiras, o *status quo* da patriarquia e a refutação dos estudos feministas (tanto explícita quanto implícita) de muitos estudiosos da literatura comparada, a atitude de ‘superioridade’ dos comparatistas, que se repete frequentemente, baseada no seu conhecimento de várias línguas e culturas (por si uma coisa boa, mas que se torna negativa quando sugere uma atitude de “mais alta” e mais relevante competência), e a problemática da questão mais básica, crucial e mais repetida: “O que é a literatura comparada?”

As publicações sobre os caprichos intelectuais no contexto da situação institucional da literatura comparada, e mesmo das áreas humanas em geral, são raras, quase não-existent. Conheço um livro que discute aspectos de política departamental, assuntos de títulos de posse etc., *Academia and the Luster of Capital* de Sande Cohen (Minneapolis: Univ. of Minnesota P, 1993), enquanto os autores de um bom número de livros e trabalhos, sobre a situação das áreas humanas publicados nos anos 90, discutem tais assuntos meta-teoricamente da melhor forma possível. (A minha selecção é principalmente sobre os trabalhos dos académicos norte-americanos, que ocasionalmente discutem aspectos dos estudos culturais e raramente a literatura comparada, de que se apropriam depois em publicações em

outros lugares. Ver, por exemplo, *The University in Ruins* de Bill Readings, *The Fortunes of the Humanities: Thoughts for after the Year 2000* de Sander L. Gilman, *Token Professionals and Master Critics: A Critique of Orthodoxy in Literary Studies* de James J. Sosnoski., *Confessions of the Critics*, editado por H. Aram Veesser, *The Division of Literature or the University in Deconstruction* de Peggy Kamuf, *The Making of the Modern University: Intellectual Transformation and the Marginalization of Morality* de Julie A. Reuben, *Professing Literature: An Institutional History* de Gerald Graff, *The Academic Postmodern and the Rule of Literature: A Report on Half-Knowledge* de David Simpson, *Professions: Conversations on the Future of Literary and Cultural Studies* editado por Donald E. Hall, *Impure Acts: The Practical Politics of Cultural Studies* de Henry Giroux, *Culture and Critique: An Introduction to the Critical Discourses of Cultural Studies* de Jere Paul Serber ou *Culture and Text: Discourse and Methodology in Social Research and Cultural Studies* de Alison Lee and Cate Poynton (eds.).

A seguir, pela simples razão — por mais estranha que pareça — de que um exemplo vivo, mesmo anedótico, nos servirá numa discussão sobre a situação actual da disciplina de literatura comparada, introduzirei a “história” da dissolução do departamento mais antigo e abrangente (com cursos de licenciatura e pós-graduação) de Literatura Comparada no Canadá, na Universidade de Alberta. A minha opinião sobre o departamento aponta para algumas deficiências de ordem intelectual e institucional da situação da literatura comparada, neste caso baseado em experiência pessoal e informação, os quais, por sua vez, são uma representação da situação precária da disciplina, não somente na Universidade de Alberta, mas em outras lugares, e por substituição, levanta vários problemas que pela minha percepção são das Ciências Humanas em geral. O meu texto é um resumo da minha opinião expressa durante os anos em que estive em Alberta, e que também repeti em vários *e-mails* durante o processo de eliminação do departamento concluído em Julho de 2003.

Sob vários prismas, o Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Alberta foi estabelecido como o primeiro departamento na área no Canadá, no começo dos anos 60, com um programa de licenciatura e pós-graduação. Desde o começo, outros departamentos de língua e literatura — particularmente o Departamento de Inglês, o segundo maior do Canadá, depois do Departamento de Inglês de Toronto — com mais de setenta

docentes no regime de tempo integral, viam a existência da Literatura Comparada com cautela e, consequentemente, dependendo da boa vontade dos reitores e vice-presidentes da investigação, o Departamento recebia verbas mínimas ou, no máximo, um pouco mais do que o normal. A colaboração com os outros departamentos não passava de uma co-existência educada e a colaboração ocasional num projecto entre alguns membros da faculdade dos outros departamentos. O número médio de docentes em dedicação exclusiva nunca passou de sete. O Departamento abrigava a *Canadian Review of Comparative Literature / Revue Canadienne de Littérature Comparée* desde a sua fundação em 1964 por Milan V. Dimic. (Em 1989, a revista foi realojada no Research Institute for Comparative Literature, onde até hoje continua temporariamente, a lutar para manter o seu programa de publicação. Para a história do Instituto, veja-se Tötösy <[http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/library/riclhistory\(1985-99\).html](http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/library/riclhistory(1985-99).html)>, em si, uma história interessante e significativa). O Departamento conseguiu ter um histórico distinto, tinha alguns bons pedagogos, alguns investigadores acima da média e algumas ideias e projectos excelentes, e os membros do corpo docente em geral tinham uma mente aberta para a investigação (o facto, como sabemos, não é o padrão nas Ciências Humanas) e havia pelo menos um nível aceitável de amizade entre os docentes do Departamento. Os alunos do Departamento completavam e média os seus cursos, em todos os níveis, em menos anos, comparativamente com outros departamentos da Universidade de Alberta (a média norte-americana para um *Ph. D.*, após um Mestrado, é de sete anos). O Departamento também tinha um índice excelente de aceitação em empregos, o mais alto da Faculdade de Letras, porém, ao mesmo tempo, durante muitos anos, tinha sempre um grande número de doutorados que nunca exerceram aquilo que começaram a fazer, e desapareceram em outros tipos de trabalho ou abandonaram a investigação totalmente.

Pelo lado negativo, o Departamento constituía um patriarcado amigável. Havia dois docentes permanentes sem doutoramento (os quais, mesmo assim, orientavam trabalhos de doutoramento). A orientação dos *Ph.D.s* funcionava nos níveis mínimos, e não havia ambiente de comunidade intelectual. O departamento teve que lutar pela sobrevivência durante todo o tempo da sua existência. Em seguida, por vários motivos — intelectuais, financeiros, políticos e pessoais — o então Pró-Reitor de Letras decidiu (com uma consulta mínima), reunir todos os

departamentos de línguas e literaturas (Alemã, Românica, Comparada, Eslava, mas não o de Inglês) num mega-departamento e este novo departamento existiu por alguns anos. Seguindo o *lobbying*, feito intensamente pelos membros do antigo departamento de Literatura Comparada e os seus antigos e actuais alunos e também por outros motivos, como, por exemplo, o facto de que o novo departamento não conseguiu reduzir os custos para a Universidade, o mesmo reitor decidiu separar o mega-departamento em “Departamento de Línguas Modernas e Estudos Culturais” e “Departamento de Literatura Comparada, Religião e Estudos de Cinema/Média”. Na época em que foi efectuada consulta acerca dos nomes a atribuir aos dois novos departamentos, eu sugeri aos colegas de ambos os departamentos e também ao comité consultor externo para a unificação dos dois que evitasse a duplicação implícita das áreas relacionadas e fiz a previsão de que os dois novos departamentos não iriam subsistir lado a lado durante muito tempo, por razões óbvias. (Também recebi muitos *e-mails* de todo o mundo e fui questionado por colegas de outros lugares sobre a combinação infeliz de designações semelhantes dentro de dois departamentos; de facto, muitas colegas ridicularizaram a dita duplicação e deduziram que isso devia ser o resultado de lutas políticas internas, o que faz sentido, porque as designações representavam facções entre docentes e alunos.)

Com o novo Departamento de Literatura Comparada, Religião e Estudos de Cinema/Média chegaram algumas verbas e a possibilidade de renovação. Porém, a busca de um novo director de departamento não despertou muito interesse, e afinal os dois candidatos e os seus perfis eram menos que esmagadores. O novo coordenador do departamento era um administrador capaz, mas o seu perfil não elevou o perfil do Departamento. O Departamento também recebeu verbas para ampliar o corpo docente, e em seguida as vagas foram preenchidas. Contudo, o departamento recriado recentemente parecia encaminhar-se para existir com algum potencial, mesmo limitado, e era, apesar de tudo, um dos poucos departamentos e programas de Literatura Comparada no país. Logo em seguida, a situação que alguns de nós prevíamos aconteceu: porquê ter dois departamentos com tarefas e conteúdos semelhantes? A falha estava na não-aceitação dos docentes de Literatura Comparada em colaborar nos Estudos Culturais, enquanto o Pró-Reitor e vários membros de outros departamentos e alguns membros do próprio departamento faziam isso. A minha sugestão de criar um Departamento de Literaturas

e Estudos Culturais Comparados incluindo todos os departamentos de literaturas e línguas, inclusive o inglês, não encontrou apoio suficiente.

Em 2003, o departamento de Literatura Comparada, Religião e Estudos de Cinema/ Média foi dissolvido. Alguns docentes foram enviados para o departamento de Inglês, alguns para História, Estudos Clássicos, e alguns para o Departamento de Línguas Modernas e Estudos Culturais. O núcleo permaneceu num programa novo (não um departamento, mas um programa) chamado Estudos Interdisciplinares (ver <<http://www.uofaweb.ualberta.ca/arts/ois.cfm>>). Os alunos que começaram o seu trabalho de pós-graduação em Literatura Comparada estariam habilitados a completar o curso, mas restaria decidir se seria com a designação de Literatura Comparada ou com outra designação. Mais recentemente, em 2004, aconteceu algo interessante, isto é, a fusão de vários membros do corpo docente do Departamento de Literatura Comparada com o Departamento de Inglês. Isso resultou na alteração do nome do Departamento de Inglês para Departamento de Inglês e Estudos de Cinema. Esse novo passo é intrigante, porque dos mais de setenta docentes em dedicação exclusiva do antigo Departamento de Inglês e do antigo Departamento de Literatura Comparada, três trabalhavam (trabalham) em Estudos de Cinema. Claro que há vários outros docentes no antigo Departamento de Inglês que também trabalhavam em Estudos de Cinema. Assim sendo, na minha leitura da situação, a mudança de designação deveria ter sido o resultado da ampliação das fronteiras disciplinares dos campos da literatura de língua inglesa e também devido à política da universidade para 'pacificar' os investigadores que perderam o seu departamento.

Conforme mencionei antes, acredito que os meus pensamentos e as minhas propostas para a literatura comparada *sui generis* e para o estudo de literatura, línguas e cultura em geral, se encaixam bem dentro dos estudos culturais comparativos. Será então que pertencço ao partido que está a tentar "destruir" a literatura comparada? Tenho dúvidas. A verdade é que, falando institucionalmente, até nos Estados Unidos a literatura comparada tem conseguido o mais alto número de departamentos e programas. Em comparação com todos os países do hemisfério ocidental, o único país onde hoje há mais departamentos de Literatura Comparada é a República de China — há pressões fiscais crescentes em todos os níveis nos departamentos de Literatura Comparada. Só existem departamentos 'seguros' em

poucas universidades, como Columbia, Harvard, Yale ou Berkeley. Estou totalmente motivado para a literatura comparada, mas, considerando as pressões intelectuais e institucionais, creio que a melhor maneira é optar por uma ampliação da disciplina, ao mesmo tempo mantendo a sua força e os seus sucessos. Creio que isto é possível em qualquer lugar, com a inclusão de estudos culturais e com destaque tanto para investigações filológicas como para uma orientação para a pragmática no contexto de oportunidades de emprego para os licenciados. Na minha visão, os estudos culturais estão a consolidar-se em todo o lado, e essa para mim é razão suficiente para aceitar esta disciplina como força maior, uma força que já ganhou reconhecimento institucional não só nos Estados Unidos como noutros países onde se fala o inglês, mas também no mundo todo. Porém, a minha sugestão não tem ampla aceitação. Sugeriria que por cada investigador que está interessado e concorda com as minhas sugestões há um (em literatura comparada) que a rejeita. (Parece-me também que a rejeição vem de investigadores mais experientes, que são cautelosos por vários motivos, enquanto os investigadores mais novos têm um bom índice de aceitação). Aqui está um exemplo: Tomo Virk, um grande estudioso europeu de literatura comparada da Universidade de Ljubljana, publicou a sua opinião sobre a minha proposta no trabalho intitulado “Comparative Literature Versus Comparative Cultural Studies” no *CLCWeb: Comparative Literature and Culture* 5,4 (Dezembro 2003): <<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/clcweb03-4virk03.html>>, e Gvozden Eror, outro comparatista bem conhecido, da Universidade de Beograd, escreve no seu trabalho:

“Qu’est-ce qu ‘on compare en littérature comparée. L’innovation en tant que desintégration (résumé) “ (...) “Dans les années quatre-vingt-dix du XXe siècle les Nestors de la littérature comparée américaine ont publié les articles critiques avec des titres très explicites par eux-mêmes: “Once Again: Comparative Literature at the Crossroads” (H. Remak), “From Ecstasy to Agony: the Rise and Fall of Comparative Literature” (U. Weisstein), “The Rape of Literature” (A. Balakian). Ils exprimaient les réactions concernant les domaines “innovés” de la comparaison, c’est à dire le nouveau “modèle” de la littérature comparée, soutenu énergiquement par un certain nombre de comparatistes américains et canadiens issus pour la plupart des nouvelles “générations” d’universitaires. C’est

l'année 1993 qui a marqué un tournant dans la littérature comparée aux États-Unis, l'année de la publication du "Bernheimer report to the American Comparative Literature Association" (publié en 1995 dans *Comparative Literature in the Age of Multiculturalism* sous la direction de C. Bernheimer). Il s'agit d'une nouvelle focalisation des approches comparatifs, et en même temps d'un élargissement *in extremis* du domaine de la littérature comparée, qu'on veut connecter étroitement avec les "Cultural Studies". Dans ces nouvelles approches comparatives la littérature (belles-lettres) n'est plus au premier plan de l'étude, elle est placée au même "niveau" avec les autres "pratiques discursives" et phénomènes culturels. Le nom "comparative literature" se maintient néanmoins comme une coquille terminologique vidée des sens originels, propre à "recouvrir" divers domaines culturels — mais en fin de compte on l'y voit la "littérature" supplantée et substituée par la notion même de "culture" ("comparative cultural studies"). Cette tendance peut être le mieux perçue dans la courbe évolutive des textes de Steven Tötösy de Zepetnek. (86)

Novamente, não há menção de método no relatório de Bernheimer, e Eror, embora pareça ter lido alguns dos meus textos, não captou um dos mais importantes factores da minha proposta, especificamente a minha insistência numa fundamentação teórica e numa metodologia explícita. O que me consola é que a noção dos estudos culturais comparativos parece estar a despertar o interesse de um grande número de investigadores, a avaliar pelo grande número de trabalhos enviados para a revista científica fundada por mim na Universidade de Alberta, a qual está a ser publicada desde 2000 pela Purdue University Press, e pelo dilúvio de manuscritos (do tamanho de livros) submetidos à série de volumes em *Comparative Cultural Studies*, que publico também com Purdue <<http://clwebjournal.lib.purdue.edu/ccs-purdue.html>> & <<http://www.thepress.purdue.edu/series/compstudies.asp>>.

Então, o que estou a propor? Coloco aqui a minha breve definição de estudos culturais comparados, um modo de conhecimento que deve incluir o comparativo, o intercultural e a interdisciplinaridade: os estudos culturais comparados são um campo de estudos onde princípios seleccionados da disciplina de Literatura Comparada são absorvidos por princípios seleccionados

do campo dos Estudos Culturais, o que significa que o estudo da cultura e dos produtos culturais — incluindo, mas não restrito à literatura, comunicação, média, arte etc. — é efectuado numa construção contextual e relacional e com uma pluralidade de métodos e abordagens interdisciplinares e, quando necessário, incluindo trabalho em equipa. Em estudos culturais comparados, são os processos de acções comunicativos em cultura e o como destes processos que constituem os objectivos principais da investigação e estudo. Portanto, estudos culturais comparativos não excluem análise textual em si ou outros campos estabelecidos. Em estudos culturais comparativos, idealmente, a estrutura contextual e a metodologia disponíveis são favorecidas (por exemplo, estudo sistémico e empírico da cultura).

Deve ser entendido que na minha proposta não quero excluir qualquer estrutura teórica e /ou metodológica útil para o estudo da cultura e dos seus produtos, incluindo a literatura. Muito pelo contrário, proponho que não importa qual produto cultural um investigador está a analisar ou a investigar, a estrutura teórica e metodológica deve ser a parte integral do trabalho. O que quero dizer é que, enquanto a estrutura é explícita e enquanto uma metodologia explícita é descrita e utilizada no trabalho, em princípio estamos no caminho certo. Isto deve ser compreendido no contexto dos dois tipos de trabalho que deveremos fazer nas Ciências Humanas: um de natureza académica *per se* e outro de carácter público. Sou totalmente contra a tendência actual do conhecimento — mais visível entre editoras académicas — que assenta no pressuposto de que um texto erudito deve ser entendido por todos os leitores e de que a erudição é tanto mais superlativa quanto mais universal for na sua interpretação e compreensão, porque ninguém com as suas faculdades mentais normais sugeriria a um farmacólogo ou um físico publicar os seus estudos para que todos entendessem. Este tipo de atitude faria todo o conhecimento parar. Concordo que levar ao público tudo o que fazemos é crucial, mas só quando é feito paralelamente com um estudo profundo e sério. Certamente, a investigação filológica produz gíria, descrições difíceis de entender, etc., mas isto faz parte integral do que a erudição necessita para estar em ordem e para fazer avançar o conhecimento.

É bem sabido que os estudos culturais, entre outras coisas, são ideológicos, e este aspecto é severamente criticado principalmente pelos comparatistas. A minha resposta para tais críticas é que a literatura comparada também, por definição, é ideológica, e sempre foi. O que é a ideologia senão uma das

principais doutrinas utilizadas na literatura comparada para estudar restritamente os textos literários, em particular a ideia de que nenhuma literatura nacional seja vista como primária? Claro que este aspecto restrito da disciplina — contra a primazia das literaturas nacionais — não é seguido por causa do seu eurocentrismo. Um caso semelhante ocorre com os princípios dos estudos feministas, e até hoje irrita muitos comparatistas (isto ocorre hoje somente implicitamente e entre docentes masculinos e os membros ocasionais de “old girl’s network” quando se juntam para beber cerveja — um ponto de vista escondido e não publicado, mas compartilhado entre muitos estudiosos até hoje). Imagino assim uma faculdade de Ciências Humanas ou um departamento de Línguas e Literatura(s): responsabilidades fiscais e sociais exigem hoje que todas as disciplinas nas instituições de ensino superior focalizem os resultados baseados no conhecimento e aplicação numa economia global, isto de forma paralela. O assunto de grande importância hoje é a questão da relevância social do estudo da literatura (e cultura) — note-se bem, porque isto é frequentemente mal entendido. Não estou a falar da relevância social da literatura, mas da relevância do estudo de literatura e cultura. Falando de um modo geral, mas também aplicável às disciplinas em causa (estudo de literaturas e línguas), todas as áreas humanas e das ciências sociais estão a precisar de reavaliação dos conteúdos e das práticas, porque os governos e os contribuintes que pagam impostos em todos os lugares estão a encontrar grandes dificuldades para manter o grande número de académicos nestas áreas. Também os licenciados nestas áreas estão a encontrar dificuldades para arranjar empregos. Profissionais de todas as áreas, principalmente nas Ciências Humanas, devem entender que são hoje ‘um item de luxo’, justificado ou não; (infelizmente) o estado das artes liberais e ciências sociais é tal que é melhor para investigadores e alunos que se adaptem e adotem abordagens práticas e orientadas para a aplicação nos seus programas de estudo, ao mesmo tempo mantendo a investigação tradicional e avançada. Não quero sugerir, portanto, que a literatura comparada, por exemplo, se torne um campo de trabalho experimental rígido. A proposta aqui é que as humanidades e as ciências sociais prestem sempre muita atenção às abordagens locais e às possibilidades de desenhar e implementar programas de estudo, com atenção especial para a pragmática dos estudos actuais, considerando especialmente as questões sobre o que o licenciado vai fazer com referência ao emprego.

Mostrarei com um exemplo da minha própria experiência como é difícil perceber uma proposta destas. Como editor da *Canadian Review of Comparative Literature / Revue Canadienne de Littérature Comparée* durante muitos anos, desenvolvi e sugeri a vários chefes sucessivos do meu Departamento, na Universidade de Alberta, que poderíamos introduzir cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de edição e publicação. A ideia era usar o periódico como um lugar de ensino e aprendizagem dos aspectos de edição e publicação, incluindo aspectos de *marketing*, finanças/financiamento, etc. A proposta foi sempre rejeitada com o argumento de que um Departamento como o nosso, virado para a investigação, não seria o lugar apropriado para essas áreas, porque isso significaria um desvio para formações de carácter profissionalizante, traindo assim o ideal humboldtiano de erudição. Isto apesar do facto de que eu tinha muitas provas de que alunos de pós-graduação, trabalhando sob a minha orientação para a revista como assistentes editoriais, conseguiam empregos nas editoras durante o verão e às vezes até como empregados em tempo integral. Tudo isso numa época em que um licenciado não conseguia uma posição permanente nem temporária nos departamentos de literatura ou de literatura comparada. Do meu conhecimento, há poucos departamentos de literatura ou literatura comparada de qualquer tipo ou qualquer lugar onde uma abordagem tão pragmática tenha sido adoptada.

Um outro meu *violon d'Ingrès* é a promoção *online* de publicações electrónicas nas áreas humanas. Também isto é difícil de justificar, por isso apresento os meus argumentos no trabalho intitulado: "The New Knowledge Management: Online Research and Publishing in the Humanities." *CLCWeb: Comparative Literature and Culture* 3.1 (2001): <<<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/clcweb01-1/totosy01.html>>>. Em síntese, estou sempre a ser surpreendido com a atitude negativa de quem se refere às publicações *online* dos investigadores nas ciências humanas. Quero dizer, as gerações mais jovens de investigadores e docentes entendem a sua importância e o seu valor, mas sem o apoio forte dos estudiosos mais experientes só no futuro é que as ciências humanas vão apreciar e dar apoio total à publicação *online* em periódicos com pré-avaliação externa (*peer review*) de artigos, em versões integrais, e, o que verdadeiramente importa, em periódicos acessíveis ao público em geral.

Resumindo, creio que para o *estudo* da literatura e da cultura hoje se tornar relevante temos que fazer trabalhos contextuais e

baseados em evidências, em paralelo com o lado pragmático da responsabilidade que temos de preparar os licenciados para um emprego. Isto não quer dizer que o estudo tradicional da literatura ou o estudo minucioso do texto devam ser menosprezados; pelo contrário, devemos fazer as duas coisas em paralelo. O exemplo do Departamento de Literatura Comparada de Alberta deve fazer-nos pensar, estou certo — de facto, eu sei — que a maior parte do que tem acontecido em Alberta não é uma excepção e que coisas semelhantes acontecem em todo lado com variações.

Obras citadas

- Bassnett, Susan. *Comparative Literature: A Critical Introduction*. Oxford: Blackwell, 1993.
- Bernheimer, Charles, ed. *Comparative Literature in the Age of Multiculturalism*. Baltimore: The Johns Hopkins UP, 1995.
- Chevrel, Yves. *La Littérature comparée*. Paris: PU de France, 1997.
- Chevrel, Yves. *Comparative Literature Today: Methods and Perspectives*. Trans. Farida Elizabeth Dahab. Kirksville: The Thomas Jefferson UP, 1995.
- Cohen, Sande. *Academia and the Luster of Capital*. Minneapolis: U of Minnesota P, 1993.
- Dyserinck, Hugo, and Manfred S. Fischer. *Internationale Bibliographie zu Geschichte und Theorie der Komparatistik*. Stuttgart: Hiersemann, 1985.
- Eror, Gvozden. "Qu'est-ce qu'on compare en littérature comparée. L'innovation en tant que désintégration (résumé)." *Filološki pregled* 40.2 (2003): 86-92.
- García-Berrio, Antonio. *A Theory of the Literary Text*. Trans. Kenneth A. Horn. Berlin: Walter de Gruyter, 1992.
- Gilman, Sander L. *The Fortunes of the Humanities: Thoughts for after the Year 2000*. Stanford: Stanford UP, 2000.
- Giroux, Henry. *Impure Acts: The Practical Politics of Cultural Studies*. New York: Routledge, 2000.
- Godzich, Wlad. *The Culture of Literacy*. Cambridge: Harvard UP, 1994.
- Graff, Gerald. *Professing Literature: An Institutional History*. Chicago: U of Chicago P, 1987.
- Guillén, Claudio. *The Challenge of Comparative Literature*. Trans. Cola Franzen. Cambridge: Harvard UP, 1993.
- Hall, Donald E., ed., *Professions: Conversations on the Future of Literary and Cultural Studies*. Urbana: U of Illinois P, 2001.

- Kamuf, Peggy. *The Division of Literature or the University in Deconstruction*. Chicago: U of Chicago P, 1997.
- Keunen, Bart, and Bart Eeckhout, eds., *Literature and Society: The Function of Literary Sociology in Comparative Literature*. Brussels: P Interuniversitaires Européennes, 2001.
- Konstantinovic, Zoran. *Grundlagentexte der Vergleichenden Literaturwissenschaft aus drei Jahrhunderten*. Innsbruck: Studien, 2000.
- Kushner, Eva. *The Living Prism: Itineraries in Comparative Literature*. Montréal: McGill-Queen's UP, 2001.
- Lee, Alison, and Cate Poynton, eds. *Culture & Text: Discourse and Methodology in Social Research and Cultural Studies*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2000.
- Lehtonen, Miko. *The Cultural Analysis of Texts*. Trans. Aija-Leena Ahonen and Kris Clarke. London, Sage, 2000.
- Mitchell, W.J.T. "Why Comparisons Are Odious." *World Literature Today* 70.2 (1996): 321-24.
- Moisan, Clément. *Le Phénomène de la littérature*. Montréal: l'Hexagon, 1996.
- Readings, Bill. *The University in Ruins*. Cambridge: Harvard UP, 1996.
- Reuben, Julie A. *The Making of the Modern University: Intellectual Transformation and the Marginalization of Morality*. Chicago: U of Chicago P, 1996.
- Simpson, David Simpson. *The Academic Postmodern and the Rule of Literature: A Report on Half-Knowledge*. Chicago: U of Chicago P, 1995.
- Sosnoski, James J. *Token Professionals and Master Critics: A Critique of Orthodoxy in Literary Studies*. New York: State U of New York P, 1994.
- Spivak, Gayatri Chakravorty. *Death of a Discipline*. New York: Columbia UP, 2003.
- Steiner, George. *What is Comparative Literature?* Oxford: Clarendon, 1995.
- Surber, Jere Paul. *Culture and Critique: An Introduction to the Critical Discourses of Cultural Studies*. Boulder: Westview, 1998.
- Tötösy de Zepetnek, Steven. "Introduction: Reading and Readership from an International Perspective." Ed. Steven Tötösy de Zepetnek. *International Perspectives on Reading Special Issue Reader: Essays in Reader-Oriented Theory, Criticism, and Pedagogy* 35-36 (1996): 9-11.
- Tötösy de Zepetnek, Steven. "Readership Research, Cultural Studies, and Canadian Scholarship." Ed. Steven Tötösy de Zepetnek. *International Perspectives on Reading Special Issue Reader: Essays in Reader-Oriented Theory, Criticism, and Pedagogy* 35-36 (1996): 108-20.
- Tötösy de Zepetnek, Steven. *Comparative Literature: Theory, Method, Application*. Amsterdam: Rodopi, 1998.

- Tötösy de Zepetnek, Steven. "From Comparative Literature Today toward Comparative Cultural Studies." *CLCWeb: Comparative Literature and Culture* 1.3 (1999): <<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/clcweb99-3/totosy99.html>>.
- Tötösy de Zepetnek, Steven. "The New Knowledge Management: Online Research and Publishing in the Humanities." *CLCWeb: Comparative Literature and Culture* 3.1 (2001): <<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/clcweb01-1/totosy01.html>>.
- Tötösy de Zepetnek, Steven. "From Comparative Literature Today toward Comparative Cultural Studies." *Comparative Literature and Comparative Cultural Studies*. Ed. Steven Tötösy de Zepetnek. West Lafayette: Purdue UP, 2003. 235-67.
- Tötösy de Zepetnek, Steven. "History of RICL: Research Institute for Comparative Literature, University of Alberta, 1985-1999." *CLCWeb: Comparative Literature and Culture (Library)* (2004): <[http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/library/richistory\(1985-99\).html](http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/library/richistory(1985-99).html)>.
- Veeser, Aram H., ed. *Confessions of the Critics*. New York: Routledge, 1996.
- Virk, Tomo. "Comparative Literature versus Comparative Cultural Studies." *CLCWeb: Comparative Literature and Culture* 5.4 (December 2003): <<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/clcweb03-4/virk03.html>>.

Nota biográfica / Biographical detail:

Steven Tötösy de Zepetnek's <<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/totosycv.html>> areas of scholarship are in comparative culture and media studies (theory and application), communication studies, comparative literature, postcolonial and ethnic minority studies, film and literature, audience studies, English, French, German, Central European, US-American, and Canadian cultures and literatures, history, bibliographies, new media and knowledge management, and editing. At the University of Alberta Department of Comparative Literature 1984-2000, since 2000 Tötösy lives in Boston and is, concurrently, professor of comparative media and culture studies at the University of Halle-Wittenberg, Germany. Author of numerous papers and books published on both sides of the Atlantic and in Asia, Tötösy is editor (founding) of *CLCWeb: Comparative Literature and Culture* <<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/>> and editor of the monograph series of Books in Comparative Cultural Studies <<http://www.thepress.purdue.edu/series/compstudies.asp>> & <<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/ccs-purdue.html>>, both published by Purdue University Press. E-mail: <clcweb@purdue.edu> & <steven.totosy@medienkomm.uni-halle.de>.

Este artigo é uma versão escrita de uma comunicação plenária apresentada ao *II Congresso Internacional de Estudos Comparativos* <<http://www.abraec.org>>, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, Agosto de 2005.

Tradução do Inglês de Sudha Swarnakar e Raghuram Sasikala (Universidade Estadual da Paraíba)

Revisão científica da tradução e conversão para Português padrão de Carlos Ceia (Universidade Nova de Lisboa)

ARTICLES ABOUT, POEMS BY, REFERENCES TO,
AND MENTIONS OF LUIZ DE CAMÕES IN U. S. PERIODICALS
(1791-2002)

George Monteiro
Brown University

There are four or five hundred works every person of culture is so generally presumed to have read, that to ask the question is deemed an impertinence. Who would think of inquiring in polite society: 'Are you familiar with the "Anatomy of Melancholy," "Wilhelm Meister," the "Elective Affinities," the "Imaginary Conversations," the "Doctor," the "Henriade," "Candide," the "Jerusalem Delivered," the "Lusiad," the dramas of Calderon,' or dozens of other books without which no library is complete? Of course no *habitué* of a literary circle could be supposed ignorant of all that Burton, Goethe, Landor, Southey, Voltaire, Tasso and Camoens have written, any more than he could be of Shakespeare, Milton, Spenser, Pope or Butler.

"Nebulæ," *The Galaxy*, 5 (Mar. 1868), 383.

This list of 1089 references to Camões and to his work in periodicals and newspapers in the United States, running from the late eighteenth century to the first years of the twenty-first century, adds to the information provided by the present writer in "Camões in the United States," *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, no. 11 (2002), 37-55, and "Notes on Camões," *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, no. 8 (1999), 7-15, and by Norwood Andrews, Jr. in various articles, but especially in his pioneering monograph, *A Projecção de Camões e d'Os Lusíadas nos Estados Unidos da América*, in *Estudos sobre a Projecção de*

Camões em Culturas e Literaturas Estrangeiras, vol. 3 of *Os Lusíadas*, Edição Crítica, ed. Jacinto do Prado Coelho (Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1984), 331-449. The sheer number of the references to Camões identified in these sources suggests that the names "Luiz de Camões" and *Os Lusíadas* have been far more familiar to American readers than has been surmised. This wealth of materials speaks to the question of American "cultural literacy" in the matter.

Cultural literacy is "that shifting body of information" that a culture finds "useful, and therefore worth preserving" (E. D. Hirsch, Joseph F. Kett, and James Trefil, *Dictionary of Cultural Literacy* [Boston: Houghton Mifflin, 1988], p. ix). Such "shared information" allows individuals to comprehend "daily newspapers and news reports," to understand "peers and leaders," and even to share "jokes" (p. ix). In the case of Luiz de Camões, which interests us here, the question can be put simply. Can it be determined whether or not (and if so to what extent) "Luiz de Camões" has been a recognizable part of a literate America's cultural literacy, especially in the nineteenth century?

There are rewards for searching out and examining those instances in which the evidence for cultural literacy is at play, remembering that for our purposes the most telling of those references are likely to occur, not in articles or essays devoted entirely or in the main to the subject of Camões or his work, but in pieces or items that mention Camões only briefly or in passing. These latter references, taken in the aggregate, can go a long way toward telling us how Camões was perceived by a culturally literate America. For if a book or a full length article devoted to the subject of Camões or to the general topics of Portugal's literature or history will have as its intention the bringing of "news" to its readers, the passing reference will almost always depend upon a reader's memory for its effect. It will give us some indication of just how much concerning Camões that a reader is expected to know, something he brings to his reading that makes additional exposition or explanation superfluous.

An exhaustive investigation into cultural literacy is still impractical. It is not yet possible to take into account every journal, magazine, and newspaper published in the United States, beginning with the colonial period. But with the still increasing number of journals and newspapers available on-line, permitting searches by words and phrases, it is now possible to get a pretty good idea of what readers in the United States knew about virtually any subject.

This search for references to Camões in American journals became feasible with the emergence of such on-line search engines as MOA ("Cornell University's MoA Journal Collection" (over thirty nineteenth-century journals), APS Online (over 1100 periodicals, beginning with those first published in the eighteenth century) and ProQuest Historical Newspaper, which offers access to the first one hundred fifty years of the *New York Times* (1851-2001). It is important to note that these search mechanisms make it feasible to search through hundreds of thousands of pages of hitherto largely unexplored data that can be used for a myriad of purposes, including "reception study" in several of its various forms.

Checklist

1. "The Gleaner of Scraps: The Fate of Genius," *The American Museum, or, Universal Magazine*, 6 (Nov. 1789), 408.

"Camoens ended his days in an alms-house."

2. "Poetry," *The Christian's, Scholar's, and Farmer's Magazine*, 1 (Feb. / Mar. 1790), 414.

"Camoens... thought, with reason that the discovery of a new world" was an event "worthy to be made the subject of an epic poem."

3. "Selected Poetry: Translation of a Sonnet by Camoens—on the Death of His Mistress, Donna Catalina de Ataide, who died at the Age of Twenty," *The New York Magazine*, 2 (Jan. 1791), 55.

Reprints an anonymous translation (included in William Hayley's 1782 "An Essay on Epic Poetry") of "Alma minha Gentil."

4. "Selected Poetry: Hengist and Mey," *The New York Magazine; or Literary Repository*, 2 (Dec. 1791), 735.

Identifies William Julius Mickle as the author of "a translation of the *Lusiad* of Camoens."

5. "Magalhane's Voyage in the South Pacific Ocean (From Dalrymple's Collection)," *The New York Magazine*, 3 (Apr. 1792), 221.

Refers to a "commentator of Camoens" and his words about Magellan.

6. "The Life of Cervantes," *The American Apollo*, 1 (May 9, 1792), 100.

"Camoens... has, since his death, been held in the highest estimation..."

7. "Poverty of the Learned [from *Curiosities of Literature*]," *The Massachusetts Magazine*, 4 (June 1792), 354.

"Camoens was deprived of the necessities of life, and is believed to have perished in the streets."

8. "The Speculator, No. IV," *The Massachusetts Magazine*, 6 (July 1794), 393.

"The most enlightened mind, the mind free from all taint of superstition involuntarily acknowledges the power of Gothic agency... The enchanted forest of Tasso, the spectre of Camoens, and the apparitions of Shakespeare, are to this day highly pleasing, striking, and sublime features in these delightful compositions."

9. "The Fate of Genius," *The Philadelphia Minerva*, 1 (Mar. 14, 1795), 2.

"Camoens ended his days in an alms-house."

10. "Odes Moral and Descriptive," *The American Monthly Review*, 3 (Oct. 1795), 155.

Camões's mixing of different systems of mythology is a warning to other poets.

11. "The Poverty of the Learned," *The New-York Weekly Magazine*, 1 (June 15, 1796), 394.

"Camoens was deprived of the necessities of life, and is believed to have perished in the streets."

12. "The Poverty of the Learned [from *Curiosities of Literature*]," *The New York Weekly Magazine; or, Miscellaneous Repository*, 2 (June 7, 1797), 390.

"Camoens was deprived of the necessities of life, and is believed to have died in the streets."

13. "Extract: The Poverty of the Learned," *The Time Piece; and Literary Companion*, 2 (Dec. 11, 1797), 1

"Camoens was deprived of the necessities of life, and is believed to have perished in the straits [sic]."

14. "Poetry: Lines Added by Mr. Hastings to Mickle[']s *Lusiad*," *The American Universal Magazine* (Philadelphia), 4 (Jan. 3, 1798), 64-65.

To the goddess' lament over the fate of Pacheco, a Mr. Hasting adds lines: 'Yet shrink not, gallant Lusian, nor repine / That man's eternal destiny is thine! / Where'er success th' advent'rous chief befriends, / Fell malice on his parting step attends; / On Britain's candidates for fame await, / As now on thee, the stern decrees of fate. / Thus are Ambition's fondest hopes o'er-reach'd, / ' One dies imprison'd—and one lives impeach'd!'"

15. Paul Young, "Remarks Upon the Project of an American Pantheon," *The Monthly Magazine, and American Review*, 3 (Aug. 1800), 113.

Camoens is among those who would be granted a place in such a Pantheon.

16. E. R., "Memoirs of Mr. Robert Southey," *The Monthly Magazine, and American Review*, 3 (Oct. 1800), 293.

Refers to the "genius" of "the *Lusiad*, of which we have an English translation, by Mr. Mickle."

17. "Obstructions in the Way of Fame," *The New England Quarterly Magazine*, 2 (Apr.-June 1802), 255.

Camões is among those "who seem to have been born to make mankind happy [but] were themselves miserable."

18. "Selected Poetry," *The Port-Folio*, 2 (Sept. 18, 1802), 296.

Reprints an anonymous translation of Camões's "Sonnet on his Mistress" (from Hayley's essay), beginning "While prest with woes from which it cannot flee,"

19. "Biography: Life of Richard Glover, Esq.," *The Port-Folio*, 3 (Sept. 17, 1803), 299.

Glover's *Leonidas* can be classed with "Camoen's *Lusiad*," among other great books.

20. "Canzonets from Camoens," *The Literary Magazine, and American Register*, 1 (Oct. 1, 1803), 51.

Reprints two of Viscount Strangford's versions of Camões's poems, beginning "When day has smil'd a soft farewell" and "I whisper'd her my last adieu."

21. "Biography: The Life of John Scott, Esq.," *The Port-Folio*, 3 (Oct. 15, 1803), 332, 333.

"The vanishing of the demon [in John Scott's poem] is attended with circumstances not very dissimilar from the disappearance of the 'Spirit of the Cape,' in Camoens." Sir Richard Fanshaw is referred to as "the translator of the '*Lusiad*' of Camoens."

22. "Biography: The Life of Camoens," *The Port-Folio*, 3 (Oct. 22, 1803), 339-40.

Reprints Lord Strangford's account of Camões's life.

23. "Biography: The Life of Camoens," *The Port-Folio*, 3 (Oct. 29, 1803), 348.

Concludes Strangford's account.

24. "Selected Poetry," *The Port-Folio*, 3 (Oct. 29, 1803), 352.

Reprints translations of a Camões sonnet, beginning "Mondego! Thou, whose waters cold and clear," the poem "Stanzas to Night," and "Canzonet," beginning "When day has smil'd a soft farewell."

25. "Selected Poetry," *The Port-Folio*, 3 (Nov. 5, 1803), 350.

Reprints Strangford's translations of a Camões sonnet, beginning "My senses lost, misjudging men declare," and a madrigal, beginning "Prythee, Come, tell me fairest, from what orient mine."

26. "Selected Poetry: Sonnet from the Portuguese of Camoens," *The Port-Folio*, 3 (Nov. 12, 1803), 368.

Reprints a translation of a sonnet, beginning "Come, tell me fairest, from what orient mine."

27. "The Life of William Wilkie, D.D.," *The Port-Folio*, 3 (Nov. 26, 1803), 378.

Camoens and his epic were included among the subjects of criticism in Wilkie's time.

28. "The Life of William Wilkie, D.D.," *The Port-Folio*, 3 (Dec. 3, 1803), 386.

Wilkie's poem "was inscribed, in the manner of Camoens and Tasso."

29. "Miscellaneous Paragraphs," *The Port-Folio*, 3 (Dec. 31, 1803), 422.

Strangford is identified as the source of the information that Camões was "passionately fond of 'a negro girl.'"

30. "Selected Poetry," *The Port-Folio*, 4 (Mar. 10, 1804), 80.

Prints a translation of a Camões "rondeau," beginning "Just like Love is yonder rose."

31. "Selected Poetry," *The Port-Folio*, 4 (June 23, 1804), 200.

Reprints a version of a Camões sonnet, beginning "Lives there a wretch who would profanely dare."

32. "Criticism on Klopstock's Messiah," *The Literary Magazine, and American Register*, 2 (Aug. 1804), 391.

Camões is of the order of writer who draws from nature, rather than art or idea.

33. "Stanzas from the Portuguese of Camoens," *The Port-Folio*, 4 (Sept. 15, 1804), 296.

Reprints a version of a Camões poem, beginning "Yes—labour, love, and toil would please."

34. "On the Poetry of Spain and Portugal," *Literary Magazine, and American Register*, 2 (Nov. 1804), 581.

Refers to the "great Camoens" and his "Luciad," [sic] as well as "Mr. Mickle's Lusiad."

35. "Selected Poetry," *The Port-Folio*, 4 (Nov. 3, 1804), 352.

Reprints translations of Camões's poems, beginning "Thou pride of the forest! whose dark branches spread" and "Silent and slow now freshening breezes blow."

36. "Biography: The Life of Mickle," *The Port-Folio*, 4 (Nov. 10, 1804), 345-46.

Dr. Samuel Johnson once "had a design to translate the Lusiad, of the merit of which he spoke highly."

37. "Biography: The Life of Mickle," *The Port-Folio*, 4 (Nov. 17, 1804), 363.

Camões, "the original poet of his country," is the author of *Os Lusíadas*, "the poem of every trading nation."

38. "Biography: The Life of Mickle," *The Port-Folio*, 4 (Nov. 24, 1804), 369-70.

"To the character of the Lusiad, as given by Mickle, every reader of taste will very freely consent."

39. "Miscellaneous Paragraphs for the *Port Folio*: Lord Strangford's poems, are thus justly praised in the *Monthly Review*," *The Port-Folio*, 5 (May 25, 1805), 157-58.

Praise for "these amatory effusions of Camoens, or rather of his pretended translator," with translations of Camões poems, beginning "Dear is the blush of early light," "I saw the virtuous man contend," and "When the girl of my heart is on perjury bent."

40. "Sonnet, from Camoens," *Philadelphia Repository and Weekly Register*, 5 (June 29, 1805), 208.

Reprints a version of a Camões poem, beginning "Within a grove, the haunt of Nymph and Fay."

41. "Lord Strangford's Minor Poems," *The Port-Folio*, 5 (June 29, 1805), 200.

Strangford is the translator of Camões's "minor poems," which, "though less known, appear to be of eminent merit"; reprints a version of a Camões poem, beginning "I met love wandering o'er the wild."

42. "Camoens, the Portuguese Poet," *Weekly Visitor, or Ladies' Miscellany*, 3 (July 13, 1805), 323.

"Camoens was distinguished as a lover, a warrior, and a poet."

43. "Cazonet," *Weekly Visitor, or Ladies' Miscellany*, 3 (July 13, 1805), 323-24.

Reprints versions of Camões poems, beginning "I whisper'd her my last adieu" and "Those charming eyes, within whose starry sphere." "In addition to the loss of his mistress, Camoens had to encounter the neglect of that nation, whose glory he had sustained with his pen and sword.—He died in extreme indigence."

44. "Miscellaneous Paragraphs," *The Port-Folio*, 5 (July 20, 1805), 224.

Reprints Strangford's translations of Camões poems, beginning "My best-belov'd!—although unpitying skies" and "While on the margin of his native shores."

45. "Literary Intelligence," *The Port-Folio*, 5 (Aug. 17, 1805), 252.

Hugh Maxwell "is engaged in reprinting, in a beautiful manner, the minor poems of Camoens, the Portuguese Homer."

46. "Literary Intelligence," *The Companion and Weekly Miscellany*, 1 (Aug. 24, 1805), 342.

Hugh Maxwell of Philadelphia has in press an edition of Strangford's translations of Camões's "minor poems."

47. "Remarks on the Life and Minor Poems of Luis de Camoens," *The Literary Magazine, and American Register*, 4 (Sept. 1805), 191-94.

Camões's life was one of "a successive series of unhappiness."

48. "Voltaire on Virgil," *The Monthly Anthology, and Boston Review*, 2 (Sept. 1805), 463.

"Camöens, in the commencement of his poem, while addressing himself to the nymphs of the Tagus," recalls the *Eclogues*, which had inspired him.

49. "Literary Intelligence," *The Port-Folio*, 5 (Sept. 21, 1805), 295.

Strangford's translations from Camões deserve "a place in the library of every votary of Genius and Taste."

50. "Sonnet from Camoens," *The Port-Folio*, 5 (Sept. 21, 1805), 296.

Reprints a Camões sonnet, beginning "O Lopez! Yesterday the stars were kind."

51. "Southey's Madoc," *The Literary Magazine, and American Register* (Philadelphia), 4 (Nov. 1805), 343.

In *Os Lusíadas* "one hardly becomes acquainted" with Gama.

52. A. Suthron, "To the Editor of the *Christian Observer*," *Christian Observer*, 4 (Dec. 1805), 740.

"Could Petrarca, and Camoens, and Garcilaso, peruse their abused performances, they would scarcely be able to recognize sentiments and expressions now offered to the wondering world as their own."

53. "Canzon, from the Portuguese of Camoens," *The Polyanthos* (Dec. 1805), 55-57.

Reprints translations of Camões poems, beginning "I met Love wandering o'er the wild," "Since in this dreary vale of tears," and "O weep not thus—we both shall know."

54. "On the Revival of Letters from the French of La Harpe," *The Port-Folio*, 1 (Jan. 11, 1806), A7.

"Portugal could then boast of having given to the epopee one poet more. This was Camoëns, who, it must be confessed, had very little invention, but who, in more than one part of the *Lusiad*, displayed the elevation of Homer, and, in the episode of Ines, the moving expression of Virgil."

55. "Poetry: Canzon, from the Spanish of Camoens," *The Boston Magazine*, 1 (Feb. 22, 1806), 72.

Reprints a version of a Camões poem, beginning "Should I but live a little more."

56. N., "Remarks on Reading," *The Literary Magazine, and American Register*, 5 (Mar. 1806), 166.

Mickle's patron had his translation of *Os Lusíadas* "long in his possession, in the state he had received it!"

57. "Madrigal, from Camones' [sic] Poems," *Repository and Ladies' Weekly Museum*, 6 (Mar. 29, 1806), 119.

Reprints a version of a Camões poem, beginning "Pr'thee, Cupid, hence desist."

58. "Poems from the Portuguese of Lues De [sic] Camoens," *The Monthly Anthology, and Boston Review*, 3 (Apr. 1806), 216-17.

Reviews Maxwell's edition of Strangford's book, asserting that "the minor poems of Camoens now attract admiration and applause, which they never before received." "Strangford's poems, if we may judge from the Portuguese couplets, which are interspersed thro' the volume, are themselves original, for they bear no resemblance to the pretended archtypes."

59. "Moral and Physical Sublimity Compared," *The Literary Magazine, and American Register* (Philadelphia), 5 (May 1806), 363.

Refers to "the spirit of the cape, in Camoens."

60. "Stanzas, from the Portuguese of Camoens," *The Weekly Visitant*, 1 (May 3, 1806), 142.

Reprints a translation of a Camões poem, beginning "I saw the virtuous man contend."

61. "Canzonet: The Lady Who Swore by her Eyes," *The Companion and Weekly Miscellany*, 2 (May 10, 1806), 224.

Reprints Strangford's version of a Camões's poem, beginning "When the girl of my heart is on perjury bent."

62. Algarotti, "Roscoe's Leo X," *The Companion and Weekly Miscellany*, 2 (May 24, 1806), 235.

"It is much to be lamented that lord Strangford did not here display those talents by which he has irradiated the cold conception of the Portuguese muse" by translating Petrarch.

63. "Selected Poetry: From Lord Strangford's Translations of Camoens," *The Weekly Visitant* (Salem), (July 19, 1806), 229-30.

Reprints translations of Camões poems, beginning "When the girl of my heart is bent on perjury," "Since in this dreary vale of tears," and "Lives there a wretch, who would profanely dare."

64. "Variety," *The Port-Folio*, 2 (Aug. 30, 1806), 122.

Strangford is identified as "the translator of Camoens."

65. "The Life of Cervantes, from the French of de Florian," *The Companion and Weekly Miscellany* (Baltimore), 2 (Sept. 13, 1806), 365.

"Cervantes, like Homer, Camoens, and many other great men, found several countries willing to own him after his death, though he wanted common necessities during his life."

66. Visconti, "On the Influence of Religion Upon the Fine Arts," *The Literary Miscellany*, 2 (Dec. 1806), 147.

Refers to Camões's calling "up the ancient spirit of the stormy cape."

67. "European and Philosophical Intelligence," *The American Register*, 2 (Jan. 2, 1807), 364.

"A translation of the *Lusiad* of Camoens, by MM. Kuhn and Winkler, has lately been published there [Saxony], which evinces much accuracy and poetical talent."

68. "Sketch of the History of Literature in Europe," *The Emerald, or Miscellany of Literature*, 2 (Jan. 31, 1807), 53.

Os Lusíadas "recommends itself chiefly... by the beauty of its style."

69. "Of the Origin of Grecian Literature, and of the Earliest Writers," *The Port-Folio*, 3 (Feb. 21, 1807), 119.

"Hesiod's *Shield* has been imitated, not only by Homer, but by Virgil, Camoens, and Tasso."

70. "Selected: Sonnet by Camoens," *The Observer*, 1 (Mar. 21, 1807), 192.

Reprints a translation of a Camões sonnet, beginning "Silent and cool, now fresh'ning breezes blow."

71. "Selections: The Character of Camoens," *The Literary Tablet* (Hanover, NH), 4 (July 15, 1807), 93.

Camões's disposition can be "inferred from his writings"; "gallantry" was its "leading trait."

72. "Proclamation of Junot at Lisbon," *The American Register* (Philadelphia), 3 (Jan. 1, 1808), 361.

In time the "Algarve and Upper Beira will also produce their Camoens."

73. "The Medley: How to be a Genius," *The Emerald, or, Miscellany of Literature* (Boston), 1 (Mar. 12, 1808), 246.

"Genius is a *coward*. To this remark, there is indeed one exception. Camoens enjoys a solitude of fame, illustrious for valor and verse, heroic in life as in numbers."

74. Camoens, "What is Love?" *The Literary Mirror*, 1 (Mar. 19, 1808), 20.

Reprints a version of a Camões poem, beginning "Just like love is yonder rose."

75. John Scott, "The Muse; or Poetical Enthusiasm, an Ode," *The Emerald, or, Miscellany of Literature*, 1 (May 28, 1808), 382.

Scott's poetic reference to "Tagus' bank" is identified as an allusion to Camões.

76. "The Scribbler: No. 1," *The Port-Folio* (Philadelphia), 1 (Jan. 1809), 58.

"Poor Mickle was greatly mortified on finding a copy of his translation of the *Lusiad*, some years after its publication, with the leaves uncut on the hall window of the nobleman to whom he had dedicated it."

77. "Original Poetry: Madrigal," *The Visitor* (Richmond), 1 (Feb. 11, 1809), 7.

Reprints a translation of a Camões poem, beginning "The heart that warm'd my guileless breast."

78. Anonymous, "Mr. Robert Southey," *The Gleaner; or, Monthly Magazine*, 1 (Mar. 1809), 328.

Refers to Mickle's translation of *Os Lusíadas*.

79. "Retrospective Review: *The Lyrick Works of Horace*," *The Monthly Anthology, and Boston Review*, 6 (Mar. 1809), 193.

Many of Colonel John Parke's translations of Horace were "written in the camp, when, like Camoens 'One hand the pen, and one the sword employed.'"

80. "Literary Intelligence," *Select Reviews, and Spirit of the Foreign Magazines*, 1 (Mar. 1809), 214.

Lists the publication Strangford's volume of Camões's poetry by Coale and Thomas, Baltimore.

81. "The Colombiad," *The Port-Folio*, 1 (May 1809), 432.

The "Portuguese Lusiad" was "reared on patriotic ground."

82. Laura, "*The Literary Republic* from the Original Spanish," *The Port-Folio*, 1 (June 1809), 494.

"In Portugal flourished Camoens; he was tender and amorous, had a great genius for Lyric and Epic poetry."

83. "*Tales of Fashionable Life*," *Christian Observer*, 8 (Dec. 1809), 787.

The novelist Maria Edgeworth is "like Camoens, who sometimes introduces upon the scene of his drama the sacred persons of the Christian Trinity, and at others the Jupiter and Venus of antiquity."

84. "Air from the Opera the Sylphs," *Journal of Musick* (Baltimore), 1 (1810), 9-10.

A Camões poem, beginning "The heart that warm'd my guileless breast" and adapted by Mrs. Le Pelletier, is set to music by Himmel.

85. "Portugueze Literature [from the *London Quarterly Review*]," *The Monthly Anthology, and Boston Review*, 8 (Jan. 1810), 11-12.

Camões was neglected by the poets of his day.

86. "Original," *Select Reviews, and Spirit of the Foreign Magazines*, 3 (Feb. 1810), 80.

"Under the rich embroidery of Mickle's fancy... the rudeness as well as the character of the Portuguese bard wholly disappears. Lord Strangford has ventured before the publick with more effrontery."

87. G. W. Clarke, "Monody to the Memory of Miss Fanny Lewis," *Select Reviews, and Spirit of the Foreign Magazines*, 3 (Feb. 1810), 139-40.

Clarke's poem refers to the hair of "Camoens flame."

88. "Sonnet, from the Portuguese of Camoens," *New-York Weekly Museum*, 22 (Feb. 24, 1810), 4.

Reprints a translation of Camões's poem, beginning "From sorrow free, and tears, and dull despair."

89. "Old Ballads, Historical, &c. [from the *Quarterly Review*]," *Select Reviews, and Spirit of the Foreign Magazines* (Philadelphia), 5 (Jan. 1811), 43-44.

Refers to Mickle as the translator of "the *Lusiad*."

90. "Criticism: Scott's *Lay of the Last Minstrel*," *The Baltimore Repertory of Papers on Literary and Other Topics*, 1 (Feb. 1811), 82.

"Tasso's *Gierusalemme Liberata* is more regular, and has many beautiful and affecting passages, but seldom rises to sublimity. The same may be said of the Portuguese Camoens, whose subject indeed is less generally interesting than the others!"

91. "Observador Portuguez, Historico e Politico, de Lisboa [from *The Quarterly Review*]," *Select Reviews, and Spirit of the Foreign Magazines*, 5 (Mar. 1811), 153.

The "Algarve and Beira will one day have their Camoens."

92. "Extracts from the Journal of a Gentleman on a Visit to Lisbon [from *The Monthly Anthology*]," *Select Reviews of Literature and Spirit of Foreign Magazines* (Oct. 1811), 278.

Singles out the "melting touches, the exquisite poetry, and the glowing language of the *Lusiad*."

93. "Miscellany: To the Editor of the *Mirror of Taste*," *The Mirror of Taste and Dramatic Censor* (New Haven), 4 (Nov. 1811), 349.

Camões is listed among the poets who have "preached in heroics."

94. "Extracts from the Journal of a Gentleman on a Visit to Lisbon [from *The Monthly Anthology*]," *Select Reviews of Literature and Spirit of Foreign Magazines*, 6 (Nov. 1811), 345.

Quotes the passage in Mickle's *Lusiad* that "speaks of the foundation of Lisbon."

95. "General Review of Literature," *The Port-Folio*, 7 (Jan. 1812), 63.

Strangford's "versions from Camoens are a remarkable instance of the art with which, retaining the sense of an original, the colour of the translator's own mind may be flung over it."

96. "Original Poetry," *The Halcyon Luminary, and Theological Repository*, 1 (Mar. 1812), 136.

Reprints a translation of Camões's poem, beginning "And the unfortunate man is viewed."

97. "To Readers and Correspondents," *The Philadelphia Repertory*, 2 (Apr. 18, 1812), 382.

"The translations from Camoens, the elegant but unfortunate Portuguese poet, by lord Strangford are in many instances exquisite." Reprints a translation of a Camões poem, beginning "I saw the virtuous man contend."

98. "Critique of the Parthenoid [translated from the *Mercure de France*]," *The American Review of History and Politics, and General Repository of Literature*, 4 (July 1812), 190.

The "grandest, of all the fictions of modern poetry" is "the Giant Adamastor, in the *Lusiad* of Camoens."

99. "Spirit of Foreign Magazines: Laharpe (Jean Francois de)," *Select Reviews of Literature and Spirit of Foreign Magazines*, 8 (Oct. 1812), 336.

Mentions Jean François de Laharpe's translation of "Camoens's *Lusiad*."

100. "Stanzas," *The Lady's Miscellany*, 15 (Oct. 3, 1812), 384.

Reprints a translation of a Camões poem, beginning "I saw the virtuous man contend."

101. B., "Description of Cintra," *The Port-Folio*, 2 (July 1813), 64.

"Camoens and other poets have repeatedly celebrated its [Sintra's] beauty."

102. "Variety: The Fate of Genius," *New-York Weekly Museum*, 2 (July 10, 1813), 39.

"Camoens ended his days in an alms house."

103. "Original and Selected Poetry: Sonnet," *The National Museum and Weekly Gazette*, 1 (Nov. 13, 1813), 8.

Reprints a translation of a Camões sonnet, beginning "Silent and cool, now fresh'ning breezes blow."

104. "*The Corsair, A Tale*," *Christian Observer*, 13 (Apr. 1814), 254.

The reviewer of Byron's poem mentions Camões.

105. "To the Patrons of *The Port-Folio*," *The Port-Folio*, 3 (May 1814), 3.

Refers to "the complaint of Camoens, the Virgil of Portugal, against the flinty insensibility—the cold and unnatural ingratitude of his countrymen."

106. "For the *Port Folio*: Notes of a Desultory Reader," *The Port-Folio*, 4 (Sept. 1814), 323.

"I never remember in my reading, to have received a stronger impression of the sublime, than from Voltaire's representation, in his essay on epic poetry, of that enormous fantom or apparition which the bold imagination of Camoens has conjured up from the deep, and depicted as standing sentinel in a mantle of clouds, before the Promontary [*sic*] of Tempests; now called, the Cape of Good Hope."

107. [Obituary of Bernard de Bouvier de Fontenelle], *The North American Review*, 1 (May 1815), 51.

"If the father of poetry [Homer] should assume from his descendants, every thing that they have borrowed from him what would be left of the Eneid, the Jerusalem, the Orlando, the Lusiad, the Henriade, and every thing that we may dare name of this kind?"

108. "Review of New Publications," *Christian Observer*, 14 (Sept. 1815), 605.

Camões celebrated "the naval exploits" of the Portuguese.

109. C., "The Queen's Wake, A Legendary Poem by James Hogg," *The Port-Folio*, 6 (Nov. 1815), 500.

"Mr. Hogg's 'Spirit of the Storm,' is almost as terrifically grand and appalling as the 'Spirit of the Cape' of Camoens, which appeared to Gama, when he first essayed the passage of the Cape of Good Hope."

110. "The Poet's Creation," *The Port-Folio*, 6 (Dec. 1815), 613.

Under the rubric of "Picture of the 'Spirit of the Cape,' by Camoens," the Portuguese poet's lines describing Adamastor are quoted.

111. "Sympathy, by Camoens," *The Intellectual Regale; or, Ladies' Tea Tray*, 2 (Dec. 16, 1815), 921-22.

Reprints a translation of a Camões poem, beginning "Yes, let the miser count his gold."

112. "Review of Literature," *The Port-Folio*, 2 (Aug. 1816), 153.

Camões is guilty of "a singular jumble of the two mythologies, Pagan and Christian."

113. C., "Essay on Literary Forgeries," *The Port-Folio*, 2 (Sept. 1816), 252.

"Doubtless the Canzonets published under the name of Camoens, are the Canzonets of his lordship [Strangford] rather than of the poet."

114. "Tracts Relative to the Island of St. Helena [from the *British Review*]," *The Analectic Magazine*, 8 (Dec. 1816), 531.

Quotes the lines from Mickle's translation of *Os Lusíadas* pertaining to the prophecy spoken by the Spirit of the Cape.

115. "Fragment on Spanish Literature, Translated from the French of Sismondi, by John S. Smith, Esq.," *The American Register*, 2 (1817), 198.

"Camoëns, a Portuguese, was also a navigator and soldier, as well as a poet."

116. "The Lament of Tasso," *The American Monthly Magazine and Critical Review*, 1 (Oct. 1817), 423.

Lord Byron sometimes "murmurs in the impassioned and desponding tones of Petrarch, or Camoens, or Tasso."

117. "The Cape of Tempests, from Camoens—by Mickle," *Weekly Visitor and Ladies' Museum*, 1 (Nov. 15, 1817), 42-43.

Reprints lines from Mickle's translation of *Os Lusíadas*.

118. "On the Philosophy of Criticism from the German of Schlegel," *The Port-Folio*, 4 (Dec. 1817), 507.

"What preserves the heroic poems of a Tasso and a Camoëns... [is,] in Tasso the tender feeling of chivalrous love and honour, and in Camoëns the glowing inspiration of patriotic heroism."

119. "Crystalina, a Fairy Tale by an American," *The American Monthly Magazine and Critical Review*, 2 (Mar. 1818), 340.

Refers to Camões's verses devoted to "the Isle of Venus."

120. "Don Avaranches, a Tale," *Philadelphia Magazine, or Weekly Repository of Polite Literature*, 1 (Apr. 25, 1818), 81.

This story features Hyacintha, whose "education boasted no other finish than is common with the ladies of Spain; a few sonnets of Lope de Vega, or of Camoens, constituted her literary attainments."

121. "From the *Boston Intelligencer*," *The National Register*, 5 (May 16, 1818), 316.

"Could the first publisher of the *Boston News Letter* have beheld in prophetic vision the numberless Gazettes which are now printed and circulated in every part of the United States, his astonishment would have equated that of the hero of the *Lusiad*, when Thetis gave him a prospect of his 'nation's glories.'"

122. "Don Avaranches," *Weekly Visitor and Ladies' Museum*, 2 (May 16, 1818), 1.

This story features Hyacintha, whose "education boasted no other finish than is common with the ladies of Spain; a few sonnets of Lope de Vega, or of Camoens, constituted her literary attainments."

123. "Miscellaneous: Newspaper Anniversary [from the *Boston Intelligencer*]," *Niles' Weekly Register* (Baltimore), 14 (June 13, 1818), 280.

Refers to "the *Lusiad*, when Thetis gave him [Gama] a prospect of his 'nation's glories.'"

124. "Demetrius, the Hero of the Don, An Epic Poem," *The American Monthly Magazine and Critical Review*, 3 (July 1818), 201.

"Camoens was five years at Macao finishing his *Luziad* [sic]."

125. "Madame de Stael," *The Analectic Magazine*, 12 (Aug. 1818), 106.

Madame de Stael prepared the article on Camoens for the *Universal Biography* then in press.

126. "List of New Publications," *Christian Observer*, 17 (Aug. 1818), 554.

Includes Felicia Hemans's *Translations from Camoens, and other Poets: with Original Poetry*, by the Author of "Modern Greece," and the "Restoration of the Works of Art to Italy."

127. "Newspaper Anniversary," *The Port-Folio*, 6 (Sept. 1818), 234A.

Refers to "the *Lusiad*, when Thetis gave him [Gama] a prospect of his 'nation's glories.'"

128. G., "The Literary Character, Illustrated by the History of Men of Genius," *The American Monthly Magazine and Critical Review*, 3 (Oct. 1818), 413.

The cave at Macau "is still visited by the Portuguese from a national feeling, where Camoens is said to have composed his *Lusiad*."

129. "Samor, Lord of the Bright City, An Heroic Poem," *The American Monthly Magazine and Critical Review*, 3 (Oct. 1818), 428.

"Homer, Virgil, Tasso, Camoens, and Milton occupied... the royal eminence of Parnassus."

130. "Fragments on Portuguese Literature, from the French of Sismondi," *The Analectic Magazine*, 12 (Oct. 1818), 309, 311.

"Camoens lived unknown and died wretchedly." "Perhaps the time approaches, where the empire of Brazil will present, in the Portuguese tongue, worthy successors of Camoens."

131. "Remarks on the Poetry of Thomas Moore [from *Blackwood's Edinburgh Magazine*]," *The Atheneum; or Spirit of the English Magazines*, 4 (Feb. 1, 1819), 334.

"Were the Irish to acknowledge in this man, their Burns or Camoens, they would convince Europe, that they are entirely deficient in every thing that renders men worthy of the name of a nation."

132. "La Divina Commedia di Dante Alighieri," *The North American Review and Miscellaneous Journal*, 8 (Mar. 1819), 332.

"There is sometimes, though rarely, the same strange mixture [in Dante] of truth and fable, Pagan and Christian theology, with which the whole of the *Lusiad* is so deeply tinctured."

133. "Literary and Philosophical Intelligence," *Christian Observer*, 18 (Apr. 1819), 255.

Memoirs of Camoens by J. Adamson is being prepared for publication.

134. "From the *Pittsburg Gazette*," *The Port-Folio*, 7 (May 1819), 440.

"To Celia," a poem by Carew, is in "the style of a canzonet of Camoens, entitled '*Just Like Love*.'"

135. "The Evening Bells of Cintra (from the Portuguese of Luis de Camoens)," *The Boston Weekly Magazine*, 3 (May 8, 1819), 100.

Reprints a Camões poem, beginning "Hark to the evening bells' sweet chime," in a translation by J. Mitford.

136. "Donations," *The Panoplist, and Missionary Herald*, 15 (June 1819), 285.

Rev. William Jenks's donation of books to the Ceylon Missionary Library include "The *Lusiad* of Camoens. 2 vols. Coimbra, 1800."

137. Madame la Baronne de Stael Holstein, "On the Life and Writings of Luis de Camoens [from *New Monthly Magazine*]," *Belles-Lettres Repository, and Monthly Magazine*, 1 (July 1, 1819), 193-97.

To this reprinting of Madame de Stael's essay the editor has appended a note to the effect that Strangford's translations of Camões are not "entitled to praise on the score of fidelity." He observes that in his version of the poem "Lamentation for past Errors," Strangford has left out a stanza—which he now translates: "I watched his combat with a world / Which knows not to forgive; / I marked his foes to ruin hurled; / And saw the good man live."

138 "Literary Intelligence," *The Port-Folio*, 8 (Aug. 1819), 171.

It is "inscribed on the tomb of the Portuguese poet Camoens, 'that it is allowed to every body to translate him, but that fate has forbidden that he should be equalled.'"

139. "The Evening Bells of Cintra (from the Portuguese of Camoens)," *Weekly Visitor and Ladies' Museum*, 4 (Sept. 25, 1819), 349.

Reprints a Camões poem, beginning "Hark to the evening bells' sweet chime," in a translation by J. Mitford.

140. "Literary and Philosophical Intelligence," *Christian Observer*, 19 (Feb. 1820), 132.

John Adamson's *Memoirs of Camoens* is being prepared for publication.

141. "Thomas Moore, Esq. [from the *New Monthly Magazine*]," *The Athenaeum; or, Spirit of the English Magazines*, 7 (Apr. 1, 1820), 15.

Voltaire called "the Island of Love in the *Lusiad* of Camoens" a "floating brothel."

142. "List of New Publications," *Christian Observer*, 19 (June 1820), 418.

Adamson's *Memoirs of Camoens* has just been published.

143. "Criticisms on the Modern Poets—Thomas Moore, Esq. [from *New Monthly Magazine*]," *The New-York Literary Journal, and Belle-Lettres Repository*, 3 (June 1820), 125.

"The 'floating brothel,' as Voltaire called the Island of Love in the *Lusiad* of Camoens, is a nunnery, a temple of vestals, contrasted with the seraglio scenes so vividly painted in the 'Veiled Prophet.'"

144. "Poetry: Stanzas, from Camoens, translated by Lord Strangford," *The National Recorder*, 3 (June 24, 1820), 416.

Reprints Strangford's translation of a Camões poem, beginning "Yes—labour, love! and toil would please."

145. "*English Bards and Scotch Reviewers; a Satire*," *The Literary and Scientific Repository, and Critical Review*, 1 (Oct. 1820), 398.

Quotes Byron's lines on Strangford as a poor translator of Camões's verse.

146. "Criticisms on the Modern Poets: Thomas Moore, Esq.," *The National Recorder* (Philadelphia), 4 (Nov. 18, 1820), 334.

Quotes Voltaire's criticism of "the Island of Love in the *Lusiad*" as "a floating brothel."

147. M., "On the Less Celebrated Productions of the Author of *Don Quixote*, No. 1," *The New Monthly Magazine and Literary Journal*, 1 (Jan. 1821), 114-16.

"The English language boasts but of two translations from the Portuguese, and both comprise portions of the works of Camoëns"; Camões and Cervantes are compared.

148. "Anecdotes," *The Ladies' Literary Cabinet*, 3 (Feb. 10, 1821), 110.

Retells the story of Camões's mournful later years and his nation's ingratitude.

149. "From the Portuguese of Camoens," *The National Recorder*, 5 (Feb. 10, 1821), 91.

Reprints Robert Southey's translation of a Camões poem, entitled "Sonnet to his deceased Mistress."

150. "Sonnet to his Deceased Mistress (from the Portuguese of Camoens)," *The National Recorder*, 5 (Feb. 20, 1821), 91.

Reprints Robert Southey's English version of a Camões sonnet (Alma minha gentil), beginning "Meek spirit, who so early didst depart".

151. "Mrs. Hemans Poems," *The National Recorder*, 5 (Mar. 3, 1821), 29.

Among the authors Felicia Hemans has chosen for translation is Camões.

152. Josiah Shuffelbotham, "Shuffelbotham's Dream [from *Blackwoods Edinburgh Magazine*]," *The Athenaeum; or, Spirit of the English Magazines*, 8 (Mar. 15, 1821), 483.

"Lord Strangford finally mollified every body, by breathing some Portuguese airs, with much sweetness, through a third flute. I observed, by the way, that his Lordship played with a 'mouth-piece'—which, somebody told me he had found amongst the remains of Camoëns, when in those parts."

153. [Sonnet by Camões], *The Ladies' Literary Cabinet*, 4 (June 9, 1821), 40.

Reprints an English version of a Camões sonnet, beginning "The mountain cool, the chestnut's verdant shade."

154. "Canzon, (V.N.) from Strangford's Camoens," *The Saturday Magazine*, 1 (Aug. 11, 1821), 144.

Reprints a version of a Camões poem, beginning "When day has smil'd a soft farewell."

155. "Cornucopia of Literary Curiosities and Remarkable Facts," *The Atheneum; or, Sprit of the English Magazines*, 9 (Aug. 15, 1821), 403.

"Voltaire tells us, that Camoens was shipwrecked on the coast of Malabar."

156. "The Ruling Passion," *The Recreative Magazine, or Eccentricities of Literature and Life*, 1 (1822), 154.

Quotes Voltaire on the subject of Camões's shipwreck.

157. "Authors: Camoens," *The Recreative Magazine, or Eccentricities of Literature and Life*, 1 (1822), 253-54.

Takes up Mickle's defense of *Os Lusíadas* against Voltaire's remarks, especially his criticism of the Island of Venus episode.

158. "The Teeth," *The Recreative Magazine, or Eccentricities of Literature and Life*, 1 (1822), 487.

"A Spanish commentator" on Camões relates a story of a Portuguese soldier, who, "having no ball to charge his musket, pulled out one of his teeth, and with it supplied the place of a bullet."

159. "Love—From Camoens," *The Port-Folio*, 1 (Mar. 1822), 262.

Reprints Robert Southey's versions of two poems by Camões, beginning "Is there who says that love is like the wind" and "When I behold you, lady!"

160. "Biography: Memoirs of Camoens, the Portuguese Poet," *The Minerva*, 1 (Nov. 16, 1822), 253.

Summaries Camões's life.

161. "Montgomery's Poems," *The Port-Folio* (Philadelphia), 251 (Mar. 1823), 217.

Refers to the spirit of the cape in "Camoens' *Lusiad*."

162. *Philadelphia Recorder* (Philadelphia, 1 (May 31, 1823), 36.

Advertises Mickle's *Lusiad*.

163. Count Metaxa, "Letter Addressed to Pope Pius VII, Sovereign Pontiff," *The Christian Disciple and Theological Review*, 5 (Nov.-Dec. 1823), 459.

Quotes four lines from Camões, beginning "There surely is some guardian power."

164. "The Ruling Passion," *Christian Register*, 3 (Aug. 27, 1824), 220.

"Voltaire tells us that Camoens was shipwrecked on the coast of Malabar."

165. H., "Provençal Literature, No. II," *The American Monthly Magazine*, 2 (Dec. 1824), 455.

From the Provençal poets Camões learned "to utter so passionately the feelings of love."

166. "The Orator: Dr. Cumming's Address," *The New-York Mirror*, 2 (Dec. 11, 1824), 158.

"Modern poetry, aided by the genius of Ariosto, Tasso, Boccacio, Lorenzo, Camoens, was advanced almost to perfection."

167. "Lord Byron's Poems," *The North American Review*, 11 (Jan. 1825), 15-16.

In *English Bards and Scotch Reviewers* Byron has "no mercy for the graceful errors" of Thomas Moore or Viscount Strangford.

168. "Poetry: Sonnet from Camoens," *The Port-Folio*, 275 (Mar. 1825), 249.

Reprints a version of a Camões poem, beginning "Flow on silver stream to the ocean!"

169. "Calamities of Genius," *Western Recorder*, 2 (Mar. 15, 1825), 44.

"Camoens, the celebrated writer of the *Lusiad*, ended his days in an alms house."

170. "The Consolation," *Gospel Advocate and Impartial Investigator*, 3 (Mar. 18, 1825), 30.

Reprints translations of excerpts from Camões's poetry, beginning with the lines "As through time's barren wilds I roam" and "The unfortunate man is viewed."

171. "Calamities of Genius," *Masonic Mirror; and Mechanics' Intelligencer* (Boston), 1 (May 28, 1825), 2.

Camões "ended his days in an alms-house."

172. H. C., "The Eulogist: Eulogium on Camoens, the Portuguese Poet," *The New-York Mirror*, 3 (Sept. 17, 1825), 61.

"The sun of her [Portugal's] glory rose with the birth of Camoens."

173 "Original Essays: Bitaube's Remarks on Homer," *The American Athenaeum* (New York), 1 (Oct. 20, 1825), 254.

Like with many other works, "the *Lusiad*" has its germ in Homer.

174. [Sonnets 136 and 108], *Masonic Mirror and Mechanic's Intelligencer*, 2 (Apr. 8, 1826), 120.

Reprints, without attribution, Camões sonnets, beginning "Os olhos onde o casto Amor ardia (Those eyes, whence love diffused his purest light) and "Brandas aguas do Tejo que passando" (Fair Tago! Thou, whose calmly flowing tide).

175. "List of New Publications," *Christian Observer*, 26 (May 1826), 313.

T. M. Musgrave's *The Lusiad of Camoens* is on the list.

176. "National Characteristics: Portugal," *The New-York Mirror*, 4 (Sept. 16, 1826), 62.

"Something of literature and history, glare, gallantry, superstition, daggers, earthquakes, inquisition; the bloody dawns of an uncertain day; the country of Camoens."

177. "The League of the Alps," *The North American Review*, 24 (Apr. 1827), 451.

Felicia Hemans is the author of "'Translations from Camoens and other Poets, with Original Poetry.' These translations are many of

them very beautiful; but her own short poems, more recently written, have far surpassed them."

178. Fingal, "Desultory Thoughts: The Poverty and Prosperity of Poets," *The Parthenon; or, Literary and Scientific Museum*, 1 (Oct. 3, 1827), 102-03.

Refers to the "cruel fate of Camoëns."

179. J. R. C. S., "The Rise and Destinies of Genius," *The Souvenir* (Philadelphia), 1 (Dec. 26, 1827), 205.

"Camoens excelled all the poets of his time: he lived and died poor and miserable."

180. "Speeches in Congress," *The North American Review*, 26 (Jan. 1828), 158.

"Some critics have asserted... that epic poems, which would be read, can no longer be produced. Homer, Virgil, Milton, Tasso, and Camoens, without citing more recent names, have exhausted the process."

181. [Translation from Camœns], *The Ladies' Garland*, 4 (Jan. 26, 1828), 132.

Reprints Strangford's translation of a Camões poem, beginning "Oh weep not thus—we both shall know."

182. "Celebrated Persons," *Philadelphia Album and Ladies Literary Gazette*, 2 (Feb. 20, 1828), 299.

Camões's "death, it is supposed, was accelerated by the anguish with which he foresaw the ruin impending over his country."

183. *The Southern Review*, 1 (Feb.-May 1828), 18-19.

"Homer, in the opinion of some British critics, may be inferior to Milton, but the same critics would be scandalized by any comparison between the Jerusalem Delivered, or the Lusiad, and the Iliad or the Odyssey."

184. "Epic Poems," *The Ariel* (Philadelphia), 2 (June 14, 1828), 31.

"Almost every nation has had its epic poet—England its Milton, France its Corneille, Spain its Cervantes, Portugal its Camoens, &c."

185. J. R. C. S., "On Monuments," *The Philadelphia Monthly Magazine*, 2 (July 15, 1828), 217-18.

Camões lies buried in the Franciscan church of St. Ann, his grave covered by a plain stone with a "simple and comprehensive" inscription.

186. "The Foreign Review, and Continental Miscellany, No. 1 [from the Gentleman's Magazine]." *The Philadelphia Monthly Magazine*, 2 (July 15, 1828), 241-42.

"We have read Camoens; and... we think that Portuguese is artificial literature, rising at best up to Pope, but never to Milton or Shakspeare."

187. "A Rhyming Dictionary," *The Southern Review* (Charleston), 3 (Aug. 1828), 60.

"If any one, though unacquainted with Portuguese, will open the *Lusiad* of Camoens, he will find the prevailing rhymes to be the vowel sounds, o, a, e."

188. "Camoens and Cervantes," *The New-York Mirror*, 6 (Sept. 13, 1828), 79.

There are many comparisons, especially biographical, to be made between the two writers.

189. "Parallel Between Camoens and Cervantes," *The Albion*, 7 (Sept. 27, 1828), 121.

There are many comparisons, especially biographical, to be made between the two writers.

190. Alaric A. Watts, "King Pedro's Revenge [from the *Literary Souvenir*]," *The Museum of Foreign Literature, Science, and Art*, 14 (Jan. 1829), 86.

In *Os Lusíadas* Camões refers to the "old castle on the banks of the Mondego" that was one of Pedro and Inez's favorite places.

191. "The Fate of Genius," *The Souvenir*, 2 (Feb. 18, 1829), 268.

"Camoens, the celebrated writer of the *Lusiad*, ended his days, it is said, in an almshouse."

192. "Mrs. Hemans's Earlier Poems," *Christian Examiner and General Review*, 6 (Mar. 1829), 37, 40.

Refers to Felicia Hemans's "Translations from Camoens."

193. "Desultory Thoughts on the Poverty and Prosperity of Poets," *The Irish Shield, a Historical and Literary Weekly Paper*, 1 (Mar. 1829), 97.

Refers to Camões's "cruel fate."

194. "The Literary Remains of the Late Henry Neele," *The American Monthly Magazine*, 1 (Apr. 1829), 35.

"It is not so generally known that during the same period the other nations of Europe produced their master spirits; and that Tasso, Camoens, and Cervantes, were contemporary with Shakspeare."

195. "The Literary Remains of the Late Henry Neele [from the *Monthly Review*]," *The Museum of Foreign Literature, Science, and Art*, 14 (Apr. 1829), 373.

"It is not so generally known that during the same period the other nations of Europe produced their master spirits; and that Tasso, Camoens, and Cervantes, were contemporary with Shakspeare."

196. "Poetry: Translated from Camoens," *United States Catholic Miscellany*, 8 (Apr. 18, 1829), 328.

Reprints a version of a Camões poem, beginning "I saw the virtuous man contend."

197. "Teachers of the World [from the *Edinburgh Review*]," *The Episcopal Watchman*, 3 (May 23, 1829), 78.

"Camoens dies begging in the streets of Lisbon."

198. [Scottish Literature], *The Museum of Foreign Literature, Science, and Art*, 14 (June 1829), 502.

"Camoens dies begging on the streets of Lisbon."

199. "Calamities of Genius," *The Christian Intelligencer and Eastern Chronicle*, 3 (July 17, 1829), 115.

Camões "ended his days in an alms house."

200. B. C., "Letter VIII," *United States Catholic Miscellany*, 9 (July 25, 1829), 28.

One would not go to "the Lusiad of Camoens" to "know the exact nature of the Christian Doctrine."

201. "The Tree Hill Course," *American Turf Register and Sporting Magazine*, 1 (Nov. 1829), 147.

The writer asks, "where, my friend, should I find the pen of a Camoens or a Byron, that would do justice to the hazel eye."

202. "Washington Monument," *Niles Weekly Register*, 37 (Nov. 28, 1829), 209.

"The genius of the cape, were there any Camoens now to sing it, has again been alarmed, and with far stranger thunders [of machinery] than Gama's."

203. J. B. S., "A Retrospective Glance," *Casket*, 12 (Dec. 1829), 555.

"Camoens, illustrious supporter of the grandeur of the epic muse— isolated sustainer of the poetic renown of thy country!"

204. "An Estimate of the Writings of Washington Irving," *Theological Repertory, and Churchman's Guide*, 2 (Dec. 1829), 545.

"Tasso and Camoens, among the moderns, poetry and history, like twin birds, sing in unison."

205. "Bericht ueber die Versammlung Deutscher Naturforscher und Aertz in Heidelberg," *The North American Review*, 31 (July 1830), 86.

"If one language only had been spoken in Europe, our admiration would hardly have been at the same time excited by Camoens, Ercilla, Dante, Ariosto, the Nibelungenlied, and Milton."

206. "The Fate of Genius," *Workingman's Advocate*, 2 (Nov. 27, 1830), 3.

"Camœnus [sic], the celebrated writer of the *Lusiad*, ended his days it is said in an alms-house."

207. "Sonnet, from Camoens [from *Friendship's Offering*]," *The Museum of Foreign Literature, Science, and Art*, 17 (Dec. 1830), 526.

Reprints J. P. Wood's version of a Camões poem, beginning "The dying swan, who feels that now no more."

208. "Sonnet, from Camoens [from *Friendship's Offering*, for 1831]," *The Euterpeiad* (New York), 1 (Dec. 15, 1830), 148.

Reprints J. P. Wood's version of a Camões poem, beginning "The dying swan, who feels that now no more."

209. Roscrea, "Stanzas, Addressed to My Bird," *The Euterpeiad*, 2 (May 1, 1831), 9.

Mentions Camões.

210. "To Readers and Correspondents," *Atkinson's Saturday Evening Post* (Philadelphia), 10 (Nov. 5, 1831), 3.

"'Camoens and Fernando' is a well written article."

211. A. E. T., "Camoens and Fernando," *Atkinson's Casket*, No. 2 (Feb. 1832), 62.

"To that beloved, but ill-deserving, and neglectful country," Camões "gave his all—his talents and his services—the fervour of his muse."

212. "Sketches: Chatterton," *The Philadelphia Album and Ladies' Literary Portfolio*, 6 (Apr. 14, 1832), 115.

"The *Lusiad* reminds me that Camoens died in a hospital."

213. Milford Bard, "En Passant, or a Reverie on Foreign Climes," *Atkinson's Casket*, No. 8 (Aug. 1832), 367-68.

This poem mentions Camões's exile.

214. "Calamities of Genius [from *Ladies Mirror*]," *Universalist Watchman, Repository and Chronicle* (Woodstock), 4 (Aug. 18, 1832), 135.

Camões died in an almshouse.

215. "Correspondents of the *New-York Daily Advertiser*," *Christian Advocate and Journal and Zion's Herald* (Chicago), 7 (Nov. 30, 1832), 55.

Visits to "the cave of the poet Camoens."

216. "The Spirit of the Cape," *Periodical Library*, 2 (Jan. 2, 1833), 178.

An unsigned poem.

217. "The Beauties, Harmonies, and Sublimities of Nature," *Perio*, 3 (Jan. 3, 1833), 404, 405.

Poets have always written about rivers; Camões immortalized the Tagus.

218. "Sonnet to his Lyre—by Camoens [from the *New York American*]," *Atkinson's Saturday Evening Post*, 13 (Jan. 12, 1833), 1.

Reprints a translation of a Camões poem, beginning "And are thy notes so tuned to wo[e]."

219. "Sonnet to his Lyre—by Camoens [from the *New York American*]," *Atkinson's Casket*, no. 2 (Feb. 1833), 75.

Reprints a translation of a Camões poem, beginning "And are thy notes so tuned to wo[e]."

220. "The Spectre Ship," *Genius of Universal Emancipation* (Mount Pleasant), 3 (Mar. 1833), 77.

Refers to the "awakened wrath of 'the stormy spirit of the Cape.'"

221. Count Giuseppe Pecchio, "Semi-Serious Observations of an Italian Exile, during his Residence in England," *Waldie's Select*, 1 (Mar. 12, 1833), 350.

Refers to "the *Lusiad* of Camoens."

222. "Percival's Poems," *The North American Magazine*, 1 (Apr. 1833), 326.

"Camoens, whose *Lusiad* is the sole glory of degraded Portugal, breathed out his wronged and agonized soul, beneath the balconies of pampered lords, in the filthy streets of Lisbon."

223. "Spanish Language and Literature," *The North American Review*, 36 (Apr. 1833), 344.

Galician "has been very little employed in literature. Alfonso X., however, composed in it a book of *Cánticas*; and Camoens two or three sonnets."

224. "Fate of Poets [from the *North American Magazine*]," *Literary Inquirer*, 1 (Apr. 23, 1833), 71.

Galician "has been very little employed in literature. Alfonso X., however, composed in it a book of *Cánticas*; and Camoens two or three sonnets."

225. "To Camoens, from the Portuguese of De Matos," *Waldie's Select Circulating Library*, 2 (May 28, 1833), 104.

Reprints a version of a Camões poem, beginning "Camões, o'er thy bright immortal lays."

226. "The Influence of the Christian Religion on Poetry," *Quarterly Christian Spectator*, 5 (June 1833), 198.

Lists Camões, along with Dante, Petrarch, Shakespeare, Ariosto, and Milton, as an author of "great" poetry.

227. "Miscellany," *The Family Magazine*, 1 (June 9, 1833), 64.

Repeats the anecdote from *Curiosities of Literature* about Mickle's disappointment when he learned that a friend waited three weeks before cutting open the first pages of his translation of *Os Lusíadas*.

228. "From *The Foreign Quarterly Review*, Nos. 18 and 21," *The Select Journal of Foreign Periodical Literature*, 2 (July 1833), 24.

Refers to a "Tasso, a Camoens, laboring for immortality."

229. "Curious Record," *Mechanics' Magazine, and Journal of the Mechanics' Institute*, 2 (Sept. 1833), 131.

Madden's "Infirmities of Genius Illustrated" lists Camões.

230. "Canzonet, from Camoens," *Literary Tablet* (New Haven), 2 (Sept. 28, 1833), 104.

Reprints a translation of a Camões poem, beginning "O weep not thus—we both shall know."

231. "Qualifications of a Critic," *The American Quarterly Observer*, 1 (Oct. 1833), 294-95.

Compares Dr. Blair's observations on Camões's *Os Lusíadas* with Schlegel's.

232. "Curious Record," *New York Farmer*, 6 (Oct. 1833), 314.

Madden's "Infirmities of Genius Illustrated" lists Camões.

233. "Curiosities of Literature," *The Knickerbocker; or New York Monthly Magazine*, 2 (Dec. 1833), 416.

Camões "died in a hospital at Lisbon."

234. "Early Literature of Modern Europe," *The North American Review*, 38 (Jan. 1834), 168, 169.

"In epic poetry, besides the hasty and imperfect efforts of Lope, it [Spain] brought forward in the *Araucana* a production of great power, and of a strong original cast. To this we may add the *Lusiad*

of Camoëns, since the Portuguese literature is properly an appendage and constituent part of the same Peninsular school." Quotes Montesquieu: "The success of the *Lusiad* affords in like manner a strong illustration of the superior value of finished productions. This single work has secured to its author, like that of Cervantes, a permanent literary glory, while the reputation of Lope and Calderon rests in a great measure on tradition, and will gradually sink into the mere shadow of a name."

235. "Dias Comes," *The Pearl and Literary Gazette*, 3 (Mar. 15, 1834), 128.

"Dias Comes Francis, the compatriot and rival of Camoens, was celebrated, and held a high rank, as an author and poet."

236. Clericus, "Biographical Sketch of Thomas Ap Catesby Jones," *The Military and Naval Magazine of the United States*, 3 (Apr. 1834), 134.

"Camoens accompanied Vasco De [sic] Gama around the Cape of Good Hope."

237. "Italian Opera in China," *The New-York Mirror*, 11 (Apr. 26, 1834), 338.

Refers to Camões in Macau.

238. "The Blind Artist," *The Western Monthly Magazine, and Literary Journal*, 3 (May 1834), 238.

Refers to Camões's cave in Macau.

239. "Sketches of Eminent Men; Chateaubriand," *The New-York Mirror*, 11 (May 24, 1834), 375.

Quotes Chateaubriand: "What stormy and admirable lives were those of Dante, Tasso, Camoens, Ercilla and Cervantes?"

240. "Autobiography of Chateaubriand [from the *Albion*]," *The Jesuit; or, Catholic Sentinel*, 5 (June 28, 1834), 202.

"What stormy and admirable lives were those of Dante, Tasso, Camoens, Ercilla, and Cervantes!"

241. "The Last Friend [from the *Washington Metropolitan*]," *Magnolia; or, Literary Tablet*, 1 (June 28, 1834), 1.

Reprints as an epigraph the first four lines of a Camões's poem, beginning "I saw the virtuous man content."

242. "Chateaubriand's Testamentary Preface," *New York Observer and Chronicle*, 12 (June 28, 1834), 104.

"What stormy and admirable lives were those of Dante, Tasso, Camoens, Ercilla, and Cervantes!"

243. "Life of Schiller," *The North American Review*, 39 (July 1834), 4.

"The great Epic poets of all times have lustily worked at the helm on the ocean of life, before they took in their hands the pencil which traces the vessel's course. Thus Camoens, Dante, Milton,—and only Klopstock is an exception, but more for the rule than against it."

244. "Memoirs of Monsieur de Chateaubriand [from *Blackwood's Magazine*]," *The Museum of Foreign Literature, Science, and Art*, 25 (Aug. 1834), 162.

"What stormy and admirable lives were those of Dante, Tasso, Camoens, Ercilla, and Cervantes!"

245. "Anniversary Orations," *The North American Magazine*, 4 (Aug. 1834), 276.

"We do not think that the greatest works, either in literature, science or the fine arts, have been executed under a democracy, though many may have been conceived, like the *Paradise Lost*, the *Divina Commedia*, the *Æneid*, and the *Lusiadas*, amidst revolutions and carnage."

246. "Letter xxx," *Waldie's Circulating Library*, 11 (Sept. 9, 1834), 167.

"Manuel Maria," a young Portuguese poet, is quoted: "You think we have no bard but Camoens, and that Camoens has written nothing worth notice but the *Lusiad*."

247. R. H. Wilde, "Sonnet: From the Portuguese of Camoens," *Southern Literary Messenger*, 1 (Dec. 1834), 186.

Prints Wilde's translation a Camões poem, beginning "They say the Swan, though mute his whole life long."

248. T. Smollett, "The History and Adventures of the Reknowned Don Quixote," *The Republic of Letters*, 2 (Jan. 1, 1835), 284.

Quotes a reference to Camões in Smollett's translation of *Don Quixote*.

249. "Silvarum Liber: Poverty of Authors," *The Free Enquirer* (New York), 2 (Feb. 22, 1835), 58.

Camões died in a hospital.

250. "Selected, Poets," *Literary Journal* (Schenectady), 1 (Mar. 28, 1835), 62.

Camões died at the age of 55.

251. Theta, "Lionel Granby," *Southern Literary Messenger*, 1 (June 1835), 541.

The second chapter of this work begins with an epigraph taken from Strangford's translation of a Camões poem, beginning "For

scarcely entering on my prime of age, / Grief marked me for her own."

252. "Sonnet (from the Portuguese of Camoens), by R. H. Wilde, of Georgia," *Atkinson's Casket*, no. 9 (Sept. 1835), 516.

Reprints a translation of a Camões poem, beginning "They say the Swan."

253. "*Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha* [from the *London Athenaeum*]," *The Museum of Foreign Literature, Science, and Art*, 27 (Sept. 1835), 325.

William Beckford quotes a version of lines from Camões's *Os Lusíadas*: "A grande Inglaterra che de neve / Boreal sempre abunda."

254. "Scraps of Philosophy and Criticism," *New-England Magazine*, 9 (Sept. 1835), 202.

"Camoens cleaves the waves, his poem in his hand."

255. "Community of Copy-Right between the United States and Great Britain," *The Knickerbocker*, 6 (Oct. 1855), 288.

"In the days of patronage... the histories of half the men of genius might have been written in the epitaph of Camoens: 'Here lies / Luis de Camoens. / He excelled all the poets of his age: / He lived poor and miserable; / and / He died so.'"

256. "Madame de Stael," *Lady's Book* (New York) (Nov. 1835), 219.

Madame de Stael contributed the article on Camões to the *Universal Biography*.

257. "Excerpts from Victor Hugo," *New-England Magazine*, 9 (Nov. 1835), 365.

"Camoëns cleaves the sea, with his poem in his hand."

258. "A Series of Lectures on American Literature," *The Zodiac*, 1 (Nov. 1835), 72.

Camões perished in a hospital.

259. [T. B. Balch], "Linnæus and Wilson," *Southern Literary Messenger*, 2 (Jan. 1836), 74.

Refers to "the translator of the *Lusiad*."

260. "Cervantes and His Writings," *The American Monthly Magazine*, 7 (Apr. 1836), 349.

"Let his name [Cervantes] go down with those of Camoens and Tasso, Milton and Otway, on the long list of great minds which were misunderstood and neglected by the meaner spirits around them"

261. "The Troubadours of Lange d'Oc," *The North American Quarterly Magazine*, 7 (Apr. 1836), 274.

From the Troubadours came "the melancholy enthusiasm of Camoens, who was born of a Spanish family in Portugal and wrote the greater part of his songs in the Spanish language."

262. "From Our Arm-Chair: Modern Novels," *The Southern Literary Journal and Magazine of Arts*, 2 (May 1836), 235-36.

"If the Iliad were translated into good English prose, the novelists might contend, and with some show of reason, that, to all intents and purposes, it was a grand epic composition, and that if Ivanhoe, by some such master as Pope or Dryden, were converted into good poetry, that that novel might very well take rank along with the Lusiad or Æneid."

263. D. W., "Homer and Epic Poetry," *The Knickerbocker; or New York Monthly Magazine*, 8 (July 1836), 18.

"The Lusiad of Camoens, otherwise a poem of great merit and uncommon interest, is exposed to... censure in no small degree. The error of this author is the less excusable, as his poem is founded on a modern event, which occurred at a time when the belief in the power of Bacchus, Venus, and Mercury, could not possibly have any influence on the actions of men."

264. "Odds and Ends: From the Port-Folio of a Penny-a-Liner," *The Knickerbocker; or New York Monthly Magazine*, 8 (July 1836), 94.

The love of "a young and pure heart," "like that of Camões, cannot live in the crowd—cannot exist in the midst of the multitude."

265. "Georgii Washingtonii," *The North American Review*, 43 (July 1836), 47.

In Ubertino Carrara's "Columbus," "the introduction of the heathen mythology, in connexion with Christianity," "admits of no other defence than the practice of some of the predecessors of Carrara; particularly of Camoens in the 'Lusiad.'"

266. Marc Smeton, "The Fantastic Contract," *The Every Body's Album*, 1 (July 1, 1836), 39.

Your creditor "stands before you in the fulness of his height, like the phantom of Camoens, towering up against the progress of Vasco da Gama."

267. "Remains of Felicia Hemans [from the *London Eclectic Review*]," *American Ladies' Magazine*, 9 (Oct. 1836), 586.

Mentions Mrs. Hemans's translations of Camões's verse.

268. E. F. F., "Glory," *The American Monthly Magazine*, 8 (Oct. 1836), 370.

Quotes the *Edinburgh Review* to the effect that Alphonse de Lamartine is "a second Camoens."

269. "Varieties: Genius and Madness [from *Neville on Insanity*]," *The Albion*, 4 (Oct. 1, 1836), 320.

"Luis de Camoens died whilst under the influence of this disease [insanity], at Lisbon."

270. "Madame de Souza," *The Journal of Belles Lettres*, 15 (Oct. 11, 1836), 4.

Madame de Souza, a novelist, is the widow of the Chevalier de Souza, the "editor of a fine edition of Camoens."

271. "French Literature," *The North American Quarterly Review*, 8 (Nov. 1836), 336A.

Camões, "wounded and neglected," subsisted "on the alms which his faithful negro could gather."

272. "Napoleon [from *Chateaubriand*]," *Niles' Weekly Register*, 1 (Nov. 5, 1836), 147.

Refers to "that beautiful sky which delighted Columbus, Vasco de Goma [sic] and Camoens."

273. "Napoleon [from 'Chateaubriand's Last Work']," *Christian Advocate and Journal*, 11 (Jan. 6, 1837), 80.

Refers to "that beautiful sky which delighted Columbus, Vasco de Gama, and Camoens."

274. "The Court of Portugal," *Waldie's Select Circulating*, 6 (Feb. 7, 1837), 83.

"I was peculiarly led to visit the cathedral, by the hope of finding the tomb of Camoens, the celebrated Portuguese poet, whose body, as I had been assured, was there interred. But I could find no proof of any such interment."

275. [Oliver Goldsmith], *Waldie's Select Circulating Library* (Philadelphia), (May 16, 1837), 312.

Like Dr. Johnson, Goldsmith once entertained the idea of translating "the *Lusiad* of Camoens."

276. [Oliver Goldsmith], *Waldie's Select Circulating Library* (May 23, 1837), 333.

Refers to "Mr. Mickle, the translator of the *Lusiad*."

277. "The Best Trades [from *Thoughts by A. Grumbler*]," *The Journal of Belles Lettres*, 14 (Oct. 3, 1837), 3.

Camões "died in an infirmary."

278. C. H. B., "Original Reminiscences of China: Camoen's [sic] Cave," *The New-York Mirror*, 15 (Jan. 6, 1838), 220-21.

"Caza-Garden" is "celebrated for containing within its precincts the cave in which the unfortunate poet, Louis [sic] de Camoens, composed his *Lusiad*."

279. J. S. Buckingham, "Mr. Buckingham's Address to the People of the United States," *The American Monthly Magazine*, 11 (Feb. 1838), 9.

Includes Camões in a list of famous exiles and travelers.

280. J. F. O., "Something on Sonnets," *Southern Literary Messenger*, 4 (Feb. 1838), 130.

Quotes Wordsworth's sonnet which refers to Camões as one who "soothed with it [the sonnet] an exile's grief."

281. "Summary of Geological Observations Made in a Voyage to the Islands of Madeira, Porto Santo, and Azores... by Count Vargas de Bedemar," *The North American Review*, 46 (Apr. 1838), 368.

Quotes, in Mickle's translation, Camões's lines in *Os Lusíadas* about the island of Madeira.

282. "Napoleon," *The New-Yorker*, 5 (Apr. 21, 1838), 70.

Quotes Chateaubriand's reference to Camões's' delight "in that beautiful sky" in the Southern Hemisphere.

283. "Mr. Buckingham, Sketch of his Life," *Southern Literary Messenger*, 4 (May 1838), 285.

Refers to the "times of Marco Polo, Columbus, Camoens, Raleigh and Bruce."

284. C. M. F. D., "Sonnets, by C. M. F. D., Original, Imitated from Camoens," *The Baltimore Monument*, 2 (June 9, 1838), 285.

Prints versions of Camões's poems, beginning "Oh! as I gaze upon the line of light" and "Our meeting is over—we part."

285. C. Toogood Downing, "The Fan-Qui in China," *Waldie's*, 1 (July 3, 1838), 290-91.

Refers to Camões's stay in Macau and his love for Catarina.

286. L. E. L., "Subjects for Pictures—No. VI, The Two Deaths [from the *New Monthly*]," *The New-Yorker*, 5 (July 21, 1838), 279.

Reprints L. E. L.'s poem "The Death of Camoens."

287. "Scraps for Men of Genius," *New York Evangelist*, 9 (Aug. 18, 1838), 132.

"Camoens ended his days in an almshouse."

288. "Men of Genius," *The Poughkeepsie Casket*, 2 (Aug. 25, 1838), 79.

"Camoens died in an alms-house."

289. Clericus, "Memoirs of Doctor William Carey," *Southern Literary Messenger*, 4 (Sept. 1838), 580.

"Some of the most imaginative men have derived advantages from going abroad. This may be said of Homer, Camoëns, Milton and Byron."

290. "The Atlantis," *The American Museum of Science, Literature, and the Arts*, 1 (Nov. 1838), 338.

Madame Dacier—"the translator of Homer, and the writer of those admirable commentaries upon his text"—is made to say: "I allow that the Iliad is inimitable, and so is the *Æneid*, but so also is the *Paradise Lost*. The *Jerusalem Delivered* of Tasso, is equal to the *Pharsalia* of Lucan; the *Henriad*, and the *Lusiad* are beautiful poems, but I cannot withhold the opinion, that nothing can be more noble and sublime than the *Paradise Lost*."

291. B., "Literature of Virginia, To Professor Tucker of the University," *Southern Literary Messenger*, 4 (Nov. 1838), 678, 688.

It is certain "that Camoens and Tasso sought distant materials for the structure of their immortal works" and that "Homer, Milton, Camoens, Tasso, and Dante, were beggars."

292. "A Voyage Round the World," *Southern Literary Messenger*, 5 (Jan. 1839), 33.

Sketches of China contains a description of the "cave, whence the gentle Camoens charmed his countrymen with the soft melodies of his verse—graphic sketches of scenes, manners and peculiarities."

293. "Men of Genius," *Christian Reflector*, 2 (Feb. 1, 1839), 17.

"Camoens ended his days in an almshouse."

294. "Music in Charleston," *Southern Rose*, 7 (Mar. 30, 1839), 248.

"Camoen's [sic] exquisite 'Just like Love,'" has been "arranged to the four usual parts.."

295. R. M'Murdy, "Brazil," *The Methodist Magazine and Quarterly Review*, 21 (Apr. 1839), 185.

"Brazil, it is true, does not afford in its history the same glittering achievements as are to be found in that of the mother country, nor can she speak of a Camoens, and the age of inquisition, the ax, and the screw of torture."

296. "Influence of Circumstances," *Atkinson's Saturday Evening Post*, 18 (Sept. 7, 1839), 4.

"Camoens cleaves the waves, his poems in his hand."

297. "Notices of Books: *Hyperion*," *American Annals of Education* (Oct. 1839), 480.

"What would be the fame of Portugal without her Camoens."

298. "*Sketches of English Literature*," *The North American Review*, 49 (Oct. 1839), 345.

Quotes Chateaubriand: "Bonaparte crossed the ocean, to repair to his final exile, regardless of that beautiful sky which delighted Columbus, Vasco de [sic] Gama, and Camoëns."

299. Richard Stewart Evans, "Camoens, from the Spanish of de Vega." *Burton's Gentleman's Magazine and American Monthly Review*, 6 (Jan. 1840), 26.

Reprints a translation of a de Vega poem on the subject of Camões.

300. "*Introduction to the Literature of Europe in the fifteenth, sixteenth, and seventeenth Centuries*," *The New York Review*, 6 (Jan. 1840), 23.

"The great glory of Camoens, though diffused over Europe, is, like his *Lusiad*, peculiarly national."

301. "*Hyperion*," *The North American Review*, 50 (Jan. 1840), 152.

"What would be the fame of Portugal, without her Camoens."

302. "*Hyperion*, a romance by the author of 'Outre-Mer,'" *Southern Ladies' Book*, 1 (Jan. 1840), 60.

"What would be the fame of Portugal, without her Camoens."

303. "Bonaparte's Burial Place," *Spirit of the Times*, 9 (Jan. 25, 1840), 561.

Bonaparte was "regardless of that beautiful sky which delighted Columbus, Vasco de Gama [sic], and Camoens."

304. "Great Men," *The New-York Mirror*, 17 (Feb. 22, 1840), 275.

"Camoens cleaves the waves, his poem in his hand."

305. "Eschenburg's Manual of Classical Literature," *The Christian Review*, 5 (June 1840), 301.

Refers to "Crocus, the teacher of Camoens."

306. "The Fate of Men of Talent," *New York Observer and Chronicle*, 18 (July 25, 1840), 120.

Camões ended his days in an almshouse.

307. "Fate of Genius," *American Masonic Register and Literary Companion*, 2 (Sept. 12, 1840), 2.

Camões ended his days in an almshouse.

308. Henrietta Shuck, "Cave of Camoens, in Macao [from the *Chinese Repository*, Mar. 1810]," *Southern Literary Messenger*, 6 (Dec. 1840), 822-25.

Includes a summary of Camões's life and works.

309. "An Account of a Sea-Voyage," *The New-Yorker*, 10 (Jan. 9, 1841), 258.

Here are "the two great oceans on which Adamastor, the stormfiend, sits enthroned in sombre grandeur, crowned with a diadem of darkness and o'er canopied with clouds, while, like the Roman hero in the amphitheatre, he beholds the winds and waves of the opposing tides doing battle at his feet, as if for his sovereign amusement."

310. "The Thinker: Cave of Camoens, in Macao," *New York Evangelist*, 12 (Jan. 23, 1841), 16.

An account of the life Camões, "the celebrated Portuguese poet," who "is said to have composed his great Epic, the *Lusiad*" in the cave near Macau that now bears his name.

311. The Junior Editor, "Ancient and Modern Libraries," *The American Eclectic*, 1 (Mar. 1841), 365.

"The glory of this country [Portugal] is Louis [sic] de Camoens."

312. "Ancient and Modern Libraries," *The American Eclectic*, 1 (Mar. 1841), 366.

"The glory" of Portugal "is Louis [sic] de Camoens."

313. "Ode to Glory—To a Banished Poet [from the French of Lamartine]," *The Journal of Belle Lettres*, 14 (Mar. 1841), 4.

"The poet here addressed was, regarding to his fate, a second Camoens." Lamartine writes: "Nor exile, nor the tyrant's fetters hard, / Can bind thy glory to the bed of death, / Lisbon shall claim the heritage her bard / Bequeathed with failing breath."

314. "Lamartine," *The Albion*, 3 (Mar. 13, 1841), 91.

It is "possible, now-a-days, to be an eminent poet without dying in the hospital" as did Camões and Tasso.

315. "Miscellaneous Extracts [from *Adventure of a Coxcomb*]," *Spirit of the Times*, 11 (Apr. 4, 1841), 94.

Refers to Camões.

316. "A German Beauty at Dinner," *The New World*, 2 (Apr. 24, 1841), 266.

In this excerpt from the novel *Cecil or the Adventures of a Coxcomb*, there are references to Thomas Moore, Lord Strangford and Camões as being among those who have "versified upon those ruby portals of the Temple of Beauty"—lips.

317. "A German Beauty at Dinner," *The New-York Mirror*, 19 (May 22, 1841), 163.

In this excerpt from the novel *Cecil or the Adventures of a Coxcomb*, there are references to Thomas Moore, Lord Strangford and Camões as being among those who have "versified upon those ruby portals of the Temple of Beauty"—lips.

318. "Review of Hallam's Introduction to the *Literature of Europe*," *The American Eclectic*, 2 (July 1841), 28.

"Both Spenser and Camoens are indeed greatly indebted to the several authors of the cyclic lays of Orlando for the mixed, and sometimes grotesque ornaments of their works."

319. D., "Mr. J. Silk Buckingham," *Arcturus*, 2 (Aug. 1841), 169-70.

Buckingham "derived his profession of a lecturer from Socrates, Plato, Epicurus, through Marco Polo, Columbus, Camoens, Raleigh, and Bruce."

320. "Joanna Baillie's Fugitive Verses [from the *London Quarterly Review*]," *The Ladies' Repository*, 1 (Oct. 1841), 306.

"It is remarkable that the finest [version] of a psalm in existence is that by poor Camoens, of the 137th. 'By the waters of Babylon,' &c.—'De Babel sobre os rios nos sentamos / De nossa doce patria desterrados, / As maos na face, os olhos derribados, / Com saudades de ti, Siao, choramos,' &c.' The Exile was sitting on the shore of Macao, his guitar by his side, his eye on the ocean, and his heart on the Tagus."

321. "Extracts from the Journal of an American Naval Officer," *Southern Literary Messenger*, 7 (Oct. 1841), 707.

Reports spending "a few days in Macao, a Portuguese town, only celebrated as the residence for many years of the unfortunate poet Camoens."

322. M. W., "Metaphysics," *The Yale Literary Magazine*, 7 (Nov. 1841), 33.

Includes an epigraph from Camões, which reads, in English translation, "The body knows no sympathy, / That's the proud privilege of the MIND. / 'Tis like a living spark that's hid / Beneath an alabaster [sic] lid."

323. "Moral and Mental Portraits: Fitz-Green Halleck," *Southern Literary Messenger*, 8 (Apr. 1842), 343.

Halleck "studied Italian to enjoy Ariosto, and Portuguese to understand Camoens."

324. "Vasco de [sic] Gama," *The Boston Miscellany of Literature and Fashion*, 1 (Apr. 1, 1842), 175-76.

In *Os Lusíadas* Camões describes the natives on the shores of Saint Blas Bay.

325. William Bacon Stevens, M. D., "The Narratives and Teachings of History," *The Orion*, 1 (May. 1842), 116.

"The Iliad and Odyssey of Homer, the Æneid of Virgil, the Gerusalemme Liberata of Tasso, the Lusiad of Camoens, the Paradise Lost of Milton, are all illustrations" of the assertion that "without History there could be no Poetry."

326. "Monthly Chat with Readers and Correspondents," *The Orion*, 1 (July 1842), 252.

Announces that the next number will include "an able and delightful paper on the Life and minor Poems of Camoëns, the Homer of Portugal; it will be followed by another on the Great Epic of that author—the Lusiad."

327. William Bacon Stevens, "Luis de Camoens: The Poet of Portugal," *The Orion*, 1 (Aug. 1842), 253-66.

An account of Camões's life and works, with several quotations from his lyric poetry.

328. William Bacon Stevens, "The Lusiad of Camoens," *The Orion*, 1 (Sept. 1842), 325-38.

A critical essay that quotes liberally from *Os Lusíadas* in English translation.

329. "Literature of the Bible," *The Methodist Quarterly Review*, 2 (Oct. 1842), 516.

"Camoens interests every reader with the romantic feats and fortunes of Vasco de [sic] Gama."

330. Phi., "Luis de Camoëns," *The Yale Literary Magazine*, 8 (Jan. 1843), 111-15.

Camões's life and literary achievements.

331. "The Advertisement Literature of the Age [from Colburn's *New Monthly Magazine*]," *Campbell's Foreign Monthly Magazine; or, Select Miscellany of the Periodical Literature of Great Britain*, 2 (Jan.-Apr. 1843), 190.

"The advertisement-writer" is "to the artist, or the shopkeeper, what Homer was to Achilles, Tasso to Godfrey, Camoens to Gama, or Milton to Cromwell."

332. S., "L. M. Davidson" *Southern Literary Messenger*, 9 (Feb. 1843), 95.

"Dante, Tasso, Alfieri, and Camoens... reared for themselves monuments of true greatness, as lasting as the lands that gave them birth."

333. "The Philosophy of History," *The Southern Quarterly Review*, 3 (Apr. 1843), 274.

Reference in a footnote to "Mickle. Disc. On the Lusiad, quoted in Richardson's Eng. Dict. Tit. Human."

334. "Virtue and Vice," *The United States Catholic Magazine*, 2 (Apr. 1843), 218.

Reprints a translation of a Camões poem, beginning "I saw the virtuous man contend."

335. "From the Portuguese: Mondego," *The Artist: A Monthly Lady's Book* (May 1843), 135.

Reprints a Camões sonnet, beginning "Doces, e claras aguas, do Mondego," along with an English translation.

336. A., "Upon the Use of Oriental Images in Poetry [from the *Asiatic Journal*]," *Campbell's Foreign Monthly Magazine; or, Select Miscellany of the Periodical Literature of Great Britain* (Philadelphia), 3 (May-Aug. 1843), 354.

Like the *Iliad* and the *Aeneid*, the *Lusiad* was "a national story."

337. "Speech [from the *Bengal Hurkaru*]," *Liberator* (Boston), 13 (June 30, 1843), 1.

Refers to braving "the stormy spirit of the cape."

338. "Upon the Use of Oriental Images in Poetry [from the *Asiatic Journal*]," *The Eclectic Museum of Foreign Literature, Science and Art*, 2 (Aug. 1843), 519.

"The *Iliad* was a national story; so was the *Aeneid*; so was the *Lusiad*."

339. Elizabeth Barrett Barrett, "Caterina to Camoens," *Graham's Lady's and Gentleman's Magazine*, 24 (Oct. 1843), 208-09.

Reprints the poem.

340. "Literary Notices: French Without a Master," *Brother Jonathan*, 6 (Oct. 14, 1843), 189.

Refers to Camões.

341. "Coimbra—Inez de Castro [from Henry's *Events of Military Life*]," *The Albion*, 2 (Oct. 21, 1843), 515.

"The theme [Inez de Castro] appears to have overpowered the Muse of Camoens, though his verses on the subject possess great beauty... Camoens is cherished as the Shakespeare of Portugal."

342. "William Julius Mickle," *The Eclectic Museum of Foreign Literature, Science and Art*, 4 (Jan. 1844), 125-27.

Reprints the entry on Mickle from the *Chambers' Edinburgh Cyclopædia*.

343. "From the Portuguese of Camoens," *The Rover: A Weekly Magazine of Tales, Poetry, and Engravings*, 2 (Feb. 14, 1844), 399.

Prints a translation of a Camões poem, beginning "I saw the virtuous man contend."

344. "Letters from Hong Kong and Macao," *The Anglo-American*, 2 (Mar. 9, 1844), 475.

"The retreat in which Camoens sat is usually called the Cave of Camoens, yet it is not a cave in the strict acceptation of the word, for it is not hollowed *out* of a rock but is formed *on* the gently sloping side of a hill, by two upright masses of rock a few feet apart from each other, and covered in by an immense block resting on them."

345. "Letters from Hong Kong and Macao," *The Albion*, 11 (Mar. 16, 1844), 122.

The image at the cave in Macau "recalls to mind an Italian image-boy, perhaps, but most certainly not Camoens."

346. Mrs. Carolina H. Butler, "Recollections of China—No. III," *The Columbian Lady's and Gentleman's Magazine*, 1 (Apr. 1844), 152.

Refers to the "Garden at Macau" where Camões is reputed to have composed *Os Lusíadas*.

347. "Memoirs of William Taylor of Norwich [from the *Quarterly Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 4 (May 1844), 31.

Taylor puts "the Iliad and the Jerusalem Delivered above Madoc; the Pharsalia and the Lusiad below Madoc."

348. ["Here broke the lady her soliloquy"], *The New Mirror*, 3 (May 4, 1844), 73.

Vasco da Gama's "reaction at seeing 'the Spirit of the Cape'" serves as a simile in this untitled poem: "As when the churlish spirit of the Cape / To Gama, voyaging to Mozambique, / Up-popp'd from sea, a tangle-tassel'd shape, / With muscles sticking inch-thick on his cheek, / And 'gan with tortoise-shell his limbs to scrape, / And

yawn'd his monstrous blobberlips to speak; / Brave Gama's hairs stood bristled at the sight, / And on the tarry deck sunk down his men with fright."

349. Camoens, "Stanzas," *Littell's Living Age*, 1 (May 11, 1844), 64.

Reprints a translation of a Camões's poem, beginning "Yes—labor, love! and toil would please."

350. [Edwin De Leon], "E. D. to J. B. D." *Southern Literary Messenger*, 10 (July 1844), 422.

"So might I ask, will the shadow of a distant fame answer the poor author as a substitute for the comforts or the necessities of life! It did not in the case of Camoens who perished miserably in a hospital."

351. "New Spirit of the Age [from the *Westminster Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature* (Aug. 1844), 474.

"Mr. Horne gives instances of men of genius, 'poets and philosophers,' from Homer down to Camoens, who have been buffeted about the world during their whole lives, and only valued after their deaths."

352. N. U. S., "A New Spirit of the Age [from the *Westminster Review*]," *Campbell's Foreign Semi-Monthly Magazine* (Aug. 1, 1844), 174.

Camões "buffeted about the world" during his whole life and was "only valued" after his death.

353. F. J. G. "To Camoens: on a Visit to his Tomb, at Macao, China," *The Albion*, 3 (Aug. 3, 1844), 365.

Prints a poem about Camões.

354. George Sydney Smyth, "The Merchants of Old England," *The Albion*, 3 (Aug. 10, 1844), 377.

Prints a Smyth poem in which Camões is mentioned.

355. "There's Nae Luck About the House," *Arthur's Ladies' Magazine of Elegant Literature and the Fine Arts* (Philadelphia) (Sept. 1844), 116.

Refers to "Mickle, the translator of the *Lusiad*."

356. "The Poems of Elizabeth Barrett," *The United States Magazine and Democratic Review*, 15 (Oct. 1844), 374.

Quotes Mrs. Browning's lines on Camões in the poem "A Vision of Poets."

357. "Correspondence from Washington," *Christian Reflector*, 7 (Oct. 10, 1844), 163.

W. J. Darden of Washington, D.C. spoke on "The Poet Camoens" at commencement exercises held at Columbian College.

358. "Historic Fancies, by the Hon. Sydney Smythe [from *Fraser's Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature* (Nov. 1844), 328.

Smythe is "the eldest son of a coronetted poet [Strangford], who appeared as a somewhat free translator of Camoens."

359. "Religious: Musical Commentary," *American Journal of Music and Musical Visitor*, 4 (Nov. 25, 1844), 17.

"Most nations have had their *epic poets*"; "the Portuguese their *Lusiad*."

360. "Reviews, *The Drama of Exile, and Other Poems*," *Broadway Journal*, 1 (Jan. 4, 1845), 7.

Mentions Elizabeth Barrett Barrett's poem "Catarina to Camoens."

361. "The Homeric Poems," *New Englander and Yale Review*, 3 (Apr. 1845), 222.

"The Italians, besides their Dante, have their Tasso. The English can boast of but one Milton. The Portuguese of but one Camoens."

362. "*Memoirs of the Marquis of Pombal*," *The North American Review*, 60 (Apr. 1845), 480-81.

In Portugal the sixteenth century is "illustrated by the names of Caminha, Gil Vicente, Diogo Bernardes, and, above all, by the mighty genius of Camoens. —'One of the few, the immortal names, / That were not born to die'.... The '*Lusiad*,' notwithstanding the great defects of its plan, the absurd intermingling in the machinery of the poem of the pagan mythology with the conceptions of the Catholic church, and several other *obligato* classical pedantries, is yet an imperishable monument of the highest poetical genius, and makes the name of Portugal for ever honored in the history of literature."

363. J. C. M., "'The Mariner's Bride' from the Poems of Luis de Camoens," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 5 (July 1845), 425.

Prints J. C. M.'s translation of a Camões poem, beginning "Look, mother! the mariner's rowing."

364. "*The Poets and Poetry of Europe*," *The North American Review*, 61 (July 1845), 230-31.

"The '*Lusiad*' is the heroic poem of Portugal's heroic age; it celebrates one of those grand feats of maritime adventure, which form epochs in the history of the world. Vasco de [sic] Gama's great discovery of a passage round the Cape of Good Hope seems hardly to afford sufficient material for an epic; but Camoens himself had followed in this distinguished captain's track, and the story of his own adventures and sufferings in the East Indies might have furnished out a poem of equal or greater length."

365. L. [Charles Henry Lea], "Remarks on Various Late Poets, No. 5, L. E. L.," *Southern Literary Messenger*, 11 (Aug. 1845), 473.

Quotes three stanzas of Letitia Elizabeth Landon's "The Death of Camoens," a posthumously published poem.

366. C. C. F., "Poets and Poetry of Europe," *Christian Examiner and Religious Miscellany*, 39 (Sept. 1845), 236.

The reviewer of Longfellow's anthology regrets not being able to take up "interesting topics which are suggested by the great names of Lope de Vega, Calderon, Cervantes and Camoens."

367. "Age of Poets," *The Subterranean*, 3 (Oct. 4, 1845), 1.

Camões died at the age of fifty-five.

368. B., "The Poetical Works of Felicia D. Hemans," *Southern Literary Messenger*, 11 (Dec. 1845), 718.

Mrs. Hemans "has Anglicized the writings of Camoens."

369. "China and the Chinese [from the *New York Herald*]," *Friends' Weekly Intelligencer* (Philadelphia), 2 (Dec. 6, 1845), 288.

Camões wrote *Os Lusíadas* in Macau.

370. "Miss Barrett's Poems [from the *British Quarterly Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 7 (Jan. 1846), 112.
Mentions "Catarina to Camoens."

371. "Ages of Poets [from the *New York Mirror*]," *Western Farmer and Gardener*, 2 (Jan. 1, 1846), 16.

Camões died at the age of fifty-five.

372. "Present and Past Condition of British Poetry [from *Fraser's Magazine*]," *The Albion*, 5 (May 30, 1846), 254.

"In 1776 Mickle put forth his translation of the *Lusiad*—free, flowery, and periphrastical, full of spirit, and not devoid of beauties, but untrue to the majestic simplicity of the great Portuguese."

373. "The Late John Pickering," *Law Reporter*, 9 (June 1846), 50.

Pickering knew the language of Camoens and Pombal" and often "recurred" to it "with peculiar pleasure."

374. "Past and Present Condition of British Poetry," *The Albion*, 5 (June 6, 1846), 265.

Refers to Strangford's "Translations from Camoens."

375. "Past and Present Condition of British Poetry [from *Fraser's Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 3 (July 1846), 344, 348.

"In 1776 Mickle put forth his translation of the *Lusiad*—free, flowery, and periphrastical, full of spirit, and not devoid of beauties, but untrue to the majestic simplicity of the great Portuguese."

376. "Past and Present Condition of British Poetry [from *Fraser's Magazine*]," *Littell's Living Age*, 10 (July 25, 1846), 170.

In 1803 "Lord Strangford put forward his translation from Camoens, and thus was Darwin perpetuated in the gems, and flowers, and odors of L. E. L., and Hoole in the polished refinements of the noble viscount."

377. "Longfellow's *Poets and Poetry of Europe*," *American Whig Review*, 4 (Nov. 1846), 500.

"Mickle, in the preface to his translation of the *Lusiad*, assures us that it was not his object to satisfy those stupid persons whose only desire was to see exactly what Camoens said. His ambition was loftier. He wished to produce a poem which should live in the English language. He was desirous, it appears, of taking an independent rank in English literature; and certainly whatever merits his book may have, they are almost wholly independent of Camoens. ... The consequence is, that he has produced a flat and vapid poem, in which the beauty, fervor and sublimity of Camoens make way for the buckram rhymes and conventional sentiments of Mr. Mickle."

378. "Thomas Carlyle and the *Dublin Review*," *The Catholic Telegraph* (Cincinnati), 15 (Nov. 19, 1846), 375.

Refers to *Os Lusíadas*.

379. "The infelicities of Intellectual Men," *The United States Magazine, and Democratic Review*, 19 (Dec. 1846), 465.

"The well-known author of the '*Lusiad*' ended his career ignobly in an almshouse."

380. "Influence of Poetry Upon Civilization [from the *British Quarterly Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 10 (Feb. 1847), 163.

"Camoens sung when Portugal excelled in enterprise and empire, and the '*Lusiad*' forms an enduring monument of the learning and civilization of that country during the times of its illustrious author."

381. "Nationality in Literature," *The United States Magazine, and Democratic Review*, 20 (Mar. 1847), 268.

"The dissimilarity of Homer and Virgil; of Camoens, Dante, and Milton; of Goethe, Racine, and Shakespeare, is not more sharply cut and strongly defined, than that between the general literatures of the countries to which they respectively belonged."

382. "Lives of Scholars," *Home Journal*, 22 (May 29, 1847), 3.

"What would be the fame of Portugal, without her Camoens."

383. A. Carroll, "The Prerogative of Genius," *The Ladies' Repository*, 7 (June 1847), 165.

"There is a cave at Macao, visited by the Portuguese, where Camoens is said to have composed his *Lusiad*."

384. Leigh Hunt, "Extracts from New Books," *The Literary World*, 1 (June 19, 1847), 469.

Refers to "the stormy Spirit of the Cape, stationed there for ever by Camoens."

385. B. M., "China and the Chinese," *The Southern Quarterly Review*, 12 (July 1847), 10.

Macau is "that hot and dreary city, in which Camoens wrote his *Lusiad*."

386. "The Rewards of Literary Men," *The Yale Literary Magazine*, 12 (July 1847), 365.

"Camoens died begging in the streets of Lisbon."

387. "Journal of a Residence in Portugal [from the *London Quarterly*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 12 (Sept. 1847), 24.

"English ladies will not even take the pains to learn to read it [Portuguese], making a comfortable cloak of a high-minded reason in which to conceal from themselves the true one—indolence. 'It is a great waste of time to learn to read a language which has but *one* book worth reading, Camoens.'"

388. "Mutual Influence of National Literatures," *The Southern Quarterly Review*, 12 (Oct. 1847), 320.

Portugal "produced a Camoens" but not much else by way of literature.

389. G. P. D., "The Love of Nature—Mountain Scenery," *Christian Advocate and Journal*, 22 (Nov. 3, 1847), 173.

Quotes four lines from Camões in translation.

390. "La Camicia Rapita [from *New Monthly Magazine*]," *The Albion*, 7 (Feb. 5, 1848), 66.

Quotes two lines from Camões: "Let no one say that there is need / Of time for love to grow."

391. "Review: *Kosmos*, by Alexander Von Humboldt," *Harbinger*, 6 (Feb. 26, 1848), 134.

"The *Lusiad* of Camoëns surpasses all modern poems for the splendour and variety of its language, when it describes the surface of the ocean sleeping in calm, or lashed by tempests into fury."

392. "Macao," *Harbinger*, 6 (Mar. 4, 1848), 138.

In this excerpt from the *Narrative of the Voyage of H. M. S. Samarang*, there is an account of a visit to Camões's Cave in Macau, "the burial-place of the immortal Portuguese poet, author of the '*Lusiad*.'"

393. "Alexander Von Humboldt's *Kosmos*," *The Daguerreotype*, 2 (Mar. 25, 1848), 164.

"The *Lusiad* of Camoëns surpasses all modern poems for the splendour and variety of its language, when it describes the surface of the ocean sleeping in calm, or lashed by tempests into fury."

394. "Boyd's Book of German Ballads," *The Daguerreotype*, 2 (Apr. 29, 1848), 245.

Refers to Strangford's translation of Camões.

395. "National Peculiarities of Intellectual Taste [from *Lowe's Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 14 (May 1848), 37.

"At the other extremity of the continent we would find the kingdoms of Spain and Portugal forming, in matters of taste, a sort of inferior Italy, whose brightest memories hang round the *Luciad* [sic] of Camoens, the *Cid* of Birae, and woe for chivalry, the gallant knight of *La Mancha*!"

396. W. W. M., "The Provisional Government of France," *The Southern Literary Messenger*, 14 (May 1848), 305.

Lamartine's fate was different from that "of his brother poets—Tasso and Camoens, of the sixteenth century."

397. "M. de Lamartine," *Home Journal*, 20 (May 13, 1848), 1.

"Since Tasso and Camoens the times are a little changed, and... one is permitted in our day to be a great poet without dying in a hospital."

398. "The Blind Artist," *The Knickerbocker; or New York Monthly Magazine*, 31 (June 1848), 496.

Lisbon "cradled Camoens into song."

399. Chateaubriand, "Testamentary Preface to the Memoirs of M. de Chateaubriand," *The Literary World*, 3 (Aug. 19, 1848), 570.

Refers to Camões's "stormy and noble" life.

400. "China and the Chinese [from the *Dublin University Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 15 (Sept. 1848), 117-19.

"The most interesting object to be seen in Macao is the Cave of Camoens, the author of the 'Lusiad.'"

401. "The Posthumous Works of Chateaubriand," *The Albion*, 7 (Sept. 2, 1848), 429.

Refers to Camões's "stormy and noble" life.

402. "Chateaubriand [from the *New Monthly Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 15 (Oct. 1848), 272.

In *Genius of Christianity* and *Les Martyrs* Chateaubriand looks at Tasso and Camões, not as "social and religious" beings, but as purely literary figures.

403. Carrera, "Polyglottisms: A Canzonet from Camoens [from *London Court Journal*]," *Spirit of the Times*, 18 (Oct. 21, 1848), 410.

Reprints a version of a Camões poem, beginning "Eyes of violet brightness."

404. [The 1817 edition of *Os Lusíadas*], *Southern Literary Messenger*, 14 (Dec. 1848), 726.

"The magnificent edition of Camoen's *As Lusíadas* [sic] printed in 1817 by Dom Jose Souza, assisted by Didot, is perhaps the most immaculate specimen of typography in existence. In a few copies, however, one error was discovered occasioned by one of the letters in the word *Lusitano* getting misplaced during the working of a sheet."

405. "Literature: Death of Camoens," *The Albion*, 2 (Dec. 2, 1848), 585.

Reprints L. E. L.'s poem "Death of Camoens."

406. John Beckmann, "Inventions and Discoveries," *Home Journal*, 1 (Jan. 1, 1849), 4.

Henry Garees "translated the *Lusiad* of Camoens from the Portuguese into Spanish.

407. "What is Talked About," *The Literary World* (New York), 4 (Mar. 10, 1849), 230.

Refers to "Mickle, the translator of 'The *Lusiad*.'"

408. "The Sabbath in Its Poetical Aspects," *Southern Literary Messenger*, 15 (Apr. 1849), 225.

Refers to "Mickle, the translator of the *Lusiad*."

409. "The Poems of Sir William Jones," *Southern Literary Messenger*, 15 (Dec. 1849), 724-25.

Jones "was not the first to give an Eastern direction to the human mind. Camoens, Tasso and Milton had preceded him in time; but their researches into Eastern objects were more poetical than learned."

410. "The Infelicities of Intellectual Men," *Wellman's Literary Miscellany* (Feb. 1, 1850), 16.

"The well-known author of the 'Lusiad' ended his career ignobly in an almshouse."

411. "A French Critic's Opinions on American Literature and Authors [from the *Literary World*]," *Littell's Living Age*, 24 (Feb. 16, 1850), 315.

"Authors are not paid; they profess to rule and enjoy a great deal of glory, but they get nothing substantial. They produce nothing, for they are starved. That again is an old story. Camoens and Tasso, Rousseau and Milton, got along without pay."

412. Herman Melville, "White Jacket," *The Albion* (New York), 9 (Mar. 2, 1850), 99.

In this excerpt from Melville's novel there is a reference to Mad Jack's "single combat with the spirit of the Cape."

413. "A Gale off Cape Horn," *Home Journal* (New York), 12 (Mar. 16, 1850), 4.

In this excerpt from Melville's *White Jacket* there is a reference to Mad Jack's "single combat with the spirit of the Cape."

414. "New Publications: *White Jacket*," *Spirit of the Times* (New York), 20 (Apr. 6, 1850), 79.

In this excerpt from Melville's *White Jacket* there is a reference to Mad Jack's "single combat with the spirit of the Cape."

415. "The Life and Correspondence of Robert Southey [from the *North British Review*]," *Littell's Living Age*, 25 (Apr. 20, 1850), 103.

Southey "met with Mickle's *Lusiad* and Pope's *Homer*" at about the same time.

416. "Life of David Scott [from the *Spectator*]," *Littell's Living Age*, 25 (Apr. 27, 1850), 165-66.

Praise for Scott's painting of "Vasco de [sic] Gama braving the Spirit of the Cape."

417. 'Southey's Life and Correspondence [from the *North British Review*],' *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 20 (May 1850), 8.

Southey "met with Mickle's *Lusiad* and Pope's *Homer*" at about the same time.

418. "English Hymnology: Its History and Prospects] [from the *Christian Remembrancer*]," *Littell's Living Age*, 25 (May 11, 1850), 250.

"It may, we think, be laid down as a general rule, that in modern languages a translation will fail in conveying a true idea of the original unless it adopts the same species of verse. We remember but one instance of a version in any degree successful where this rule is neglected, and that is the 'Lusiad' of Mickle. And we will venture to say, that, on this very account, the translation is intolerable to any one at all acquainted with Camoens."

419. "Olla Podrida: Men of Genius," *Spirit of the Times*, 20 (May 11, 1850), 136.

Camões ended his days in a prison.

420. "Sybilline Leaves from Our Commonplace Book: The Veiled Travellers," *The District School Journal of the State of New York*, 11 (June 1850), 43.

According to Chateaubriand, "Tasso celebrated Camoens when the author of the *Lusiad* was yet almost unknown, and proclaimed his renown before his name was re-echoed by fame, with her hundred tongues."

421. "A Batch of Biographies [from *Fraser's Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 20 (June 1850), 237.

"So would his [Scott's] 'Vasco de [sic] Gama encountering the Spirit of the Cape' be ['a glorious production'], had the spirit been brought upon the canvas a little more artistically."

422. C., "From Our Paris Correspondent," *Christian Advocate and Journal*, 25 (June 20, 1850), 98.

"Raphael, Tasso, Camoens, and Murillo, were spectators of auto-de-fes."

423. "Southey's Life and Correspondence [from the *North British Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 20 (July 1850), 373, 378.

Quotes Southey: "Virgil and Camoens are language-masters of the first order—nothing more.... "The Spaniards will rank it [Roderick] third in epic art, and if they concede priority to Homer and to Tasso, will quarrel for you against Camoens and Virgil."

424. "Diary of a Dutiful Son [from the *Quarterly Review*]," *Littell's Living Age*, 26 (July 20, 1850), 113.

"The *Aeneid* wants reality. It is like an enamelled copy of a portrait. Virgil saw none except civilized life; but from that he could not take his subject, for the realities of civilized life are not epic. Dante and Camoens, indeed, have succeeded in making them poetical; but

the Divina Commedia wants the interest of a continuous story; and in the Lusiad the heathen mythology is brought to the aid of Christianity."

425. "Horace and Tasso [from the *Edinburgh Review*]," *Littell's Living Age*, 27 (Nov. 30, 1850), 399-400.

"The *pentimentos* in Ariosto's manuscript are numberless; Spenser and Camoens were discontented even with their third or fourth amendments, and the shapely Pallas of Torquato's brain was slowly modeled and painfully refined, until few of its original lineaments remained unaltered."

426. William Dowe, "Coincidences or Plagiarisms Noted in Passing," *Sartain's Union Magazine of Literature and Art*, 8 (Jan. 1851), 43.

When, "in the Lusiad, Admastor [*sic*], the spirit of the Cape of Good Hope, is summoned from the vasty deep, to hold parley with Vascode [*sic*] Gama, 'Who was the first that ever burst / into the orient sea,'" Camões is following an expression derived from Horace.

427. "Burial-place of Napoleon," *The Ladies' Repository*, 11 (Jan. 1851), 34.

According to Chateaubriand, "Bonaparte crossed the ocean to repair to his final exile, regardless of that beautiful sky which delighted Columbus, Vasco de [*sic*] Gama, and Camoens."

428. "The Burns Festival," *The Albion*, 10 (Feb. 1, 1851), 55.

Refers to "Camoens, the solitary pride of Portugal."

429. "Life and Poetry of Tasso [from the *Edinburgh Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 22 (Mar. 1851), 310.

"The *pentimentos* in Ariosto's manuscript are numberless; Spenser and Camoens were discontented even with their third or fourth amendments."

430. "Mrs. Browning and Miss Lowe [from the *English Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 22 (Mar. 1851), 343.

"Catarina to Camoens" is the "most tender of canzonets."

431. "Poems, By Elizabeth Barrett Browning [from *The Examiner*]," *Littell's Living Age*, 28 (Mar. 1851), 553.

"Let the reader prepare for the full enjoyment of this remarkable series of sonnets [*Sonnets from the Portuguese*], by first reading the verses entitled 'Catarina to Camoens.'"

432. Caleb Lyon, "A Vindication of Poets," *The Albion*, 10 (Mar. 15, 1851), 130.

Refers to Camões.

433. "Longfellow's Poems," *American Whig Review*, 13 (Apr. 1851), 359.

"What Goethe and Schiller have done for Germany—what Camoens did for Portugal—what Moore has done for Ireland, and Walter Scott for Caledonia, these illustrious writers [Prescott, Irving, and Cooper], though no poets, have accomplished" for the United States.

434. "Antarctic Explorations [from *Chambers' Papers for the People*]," *Littell's Living Age*, 29 (Apr. 5, 1851), 2.

Bartholomew Diaz "called the remote promontory 'Il Cabo dos Tormentos,' a designation which it was not long to retain, for, on the return of the adventurers to Lisbon in December, 1847, as related by Camoens—'At Lisboa's court they told their dread escape, / And from her raging tempests, named the Cape. / Thou southmost Point, the joyful king exclaimed, / Cape of Good Hope be thou forever named.'"

435. "Elizabeth Barrett Browning's Poems [from *The Examiner*]," *Littell's Living Age*, 28 (May 22, 1851), 553.

"Let the reader prepare for the full enjoyment of this remarkable series of sonnets [*Sonnets from the Portuguese*] by first reading the verses entitled 'Catarina to Camoens.'"

436. "Robert Southey [from the *Edinburgh Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 23 (June 1851), 147.

Under the spell "of Spenser, of Hoole's translations, of Pope's Homer, and of Mickle's *Lusiad*, the epic scale preponderated."

437. "A Canzonet from Camoens," *The Albion*, 10 (July 5, 1851), 313.

Reprints a version of a Camões poem, beginning "Eyes of violet brightness."]

438. "Studies of the Spanish Drama, from the French of Philarete Chasles," *The Literary World*, 9 (July 12, 1851), 28.

Refers to the "bitter poverty" that "consumed" Camões's days.

439. M. Walcott, "Memorials of English Seamen & Soldiers in and near the Metropolis," *The Albion*, 10 (Aug. 9, 1851), 374.

"Camoens with de [sic] Gama, despite its stormy spirit, doubled the perilous Cape of Good Hope."

440. "Sale of Short-horned Tetley [from *London Farmers' Magazine*]," *Spirit of the Times*, 21 (Aug. 30, 1851), 330.

"Camoens," one of the short-haired, sold for 12 guineas.

441. "The Newspaper Press," *The Literary World*, 9 (Oct. 4, 1851), 267.

Refers to "Mickle, the translator of 'The *Lusiad*.'"

442. L. W. Meech, "The Enchanted World," *Godey's Lady's Book* (Dec. 1851), 347-48.

"The most celebrated passage in the *Lusiad* of Camoens is that in which the Spirit of the Cape, rising in wild majesty amidst his stormy seas, threatens the daring adventurer upon his unploughed waters."

443. "Dante," *The Methodist Quarterly Review*, 4 (Jan. 1852), 50.

"Camoens, with his many beauties, is too often servile."

444. "The Poetry of Sorrow," *The Literary World*, 10 (Jan. 17, 1852), 48.

Camões is among those poets whose work could be profitably "clipped."

445. "The Poetry of Sorrow," *The Albion*, 11 (Jan. 31, 1852), 52.

Camões is among those poets whose work could be profitably "clipped."

446. William Dowe, "Napoleon (from the French of Casimir Delavigne)," *American Whig Review*, 15 (Feb. 1852), 137.

"Horace's Prophecy of Nereus seems to have been imitated by Camoëns in the *Luciad* [sic], where Admastor [sic], the Spirit of the Cape of Storms, confronts and endeavors to repulse Vasco di [sic] Gama."

447. "Royal and Illustrious Ladies [from the *Dublin University Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 25 (Feb. 1852), 260.

"The story of Inez de Castro has been charmingly narrated by Camoens, in his great national poem of the *Lusiad*."

448. "Halm's Son of the Wilderness," *The Southern Quarterly Review*, 5 (Apr. 1852), 435.

The Baron Münch-Bellinghausen—"poeticè Frederick Halm"—is the author of the play "Camoens."

449. The Editor, "Aonio Paleario," *The Monthly Religious Magazine* (Boston), 9 (May 1852), 10.

Paleario was "the contemporary of Philip Sydney, Spencer [sic], Fox, and Hooper: of Beza, Scaliger, Camoens, and Molina."

450. "Peculiar Habits of Distinguished Authors," *Harper's New Monthly Magazine*, 5 (July 1852), 174.

"Camoens composed his verses with the roar of battle in his ears; for the Portuguese poet was a soldier, and a brave one, though a poet. He composed others of his most beautiful verses, at the time when his Indian slave was begging a subsistence for him in the streets."

451. "Notes and Commentaries, on a Voyage to China," *Southern Literary Messenger*, 18 (July 1852), 393-94.

"Monuments of Portuguese glory stand prominently on almost every chart or map of any portion of the southern hemisphere, in the Portuguese names borne by islands, capes, coasts, towns or cities; but neither these names, nor those of the Albuquerque, of Vasco de [sic] Gama, who led the way round the Cape of Good Hope; of Magellan, whose starry clouds attract the gaze of the southern voyager, whose vessel was the first to circumnavigate the earth; nor 'Os Lusíadas,' the epic of Camoens; nor the poesias of Antonio Ferreira have been enough to secure respectful consideration for the Portuguese by Anglo-Saxons of the present day."

452. Charles G. Leland, "Monthly Summary of Foreign Literature, Music, and Art," *Sartain's Union Magazine of Literature and Art*, 11 (July 1852), 98.

To Mrs. Merrifield, in a series of articles, "On the Harmony of Colours in its Application to Ladies' Dress" (*The Art Journal*), "drab and gray suggest to her the subject of gray hair, which she consequently admires, and very justly concludes from Camoens, that when 'Times transmuting hand shall turn / Thy locks of gold to silvery wires,— / Those starry lamps shall cease to burn / As now with more than mortal fires; / The ripened cheek no longer wear / The ruddy bloom of rising dawn, / And every tiny dimple there / In wrinkled lines be roughly drawn,' the face, as well as the hair, will bear traces of age, and that the hair of youth never harmonises with the lineaments of age."

453. 'The City Hall Bell-Ringer,' "Gossip Aloft—No. 11," *New York Times*, July 13, 1852, p. 2.

"Camoens is made famous by his Lusíad; why not the City Hall Bell-Ringer by his letter?"

454. "Curiosities of Great Men: Their Moments of Composition [from *Eliza Cook's Journal*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 26 (Aug. 1852), 500.

"Camoens composed his verses with the roar of battle in his ears; for the Portuguese poet was a soldier, and a brave one though a poet. He composed others of his most beautiful verses at the time when his Indian slave was begging a subsistence for him in the streets."

455. "The Curiosities of Great Men," *The Ladies' Repository*, 12 (Aug. 1852), 312.

"Camoens composed his verses with the roar of battle in his ears; for the Portuguese poet was a soldier, and a brave one though a poet. He composed others of his most beautiful verses at the time when his Indian slave was begging a subsistence for him in the streets."

456. Mrs. Merrifield, "On the Harmony of Colors, in its Application to Ladies' Dress," *Peterson's Magazine*, 22 (Sept. 1852), 126.

To Mrs. Merrifield, in a series of articles, "On the Harmony of Colours in its Application to Ladies' Dress" (*The Art Journal*), "drab and gray suggest to her the subject of gray hair, which she consequently admires, and very justly concludes from Camoens, that when 'Times transmuting hand shall turn / Thy locks of gold to silvery wires,— / Those starry lamps shall cease to burn / As now with more than mortal fires; / The ripened cheek no longer wear / The ruddy bloom of rising dawn, / And every tiny dimple there / In wrinkled lines be roughly drawn,' the *face*, as well as the hair, will bear traces of age, and that the hair of youth never harmonises with the lineaments of age."

457. "Barry Cornwall's Essays and Tales in Prose," *The Literary World*, 11 (Dec. 11, 1852), 373.

Refers to "Sir Richard Fanshawe, who translated Camoens."

458. "Electro-Biology—What is It?" *The National Magazine*, 2 (Jan. 1853), 59.

"Mickle, the translator of the *Lusiad*, sometimes expressed his regret that he could not remember the poetry which he improvised in his dreams, for he had a vague idea that it was very beautiful. 'Well,' said his wife, 'I can at least give you two lines, which I heard you muttering over during one of your poetic dreams. Here they are:—'By Heaven! I'll wreak my woes / Upon the cowslip and the pale primrose!'"

459. "The World-Renowned," *Harper's New Monthly Magazine*, 6 (Apr. 1853), 660.

"Camoens expired in misery, his marvelous genius unrecognized."

460. "Literary Intelligence," *The Literary World*, 12 (Apr. 23, 1853), 336.

The publisher Moxon announced Edward Quillinan's translation of "Camoens, bks. 1-5."

461. "Literary Miscellanies," *Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 29 (May 1853), 137.

"A posthumous volume by Edward Quillinan, the son-in-law of Wordsworth, is also announced; an instalment of an English version of Camoens' *Lusiad*, by the same."

462. "The World-Renowned [from *Eliza Cook's Journal*]," *The Ladies' Repository*, 13 (May 1853), 208.

"Camoens expired in misery, his marvelous genius unrecognized."

463. "Imperial Parliament: Mr. Macaulay on the Civil Service in India," *The Albion*, 12 (July 16, 1853), 341.

At the age of seventeen, in a poem about "the departure of the house of Braganza from Portugal for Brazil," Edward Law "pictured the great Portuguese navigator, Vasco de [sic] Gama, and the great Portuguese poet Camoens, hovering over the armament which was to convey the fortunes of the Portuguese monarchy to a new hemisphere."

464. "Edward Quillinan [from the *New Monthly Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 29 (Aug. 1853), 515-16.

Quillinan's translation of Camões is "a labor of love, uncheered by any confident hope of popularizing a minstrel whom foreigners are content to admire at a distance."

465. L. Enfant, "Odds and Ends from a Barrel of Shakings," *Spirit of the Times* (New York), 23 (Sept. 3, 1853), 338.

Refers to Camões and the grotto at Macau.

466. "The Captured Slaver," *The National Magazine*, 3 (Nov. 1853), 449.

Reports on the capture of a Spanish slaver called the 'Camoens.'

467. "From the Portuguese of Camoens," *Hartford Daily Courant* (Nov. 24, 1853), p. 3.

Reprints a version of a Camões's poem, beginning "My cradle was the couch of care."

468. "The Cafes and Restaurants of Paris [from the *New Monthly Magazine*]," *Littell's Living Age*, 41 (Apr. 29, 1854), 216.

The imaginary character Biloboquet rode "through all the storms of existence upright on the top of a wave like the giant Adamastor."

469. Dr. Veron and Biloboquet, "The Cafes and Restaurants of Paris [from the *New Monthly Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 32 (May 1854), 96.

The imaginary character Biloboquet rode "through all the storms of existence upright on the top of a wave like the giant Adamastor."

470. "Holland House [from *Dickens' Household Words*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 32 (June 1854), 225.

Among the curiosities in Holland House is "a singularly interesting one of Camoëns, which is alleged must have been in the hands of the poet himself. At the bottom of the title-page is a painful corroboration of the statements respecting his end. It is a manuscript note in an old Spanish hand, stating that the writer 'saw him die in a hospital, without even a blanket to cover him.'"

471. "American Epics," *Putnam's Monthly Magazine of American Literature, Science, and Art*, 3 (June 1854), 639.

Hugh Blair classifies as an epic "Milton's *Paradise Lost*, Lucan's *Pharsalia*, Statius's *Thebaid*, MacPherson's *Fingal* and *Temora*, Camoen's [*sic*] *Lusiad*, Voltaire's *Henriade*, Cambray's *Telemachus*, Glover's *Leonidas*, and Wilkie's *Epigoniad*."

472. "Elizabeth Barrett Browning [from *Eliza Cook's Journal*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 32 (July 1854), 426.

Refers to the poem "Catarina to Camoens."

473. "Impressions of Travel Not Found in Guide Books," *The Southern Literary Messenger*, 20 (Aug. 1854), 508.

"All the great Epic poets save Homer and Camoens were either natives of Italy or sought their inspiration there."

474. "*The Life and Times of Oliver Goldsmith* by John Forster [from the *Quarterly Review*]," *Littell's Living Age*, 7 (Dec. 23, 1854), 552.

"Boswell, in company with, Mickle, the translator of the *Lusiad*, went to see him [Goldsmith] at his country lodging in April 1772."

475. "Goldsmith [from the *Quarterly Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 34 (Jan. 1855), 25.

"Boswell, in company with, Mickle, the translator of the *Lusiad*, went to see him [Goldsmith] at his country lodging in April 1772."

476. Cecilia, "The Angels of Epic Poetry," *The Southern Literary Messenger*, 21 (Jan. 1855), 40-41.

"Camoens was the first successful poet that invoked the modern epic muse, but angels have no part in the action of the '*Lusiad*.' Every reader of this Portuguese classic must feel how much its beauty and unity are impaired by the introduction of Pagan gods and goddesses, in aid of a hero, who by seeking to discover the Indians wished to extend the Christian faith, and open new commercial advantages to his country."

477. "A First Appearance Upon Any Stage [from *Chambers' Journal*]," *Littell's Living Age*, 9 (Apr. 21, 1855), 180.

Camões drew sustenance from dwelling in a city.

478. "Items from the Foreign Mails," *New York Observer and Chronicle*, 33 (July 19, 1855), 232.

"The bones of the Portuguese poet Camoens... were disinterred from the cemetery of the Old Convent of St. Anne."

479. "Literary Notices," *Harper's New Monthly Magazine*, 11 (Aug. 1855), 407.

Records the death of "Viscount Strangford, born in 1780, who acquired some literary distinction, nearly half a century ago, as the biographer and translator of Camoens, the Portuguese poet."

480. "Editorial Notes and Gleanings: Camoens," *The National Magazine*, 7 (Sept. 1855), 279.

"The dust of the minstrel of the 'Lusiad,' who, in 1595, perished in a hospital, as every child familiar with 'Anecdotes of the Poets' knows, has lately been sought for in the Church of the ancient Convent of St. Anne, of Lisbon, beneath the high altar of which it was reputed to be deposited sixteen years after his decease, in a brick cenotaph, by Don Gonçalo Continho."

481. "Literary Retrospect," *American Publishers' Circular and Literary Gazette*, 2 (Feb. 2, 1856), 63.

Notice of the death of "Viscount Strangford, the translator of 'Camoens.'"

482. "Our Light-House Establishment," *Putnam's Monthly Magazine of American Literature, Science, and Art*, 7 (June 1856), 644.

"However we may admire Vasco, Columbus, or Cook, we cannot conceive any Camoens so insane as to frame a Lusiad in this age of steamers."

483. "Topics Astir: Buchanan Reid's New Pictures," *Home*, 26 (June 28, 1856), 2.

"The old Portuguese poet, Camoens, the author of 'The Lusiad,' wrote, after the fashion of his day, sundry poems in the Spanish and Portuguese languages. This he called 'walking with one foot in Spain, and the other in Portugal.'"

484. *American Publishers' Circular and Literary Gazette*, 2 (July 26, 1856), 450.

Advertises two engravings of Camões's Cave in Macau.

485. "Eyes," *The United States Magazine*, 3 (Aug. 1856), 166.

Refers to Camões's line "sweetest eyes were ever seen" and its use by Elizabeth Barrett Browning in her poem "Catarina to Camoens."

486. "Mediæval Literature," *The Albion*, 15 (Aug. 23, 1856), 401.

Refers to Camões.

487. "Literary Intelligence," *American Publishers' Circular and Literary Gazette*, 2 (Aug. 30, 1856), 519.

Reports a sale at auction of "some rare productions of Camoens."

488. Charles Nordoff, "Concerning Authors," *The Ladies' Repository*, 16 (Sept. 1856), 537.

"Camoens, Portugal's immortal poet, died in a hospital."

489. "The Espousals," *Saturday Evening Post* (Sept. 6, 1856), 2.

Coventry Patmore's construction-narrative interpolated by "lays" owes something to Tasso and Camões.

490. "Anecdotes and Characteristics of Goldsmith," *The Ladies' Repository*, 17 (Oct. 1856), 410.

Boswell and Mickle, "the translator of the *Lusiad*," visited Goldsmith in April 1772.

491. J. E. T., "Notes and Queries: Salt or Fresh?" *The Ladies' Repository*, 16 (Oct. 1856), 636.

"Louis [sic] Camoens, the most celebrated, I believe, of the Portuguese poets, as well also as 'the glory and the shame of Portugal,' in his poem, the *Lusiad*, fifth book, gives a graphic description of the formation and descent of a water-spout in the Indian Ocean, which he closes with an exclamation of surprise that the water which he had seen drawn up salt from the ocean should, a few minutes after, fall *fresh* from the cloud which attracted it.... Will any of your correspondents who has tested the phenomenon *at sea*, say whether this be correctly stated by the poet?"

492. [Thomas Wentworth Higginson], "Portugal's Glory and Decay," *The North American Review*, 83 (Oct. 1856), 463-65.

"At this day, Camoens is, to almost all, the shadow of a name. No wonder that it is so. Time has not, indeed, impaired the fame of Dante, any more than of the greater Shakespeare; but the same cannot be said of Tasso and Ariosto, and how could Camoens, writing in a less known language a poem similar in structure to theirs, expect to escape their fate?"

493. "A Quartet of Quarterly Reviewers [from *Bentley's Miscellany*]," *Littell's Living Age*, 51 (Oct. 25, 1856), 245.

Robert Southey contributed an account of Camões to the *Quarterly*.

494. "A Quartet of Quarterly Reviewers [from *Bentley's Miscellany*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 39 (Nov. 1856), 329.

Southey contributed an account of Camões to the *Quarterly*.

495. "Don Sebastian, King of Portugal [from *Tait's Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 39 (Nov. 1856), 365.

Relates the story of Sebastian's confinement in the same hospital as Camões, their discovery of one another's identities, and the king's resolution to recover, sparked by his conversation with the poet.

496. "Goldsmith—His Fortune and His Friends," *The National Magazine*, 9 (Nov. 1856), 420.

Boswell and Mickle visited Goldsmith in April 1772.

497. "Southey's Letters," *National Magazine*, 9 (Dec. 1856), 545.

Quotes Southey: "'A Mr. Adamson, author of a 'Life of Camoens,' I usually call,' says Dr. Dove's creator, 'A-dam-son of the Muses.'"

498. "Foreign Obituary, 1855," *The American Almanac and Repository of Useful Knowledge* (1857), 359.

Notices the death of John Adamson, "known as the author of 'The Life and Writings of Camoens.'"

499. S. Adams Lee, "English Sonnets and Sonnet Writers," *The Ladies' Repository*, 17 (Mar. 1857), 169.

Quotes Wordsworth's "Scorn not the sonnet," with its mention of Camões.

500. Mrs. E. D. E. N. Southworth, "Love's Labor Won [novel]," *Peterson's Magazine*, 31 (Mar. 1857), 216.

"She received it [the instrument] smilingly, and after tuning its chords, commenced and sung in the original, one of Camoens' exquisite Portuguese romaunts."

501. James Richards Jr., "Commerce as an Agency in Intellectual Advancement," *The Nassau Literary Magazine* (Princeton) 17 (Apr. 1857), 276.

"It was at this time, that the Epic muse was once more aroused after a long sleep, and Camoens produced his celebrated *Lusiad*, the theme of which was this very commercial enterprise to the East."

502. "Hints Toward Physical Perfection," *Water-Cure Journal*, 23 (May 1857), 102.

Camões had "yellow or golden locks."

503. "Elegy on Washington," *The Historical Magazine*, 1 (Aug. 1857), 233.

A poem that invokes "that muse of fire," which "in modern days/ Inspir'd the great Camoens' labouring breast/ To sing the daring conqueror of the East!"

504. Samuel Osgood, "Twenty-five Years Out of College," *Christian Inquirer*, 11 (Aug. 15, 1857), 1.

Remembered is Dr. Bach, a Harvard University teacher with whom the author studied "the great epic of Camoens."

505. "Scraps of Philosophy and Criticism: Great Men," *The North American Review*, 185 (Oct. 1857), 202.

"Camoens cleaves the waves, his poem in his hand."

506. "Recent French Literature," *The North American Review*, 185 (Oct. 1857), 525.

Quotes the French critic Villemain: "Homer has left us the natural epos of the Grecian race; Virgil, the artificial epos of the Romans. Dante, Tasso, Camoens, and others, have been the epic poets of a part of the Christian nations of the West."

507. Joseph J. Reed, "Inez de Castro, A Historical Sketch," *Graham's American Monthly Magazine of Literature, Art, and Fashion*, 51 (Nov. 1857), 401.

The Inez de Castro story has inspired many writers, including "the muse of Camões, the national poet of Portugal."

508. "Brazilian Poetry [from *The Saturday Review*]," *Littell's Living Age*, 55 (Dec. 19, 1857), 705.

England thinks kindly of its old ally, Portugal, but never connects "the ideas of progress or of literature with the land which once produced Vasco de [sic] Gama and Camoens."

509. Francis A. Durevage, "The Crystal Dagger; or, The Mysteries of Venice," *Ballou's Pictorial Drawing-Room Companion*, 14 (Mar. 27, 1858), 195.

Refers to "Goethe and Shakespeare, Calderon and Corneille, Camoens and Dante, clothing their genius in a form accessible to all nations."

510. "Mrs. Browning's Poems," *The National Magazine*, 12 (Apr. 1858), 359.

"Perhaps superior to all [other Browning poems] in pathetic earnestness and depth, is the farewell of Catarina to Camões."

511. "Jewish Literature," *Christian Examiner* (New York), 64 (May 1858), 349.

For the Jews "the Bible is their Lusiad, holding all the lore, music, and inspiration of which the race is capable."

512. "Authors," *Harper's New Monthly Magazine*, 16 (May 1858), 785.

"I used continually to see, in fancy, Petrarch beside a fountain, under a laurel, with the sweet *penseroso* look visible in his portraits; Dante in the corridor of a monastery, his palm laid on a friar's breast, and his stern features softened as he craved the only blessing life retained for him—*peace*; rustic Burns, with his dark eye proudly meeting the curious stare of an Edinburgh coterie; Camoens breasting the waves with the Lusiad in his mouth."

513. O. M. Spencer, "Dante," *The Ladies' Repository*, 18 (May 1858), 257.

"Dryden wrote for bread, Camoens for a hospital, and Butler for a grave."

514. "A Struggle for Life and Recognition [from *Chambers' Journal of Popular Literature*]," *Littell's Living Age*, 57 (May 22, 1858), 633.

"Roger Bacon and Galileo pined away in the prisons of the Inquisition; Torquato Tasso was confined in the cell of a madhouse; Camoens died in the streets of Lisbon, a beggar."

515. Wm. T. Coggeshall, "The Labor and Luck of Authors: Habits When Composing," *The Ladies' Repository*, 18 (June 1858), 353.

"Camoens composed verses with the roar of battle in his ears; for he was a soldier. He wrote some of his most beautiful verses when his Indian slave was begging a subsistence for him in the streets."

516. "A Struggle for Life and Recognition," *The National Magazine*, 13 (July 1858), 36.

"Camoens died in the streets of Lisbon, a beggar."

517. "Floral Department," *Flag of Our Union*, 13 (Sept. 11, 1858), 296.

Prints a version of lines from Camões, beginning "Flowers are fresh, and bushes green."

518. "Passages from the Life of Boccaccio," *The United States Democratic Review* (Oct. 1858), 300.

Boccaccio's "Filocopo" presents "a series of adventures where war, love, the gods of mythology, and the Christian saints, are mixed up in a strange way. It creates, at first, an impression such as is received from the *Lusiads* of Camoens."

519. "The Portuguese and Their Poet," *Russell's Magazine*, 4 (Dec. 1858), 249-56.

The story of Camões's life, "lofty mind," and "immortal song" is told in the context of Portuguese history.

520. "New Books," *New York Evangelist*, 29 (Dec. 30, 1858), 8.

Refers to Camões.

521. "Editors' Book Table," *The Independent*, 11 (Jan. 13, 1859), 8.

Refers to Camões.

522. "The Rewards of Literary Labor [from the *Boston Transcript*]," *American Publishers' Circular and Literary Gazette*, 5 (Feb. 12, 1859), 74.

Camões starved in a hospital.

523. "Law of Political Development in Civil History," *The North American Review*, 88 (Apr. 1859), 785.

"It is curious to find in Camoens an appeal to the king against the oppression of the aristocracy, that liberty might be established:— 'Snatch from the tyrant noble's hand the sword, / And be the rights of human kind restored.'"

524. "France," *The American Theological Review*, 2 (May 1859), 356.

Refers to the publication in France of "The Lusiad of Camoens, translated by Emile Albert."

525. T. A., "What is Poetry?" *Mercersburg Review* (Lancaster), (July 1859), 401.

One reason for learning German is that *Os Lusíadas* exists in German translation.

526. "On the Life of Edmund Spenser," *The Albion*, 37 (Oct. 29, 1859), 518.

"How different his [Spenser's] fate from that of the noble Luis de Camoens, and so many others!"

527. "Great Men," *Massachusetts Teacher and Journal of Home and School Education*, 12 (Dec. 1859), 469.

"Camoens, the writer of the 'Lusiad,' ended his days in an almshouse."

528. "New Curiosities of Literature," *The Ladies' Repository*, 20 (Jan. 1860), 13.

Retells the story of Camões's last days of poverty and death.

529. "Cuban Literature [from *Chambers' Journal*]," *Littell's Living Age*, 64 (Jan. 7, 1860), 38.

"The intense melancholy of Milanes has a tone of personal suffering like that which pervades the sonnets of Camoens, or the complaints of Tasso."

530. "Bookworld [from *All the Year Round*]," *Littell's Living Age*, 64 (Jan. 21, 1860), 130.

The unsigned poem "Bookworld" (author unidentified) contains lines: "Still hear the storms of Camoëns burst and swell, / His seas of vengeance raging wild and wide."

531. "Travels, Researches, and Missionary Labors," *The Methodist Quarterly Review*, 12 (Oct. 1860), 692.

Refers to Camões.

532. Bayard Taylor, "The Brownings," *The Independent*, 12 (Oct. 18, 1860), 1.

Refers to the poem "Catarina to Camoens."

533. "I. Thomas Dowse," *The American Journal of Education*, 23 (Dec. 1860), 354A.

Dowse's book shelves contained translations of Camões work.

534. "Poverty of the Learned [from *Curiosities of Literature*]," *German Reformed Messenger*, 26 (Feb. 27, 1861), 1.

"Camoens, the solitary pride of Portugal."

535. Harriet E. Prescott, "Fauntleroy Verrian's Fate," *The Knickerbocker; or New York Monthly Magazine*, 57 (Mar. 1861), 280.

"He loitered lovingly over the superscription, and instead of his name signed two or three closely-written bars of music which had to him a deep significance, as Petrarch or Camoëns might have signed with a sonnet."

536. "How Dumas Wrote 'Monte Cristo' [from *Chambers' Journal*]," *Littell's Living Age*, 69 (Apr. 20, 1861), 156.

"As we advanced, Monte Cristo seemed to rise from the bosom of the sea, and increase gradually in size, like the giant Adamastor."

537. "Literary Intelligence," *The Biblical Repertory and Princeton Review*, 33 (Oct. 1861), 772.

Announces the publication of "Works of Luis de Camoens. Vol. I. 8vo. pp. 516. Lisbon."

538. Samuel B. Holcombe, "Death of Mrs. Browning," *Southern Literary Messenger*, 33 (Dec. 1861), 417.

Refers to Browning's poem "Catarina to Camoens."

539. "Mrs. Browning," *Christian Examiner*, 72 (Jan. 1862), 73.

"Catarina to Camoens' is an exquisitely tender and touching poem."

540. W. S. W. R., "*Traité d'Hygiène Navale*," *American Journal of the Medical Sciences* (Apr. 1862), 436.

Camões "commiserated sailors in his day: 'Cursed be the man who first forsook the ground, / And fasten'd canvas to a sapless tree! / Worthy of anguish in the pit profound, / If that true faith I hold religion be. / May never judgment lofty and fecund / Nor vivid genius grace his memory, / Nor sonorous harp his bad exploit proclaim / But black oblivion shroud himself and name.'"

541. [Thomas Wentworth Higginson], "Letter to a Young Contributor," *Atlantic Monthly*, 9 (Apr. 1862), 410.

"Spain and Portugal once divided the globe between them in a treaty, when England was a petty kingdom of illiterate tribes!—and now all Spain is condensed for us into Cervantes, and all Portugal into the fading fame of the unread Camoens."

542. R. Donkersley, "Talk About Authors: Poverty of Authors," *The Ladies' Repository*, 22 (June 1862), 335.

"Camoens the solitary pride of Portugal, deprived of all the necessities of life, perished in a hospital at Lisbon, after having triumphed in the East Indies and sailed 5,500 leagues. The Portuguese after his death bestowed on the man of genius they had starved the appellation of great."

543. "Catalogue of a Choice Collection of Rare, Curious, and Valuable Books," *The Philobiblion*, 7 (June 1862), 1.

Les Lusiades (1825) is listed at \$1.25.

544. "Record of the Times," *Ballou's Dollar Monthly*, 16 (Oct. 1862), 397.

"Camoens, the solitary pride of Portugal."

545. Mrs. L. A. Holditch, "Mary M____'s Story," *The Ladies' Repository*, 23 (Feb. 1863), 97.

"Her clear, hazel eyes... would remind you of those 'sweetest eyes ever seen' for which Camoens celebrates his Catarina."

546. "Catalogue of a Choice Collection of Rare, Curious, and Valuable Books," *The Philobiblion*, 2 (July 1863), 4.

Advertises a 1798 edition of Mickle's translation of *Os Lusíadas* at \$2.50.

547. "Signs of Character: Physiognomy: Hair," *America*, 38 (Oct. 1863), 4.

Camões "had yellow or golden hair."

548. "Lectures on the Science of Language," *The North American Review*, 97 (Oct. 1863), 415.

"Changes in the grammars and vocabularies of languages are constantly taking place, it is true. The language of Virgil and Catullus has become that of Dante, of Corneille, of Camoens, and of Lope."

549. "A Lady's Visit to Manilla [sic] and Japan [from *The Examiner*]," *Littell's Living Age*, 79 (Oct. 31, 1863), 233.

At Macau the lady was "treated to the biography of the poet Camoëns, apropos of his grotto in the garden that bears his name in the Portuguese settlement."

550. "Attempt to Print a Perfect Book," *Friends' Intelligencer*, 20 (Nov. 7, 1863), 559.

Retells the story of "*Os Lusíadas* of Camoens, by Don José Souza, 1817," marred by "an accident or misfortune, rather than an erratum."

551. "Attempt to Print a Perfect Book," *The Friend*, 37 (Dec. 12, 1863), 118.

"Don Jose Sauza's [sic] *Los Lusiades* of Camoëns was a failed attempt at producing such a book."

552. "Foreign," *The Round Table*, 1 (Feb. 27, 1864), 173.

Refers to Didot's "magnificent privately printed edition" of *Os Lusíadas*.

553. J., "Our Continental Correspondence," *American Literary Gazette and Publishers' Circular*, 2 (Apr. 1, 1864), 373.

"M. Pierre Larousse announces a marvellous dictionary" that will include, among other things, "the heroes of novels (for example, Lovelace, Pelham, Adamastor)."

554. "Spain and Portugal," *The American Presbyterian and Theological Review*, 2 (Oct. 1864), 689.

Refers to a "new and complete edition of the works of Camoens" issued in Lisbon, in 3 vols.

555. "French Cochin China [from *Temple Bar*]," *Catholic World*, 1 (June 1865), 369.

"Camoens was ship-wrecked in the year 1556, swimming to the shore with his left hand, while in his right he held above the waters his manuscript copy of the *Lusiad*."

556. "French Cochin China [from *Temple Bar*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 1 (June 1865), 726.

"Camoens was ship-wrecked in the year 1556, swimming to the shore with his left hand, while in his right he held above the waters his manuscript copy of the *Lusiad*."

557. "Meyerbeer's 'L' Africaine,'" *The Albion*, 42 (June 3, 1865), 261-62.

Vasco da Gama, "the bold discoverer of the Cape of Good Hope," was "immortalised by Camoens as well as by history."

558. S. G. W. Benjamin, "The Portuguese in India: a Historic Episode," *New Englander and Yale Review*, 24 (July 1865), 461, 462, 465, and 480.

"Camoens' description of the Spirit of the Cape appearing in threatening grandeur before the venturous navigators is a magnificent conception, worthy of the occasion, and rivaling Milton's sublimity."

559. "Poverty," *Saturday Evening Post* (Mar. 24, 1866), 3.

"The matchless Camoens was compelled to wander through the streets a wretched dependent on casual contribution."

560. "Problems and Puzzles," *New York Observer and Chronicle*, 44 (Oct. 4, 1866), 320.

"Lewis [sic] Camoens" is the answer to an earlier puzzle.

561. "Heroes of Central Africa," *Atlantic Monthly*, 19 (May 1867), 635.

"Some day, perhaps, from the deeds of these heroes of Central Africa"—Captain Burton, Sir Samuel Baker, and David Livingstone—"a Camoens will rise to put them into words."

562. Irenaeus, "Irenaeus Letters," *New York Observer and Chronicle*, 45 (June 27, 1867), 205.

Refers to "Camoens, whose poems are part of the literature of the world."

563. "Announcements," *American Literary Gazette and Publishers' Circular*, 9 (Aug. 1, 1867), 193.

"A. Simpson & Co., New York, has announced an edition of Strangford's 'Poems from the Portuguese of Luis de Camoens.'"

564. Mary N. Prescott, "Love's Logic [short story]," *Harper's New Monthly Magazine*, 35 (Oct. 1867), 599.

"He chose to trouble himself with translating Italian sonnets and delicious morsels from Camoens for Elizabeth's scrap-book."

565. "Literariana," *The Round Table*, 6 (Nov. 2, 1867), 29.

Camões's "countrymen inaugurated a statue to his memory in Lisbon on the 9th instant."

566. "Notes on Books and Booksellers," *American Literary Gazette and Publishers' Circular*, 10 (Nov. 15, 1867), 46.

"A statue was recently raised to the memory of Camoens, at Lisbon, with great pomp and ceremony."

567. "Death of Fitz-Greene Halleck [from the *New York Evening Post*]," *Littell's Living Age*, 95 (Dec. 7, 1867), 640.

"He studied Portuguese that he might read Camoens in the original, whose 'Lusiad' has lost all of its simplicity and much of its narrative interest in Mickle's diffuse translation."

568. "Fitz-Greene Halleck [from the *Commercial Advertiser*]," *Littell's Living Age*, 95 (Dec. 14, 1867), 677.

"He is said to have studied Portuguese that he might read Camoens in the original. His library was limited, but choice."

569. "Nebulæ," *The Galaxy*, 5 (Mar. 1868), 383.

"There are four or five hundred works every person of culture is so generally presumed to have read, that to ask the question is deemed an impertinence. Who would think of inquiring in polite society: 'Are you familiar with the "Anatomy of Melancholy," "Wilhelm Meister," the "Elective Affinities," the "Imaginary Conversations," the "Doctor," the "Henriade," "Candide," the "Jerusalem Delivered," the "Lusiad," the dramas of Calderon,' or

dozens of other books without which no library is complete? Of course no *habitué* of a literary circle could be supposed ignorant of all that Burton, Goethe, Landor, Southey, Voltaire, Tasso and Camoens have written, any more than he could be of Shakespeare, Milton, Spenser, Pope or Butler."

570. "The Need and Methods of Rest for Brain-workers," *Hours at Home*, 6 (Apr. 1868), 545.

Camões wrote *Os Lusíadas* "to beguile the tedium of five years' imprisonment."

571. "Personal," *Harper's Bazaar*, 1 (June 13, 1868), 513.

Camões ended his days in an almshouse.

572. "John Hookham Frere," *North American Review*, 107 (July 1868), 155.

Quotes Frere's epic poem, *The Monks and the Giants*: "Gracilaso, Camoens, many more / Disclaimed the privilege of book and pen."

573. "Projected Expedition to the North Pole—English, German, French [from *New Monthly Magazine*]," *Littell's Living Age*, 89 (July 18, 1868), 144.

If other countries would join in a "scientific steeple-chase" to the Pole, "the country of Barthélemy Diaz, of Vasco da Gama, and of Magellan, would take its place in the race, and there would be no reason to dread that the giant Adamastor would bar the passage seated on a rock."

574. "Don Quixote [from the *Westminster Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 8 (Aug. 1868), 913.

One of the damsels says to Quixote: "we have learnt two eclogues—one by the famous Gracilaso, and the other by the most excellent Camoens, in his own Portuguese."

575. "Thoughts on Female Education and Employments," *The American Journal of Education*, 4 (Sept. 1868), 628.

Typically, women do not recognize the names of such famous men as Dante or Camões.

576. "The Collector [from *The Examiner*]," *Littell's Living Age*, 99 (Oct. 24, 1868), 215.

"The prevailing faults" in Henry T. Tuckerman's essay arise from his "fancy of just mentioning the name of each writer, in combination with his traditional belongings. Thus we have a whole page written in this style:—'Milton—his head like that of a saint encircled with rays—seated at the organ, Landor standing in the ilex path of a Tuscan villa, Dryden seated in oracular dignity in his coffee-house armchair,' and 'Camoens breasting the waves with the Lusiad between his teeth.'"

577. Kate Field, "A Moving Tale," *Harper's New Monthly Magazine*, 37 (Nov. 1868), 821.

"Where's that rare old edition of Milton, and Mickle's 'Lusiad'?" asks one of Field's characters.

578. D. H. Jacques, "Exit the Blonde," *The Galaxy*, 6 (Dec. 1868), 840.

"Alexander the Great, Demetrius of Macedonia, Sylla the Dictator, the Emperor Commodus, Camoens, Tasso and Alfieri, are said to have had yellow or golden hair."

579. "Notes on Books and Booksellers," *American Literary Gazette and Publishers' Circular*, 12 (Feb. 15, 1869), 200.

"Viscount Strangford has departed at the early age of forty-three. His grandfather, the translator of Camoens, was noticed in Byron's 'English Bards and Scotch Reviewers,' as 'Hibernian Strangford, with thine eyes of blue.'"

580. William Cullen Bryant, "Fitz-Greene Halleck [from the *New York Evening Post*]," *Littell's Living Age*, 100 (Feb. 27, 1869), 522.

"He was not unskilled in the modern languages of Europe, and once he said to me that he had learned Portuguese in order that he might read the *Lusiad* in the original. That poem, in Mickle's translation, is as little like the work of Camoens as Pope's *Iliad* is like the *Iliad* of Homer. Mickle has made it declamatory where Camoens is simple, and all the rapidity of the narrative is lost in the diffuse verses of the translator."

581. James Parton, "Who First Used the Mariner's Compass," *Our Young Folks*, 5 (Mar. 1869), 177.

"Camoens, the only Portuguese poet known to the rest of the world, composed the only famous poem which that country has produced."

582. "Literature, Art, and Science Abroad," *Putnam's Monthly Magazine*, 13 (Apr. 1869), 499.

"Viscount Strangford, who died in January of this year," was born "in St. Petersburg, where his father (the translator of the *Lusiad*) was ambassador."

583. Victor Hugo, "*The Man Who Laughs*," *Appletons' Journal of Literature, Science and Art*, 1 (May 15, 1869), 193.

"The hall of the [Ugly] club was ornamented with portraits of hideous people. Thersities, Triboulet, Duns, Hudibras, Scarron; over the mantel was Æsop, between two one-eyed men, Cocles and Camoens; Cocles being one-eyed of the right eye, and Camoens of the left, each was sculptured on his blind side, and the two blind profiles were set opposite each other."

584. Cesar Cantu, "The Supernatural [from the *Revista Universale*, of Genoa]," *Catholic World*, 9 (June 1869), 342.

Refers to another writer, whose work shows "traces" of Camões.

585. "Literary Notes," *Appletons' Journal of Literature, Science and Art*, 2 (Aug. 28, 1969), 59.

In a longevity list of philosophers and poets, Camões, whose age at the time of death is given as 55, appears in the "Artistic Temperament" category.

586. "Perfect Printing [from *Aldine Press*]," *Circular*, 6 (Nov. 1, 1869), 263.

"A wealthy amateur tried to make a perfect copy of 'Os Luciados,' [sic] of Camoens," but failed.

587. "Africa: Physical, Historical and Ethnological," *The Universalist Quarterly and General Review*, 7 (Jan. 1870), 13.

Vasco da Gama's adventures "were celebrated by the Portuguese poet Camoens in epic verse, which for its national interest, and the beauty and sweetness of its numbers, gained for the poet the honorable appellation of 'Portuguese Virgil.'"

588. R. H. Stoddard, "Matthew Arnold," *Appletons' Journal of Literature, Science and Art*, 3 (Jan. 8, 1870), 47.

Camões "said of himself that he trod with one foot in Portugal and the other in Spain, referring to some of his poems which were written in the language of both those countries."

589. "Isthmus of Darien," *New York Times*, July 4, 1870, p. 4.

"Camoens relates that when his hero, the intrepid Portuguese navigator, Gama, was about to weather the Cape of Storms, the spirit of the place which up til then had successfully guarded the gates of the Orient, appeared in the sky and with threatening gestures warned back the explorer who was destined to break its spell."

590. "The Poetry of William Morris," *Catholic World*, 12 (Oct. 1870), 92.

Morris "has evidently followed with delight the exploits and discoveries of Vasco de [sic] Gama as narrated in the *Lusiad* of Camoens."

591. H. C. Anderson, "Longevity," *Appletons' Journal of Literature, Science and Art*, 4 (Dec. 3, 1870), 676.

Camões is included in a list of figures who "all added their quota to the knowledge, information, or improvement of mankind, made their marks, and fell to dust."

592. James C. Welling, "The True Sources of Literary Inspiration," *The Biblical Repertory and Princeton Review*, 43 (Jan. 1871), 117.

Camões is representative of the major figures of his age.

593. Julia C. R. Dorr, "My Friends," *Appletons' Journal of Literature, Science and Art*, 5 (Jan. 14, 1871), 45.

In a poem that lists famous writers, including Chaucer, Spenser, Milton, Dante, Shakespeare, Keats, Wordsworth, Cowper, Byron, Shelley as friends occur lines: "Dante, with uplifted brow, / And a sadly, royal mien; / Camoens praising, soft, and low, / 'Sweetest eyes were ever seen.'"

594. "Current German Literature," *The Galaxy*, 11 (Feb. 1871), 309.

German publications include translations of "The Luciad' [sic] of Camoens, by J. Donner; and of Shakespeare's Sonnets, by Alexander Reikhart."

595. ["Such is Fame"], *Saturday Evening Post* (Feb. 4, 1871), 3.

"It is very rare to find in Lisbon any one who has ever heard of Camoens, the greatest of Portuguese poets."

596. "Dominic and the Inquisition," *Harper's New Monthly Magazine*, 42 (Apr. 1871), 739.

"The descendants of the generous Cid, the contemporaries of Camoens and Cervantes, became noted throughout Europe for their savage cruelty."

597. "Errata," *Every Saturday*, 2 (Apr. 8, 1871), 331.

Refers to Souza Botelho's unsuccessful attempt to produce a perfect edition of *Os Lusíadas*.

598. Walter A. Rose, "Macao, the Birthplace of 'The Lusiad,'" *Appletons' Journal of Literature, Science and Art*, 6 (July 1, 1871), 14-15.

Quotes from *Os Lusíadas* three times, as well as Musgrave on the poem's composition.

599. Dr. Dean, "Notes from China," *The Missionary Magazine*, 1 (Aug. 1871), 308.

Refers to the "celebrated garden" in Macau "containing the cave in which the Portuguese poet, Camoens, wrote his poem."

600. "Table-Talk," *Appletons' Journal of Literature, Science and Art*, 6 (Sept. 9, 1871), 303.

"Vasco da Gama was fast being forgotten, when a poet, searching for a theme, hit upon him as the hero of his projected epic; and a composer, struck with the picturesqueness of Vasco's adventures, gave tuneful celebration to his feats upon the ocean. Camoens,

who, by-the-by, though a great bard, died neglected, as did his hero Vasco, and in the same country, embalmed the navigator in Portuguese verse; and Meyerbeer constructed his latest operatic triumph upon an Oriental legend with which Vasco's name had been entwined by his special compatriot."

601. "Heroes of Central Africa," *Every Saturday*, 1 (Jan. 13, 1872), 32.

Capt. Richard Burton is translating "Camoens into English verse."

602. Edmond Planchut, "A Frenchman's Voyage Round the World in a Hundred and Twenty Days [translated from the *Revue des Deux Mondes*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 15 (Feb. 1872), 236.

Refers to the Portuguese as "the fellow-countrymen of Camoens."

603. "Foreign Literary Notes," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 15 (Apr. 1872), 507.

The Spanish translator of Longfellow's *Evangeline* employs "ottava rima, the stanza in which Tasso wrote his 'Jerusalem Delivered,' and Camoens his 'Lusiad.'"

604. Junius Henri Browne, "Historic Lovers," *The Galaxy*, 14 (May 1872), 603.

"Among the very few men who in ancient or modern times have been unwaveringly true to one love, a love hardly enjoyed, and on which the shadow of death has fallen, stands out in honorable relief the name of Luis de Camoëns, the greatest of the Portuguese poets."

605. W. C. Bennett, "From Stockholm to Copenhagen," *The Ladies' Repository*, 9 (May 1872), 341.

"The land of Camoens and Vasco de [sic] Gama and Prince Henry the Navigator, is now but the shadow of a shade."

606. James Kent, "Autobiographical Sketch of Chancellor Kent," *The Albany Law Journal* (July 20, 1872), 42.

Refers to "the Lusiad."

607. "Henri Drayton," *New York Times*, Aug. 1, 1872, p. 8.

Singer and actor, Drayton played in "an opera written by the King of Holland, entitled 'L'Esclave de Camoens.'"

608. "Henry Drayton," *American Historical Record*, 1 (Sept. 1872), 429.

Singer and actor, Drayton played in "an opera written by the King of Holland, entitled 'L'Esclave de Camoens.'"

609. "English Translations," *Harper's New Monthly Magazine*, 45 (Oct. 1872), 769.

"By far the raciest specimens of foreign English it has ever been our fortune to encounter are to be found in a 'Guide to Portuguese and English,' published in Paris. The countrymen of Camoens and Lope de Vega must have about as correct an idea of the English language, judging from this little manual, as John Chinaman, whose 'pigeon talk' has been so often reported in the volumes of Eastern travel."

610. "Memoirs of the Marquis of Pombal [from the *Edinburgh Review*]," *Littell's Living Age*, 115 (Oct. 12, 1872), 69.

"In the country of Camoëns and Antonio Ferreira poetry had degenerated into mere translations from French and Italian authors."

611. James Pummill, "Correcting for the Press," *The Ladies' Repository*, 10 (Dec. 1872), 442.

Retells the story of Souza's "perfect" edition of *Os Lusíadas*.

612. James Kent, "Autobiographical Sketch," *The New York Genealogical and Biographical Record*, 4 (Jan. 1873), 3.

Refers to "the Lusiad."

613. "A Journey in a Junk: the Ruins of Angkor Wat," *Overland Monthly and Out West Magazine*, 10 (Jan. 1873), 30.

"That charmingly-romantic spot, Macao—a Portuguese settlement on the coast of China, [is] redolent still with the poetic genius of Camoëns."

614. "Foreign Literary Notes," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 17 (May 1873), 636.

"The Spanish Academy is about to issue... a translation of the third canto of 'Os Lusíadas' of Camoens, by the Conde de Cheste."

615. Edward Strahan, "The New Hyperion, from Paris to Marley by Way of the Rhine," *Lippincott's Magazine of Popular Literature and Science*, 12 (Aug. 1873), 137.

"A dark phantom, like that of Adamastor, stood between me and the stars."

616. Edmund Clarence Stedman, "Elizabeth Barrett Browning," *Scribner's Monthly*, 7 (Nov. 1873), 107.

"The tributes to Mrs. Hemans and Miss Landon, 'Catarina to Camoens,' 'Crowned and Wedded,' 'Cowper's Grave,' 'The Sea-Mew,' 'To Flush, my Dog,' and 'The Swan's Nest,' were more simple and open to general esteem than their companion pieces."

617. "New Books: The Literary Life," *New York Evangelist*, 45 (Feb. 12, 1874), 2.

Camoens ended his life in a hospital.

618. Richard Grant White, "Linguistic and Literary Notes and Queries," *The Galaxy*, 17 (May 1874), 639.

"The absence of the names of Livy, Petrarch, Tasso, Ariosto, Camoens, Shelley, and Tennyson from this list [of "The Great Writers of the World"] may be noticed with surprise by some readers; but they were intentionally omitted."

619. "The Azores," *New York Times*, May 14, 1874, p. 6.

"'Camoens, in the *Lusiads*,' says Mr. Bullar in his agreeable work on the Azores, 'makes Bacchus the constant enemy of the Portuguese, and Venus, in the council of the gods, is always their firm friend; an allegory which is equally applicable to these islanders for their temperance is confined to strong drinks.'"

620. "Artificial Memory [from *Cornhill Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 20 (July 1874), 24.

Camões imagined "a pleasant spot beyond the smoke and stir of this dull world" — "that of Venus in the *Lusiad*."

621. Fannie R. Feudge, "A Tour in the China Seas," *Lippincott's Magazine of Popular Literature and Science*, 14 (Aug. 1874), 157.

Among the objects of attraction in Macau, is "the Cave of Camoens, the lovely grotto wherein the exiled poet of Lusitania courted his muse, and sang the praises of the first bold hero who doubled the 'Cape of Storms,' thus opening to the Western World the princely treasures of India."

622. "Puzzles," *Christian Union*, 10 (Aug. 19, 1874), 137.

"Louis [sic] Camoens—*Lusiad*" is the answer to an earlier puzzle.

623. "An Opportunity Unimproved," *Harper's Bazaar*, 7 (Sept. 26, 1874), 618.

If we learn the language, "Camoens will touch his cithern, and sing to us the sweetness of Catarina's eye."

624. Emilio Castelar, "The Republican Movement in Europe," *Harper's New Monthly Magazine*, 49 (Oct. 1874), 724.

"Camoens writes the Iliad of navigation and labor."

625. "Southey in his Study [from *Temple Bar*]," *Littell's Living Age*, 123 (Nov. 21, 1874), 486.

Quotes Southey, then living in Portugal: "The English know very little of the country they live in [Portugal], and nothing of the literature. Of Camoens they have heard, and only of Camoens."

626. "Rambles in Madeira," *Scribner's Monthly*, 9 (Dec. 1874), 215.

"The keeper of the lighthouse [on Fora Island] and his assistant welcomed us with the cordiality of men whose social advantages

are Crusoeian. As a dingy, greasy copy of Camoëns' 'Lusiad' was the only sign of print to be seen on the premises, the mental resources of these stylites appeared not less meager, although good as far as they went."

627. Emilio Castelar, "The Republican Movement in Europe," *Harper's New Monthly Magazine*, 50 (Jan. 1875), 101.

In Robinson Crusoe's "struggle with the sea there is nothing of the epic legendary character of those combats described by Camoens in his *Lusiad*."

628. "The Old Cabinet," *Scribner's Monthly*, 10 (May 1875), 113.

In lines addressed to Fitz-Greene Halleck, Joseph Rodman Drake writes: "A brighter glory waits a muse like thine. / Let amorous fools in love-sick measure pine; / Let Strangford whimper on in fancied pain, / And leave to Moore the hackneyed rose and vine. / Be thine the task a higher crown to gain— / The envied wreath that decks the patriot's holy strain!"

629. "The Abode of Snow [from *Blackwood's Magazine*]," *Littell's Living Age*, 125 (May 1, 1875), 288.

"Had Camoens seen this cedar he might have said of it, even more appropriately than he has done of the cypress, that it may be a 'Preacher to the wise, / Lessening from earth her spiral honours rise, / Till, as a spear-point rear'd, the topmost spray, / Points to the Eden of eternal day.'"

630. Edward C. Bruce, "Wanderings with Virgil," *Lippincott's Magazine of Popular Literature and Science*, 16 (Oct. 1875), 396-97.

Virgil's "supernatural machinery" does not exceed "the same element in *Macbeth*, nor excel... the like embellishment in the *Lusiad* or the *Gerusalemme*."

631. "No Dog or Pig in Portugal [from Latouche's *Travels in Portugal*]," *New York Times*, Oct. 10, 1875, p. 3.

"Any true poetical utterance in the land of Camoens and Ferreira, of Miranda and Bernardes, is rare, if not altogether absent."

632. Miss Maria P. Woodbridge, "Garrets," *The Ladies' Repository*, 3 (Jan. 1876), 12.

Retells the story of Camões's poverty.

633. Charles E. Briggs, "Alexander Turney Stewart," *The Independent*, 28 (Apr. 20, 1876), 1.

The wealthy Stewart might have been "a Camoens, instead of a Croesus."

634. "Household Furniture: The Renaissance," *Harper's Bazaar*, 9 (May 13, 1876), 331.

Refers to Camões.

635. Charles H. Campbell. "Waterspouts," *Ballou's Monthly Magazine*, 44 (Oct. 1876), 329.

Refers to the fifth canto of Camões's *Os Lusíadas*.

636. E. Wentworth, "Macaulay," *The Ladies' Repository*, 4 (Oct. 1876), 338.

Quotes Macaulay: "I have picked up Portuguese enough to read Camoens with care, and I want no more."

637. Emily M. Ford, "The Influence of the Crusades upon European Literature," *New Englander and Yale Review*, 35 (Oct. 1876), 607.

"The Roman mirror mentioned by Chaucer, is an Arabian fiction. The mirror of glass of the strange knight is the same. It appears in Caxton's *Troye boke*, 'a looking-glass having such vertue.' Camoens, in the *Lusiad*, has a globe shown to Vasco de [sic] Gama."

638. "French and German," *Atlantic Monthly*, 38 (Nov. 1876), 634.

Quotes Doudan: "I doubt whether Camoens, whom I have not read, could have written a magnificent poem with the continued prospect of perishing in one way or another every day."

639. "The Century—Its Fruits and Its Festival," *Lippincott's Magazine of Popular Literature and Science*, 18 (Nov. 1876), 525.

"Portugal, by virtue of her old possessions on the West Coast, ranks as another African power. From them, as from her equally ancient and more effete colonies of Goa and Macao—historic, the one through the Jesuits, and the other through Camoens—she gathers a slender stream of Oriental commodities, less attractive by far than the display of her home provinces."

640. Harriet Prescott Spofford, "Furniture and its Decoration in the Renaissance," *Harper's New Monthly Magazine*, 54 (Apr. 1877), 639.

The Aldine Press "scattered" duplicates "of Dante and Boccaccio, as well as Petrarch," establishing, "with the help of the sweet sibillations of the *Langue d'Oc*, a national tongue for Ariosto, Pulei, Tasso, and the rest to use; with Chaucer, Spenser, Shakespeare, deepening the riches of the English tongue; with Rabelais, Ronsard, Clement Marot, Calvin, Montaigne, and Scaliger upholding the lilies of France; with Camoens and Cervantes."

641. "Lord Macaulay," *The Methodist Quarterly Review* (New York), 29 (Apr. 1877), 15.

Macaulay "studied Portuguese to read Camoëns."

642. "The Poetical Works of Elizabeth Barrett Browning," *The Southern Review*, 21 (Apr. 1877), 409.

Quotes the line about Camões in Wordsworth's sonnet.

643. John B. Duffy, "Felicia Dorothea Hemans," *Arthur's Illustrated Home Magazine*, 45 (May 1877), 233.

Refers to Hemans's "Translations from Camoens."

644. D. H. Jacques, "Yellow-Haired People," *The Phrenological Journal and Science of Health*, 64 (June 1877), 414.

Camões is said to have had "yellow hair."

645. "New English Books," *Scribner's Monthly*, 14 (Aug. 1877), 572.

"In the 'Standard Library,' one of the old masterpieces of literature is brought forward, Camoëns' 'Lusiad, The Discovery of India, an Epic Poem,' translated by W. J. Mickle, revised and corrected, in one volume."

646. "New Publications: The Magazines for September: The Galaxy," *New York Times*, Aug. 25, 1877, p. 3.

"R. Davey contributes a notice of the life and death of Inez de Castro, Queen of Portugal, of whose tragical fate Camoens has sung in the Lusiad."

647. R. Davey, "Inez de Castro, a Queen Crowned After Death," *The Galaxy*, 24 (Sept. 1877), 305, 309.

"The great poet Camoens sings throughout an entire canto of his immortal poem, 'The Lusiad,' of the luckless loves of Don Pedro and Doña Inez de Castro.... The poet Camoens has described most exquisitely her life in this retreat [Santa Clara] in the third canto of the 'Lusiad.'"

648. S. G. W. Benjamin, "Portugal and the Portuguese," *Atlantic Monthly*, 40 (Nov. 1877), 544, 546, 547.

Portuguese orthography is "not yet quite settled: the same word, and that, perhaps, a proper noun, may be spelled in different ways. Camoens is also written Camões." "When the famous old city [Coimbra] appeared in view... it was easy to understand the enthusiasm which inspired the verse of Camoens and so many other Portuguese bards.... In the rear of the Quinto dos [sic] Lagrimas, is the fountain near which Inez was murdered.... A stone slab is inscribed with some beautiful stanzas from Camoens in allusion to this tragedy."

649. Junius Henri Browne, "Observation and Imagination," *Appletons' Journal*, 3 (Dec. 1877), 514.

Retells the story of Camões's life and epic, paying particular attention to the biographical significance for Camões of the Inez de Castro account.

650. "The Sorrows of Genius," *Messenger* (Philadelphia), 47 (Jan. 16, 1878), 3.

Camões ended his days in an almshouse.

651. John G. Freeze, "The British Poets," *The Literary World*, 8 (Feb. 1, 1878), 163.

The "Riverside Edition" of British poetry, now in press, should include Mickle's translation of *Os Lusíadas*.

652. "Literary News," *The Independent*, 30 (May 9, 1878), 10.

J. J. Aubertin's translation of *Os Lusíadas* has just been published in London.

653. Marion Couthouy, "Elizabeth Barrett Browning," *Lippincott's Magazine*, 21 (June 1878), 752.

Among Browning's "well-known and dearly-loved favorites" is her "Catarina to Camoens."

654. "Parisians' Amusement," *New York Times*, June 7, 1878, p. 3.

Of the 23 "colossal beauties" erected "in front of the façade of the Palace of the Champ do Mars as typical representations of the different nationalities whose flags flutter from the roof of the edifice," "'Portugal,' by Mr. Samson, is a majestic lady, at least a member of the Bragança family, surrounded by the attributes of navigation. On a scroll in her hand is a list of names of those of her children who have been most known to fame, among which are Camoens and Vasco di [sic] Gama."

655. "Curious and Useful: How Voltaire Criticised," *National Repository*, 4 (July 1878), 89.

When Voltaire first attacked *Os Lusíadas* he had never read the poem, though later he read "a poor translation" of it.

656. "Local and General Mention," *New York Times*, Aug. 4, 1878, p. 6.

The *Saturday Review* "describes Platov's 'Alma l' Encantatrice,' an opera recently produced at Covent Garden ingeniously compounded of scraps and snippets from other works of his with a plot of the slenderest possible description, founded upon an incident in the life of Camoens."

657. Mrs. Mary W. Early, "'The Little Rift Within the Lute,'" *Arthur's Illustrated Home Magazine*, 46 (Sept. 1878), 410.

"In his days of courtship, Henry no more thought of connecting such prosy, humdrum things as system and order with his goddess than Petrarch thought of connecting them with Laura, or Camoens with Catrina."

658. "Culture and Progress: Bennoch's Poems," *Scribner's Monthly*, 17 (Dec. 1878), 306.

"Like Camoëns, who wrote Portuguese and Spanish equally well, Mr. Bennock [sic] masters the English that we all try to write, and the fresh, racy idioms of Scottish poetry."

659. "Three Sonnets," *The Literary World* (Boston), 10 (Feb. 15, 1879), 57.

The poet Shoemaker refers to "Camoens, by the Tagus' golden strand."

660. "News and Notes," *The Literary World*, 10 (Mar. 15, 1879), 94.

"J. P. Lippincott & Co. will publish Mr. Robert Ffrench Duff's translation of the *Lusiad* of Camoens, which is a literal one in Spenserian stanzas."

661. "Literary Notes," *Christian Union*, 19 (Apr. 23, 1879), 386.

Robert Ffrench Duff's translation of *Os Lusíadas* is in press.

662. Frederic Harrison, "On the Choice of Books [from the *Fortnightly Review*]," *Appletons' Journal*, 6 (May 1879), 439.

Camões exemplifies "the great masters who, in a different world and with different aims, have presented the development of civilization in a series of dramas, where the unity of a few great types of man and of society is made paramount to subtilty [sic] of character or brilliancy of language."

663. Frederic Harrison, "On the Choice of Books [from the *Fortnightly Review*]," *Littell's Living Age*, 141 (May 3, 1879), 266.

Camões exemplifies "the great masters who, in a different world and with different aims, have presented the development of civilization in a series of dramas, where the unity of a few great types of man and of society is made paramount to subtilty [sic] of character or brilliancy of language."

664. Frederic Harrison, "On the Choice of Books [from the *Fortnightly Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 29 (June 1879), 649.

Camões exemplifies "the great masters who, in a different world and with different aims, have presented the development of civilization in a series of dramas, where the unity of a few great types of man and of society is made paramount to subtilty [sic] of character or brilliancy of language."

665. "John Greenleaf Whittier," *Scribner's Monthly*, 18 (Aug. 1879), 577.

"The Portuguese poet Camoëns wrote some of his poems in two languages,—Portuguese and Spanish,—or, to speak more exactly, occasionally employed both those languages in the same poem. He compares this intellectual feat to walking with one foot in Portugal and the other in Spain."

666. "Lisbon and Oporto: Excursions Round the Capital and Metropolis of Portugal," *Frank Leslie's Popular Monthly*, 8 (Oct. 1879), 464.

Prints an illustration depicting "The statue of Camoens at Lisbon."

667. E. Shippen, "A Naval Reminiscence.—The Destruction of the 'Donna Maria Secundo,'" *United Service*, 1 (Oct. 1879), 578.

Refers to "the garden and grotto of Camoens."

668. "Wordsworth," *The Literary World*, 10 (Nov. 8, 1879), 362.

Reprints Wordsworth's poem "Scorn not the sonnet," which mentions Camões.

669. "Literary Notes," *Christian Union*, 20 (Dec. 17, 1879), 512.

"Next year will make the third centenary of the death of Camoens."

670. Benjamin Robbins Curtis, "A Journey Around the World," *Journal of the American Geographical Society of New York*, 12 (1880), 143.

Reprints Sir John Bowring's poem "Sonnet to Macao," which is inscribed on the Camões monument.

671. J. H. Siddons, "The Autobiography of an Old British Soldier," *United Service*, 2 (Jan. 1880), 62.

"All the poetry of the 'Luciad' [sic] vanished during the course of the voyage.

672. "Literary Notes," *New York Times*, Jan. 25, 1880, p. 4.

"The new translation of 'Camoens' by Mr. R. F. Duff will be ready at Lisbon in a few days. It is dedicated to his Majesty Dom Fernando."

673. "Literary Notes," *New York Times*, Jan. 30, 1880, p. 3.

"The tercentenary of the poet Camoens will be celebrated this year by two new translations of his immortal work, and also by fine new Portuguese editions of the 'Lusiad.'"

674. "Minor Notices," *The Literary World*, 11 (Feb. 28, 1880), 77.

The Reader's Handbook by the Rev. E. C. Brewer retells the story of many books, including *Os Lusíadas*.

675. "Notes," *Christian Union*, 21 (Apr. 28, 1880), 387.

"Great preparations are being made to celebrate the third centennial of the death of the Portuguese poet Camoens, June 10th."

676. "Books of the Month," *The Dial* (Chicago), 1 (May 1880), 18.

Lists "*The Lusiad of Camoens*. Translated into Spenserian verse by Robert F. Duff," and quotes the *Chicago Tribune*: "'The Lusiad' ranks among the great epic poems. The translation is literal and the style is good throughout."

677. "Foreign Literary Notes," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 31 (May 1880), 635.
- "The third century of the death of Camoëns, which occurred on June 10th, 1580, will be celebrated this year in Lisbon."
678. "*The Lusiad of Camoens*," *The Literary World*, 11 (May 8, 1880), 151.
- Reviews Robert Ffrench Duff's translation of *Os Lusíadas*.
679. "Literary News," *The Independent*, 32 (May 27, 1880), 10.
- R. F. Duff's translation of *Os Lusíadas* has been published by J. P. Lippincott & Co. of Philadelphia.
680. "Current Foreign Topics," *New York Times*, June 10, 1880, p. 5.
- The remains of Vasco da Gama and those of Camões were removed to the Monastery of Belem.
681. "Notes of Foreign News," *New York Times*, June 15, 1880, p. 2.
- "An English journal states that the date fixed for the ceremony of the removal of the remains of Vasco da Gama and Camoens to their new place of interment is June 6 not Oct. 8, as has been announced."
682. *Christian Union*, 21 (June 23, 1880), 571.
- Refers to the Portuguese commemoration of Camões.
683. "The Troubles of China," *New York Times*, June 24, 1880, p. 4.
- Camões wrote his *Os Lusíadas* in Macau.
684. [Camões], *New York Times*, June 27, 1880, p. 6.
- Retells the story of Camões's life.
685. *The Literary World* (Boston), 11 (July 3, 1880), 228.
- "The tercentenary of Camoens was celebrated in Paris on the 10th of June, under the auspices of the International Literary Association, Victor Hugo assisting. A bust of the poet was crowned with laurel."
686. "Literary Notes," *New York Times*, July 12, 1880, p. 3.
- "The third centenary of the death of Camoens was not only celebrated with due solemnity in Lisbon, where the name of the great Portuguese discoverer, Vasco da Gama, was united with that of the poet to receive the homage of posterity, but it was also made the occasion of a pleasant literary fête in Paris, which was gotten up by the International Library Association, the chief Portuguese residents in Paris taking part in it."
687. "Literary Notes," *New York Times*, Aug. 17, 1880, p. 3.

"At the recent Camoens tercentenary festival in Brazil, the Emperor laid the foundation of the new building for the Portuguese Library, and opened a Camoens exhibition at the National Library." "The *Revista Brasileira* published a volume of 50 compositions by Brazilian poets, to the preface of which the Emperor contributed some lines."

688. "News and Notes," *The Literary World*, 11 (Aug. 28, 1880), 298.

"There was a great time in Brazil on the occasion of the Camoens tercentenary. The emperor laid the foundation of the new building for the Portuguese library, and there was a 'Camoens Exhibition' in the National Library."

689. "Glimpses of Portugal and the Portuguese," *Lippincott's Magazine of Popular Literature and Science*, 26 (Oct. 1880), 473.

"One poet of the country, Camoens, is as often referred to as Tasso or Ariosto."

690. "The Seamy Side of Letters [from *Cornhill Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 32 (Nov. 1880), 561.

"Camoens died on a vetchy bed in a hospital."

691. "Portugal and the Portuguese," *The Literary World*, 11 (Nov. 6, 1880), 387.

Reviews Oswald Crawford's *Portugal: Old and New*, noting that the book "quotes and translates verses by Camoens or Ferreira."

692. "News and Notes," *The Literary World*, 11 (Nov. 6, 1880), 399.

Rodriguez's *Bibliographia Camoniana* was published on "the occasion of the Camoens tercentenary."

693. "Transitions of American Literature," *The Catholic World*, 32 (Dec. 1880), 364.

"There is no Camoëns here. The voyage of the *Mayflower* lacked the divine poet."

694. R. F. W., "*The Reader's Handbook of Allusions, References, Plots, and Stories*," *American Church Review* (Jan. 1881), 256.

The book includes coverage of Camões's *Os Lusíadas*.

695. "Literary Notes," *Christian Union*, 23 (Jan. 12, 1881), 37.

Refers to the publication of Burton's translation of *Os Lusíadas*.

696. "Right and Wrong, from the Portuguese of Camoens," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 33 (Feb. 1881), 288.

Reprints a version of a Camões's poem, beginning "I saw the virtuous man contend."

697. "Right and Wrong (from the Portuguese of Camoens)," *Massachusetts Ploughman and New England Journal of Agriculture*, 40 (Mar. 12, 1881), 4.

Prints a version of Camões's poem ("Os vos vi sempre passar no mundo"), beginning "I saw the virtuous man contend."

698. "Literary Notes," *New York Times*, Mar. 17, 1881, p. 3.

J. J. Aubertin will issue "a translation of 70 sonnets" by Camões.

699. "Literary Facility," *New York Times*, Mar. 26, 1881, p. 4.

Sir Walter Scott tells us that William Julius Mickle, the translator of the "Lusiad," often set his poems directly in type "'hot from his brain.'"

700. "The Earl of Beaconsfield as a Novelist [from the *Quarterly Review*]," *Appletons' Journal*, 10 (Apr. 1881), 356.

"Camoens lost an eye in a naval engagement with the Moors in the Straits of Gibraltar; and his own life was almost as epic as his 'Lusiad.'"

701. Samuel Garner, "Notes: *Je ne Sache pas*, Again," *The American Journal of Philology*, 2 (Apr. 1, 1881), 216.

Quotes two lines from *Os Lusíadas*, in the original.

702. "Literary Notes," *New York Times*, Apr. 4, 1881, p. 2.

"In publishing, through C. Kegan Paul Co., London, 'Seventy Sonnets of Camoens,' translated from the Portuguese into English, Mr. J. J. Aubertin thinks that he has fulfilled his duty to Camoens, having already translated his 'Lusiads,' 'in introducing him fairly to our English literature, however English literature may be disposed to receive him.' He dedicates the work to Capt. Richard F. Burton, who is a fellow-worker in the same field of Portuguese literature, and the two may be said to have done more for Camoens than any other literary workers of the present generation."

703. "Three Sonnets from Camoens [from the *Athenaeum*]," *Littell's Living Age*, 149 (Apr. 9, 1881), 66.

Reprints Richard F. Burton's translations of Camões's poems, beginning "While Fortune willed that for me remain," "All, gentle soul of me, that didst depart," and "Few weary winters pight in worldly pale."

704. "Poets in Active Life [from the *Quarterly Review*]," *Littell's Living Age*, 149 (May 21, 1881), 512.

"Camoens lost an eye in a naval engagement with the Moors in the Straits of Gibraltar; and his own life was almost as epic as his 'Lusiad.'"

705. Lizzie W. Champney, "A Neglected Corner of Europe," *Harper's New Monthly Magazine*, 63 (June 1881), 38, 44.

"Camoens, the greatest of Portuguese poets, sang the fame of Vasco da Gama so well that he became himself famous."

706. F. S. Bassett, "Superstitions and Legends of the Seas," *United Service: A Quarterly Review of Military and Naval Affairs*, 4 (June 1881), 684.

Refers to "Adamastor, the storm spirit" who "controls the elements."

707. "Calderon de la Barca," *The Catholic World*, 33 (July 1881), 476.

In Camões's hands "the myths, intermingled with Christian personages and symbols, produce a grotesque and profane effect."

708. "Required Reading, History of the World," *The Chautauquan*, 1 (July 1881), 440.

The "'Lusiad' of Camoens" is "based on the adventures of Vasco da Gama," Camões's "poet-companion," during his first voyage.

709. R. H. Stoddard, "A Study of Tennyson," *The North American Review*, 133 (July 1881), 89.

"Of the fifty examples in Charles Tennyson's first volume," there is not one poem that "answers the definition of a sonnet: he never, in fact, wrote more than three or four sonnets, though the number of his essays, before he died, in the sonnetary direction, fell but little short of that of Petrarch, or Camoëns."

710. F. S. Bassett, "Superstitions and Legends of the Sea," *United Service: A Quarterly Review of Military and Naval Affairs*, 5 (July 1881), 32, 37.

Refers to "Adamastor, the cape spectre" and to Camões, who, in *Os Lusíadas*, records the appearance of St. Elmo's Fire.

711. "Literary Notes," *Christian Union*, 24 (July 27, 1881), 85.

Refers to Oswald Crawford's praise for Richard Burton's translation of *Os Lusíadas*.

712. "The Tale of a Comet, etc.," *Littell's Living Age*, 150 (Aug. 20, 1881), 450.

Reprints Aubertin's translation of a Camões's sonnet, beginning "The swan, when feeling that its hour is o'er."

713. F. S. Basset, "Superstitions and Legends of the Sea," *United Service* (New York), 5 (Sept. 1881), 302.

"Camoens in the 'Lusiad' allude[s] to firing cannon" on waterspouts.

714. "News and Notes," *The Literary World*, 12 (Sept. 24, 1881), 329.

"Capt. Burton is soon to publish a commentary on the *Lusiads* of Camoens as a supplement to his translation of the original."

715. Edmund C. Stedman, "Poetry in America," *Scribner's Monthly*, 22 (Oct. 1881), 821.

"The Spirit of Wakondah was invoked by one bard, and made to tower above the Rocky Mountains, more awe-inspiring than Camoëns's Spirit of the Cape."

716. Richard Henry Stoddard, "The Sonnet in English Poetry," *Scribner's Monthly*, 22 (Oct. 1881), 905.

The sonnet "has never lost its popularity in Italy, where it is still a common intellectual pastime. The melody / Of this small lute gave ease to Petrarch's wound; / A thousand times this pipe did Tasso sound; / With it Camoëns soothed an exile's grief; / The sonnet glittered a gay myrtle-leaf / Amid the cypress with which Dante crowned / His visionary brow."

717. "Alfonso of Spain: His Early Education and its Influence on his Royal Character," *New York Times*, Oct. 5, 1881, p. 7.

"Enter Portuguese Professor, proud to explain the beauties of the *Lusiad* to his august pupil."

718. P. M. Potter, "Ernesto Rossi," *The Critic*, 1 (Oct. 22, 1881), 286.

Refers to Coimbra as "the home of Camoens."

719. F. S. Bassett, "Superstitions and Legends of the Sea," *United Service: A Quarterly Review of Military and Naval Affairs*, 5 (Nov. 1881), 578.

Quotes Camões on "the Halcyon birds."

720. "Literary Notes," *New York Times*, Nov. 25, 1881, p. 6.

"Some surprise was expressed when, six months ago, Capt. Richard F. Burton published through Mr. Bernard Quaritch his translation of Camoens's '*Lusiads*' without the life and commentary and other illustrative memoranda, but ample amends are now made in the publication of the Commentary, which is important in character and is necessary for the full comprehension of an epic now upward of three centuries old."

721. "Lisbon Past and Present," *New York Times*, Dec. 18, 1881, p. 14.

"It needs but a glance at this part of Lisbon [Black Horse Square] to assure even the casual observer that the scepter of the seas has indeed departed from Portugal, and that however vividly their exploits may be emblazoned in the imperishable verse of Camoens, the days of Vasco da Gama and Prince Henry are gone by forever."

722. "The World's Literature in 1881," *The Literary World*, 12 (Dec. 31, 1881), 508.

There are "new translations in England of Camoens."

723. "The National Element in Poetry," *The Nassau Literary Magazine* (Princeton), 37 (Jan. 1882), 205.

Deprive the poet of the power to introduce his race peculiarities into his poems" and "Spain [sic] would have no *Lusiad*."

724. F. S. Bassett, "Superstitions and Legends of the Sea," *United Service*, 6 (Feb. 1882), 141.

Quotes Camões's description of Neptune.

725. Henry R. Elliott, "The Mellowing Year," *The International Review* (Apr. 1882), 384.

Camões is one of those poets "who rose to eminence later in life."

726. Edward Strahan, "The Belgian 'Salon' at Philadelphia," *The Art Amateur*, 6 (May 1882), 122.

The painting "Camoens Begging" is seen as an example of "'official' art."

727. "Literary Notes," *New York Times*, May 21, 1882, p. 11.

Aubertin is identified as "the translator of 'The Lusiads.'"

728. "Bric-a-Brac: Genius and Madness," *Saturday Evening Post*, 61 (May 27, 1882), 3.

"Luis de Camoens the Portuguese poet died whilst under the influence of this disease"—insanity.

729. Edward Strahan, "The Belgian 'Salon' at Philadelphia" [concluded], *The Art Amateur*, 7 (June 1882), 5.

The painting "Camoens" is "simply disappointing."

730. "Literary Notes," *The Critic*, 38 (June 17, 1882), 166.

"Capt. R. F. Burton's 'Camoëns: His Life and His Lusiads,' in two volumes, is issuing from the press of Quaritch, London."

731. John D. Lawson, "Proof of Handwriting," *The American Law Review*, 3 (Aug. 1882), 599.

In "the case of Mr. Mickle, the author of the '*Lusiad*,' where a witness said he thought it was not the handwriting of Mr. Mickle, because he was a very correct man in making capital or small letters where such was required, but in the writing produced that correctness was not observed."

732. "Foreign Literary Notes," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 36 (Sept. 1882), 428.

Burton will soon publish "his version of the sonnets" of Camões.

733. Rasmus B. Anderson, "Early German Epic Poetry," *The Dial*, 3 (Oct. 1882), 108.

"Art epics, like Virgil's 'Æneid,' Camoen's [*sic*] 'Lusiad,' Tasso's 'Jerusalem Delivered,' etc. ... though based on tradition or history, have been so fused in the mind of the individual author... that they must be considered his own invention."

734. "Three Sonnets of Camoens," *Littell's Living Age*, 155 (Oct. 14, 1882), 66.

Reprints Burton's translations of Camões's poems, beginning "My song of Love I will so sweetly sing," "Flamed on the midway firmamental hill," and "What takest thou, cruel Death? A day all splendid."

735. "The Poetry of Mrs. E. B. Browning [from *The Westminster Review*]," *Littell's Living Age*, 155 (Nov. 18, 1882), 422.

Quotes "Catarina to Camoens": "Eyes of mine, what are ye doing? / Faithless, faithless,—praised amiss / If a tear be of your showing, / Dropt for any hope of His! / Death has boldness / Besides coldness, / If unworthy tears demean / 'Sweetest eyes, were ever seen.'"

736. "The World's Literature in 1882," *The Literary World*, 13 (Dec. 30, 1882), 471.

Notes that a "critical" sketch of Camões will soon be published.

737. D. K., "In Capetown at Last," *New York Times*, Dec. 31, 1882, p. 10.

Vasco da Gama circumnavigated "the broad snub-nosed promontory of Cape Agulhas," "despite the terrors of the giant Adamastor, and all the other shadowy enemies with whom the fancy of Camoens has studded his path; and thenceforth the Cape of Storms was to him and to all the world the Cape of Good Hope."

738. A. M. E., "Reviews and Book Notices," *The American Journal of Philology* (Baltimore), 4 (Jan. 1, 1883), 79.

An example is drawn from from *Os Lusíadas* to demonstrate that Portuguese grammar admits "the future as the legitimate type of the protasis."

739. "English Literature," *New York Times*, Jan. 11, 1883, p. 7.

"What are Pulei and Hans Sachs and Camoens to us, until we have read some specimens at least of their poetry?"

740. S. G. W. Benjamin, "Rambles in and Around Lisbon," *The Manhattan* (New York), 1 (Feb. 1883), 83.

"With the exception of the *Lusiad*, the great epic of Camoens," the Portuguese have "made little or no impression upon the intellectual growth of Europe."

741. "Congo Complications [from the *London Times*]," *New York Times*, Mar. 16, 1883, p. 3.

"The mouths of the Congo had been discovered in 1481 A.D. by the Portuguese, and are immortalized in the 'Lusiad' of Camoens."

742. "Literary Notes," *New York Times*, Apr. 23, 1883, p. 3.

"Burton is at work on the fifth volume of his 'Camoens.' The first two of the previous volumes contained his translation of the 'Lusiads,' and the next two a life of the poet and a commentary on his epic."

743. D. K., "Days Ashore at Madeira," *New York Times*, May 13, 1883, p. 4.

The Court "allowed Camoëns, from whose splendid epic the grandest achievement of Portugal derived new luster, to die in want and misery."

744. H. P. McElrone, "Gomes and Portuguese Poetry," *Catholic World*, 37 (Aug. 1883), 655-65.

Refers to Camões and his work.

745. H. Y. Eastlake, "A Day in Macao," *The Catholic World*, 37 (Aug. 1883), 669, 674, 675, 677.

Summarizes Camões's life, with an emphasis on the years of his banishment.

746. "The Critic," *The Critic*, 81 (Aug. 25, 1883), 350.

"Portugal's representative in France is a descendant of the representative Portuguese poet, De [sic] Camoens."

747. *Christian Index*, 150 (Sept. 20, 1883), 15.

Camões "ended his days in an almshouse."

748. "Readings from our English Exchanges," *The Literary World*, 14 (Nov. 3, 1883), 370.

"The *Lusiads* of Camoens are going into German verse at Paderborn."

749. C. A. W., "Inez de Castro [from *Belgravia*]," *Littell's Living Age*, 159 (Nov. 3, 1883), 312-13.

"The story of Inez de Castro," so oft told—"by Fernao Lopes and other Portuguese chroniclers and historians, as well as by Camoens in the third 'Lusiad' and Ferreira in his tragedy 'Inez de Castro'"—bears retelling.

750. C. A. W., "Inez de Castro [from *Belgravia*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 38 (Dec. 1883), 736-41.

"The story of Iñez de Castro," so-oft told—"by Fernao Lopes and other Portuguese chroniclers and historians, as well as by Camoens in the third 'Lusiad' and Ferreira in his tragedy 'Iñez de Castro'"—bears retelling.

751. "Additions to Library and Map-Room, 1884," *Journal of the American Geographical Society of New York*, 16 (1884), liii.

Lists a gift from A. C. B. de Figueiredo of "*A Geographia dos Lusíadas de Luis de Camões*, Lisboa, 1883."

752. "Literary Notes," *New York Times*, Jan. 14, 1884, p. 3.

"Burton is engaged on the fifth volume of his translation of Camoens."

753. "*The Poetry of Other Lands*," *American Church Review*, 43 (Feb. 1884), 192.

Five poems by Camões are included in N. Clemons Hunt's *The Poetry of Other Lands*.

754. "Oporto and Going Home," *New York Times*, Apr. 13, 1884, p. 5.

"Even that little nation of robbers that still profanes the ancient name of Greece makes more frequent claims upon the world's attention than the land of Camoens and Vasco da Gama."

755. "Arminius Vambery [from *All the Year Round*]," *Littell's Living Age*, 161 (June 21, 1884), 753.

"While his Ottoman friends filled the brief intervals of their seasickness with appeals to Allah, he looked at it all through a halo of poetry, thought of Camoens, and Byron."

756. R. A. Oakes, "Pond-Weed," *The Independent*, 36 (July 31, 1884), 27.

Refers to Camões's *Os Lusíadas*.

757. "General Foreign Notes," *The Literary World*, 15 (Nov. 1, 1884), 376.

"Burton is making rapid progress with his translation of the works of Camoens, the Portuguese poet of the 16th century."

758. Emily Thatcher Bennett, "Farm and Garden: Camphor-Producing Trees," *The Independent*, 37 (Mar. 19, 1885), 30.

"Camoens called camphor 'the balsam of disease.'"

759. "Napoleon and His Secretary [review of Bourienne's *Memoirs of Napoleon Bonaparte*]," *New York Times*, Mar. 29, 1885, p. 5.

Napoleon "tells with much gusto how, instead of following Camoens, 'who was contented with the sea to preserve his manuscripts, I made the earth the depository of mine.' He buried his valuables before leaving France, and it was long before he found himself in a position to resurrect them."

760. "The New Congo State," *Harper's Bazaar*, 18 (July 11, 1885), 451.

Camões "sang of 'the long, winding Zaire.'"

761. R. F. Burton, "'The Soldier of the Cross,' from Camoens," *New York Times*, Aug. 9, 1885, p. 14.

Reprints Burton's translation of a Camões poem.

762. "On the Death of the Princess Mary of Portugal," *Littell's Living Age*, 166 (Aug. 22, 1885), 450.

Prints a translation of a Camões's poem, beginning "What takest thou, cruel Death?—A day all splendid."

763. "Arminius Vambery [from *All the Year Round*]," *Littell's Living Age*, 166 (Aug. 22, 1885), 753.

"He had the best of it during a storm; for, while his Ottoman friends filled the brief intervals of their seasickness with appeals to Allah, he looked at it all through a halo of poetry, thought of Camoens, and Byron, and Tegner's Frithjof, and talks of the ship 'dancing up and down the mountain-like waves like a nimble gazelle.'"

764. Max Vander Weyde, "Rose-Lore: A Chat with Flora's Handmaiden," *Godey's Lady's Book*, 111 (Sept. 1885), 266.

"There is a new one [tea rose], the *Camoens*, that rich, salmon-coloured one, shading into pink."

765. "Founding of the Congo Free State [from *The Scottish Review*]," *Littell's Living Age*, 167 (Oct. 17, 1885), 168.

"The vessels of the expedition.... began the ascent of the noble river, whose existence was first made known to Europe through the enterprise of the hardy Portuguese navigator, Diego Cam, in the year 1484, and whose former appellation of the 'Zaire' has been consecrated by the verse of Camoens."

766. "The World's Literature in 1885," *The Literary World*, 16 (Dec. 26, 1885), 492.

"Mr. Benton [sic] has 'Englished'—as his phrase is—"The Lyrics of Camoens."

767. Gordon N. Curzon, "Poetry, Politics, and Conservatism [from *The National Review*]," *Littell's Living Age*, 168 (Jan. 16, 1886), 133.

"Camoens lost his eye in a sea-fight with the Moors."

768. George N. Curzon, "Poetry, Politics, and Conservatism [from *The National Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 43 (Feb. 1886), 157.

"Camoens lost his eye in a sea-fight with the Moors."

769. Edmund Yates, "About Kensington Gore [from the *Fortnightly Review*]," *Littell's Living Age*, 169 (Apr. 10, 1886), 125.

"'Strangford' was the penultimate peer, the translator of Camoens."

770. "Books of the Month," *The Dial*, 7 (June 1886), 48.

Notices the publication of "Love Poems. From the Portuguese of Luis De [sic] Camoens. By Lord Viscount Strangford."

771. James Sully, "Genius and Precocity [from the *Nineteenth Century*]," *Littell's Living Age*, 170 (July 3, 1886), 9.

There are "cases in which the gift of poetic utterance revealed itself late. Camoens, Racine, Goldsmith, Cowper, Wordsworth, may be cited as examples."

772. "A Hundred and Twenty-Five Great Authors," *The Critic* (New York) (July 17, 1886), 25.

Camões is on the list.

773. "Geographical Notes," *Journal of the American Geographical Society of New York*, 19 (1887), 304-05.

Camões "predicts the lasting fame of the navigator: 'Pelo Cunha tambem; que nunca extinto / Será seu nome em todo o mar, que lava / As ilhas do Austro, e praias, que se chamam / De São Lourenço.'"

774. A. M. Elliott, "Curso de Historia de Litteratura Portugueza, por Theophilo Braga," *The American Journal of Philology*, 8 (Jan. 1, 1887), 92-94.

Theophilo Braga is "the man who seems to be actuated above all others by something of the literary spirit that moved the great Camoens," who came to "conciliate and bind together the classical and mediaeval spirit in the greatest of modern epics, *Os Lusíadas*."

775. J. Sturdy Leigh, "Zanzibar and the East Coast of Africa," *Overland Monthly and Out West Magazine*, 10 (July 1887), 71.

"The renowned Vasco de [sic] Gama, immortalized in verse by Camoens, the only Portuguese poet worth naming, doubled the Cape on his way to India."

776. "National Monuments," *The American Architect and Building News*, 22 (Aug. 27, 1887), 100.

Refers to Victor Bastos's "Monument to Luiz de Camoes (Camoens)."

777. John F. Hurst, "A Dead Portuguese City in India," *Harper's New Monthly Magazine*, 75 (Oct. 1887), 731-32.

Xavier "came in the wake of the founder of Bassein as a centre of Portuguese authority in India, Nuno da Cunha, who ruled here from 1529 to 1538, and whose praises were sung by Camoens."

778. "Geographical Notes," *Journal of the American Geographical Society of New York*, 20 (1888), 554.

The Society has received the "Proceedings of the Committee on Printing. Forming a Part of a Collection of Documents Relating to Camoens" from the *Sociedade de Geographia, Boletim*, Lisbon.

779. *Frank Leslie's Popular Monthly*, No. 2 (Feb. 1888), 165.

The "Monument to Camoens" in Lisbon in illustration.

780. Noel Ruthven, "A Peep into Portugal," *Frank Leslie's Popular Monthly*, No. 2 (Feb. 1888), 169.

Refers to Portugal's "great poet, Camões."

781. Charles C. Starbuck, "Theological and Religious Intelligence," *The Andover Review*, 9 (June 1888), 647.

Madagascar was "hailed by Camoens, in his great epic, as a brilliant jewel of the Lusitanian crown."

782. W. H. Davenport Adams, "Physical Peculiarities of Great Men [from *The Gentleman's Magazine*]," *Littell's Living Age*, 177 (June 30, 1888), 808, 814.

"Camoens, the soldier poet of the 'Lusiadas,' owned a nose of majestic proportions" and had red hair.

783. J. J. Aubertin, "Portuguese: Camoens, Love in Church," *Current Literature*, 1 (Oct. 1888), 313.

Reprints Aubertin's translation of a Camões sonnet, beginning "The souls of all were sad in solemn prayer."

784. "Mrs. Browning [from *Macmillan's Magazine*]," *Littell's Living Age*, 179 (Dec. 29, 1888), 807.

Among the seven best examples of Browning's short poems is "Catarina to Camoens."

785. "Geographical Notes," *Journal of the American Geographical Society of New York*, 21 (1889), 435.

Acknowledges receipt of "Further documents for the History of the National Jubilee of 1880 (June 10, Celebration of the 300th anniversary of Camoens' Death" from the *Sociedade de Geographia*, Lisbon.

786. William Morton Payne, "Recent Books of Poetry," *The Dial*, 9 (Jan. 1889), 245.

A dozen or more of Aubertin's translations from Camões are included in *The Sonnets of Europe*.

787. J. W. Mackail, "Sir Richard Fanshawe [from *Macmillan's Magazine*]," *Littell's Living Age*, 180 (Jan. 12, 1889), 114.

Fanshawe is "one of the many translators who have wasted themselves over the hopeless tediousness of the 'Lusiad.'"

788. "Notes," *The Critic*, 270 (Mar. 2, 1889), 111.

Thomas Wentworth Higginson's *The Afternoon Landscape* includes sonnets from Petrarch and Camões.

789. *The Literary World*, 20 (Mar. 2, 1889), 73.

Thomas Wentworth Higginson's collection of poems includes "a dozen sonnets from Petrarch and Camoens."

790. E. P. Powell, "Farm and Garden: Hints about Roses," *The Independent*, 41 (Mar. 28, 1889), 30.

Refers to "Camoens," a first selection from the Hybrid Teas.

791. W. L., "Minicoy: The Island of Women [from *Blackwood's Magazine*]," *Littell's Living Age*, 180 (Mar. 30, 1889), 805.

"In the 'Lusiad' of Camoëns there is a vivid description of a company of Portuguese mariners running riot in an island like this."

792. "News and Notes," *The Literary World*, 20 (Apr. 13, 1889), 133.

T. W. Higginson's *The Afternoon Landscape* includes "a dozen sonnets from Petrarch and Camões."

793. "Literary Notes," *The Independent*, 41 (Apr. 18, 1889), 17.

T. W. Higginson's collection of poems includes "a dozen sonnets from Petrarch and Camoens."

794. W. L., "Minicoy: The Island of Women [from *Blackwood's Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 49 (May 1889), 634.

"In the 'Lusiad' of Camoëns there is a vivid description of a company of Portuguese mariners running riot in an island like this."

795. "Dr. Livingstone," *The Literary World*, 20 (May 25, 1889), 171.

"If Homer, or even Camoens, had been attached to Dr. Livingstone's African expedition, what of myth and poetry would not have been brought to glorify his story!"

796. F. G. Walters, "The Poet of Portugal [from *Gentleman's Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 50 (July 1889), 31-35.

"Portugal puts no second name in juxtaposition with that of Camoens."

797. "Spanish and Portuguese Bullfighting [from *The Fortnightly Review*]," *Littell's Living Age*, 183 (Oct. 5, 1889), 63.

Quotes Richard Burton's rendering of Camões's line on the fighting of bulls.

798. "The Great Somewhere Else [from *English Rare Bits*]," *Current Literature*, 3 (Sept. 1889), 242.

Camões terms the future world "'the Lethean dungeon,' and 'the sombre shades avernal.'"

799. "Geographical Notes," *Journal of the American Geographical Society of New York*, 22 (1890), 622.

Burton "possessed the very idiom and the mode of thought, as well as the words, of the foreign peoples he had studied, and his rendering of Camoens, though it too often fails as poetry, is wonderful for closeness and accuracy."

800. Agnes Repplier, "English Love-Songs," *Atlantic Monthly*, 65 (Jan. 1890), 23.

Refers to "the gentle Caterina, raising those heavy-lidded eyes that Camoens loved and lost."

801. "Down with the Pirates," *New York Times*, Jan. 15, 1890, p. 1.

The students "veiled the statues of the old Portuguese navigators around the Camoens Monument as a sign of national mourning."

802. M. D. Learned, "Gudrun, a Medieval Epic," *The American Journal of Philology* (Baltimore), 11 (Apr. 1, 1890), 227.

Aubertin's *Lusiads* reproduces, "in a modern tongue," the "essential content and spirit and also the original *verse-form*."

803. "Australian Poets," *The Literary World*, 21 (Apr. 26, 1890), 136.

"Gerald H. Supple's 'Dream of Dampier' is, in its brief proportions, a real epic, with truth of detail, and not without the supernatural prophecy of evil such as has been rendered classic by the Proteus of the Horatian ode, and by the damastor of the *Lusiad*."

804. "Mr. Smalley on Capt. Burton [from the *New York Tribune*]," *The Critic*, 14 (Nov. 8, 1890), 240.

Buton carried a volume of "Camoëns" with him wherever he went.

805. W. A. P. Martin, "The *Lusiad*—the Epic of the Opening of the East," *New Englander and Yale Review*, 17 (Dec. 1890), 542-60.

"We take up the poem of Camoens as a literary study—deserving as a work of genius a liberal share of that attention which is accorded to the world's great epics."

806. F. S. Bassett, "Epithets and Conundrums of the Sea," *United Service*, 4 (Dec. 1890), 578.

Camões refers to the ocean as a "treeless plain."

807. "The American Sonnet," *The Literary World*, 21 (Dec. 20, 1890), 490.

In *Representative Sonnets by American Poets*, Charles H. Crandall's "résumé of the history of the sonnet records its illustrious names in various nations: Petrarca its law-giver, Béranger, Goethe, Camoens."

808. "Burton a Many-Sided Man," *New York Times* (Dec. 28, 1890), p. 19.

Richard Burton successfully argued his point against a Portuguese commentator on Camões.

809. "Additions to the Library," *Journal of the American Geographical Society of New York*, 23 (1891), L.

Burton's *Life of Camoens and Commentary* and his translations of *Os Lusíadas* and *The Lyrics* have been added to the Society's collection.

810. "Currents of Recent Thought," *Christian Union*, 43 (Jan. 1, 1891), 23.

Refers to W. A. P. Martin's notion that Camões's *Os Lusíadas* deserves "fresh study."

811. Margaret J. Preston, "The Library Table: In the Footsteps of Wordsworth," *The Chautauquan*, 12 (Feb. 1891), 686.

Refers to "Dora Wordsworth, the wife of Edward Quillinan, the well-known translator of the Portuguese poet Camoens."

812. "How an Opera was Born," *The Musical Visitor, a Magazine of Musical Literature and Music*, 20 (Apr. 1891), 95.

King William III of Holland had very little to do with the composition of the opera "L'Esclave de Camoens," though it is commonly credited to him.

813. H. A. Todd, "Reports," *The American Journal of Philology*, 12 (Apr. 1, 1891), 255.

Refers to "a new Portuguese review, devoted exclusively to the study of Camoens and his works, and entitled Circulo Camoniano."

814. "Camoens," *Harper's Bazaar*, 24 (June 6, 1891), 443.

Camões was a soldier as well as a poet.

815. Hamilton W. Mabie, "Short Studies in Literature: The Epic," *Christian Union*, 44 (July 25, 1891), 178.

Refers to Camões.

816. Charles E. L. Wingate." *The Critic*, 16 (Aug. 1, 1891), 56.

"The Literature of Portugal is more interesting than extensive. Miranda and Camoens stand at the head of the list both in point of time and in genius and attainment."

817. "The Story of Portugal," *The Literary World*, 22 (Aug. 15, 1891), 268.

H. Morse Stephens, the author of *The Story of Portugal*, is "a great admirer of Camoëns, who, he says, is more to Portugal than Shakespeare is to England or Dante to Italians. The *Lusiads*, he believes, has at last been adequately translated into English. He even inclines to think that no translation of any classic can bear comparison with Sir Richard Burton's version of Camoëns."

818. Georgiana M. Sisted, "Reminiscences of Richard Burton [from *Temple Bar*]," *Littell's Living Age*, 190 (Aug. 15, 1891), 409.

Burton "published several fresh volumes of travels, translations of all the works of Camoens, and last of all, what is called his monumental work, the 'Arabian Nights.'"

819. "History of Portugal," *New York Tribune* (Aug. 15, 1891), p. 8.

"It has to be realized that Portugal is not Lusitania, though her greatest poet has immortalized the ancient error.

820. "Literature," *Christian Advocate*, 66 (Sept. 17, 1891), 636.

The Portuguese tongue was "developed by the genius of Camoens and Sa da Miranda from a Romance dialect."

821. "*The Story of Portugal*," *The Critic*, 16 (Oct. 17, 1891), 194.

Refers to Camões.

822. "Gossip of Authors and Writers," *Current Literature*, 8 (Dec. 1891), 501-02.

"The news has always been close behind real literature. The Crusaders made Tasso and Cervantes; the rounding of the Cape of Good Hope made Camoens."

823. Geo. C. Hurlbut, "Geographical Notes," *Journal of the American Geographical Society of New York* (Jan. 1, 1892), 398.

"'Oriental Studies on the *Lusiads*' by Prof. Vasconcellos" is to be read at the Tenth Session of the International Congress of Orientalists in Lisbon."

824. "Loring's Year in Portugal," *The Critic*, 17 (Jan. 2, 1892), 4.

Refers to "the land of Camoens and Da Gama, of Inez de Castro, and the Sailor Kings."

825. "Adventures of Mendez Pinto," *The Critic*, 17 (Jan. 9, 1892), 19.

Mendez Pinto "runs on in his fluent Portuguese faster than Camoëns did in his stanzas, to sing of the deeds of his countrymen in India and Malacca."

826. Douglas Sladen, "Macao, the Exile Home of Camoens," *Frank Leslie's Popular Magazine*, 33 (Feb. 1892), 179-85.

Camões's grotto is described, and an illustration of "the Camoens Statue at Lisbon" is included.

827. Edmund Clarence Stedman, "The Nature and Elements of Poetry: Creation and Self-Expression," *Century Illustrated Magazine*, 44 (May 1892), 144.

Objective poetry has a "presentiment of the world outside, and not of the microcosm within the poet's self"; a process "exemplified in the sonnets of Shakspeare, and in the minor works of Dante, Tasso, Cervantes, Calderon, Camoëns."

828. "New Publications," *New York Times*, May 16, 1892, p. 3.

Notes that Roberts Brothers has issued the second volume of Horace P. Chanler's *Lover's Year Book of Poetry*, which includes selections from Camões.

829. Edmund Clarence Stedman, "The Nature and Elements of Poetry: Melancholia," *Century Illustrated Magazine*, 44 (June 1892), 180.

"The strength of the Homeric poems and of the sagas of the North betrays the gladness out of which they sprang, the joy that a man-child is born into the world. ... Compared with our own recitals—with even Tasso's 'Jerusalem,' Ariosto's 'Orlando,' or the 'Lusiad' of Camoëns—their voice is that of the ocean heard before the sighing of reeds along a river's brim."

830. William Greswell, "Europe and Africa [from *Blackwood's Magazine*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 56 (July 1892), 110.

Quotes the lines on King John from *Os Lusíadas*.

831. "European Literature of the Past Year," *The Critic*, 18 (July 30, 1892), 60.

Complains about "long-winded epic poems in imitation of the classics, or of Dante, Ariosto, and Camoens" that are being written.

832. William Greswell, "Europe and Africa [from *Blackwell's Magazine*]," *Littell's Living Age*, 194 (Aug. 6, 1892), 328.

In *Os Lusíadas* Portugal's king "is celebrated as—"The valiant John, / Our thirteenth monarch, now ascends the throne / To seize immortal fame; his mighty mind, / What man had never

dared before, designed, / That glorious labor which I now pursue,
/ Through seas unsailed to find the shores that view / The day-
star rising from his watery bed, / The first grey beam of infant
morning shed."

833. Edmund Clarence Stedman, "The Nature and Elements of Poetry: Imagination," *Century Illustrated Magazine*, 44 (Sept. 1892), 666.

English poetry "has produced few images more striking than that one which lifts the 'Lusiad,' by Camoëns, above the level of a perfunctory epic. Vasco da Gama and his crew are struggling to pass the southern point of Africa into the Indian seas beyond, The Spirit of the Cape of Tempests, mantled in blackness of cloud, girt about with lightning and storm, towers skyward from the billows, portentous, awful, vague, and with an unearthly voice of menace warns the voyagers back."

834. Emilio Castelar, "Christopher Columbus: The New World," *Century Illustrated Magazine*, 44 (Sept. 1892), 688-89.

"Camoëns possessed the stature to produce, like a fabled Titan, the cyclopean epic that sang the new birth of the globe, and to be fit compeer of the colossal Vasco da Gama, who, modern though he be, seems like some mythical deity by his marvelous discovery of the East Indies." To what heights might Camões "have risen, had he not been circumscribed by the narrow patriotism of his Portuguese nature, and had he, inspired aright by the glory of the whole peninsula, given us the incredible discovery of America by the mighty genius of Columbus!"

835. John Addington Symonds, "The Renaissance in its Broader Aspects [from *The New Review*]," *Littell's Living Age*, 195 (Nov. 19, 1892), 457.

"It would be inaccurate to affirm broadly that the Iberian races did not share in the culture of the Renaissance. The prose of Cervantes, the drama of Calderon, the epic of Camoens, the painting of Velasquez, suffice to prove the contrary. Yet, considered as factors in the total process I am striving to review, Spain and Portugal were conspicuous mainly by reacting against those mental and moral forces which had been set free by humanism."

836. S. R. Elliott, "The Courage of a Soldier," *Atlantic Monthly*, 71 (Feb. 1893), 238.

"Camoëns lost an eye in the service of his king as gallantly as Cervantes lost a hand at Lepanto."

837. "Poems on Poems [from *Chambers' Journal*]," *Littell's Living Age*, 197 (Apr. 15, 1893), 188.

The first of the burlesque sonnets that deserve preservation was written by "Mr. John Adams[on], the biographer of Camoens."

838. Theodore Watts, "Tennyson as a Nature-Poet [from the *Nineteenth-Century*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 57 (June 1893), 848.

"It is curious that the great Italian poets have given us so few first-rate pictures of the sea, considering what sailors the Italians were, and considering the enormous extent of the coast-line of Italy. Herein they have to take rank behind the Portuguese poets, and especially behind Camoens."

839. "Chronicle and Comment," *The Dial*, 15 (July 1, 1893), 7.

Edgar Prestage is quoted: "to say that Portugal has produced but one author of the first rank—Camoëns—is a statement as absurd... as 'that England has produced no great poet with the exception of Shakespeare.'"

840. Theodore Watts, "Aspects of Tennyson [from the *Nineteenth Century*]," *Littell's Living Age*, 198 (July 1, 1893), 41.

"It is curious that the great Italian poets have given us so few first-rate pictures of the sea, considering what sailors the Italians were, and considering the enormous extent of the coast-line of Italy. Herein they have to take rank behind the Portuguese poets, and especially behind Camoens."

841. "The Free Parliament: Questions," *The Critic*, 20 (July 15, 1893), 48.

Information about a poem on the death of Camoens is requested.

842. "Literature: 'The Life of Sir Richard Burton,'" *The Critic*, 20 (Sept. 16, 1893), 11A-12A.

Justin McCarthy's poem on Burton, which mentions Camões, is quoted.

843. "Brief Comment: Literary Doings," *Current Literature*, 14 (Oct. 1893), 330.

"Lady Burton has kept all her husband's books classified, as he kept them himself, with a catalogue; and has separate shelves ticketed and numbered; for example, *Sword*, *Gypsy*, *Pentamerone*, *Camoens*, and so on."

844. Theodore Gilman, "Heredity Versus Evolution," *The Monist*, 4 (Oct. 1893), 89-90.

"Camoens, the epic poet of Portugal of the sixteenth century, not only fascinated his countrymen with the charm of his poetry, but also by his dazzling beauty as a pure blonde, descended from and surrounded by a swarthy race."

845. S. Arthur Bent, "Illuminating Power of Anecdote [from *The North American Review*]," *Current Literature*, 14 (Oct. 1893), 202.

"We are touched by the sight of Cervantes dying in a dungeon and Camoëns yielding up his miserable life in a hospital."

846. James S. Payn, "English Notes," *The Independent*, 45 (Oct. 26, 1893), 5.

Refers to Mickle's "exquisite translation of Camones' [sic] 'Lusiad.'"

847. "Thomas Nelson Page's Works," *The Critic*, 20 (Dec. 16, 1893), 390.

"The 'Lusiadas' glows with the patriotism of Portugal."

848. "A Week's Musical Topics," *New York Times*, Mar. 11, 1894, p. 13.

Notes that Augusto Machado, Director of the Lisbon Conservatory, has composed "a symphonic ode for the third centenary of Camoens."

849. J. D. Jerrold Kelley, "Superstitions of the Sea," *The Century*, 48 (July 1894), 425.

"That dreadful specter of the Cape, Adamaster [sic], who is sometimes seen even yet, in the twilight, hovering in cloud and mist over the white folds of the Devil's Tablecloth mantling the headland of Good Hope."

850. "Literary Notes," *Outlook*, 50 (Dec. 22, 1894), 1099.

Refers to Mrs. Browning's "beautiful lyric, called 'Catarina to Camoens.'"

851. "Open Questions: Talks with Correspondents," *Current Literature*, 17 (Mar. 1895), 288.

According to Edmund Gosse, the title *Sonnets from the Portuguese* was intended to suggest the poem "Caterina to Camoëns." As Robert Browning insisted, "They are Caterina's sonnets!"

852. George Merriam Hyde, "Personalities and Biography," *Outlook*, 51 (Mar. 2, 1895), 344.

"Camoëns was one-eyed."

853. "Miscellany: How One of Mrs. Browning's Books was Named," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 61 (June 1895), 858-59.

Repeats Edmund Gosse's account of how *Sonnets from the Portuguese* got its title; mentions "Catarina to Camoens."

854. "Literary Notes," *New York Times*, June 1, 1895, p. 3.

Richard Garnett has translated "over 100 sonnets from Dante, Petrarch and Camoëns."

855. "Books and Authors," *Outlook*, 51 (June 29, 1895), 1139.

Camões composed *Os Lusíadas* in Macau.

856. Ugo Fleres, "The Physiognomy of the Arts [translated from the Italian *Nuova Antologia*]," *The Chautauquan*, 21 (July 1895), 400.

"We apply the term poetry to the works of Homer, Virgil, Dante, Ariosto, Camoëns; Shakespeare, Calderon, Molière, Goldoni, Petrarch, Leopardi, Byron, Alfred de Musset."

857. George Merriam Hyde, "Personalities and Biography [from *The Outlook*]," *Current Literature*, 18 (July-Dec. 1895), 18.

"The literary paragrapher tells us that Horace was blear-eyed, and Camoëns one-eyed."

858. William Wordsworth, "The Sonnet," *Current Literature*, 18 (Nov. 1895), 388.

Reprints Wordsworth's "Scorn not the sonnet," which mentions Camões.

859. J. Theodore Bent, "The Land of Frankincense and Myrrh [from *Nineteenth Century*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 62 (Nov. 1895), 634.

In *Os Lusíadas* Camões refers to Dhofar.

860. J. Theodore Bent, "The Land of Frankincense and Myrrh [from *Nineteenth Century*]," *Littell's Living Age*, 207 (Nov. 9, 1895), 348.

In *Os Lusíadas* Camões refers to Dhofar.

861. "The Art of Translation [from *The Quarterly Review*]," *Littell's Living Age*, 207 (Nov. 16, 1895), 389.

"Why this constant succession of translations of authors already again and again translated? The whole of Homer, the whole of Virgil, of Dante, of Cervantes, of Camoens, Aeschylus, Sophocles, Euripides, the Odes of Horace, Goethe's Faust, the songs of Heine, these are tasks men seem never weary of imposing upon themselves."

862. Lilian Allen Martin, "Agricultural: Some Tropical Plants at Home," *New York Observer and Chronicle*, 73 (Nov. 21, 1895), 817.

Refers to "the famous gardens of Camoens" in Macau.

863. Richard Henry Stoddard, "Longfellow," *Lippincott's Monthly Magazine* (Jan. 1896), 97.

Mickle's *Lusiad* is "a colorless paraphrase" of the original.

864. "A Portuguese Hero [Affonso d'Albuquerque]," *New York Times*, Feb. 17, 1896, p. 4.

"The Portuguese and the French have always failed as colonizing powers because of their distrust of and ingratitude to some of their greatest sons in the East. Even Camoëns was a victim."

865. Lilian Whiting, "Elizabeth Barrett Browning," *The Bookman*, 3 (Mar. 1896), 39.

Quotes from "Catarina to Camoens."

866. Margherita Arlina Hamm, "The Holy City of Macao," *Peterson Magazine*, 6 (Apr. 1896), 369.

Refers to Camões's Grotto.

867. "Chronicle and Comment," *The Bookman*, 3 (Aug. 1896), 492.

Refers to Richard Garnett's "new translation of one hundred and twenty-four sonnets from Dante, Petrarch, and Camoens."

868. Madame Sophia Bombiani, "Italy," *New York Observer and Chronicle*, 74 (Aug. 27, 1896), 307.

Built in Italy, Portugal's new ship "is named the Adamastor, or Giant of the Tempest."

869. C. H. Herford, "Critical Kit-Kats," *The Bookman*, 4 (Sept. 1896), 57.

In "the exquisite love-songs addressed by Marianne von Willemer to Goethe," a "real Catarina" addresses someone who is "greater than Camoens, and than Browning, in strains which certainly fall short of Mrs. Browning's in poignancy and intellectual power, but not in lucidity or sincerity."

870. "Essays in Criticism," *Outlook*, 54 (Sept. 26, 1896), 572.

Refers to "Catarina to Camoens."

871. "List of New Books," *The Dial*, 21 (Oct. 1, 1896), 200.

Includes Richard Garnett's *CXXIV Sonnets by Dante, Petrarch, and Camoens*.

872. J. Lawson, "A Day in Goa [from *Temple Bar*]," *Littell's Living Age*, 211 (Oct. 31, 1896), 318.

His guide "was of singular refinement and a dainty intelligence; speaking lovingly of Camoens and his 'Lusiad,' and extolling the fancy of his countrymen."

873. "Literary: Recent Verse," *The Hartford Courant* (Nov. 2, 1896), p. 11.

"More ruggedly imaginative [than Petrarch] is Camoens, whose theme is also love and whose Muse has in it the exile's melancholy" is the conclusion reached in a review of Garnett's *Dante, Petrarch, Camoens, CXXIV Sonnets*.

874. "One Volume Brings \$500," *New York Times*, Nov. 12, 1896, p. 3.

Included in an auction of the collection of Henry F. Sewall were "Luis de Camoens: The Lusiad; or, Portuguese Historical Poems, Newly put into English by Richard Fanshawe,' London, 1655, \$21.

A translation of De [sic] Camoens poems by Lord Strangford, printed in London in 1804, brought 80 cents, and a later translation 75 cents."

875. "Notes," *The Critic*, 26 (Dec. 26, 1896), 429.

Sir Richard Burton's unpublished manuscripts include "two additional volumes of Camoens."

876. "New Editions," *Outlook* (New York), 8 (Feb. 20, 1897), 563.

Kate Milner Rabb's *National Epics* includes a description of "the 'Luciad' [sic]."

877. "Recent Verse," *The Independent*, 49 (Apr. 22, 1897), 19.

Refers to Richard Garnett's publication of sonnets by Camões.

878. G. Valbert, "A Swiss Tourist [from the *Revue des Deux Mondes*]," *Littell's Living Age*, 213 (Apr. 24, 1897), 238.

At Macau M. Seippel "passed some hours of delightful dreaming in the deserted garden where Camoëns composed his 'Lusiad.'"

879. "C. L. S. C. Notes and Word Studies," *The Chautauquan*, 25 (May 1897), 213.

A reference in the lesson "Victor Hugo as a Poet" is explained: "'Lusiad.' An Epic by Camoens in ten cantos, published in 1572. It is the national epic of Portugal."

880. John Russell Young, "When General Grant Went Round the World," *The Ladies' Home Journal*, 14 (May 1897), 4.

"Macao was visited, and we did homage at the grotto of Camoens."

881. Edward Salmon, "1497-1897: East and West [from the *Fortnightly Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 65 (June 1897), 751B.

Camões describes Vasco da Gama's crew "as heroes, but Correa takes the view that they were poltroons.... The sense of triumphant joy at da Gama's heart, as he gazed upon" India, is expressed by Camões: "Gama's great soul confest the rushing swell, / Prone on his manly knees the hero fell; / O bounteous heaven, he cries, and spreads his hands / To bounteous heaven, while boundless joy commands / No further word to flow."

882. "A Handbook for the Study of Epics," *The Dial*, 22 (June 1, 1897), 337.

K. M. Rabb's *National Epics* includes a consideration of Camões.

883. Edward Salmon, "1497-1897: East and West [from *The Fortnightly Review*]," *Littell's Living Age*, 213 (June 5, 1897), 663.

Camões describes Vasco da Gama's crew "as heroes, but Correa takes the view that they were poltroons.... The sense of triumphant

joy at da Gama's heart, as he gazed upon" India, is expressed by Camões: "Gama's great soul confest the rushing swell, / Prone on his manly knees the hero fell; / O bounteous heaven, he cries, and spreads his hands / To bounteous heaven, while boundless joy commands / No further word to flow."

884. "The Genius of James Clarence Mangan, Poet," *Catholic World*, 65 (July 1897), 533.

Refers to Mangan's translation of "the well-known 'Mariner's Bride' from Camoens."

885. M. Bourchier Sanford, "Some Woman Writers of Canada," *Godey's Magazine*, 135 (July 1897), 14.

Sara Mickle is the "great-granddaughter of the poet-translator of the 'Lusiad.'"

886. A. H. Mickle Saltonstall, "Mickle of Long Island," *The New York Genealogical and Biographical Record*, 28 (July 1897), 162.

Refers to Mickle, "the translator of the 'Luciad' [sic] of Camoens."

887. "National Epics," *The Critic*, 27 (July 31, 1897), 58.

Refers to Camões's *Os Lusíadas*.

888. "Current Literature: Camoens," *New York Times*, Sept. 12, 1897, p. 21.

Reprints Garnett's translation of a Camões poem, beginning "Apparel of green woods and meadows gay."

889. Mary J. Serrano, "A Plea for the Translator," *The Critic*, 28 (Sept. 25, 1897), XLA.

"Say that he [the literature reader] knows every language but Portuguese—can he afford to know nothing of Camoens?"

890. Havelock Ellis, "Statistics of Genius and Stature [from *Nineteenth Century*]," *Current Literature*, 22 (Oct. 1897), 332.

Camões is considered to have been of medium height for his time.

891. "Snap Shots," *Forest and Stream*, 49 (Dec. 4, 1897), 1.

"Camoëns was a poet of nature; exquisite bits of description are found in his poem. Of two famous passages, one is that in which the adventurous seamen are confronted in the night by the warning apparition of the Giant of the Cape... another is the description of the Island of Venus... That which has prompted our allusion to Camoëns, however, is this simile, which, considering the three centuries that have elapsed since it was written, is interesting as showing that the Portuguese poet knew something of shoulder-guns and retrievers: 'So, when the fowler to his cheek

uprears / The hollow steel, and on the mallard bears, / His eager dog, ere bursts the flashing roar, / Fierce for the prey, springs headlong from the shore, / And barking, cuts the wave with furious joy."

892. "Vasco da Gama," *New York Times*, June 4, 1898, p. BR367.

"It was right that Vasco da Gama, who forged the last link, should have the first place which Camoens had assigned to him, *primus inter pares*."

893. "Recent Solar Eclipses [from the *Edinburgh Review*]," *Littell's Living Age*, 218 (July 2, 1898), 7.

"Among the accessions to Professor Schaeberle's party was Mr. Aubertin, translator of the sonnets of Camoens."

894. Frances Albert Doughty, "Noted Bachelors and Spinsters," *Catholic World*, 67 (Aug. 1898), 651.

"The Portuguese poet, Camoens, wrote impassioned verses in his fiery youth to a golden-haired Caterina under the name of Natercia. He mourned her death also in his sad 'Rimas,' and had neither wife nor child to comfort his exile."

895. E. Baumer Williams, "Some Unpublished Letters of Robert Southey [from *Blackwood's Magazine*]," *Littell's Living Age*, 218 (Sept. 24, 1898), 848-49.

Quotes Southey: "The fate of Camoens stares me in the face, and if I did go [to India], prudence would be the *ostensible* motive, but the real one would be curiosity. ... The grim irony of Camoens's dying words fitly illustrates his life. 'Who ever heard,' he says, 'that Fortune should wish to represent such vast misfortunes on such a little theatre!'"

896. "The Builders of Britain and Portugal," *The Critic*, 33 (Nov. 1898), 391.

Gama's "voyage gave rise to the magnificent epic of Camoens, so beautifully translated by Sir Richard Burton, the *Lusiadas*, the MS. of which the poet is said to have saved from a shipwreck by swimming ashore with it held between his teeth."

897. W. G. Bowdoin, "Bookbindings on Exhibition," *New York Times*, Nov. 19, 1898, p. BR783.

At an exhibition given by Charles Scribner's Sons at their Fifth Avenue location, "Stikeman was represented by a binding of No. 52 of a privately printed copy of 'Love Poems,' from the Portuguese of Luis Do [sic] Camoens."

898. J. G. Alger, "Napoleon in Egypt [from the *Westminster Review*]," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 68 (Dec. 1898), 756.

At the Institute of Egypt "the ornamental was mingled with the useful. Perseval de Grandmaison recited translations of Tasso and Camoens."

899. Granville P. Hurst, "Fate's Revenge," *Overland Monthly and Out West Magazine*, 33 (Feb. 1899), 172.

"One day while they two were lounging in sweet idleness in the hammocks, she was carelessly turning the leaves of the 'Lusiad,' which he had brought to camp."

900. A. Blackwood, "Peter Pindar," *New York Times*, Oct. 7, 1899, p. BR676.

Refers to Pindar's satirical poem "The Lusiad."

901. Charles W. Drees, "Twenty-five Years of Missionary Work in Mexico and South America," *Christian Advocate*, 74 (Nov. 16, 1899), 1829.

He has heard songs of salvation sung in "the tongue of Camoens."

902. Francis S. Borton, "The Book-Hunter in Mexico," *The Bookman*, 10 (Feb. 1900), 585.

Borton found copies of Camões's *Rimas* (1598) and *Os Lusíadas* (1597).

903. "A Shattered Dream," *Current Literature*, 27 (Mar. 1900), 196.

Walter M. Gibson is the author of an "Essay on Camoens."

904. Andre Bellesort, "Cities of the Far East: Macao and Canton," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 71 (Mar. 1900), 318.

Refers to Camões's grotto.

905. "For the Benefit of Our Readers: Questions and Answers," *New York Times*, Mar. 3, 1900, p. BR12.

T. W. Higginson includes a translation of a sonnet by Camões in *The Afternoon Landscape*.

906. S. G. W. Benjamin, "S. G. W. Benjamin Reads It Often—Other Books," *New York Times*, June 16, 1900, p. BR30.

Recommends Camões to his readers.

907. "Hints from the Mailbag: 'Mrs. Browning's Sonnets from the Portuguese,'" *New York Times*, June 30, 1900, p. BR5.

Mrs. Browning's "Sonnets from the Portuguese" are "not translations in any sense whatever, the title being used as a "blind" merely, as these sonnets were a complete history of her own courtship, written at intervals during that courtship. During their honeymoon at Pisa, Italy, Mrs. Browning presented the manuscript to Robert

Browning. He esteemed the poetry too exquisite for merely his own enjoyment, and persuaded her to include them in her next volume, which she did, choosing as a title "Sonnets from the Bothnian." Mr. Browning, however, induced her to change it to "Sonnets from the Portuguese," as the reading of her poem, "Catarina to Camoens," had led him to desire to meet Elizabeth Barrett, and "Little Portuguese" was the name by which he afterward frequently addressed her."

908. "Macao and the Camoens Memorial," *The Literary World*, 31 (Aug. 1, 1900), 152-53.

An account of Camões's life.

909. Daniel F. Randolph, "Life on a Man-o'-War," *New York Observer and Chronicle*, 78 (Aug. 23, 1900), 252.

"Apparitions were common; horned and monstrous seamen; Adamastor, the spectre of the Cape, sometimes being seen hovering on cloud and mist over the headland."

910. [Edward S. Holden], "Wanted—A Retrospective Review" (The Contributors' Club), *Atlantic Monthly*, 86 (Sept. 1900), 429.

"It is not only in prose that the [Retrospective] Review would serve its purpose, but in poetry also. Every one knows that Sa'di is a great poet, but how many of us can quote a line from his Rose-Garden? or from Ronsard? or Villon? or Camoëns?"

911. Theodore L. De Vinne, "A Book that Won the Grand Prize," *New York Times*, Oct. 27, 1900, p. BR8.

"The Exposition of Paris has given a grand prize for good printing... to the Imprensa Nacional of Lisbon, Portugal. A copy of this book now before the writer thoroughly justifies the award. Its title is 'Camões pelo visconde de Almeida Garrett, Prefaciado por José de Sousa Monteiro, Socio Effectivo da Academia Real des [sic] Sciências.'"

912. Edmund Noble, "The Future of Russia," *Atlantic Monthly*, 86 (Nov. 1900), 609.

Camões was part of "the literary revival that made common European property of the writings of Dante and Ariosto and Tasso in Italy, of Cervantes and Lope de Vega and Calderon in Spain," and "of Shakespeare in England."

913. "Lectures on Portuguese Poetry," *New York Times*, Mar. 31, 1901, p. 3.

"A series of lectures on Portuguese poetry... will consist of four lectures, which will be given as follows: April 3, 'Portuguese Poetry'; April 10, 'The Predecessors of Camoens'; April 17, 'Camoens'; April 24, 'Portuguese Poetry After Camoens.'"

914. Luis de Camoens, "Love Song," *Current Literature*, 31 (Oct. 1901), 480.

Reprints a translation of a Camões poem, beginning "The heart that warmed my guileless breast."

915. "Do National Events Inspire Poetry?" *Current Literature*, 31 (Nov. 1901), 514.

"Camoens chose a recent event as the subject of the Portuguese epic, the discovery of the Southern passage to India by Vasco de [sic] Gama, and he interwove with the story every legend and incident of national heroism, along with much incongruous romance."

916. [Macau], *New York Times*, Dec. 16, 1901, p. 1.

Camões "composed a great part of his 'Lusiad'" at Macau.

917. [Answer], *New York Times*, Dec. 21, 1901, p. BR15.

The line "Sweetest eyes were ever seen" appears in Mrs. Browning's poem called "Catarina to Camoens."

918. "Spanish Life in Town and Country," *New York Times*, June 28, 1902, p. BR5.

"With no intellectual life since Camoens, with but a shadow of that greatness which they seemed once on the verge of grasping when their navigators were the first in the world, with the everlasting burden of a corrupt Church harness upon them, with little ambition and with that distressing procrastination—summed up in the word *mañana*—which they share with the Spaniards, the outlook for Portugal is gloomy enough."

919. Sterling Heilig, "The Over-Sea Experiments of Santos-Dumont," *McClure's Magazine*, 19 (July 1902), 7.

"It darted out to sea, its scarlet pennant bearing the mystic initials fluttering like a streak of flame behind. The initial letters are those of the first line of Camoens' 'Lusiad'—the epic poem of the aeronaut's race—P. M. N. D. A. N. *Por mares nunca d'antes navegados* ('By seas yet unexplored')."

920. George W. Smalley, "English Men of Letters: Personal Recollections and Appreciations," *McClure's Magazine*, 20 (Jan. 1903), 299.

Smalley saw Burton "sitting on the landing steps" at "a smoking party" in London. When asked about the book he was holding, "he handed up the little volume, in its dark, queer cover, much the worse for wear—a volume of Camoens in the Portuguese, which he was translating into English."

921. George E. Woodberry (ed.), "The Poe—Chivers Papers," *Century Illustrated Magazine*, 65 (Feb. 1903), 554.

Thomas Holley Chivers writes to Augustine Duganne: "The line to which you object and italicise in [Chivers' poem] 'The Lusiad,' is the best in the verse. The Circassians never 'shave' their hair. The word 'shaven' is the most *poetical* that could have been used."

922. Walter Frewen Lord, "Charles Reade's Novels," *Littell's Living Age*, 238 (Sept. 5, 1903), 582.

Reade "has given us to see the North-West Passage forced, and winter bearded on his everlasting throne by another [English hero]. (Is it the hero's fault if self and snowdrop singing poetasters cannot see this feat with the eyes of Camoens?)"

923. Walter Frewen Lord, "Charles Reade's Novels," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 141 (Oct. 1903), 552.

Reade "has given us to see the North-West Passage forced, and winter bearded on his everlasting throne by another [English hero]. (Is it the hero's fault if self and snowdrop singing poetasters cannot see this feat with the eyes of Camoens?)"

924. "Literature," *The Independent*, 56 (Mar. 24, 1904), 670.

Garnett's "comparative criticism would have been stronger if he had confined himself more closely to Ariosto and said less of Tasso and Camoens, with whom Spenser had so much less in common."

925. Annie Russell Marble, "Modern Echoes of Petrarch," *The Dial*, 37 (July 16, 1904), 30.

"In their Italian studies, the Brownings found Dante and Camoens more stimulating than Petrarch."

926. Walter Frewen Lord, "The Kingsley Novels," *The Eclectic Magazine of Foreign Literature*, 143 (Sept. 1904), 296.

"The melodrama of the Portuguese Empire is never fully understood until we have heard and realized *Adamastor re dell' onde profonde*."

927. "Abbe Correa de Serra, the Priest Ambassador of Portugal to the United States," *The American Catholic Historical Researches*, 1 (Jan. 1905), 38.

Refers to the "immortal Camoens."

928. "Queries," *New York Times*, Feb. 11, 1905, p. BR94.

Lists Richard Burton's work on Camões.

929. Richard Watson Gilder, "A Romance of the XIXth Century: Robert and Elizabeth Barrett Browning," *The Century Illustrated Magazine*, 70 (Oct. 1905), 921.

"Browning, who called the author of 'Catarina to Camoëns' his 'own little Portuguese,' named the title [*Sonnets from the Portuguese*] that prevailed."

930. "A Study of the Love Poetry of the Brownings," *Current Literature*, 39 (Nov. 1905), 499.

Quotes Edmund Gosse on "Catarina to Camoens."

931. Edwin Wildman, "A Reading Journey in China: Southern Ports—Macao," *The Chautauquan*, 42 (Feb. 1906), 511-12.

Retells the story of Camões and Catarina de Ataíde as the prelude to Camões's exile to Macau.

932. "Review Questions," *The Chautauquan*, 42 (Feb. 1906), 533.

"What is the subject of 'The Lusiads?'"

933. "Library Shelf: Luiz de Camoens," *The Chautauquan*, 42 (Feb. 1906), 533-35.

Tells the life of Camões and quotes him in Aubertin's translations.

934. "Suggestive Programs for Local Circles," *The Chautauquan*, 42 (Feb. 1906), 559.

Suggests reading "The Lusiads."

935. Guy Morrison Walker, "The Travel Club," *The Chautauquan*, 42 (Feb. 1906), 560.

Suggests reading a selection from "The Lusiads."

936. "Dr. Richard Garnett Dead," *New York Times*, Apr. 14, 1906, p. 11.

Garnett's "translations of sonnets by Dante, Petrarch, and Camoens, his versions of poems in the Greek Anthology, and his original verse have all had many enthusiastic readers."

937. George R. Bishop, "Japan as a World Power," *New York Times*, Apr. 14, 1906, p. BR240.

"As to De [sic] Gama, credited with having first voyaged to India round the Cape, the dates are: Sailing from the Tagus, Saturday, July 8, 1497, reaching Calicut, India, May 20, 1498, and returning to Lisbon in August or September, 1499. On the voyage he had lost his brother, half his ships, and more than half his crew. His voyage supplied a theme for the 'Lusiad' of Camoens."

938. "Elizabeth Barrett Browning," *Littell's Living Age*, 249 (Apr. 21, 1906), 177.

Refers to "Catarina to Camoens."

939. "An English Scholar," *Outlook*, 82 (Apr. 21, 1906), 870.

The late Richard Garnett translated Camões's sonnets.

940. "The Brazilian Ambassador to the United States," *Bankers' Magazine* (Cambridge), 77 (July 1908), 108.

Ambassador Joaquim Nabuco is the author of *Camoës e os Lusíadas*."

941. Percy F. Bicknell, "Life of 'The Arabian Knight,'" *The Dial*, 41 (July 16, 1906), 30-31.

In the *Life of Sir Richard Burton*, Thomas Wright concludes: "as a faithful rendering, the book was a success, for Burton had drunk *The Lusíads* till he was super-saturated with it.... Regarded, however, as poetry, the book was a failure; and for the simple reason that Burton was not a poet."

942. "In the Footprints of Camoëns [from *Macmillan's Magazine*]," *Living Age*, 250 (Sept. 15, 1906), 669-74.

Retells the story of Camões in Macau.

943. F. H. Morgan, "The Romance of the Subscription List," *Zion's Herald*, 84 (Dec. 19, 1906), 1614.

Quotes Camões's lines about Chersonèse.

944. Percy Bysshe Shelley, "A Defense of Poetry," *The Bibelot* (Portland), 13 (Jan. 1, 1907), 58.

"If the title of epic in its highest sense can be refused to the *Æneid*, still less can it be conceded to the Orlando Furioso, the *Gerusalemme Liberata*, the *Lusiad*, or the *Fairy Queen*."

945. "A Review of the World," *Current Literature*, 43 (Oct. 1907), 378.

Refers to "the glamour thrown by Camoens's *Lusiad* upon his native Portugal."

946. [R. L. C. White answers a query by J. L. C., Oct. 19], *New York Times*, Nov. 9, 1907, p. BR723.

"The poem beginning 'Just like love is yonder rose' is a translation from the Portuguese of Camoens."

947. "Lady Fanshawe's Lively Memoirs," *New York Times*, Jan. 4, 1908, p. BR9.

Richard Fanshawe "not only had a great political career, but won somewhat wide fame as a poet, published not only a volume of original verse, but charming translations of the '*Lusiad*' of Camoëns."

948. John J. O'Shea, "Portugal, Paraguay and Pombal's Successors," *The American Catholic Quarterly Review*, 33 (Apr. 1908), 251.

"The spirit of Don Sebastian is not yet extinct in the land of Camoens; and while that spirit lives there is yet hope for Portugal."

949. Elizabeth L. Cary, "Camoens, Poet of the New World," *New York Times*, Aug. 8, 1908, p. BR435.

"Camoens is a subject rewarding from many points or view to the scholar who knows him; and one can only respect the judgment that prompts Mr. Nabuco to say that he did not come to 'submit to criticism what an immemorial proscription raises above it,' nor yet to indulge in invidious comparisons, but only to show that his poet 'is one of those peaks, which cannot be measured, of the immortal chain of creators.'"

950. "Queries and Answers," *New York Times*, Nov. 23, 1908, p. SR694.

A copy of Strangford's version of Camões's poetry, published in Philadelphia in 1803, "seems to have no special [monetary] value."

951. "Macao," *The Youth's Companion*, 82 (Dec. 24, 1908), 654.

Camões wrote part of his "'Lusiad' in a grotto in Macau.

952. Charles Leonard Moore, "The Case of Poe and His Critics," *The Dial*, 47 (Nov. 16, 1909), 369.

"The Spirit of the Cape which appears to Vasco de [sic] Gama in Camoën's [sic] poem" is an example of "the physical sublime."

953. "The Charm of China," *The Dial*, 47 (Dec. 1, 1909), 456.

John Stuart Thomson's *The Chinese* includes a chapter on "The Portuguese and Camoëns in China."

954. "A Queer Place," *The Hartford Courant* (Dec. 16, 1909), p. 8.

"The poet Camoens lived and died at Macao. Of course, you are familiar, gentle reader, with him and his works and it is not necessary to exploit that phase of the town's history."

955. William Aspenwall Bradley, "Inspiration and Poetic Energy [review of George Edward Woodberry's *The Inspiration of Poetry*]," *New York Times*, Mar. 26, 1910, p. BR7.

"Since our National existence began, there has opened for us no one of those great lines of fracture in human progress along which, asserts Prof. Woodberry, great literatures are wont to arise. It was in accordance with this principle 'that Marlowe was the child of the Renaissance in England, that Camoens was the poet of world-discovery, that Byron was the star of the revolutionary spirit on the Continent, and Tasso foretold the age of music, and Lucretius stood in the dawn of scientific reason.'"

956. "The Book Mart," *The Bookman*, 31 (Apr. 1910), 215.

Lists George Edward Woodberry's *The Inspiration of Poetry*, which includes commentary on Camões.

957. "Exemplars of Poetic Energy," *The Dial*, 49 (July 16, 1910), 44.

"Camoens saw the world in the sixteenth century, when Portugal was penetrating every sea, and thus became the 'poet of world-discovery.'"

958. "*The Inspiration of Poetry* by George Edward Woodberry," *New York Observer and Chronicle*, 89 (Aug. 11, 1910), 182.

Refers to Camões.

959. William R. Shepherd, "The Hispanic Museum," *The Independent*, 69 (Nov. 10, 1910), 1034.

On the frieze of the Hispanic Society of America building in New York "are carved the names of Columbus the mariner, Cervantes the novelist, Lope de Vega the dramatist, Camoens the poet."

960. "*The Inspiration of Poetry*," *The Independent*, 70 (Mar. 2, 1911), 473.

Refers to Camões.

961. "An Accidental Language," *The Youth's Companion*, 85 (Mar. 9, 1911), 132.

Offers the example of two Russians who have learned Portuguese by studying the works of Camões.

962. "A Survey of Pre-Renaissance Literature," *The Dial*, 50 (Mar. 16, 1911), 218.

Camões is one of Ezra Pound's subjects in *The Spirit of Romance*.

963. "Contributors to this Number," *The North American Review*, 193 (June 1911), 2.

Richard Garnett's books include *One Hundred and Twenty-Four Sonnets of Dante, Petrarch, and Camoens*.

964. Frederic Taber Cooper, "Ambrose Bierce: An Appraisal," *The Bookman*, 33 (July 1911), 475.

Quotes Bierce: "'What more than they gave,' he asks, 'might we not have had from Virgil, Dante, Tasso, Camoens and Milton if they had not found the epic poem ready to their misguided hands?'"

965. "Wordsworth Anatomized," *The Dial*, 52 (Jan. 1, 1912), 16.

Enshrined in Wordsworth's poems are "the names of Homer, Plato, Horace, Virgil, Dante, Petrarch, Tasso, Camoens, and Cervantes."

966. Edgar Saltus, "Victor Hugo," *Forum* (June 1912), 669.

"Tennyson's manners are perfect. The charm that Vergil, Camoens and Goethe exhale is, relatively, as engaging.... Vergil, Milton, Camoens and Goethe are human beings. Homer Æschylus, Dante and Shakespeare are human oceans."

967. "Portugal Warms to Envoys," *New York Times*, June 9, 1912, p. C3.

The Lisbon Geographical Society "presented to the commission for President Taft a magnificent copy of the epic poem 'Lusiad,' written by the great Portuguese poet Camoens."

968. "Queries and Answers: Crowning a Dead Queen," *New York Times*, June 16, 1912, p. X9.

"Camoens, the Portuguese poet, has written a tragedy on the subject [of Inez de Castro], and Mrs. Hemans a poem. There is also a picture by a modern Spanish artist in the new gallery at Barcelona portraying the ghastly incident."

969. "Literature and Thought," *The Dial*, 53 (Aug. 1, 1912), 2.

"The famous poets of the older world" may write "the epic of the heroic life, as do Tasso and Camoëns," but they do not make "contributions to knowledge."

970. Arthur Benington, "Translations of Shakespeare and Others," *The North American Review*, 196 (Sept. 1912), 384.

"It was upon such caricatures" as these French translations, "held up to the European world as typical of Shakespeare, that Voltaire based his venomous scorn for the Englishman. And he played Judas in the same way to Tasso, Ariosto, and Camoens."

971. "Browning Letters Sold for \$32,750," *New York Times*, May 3, 1913, p. 3.

The sale included an "autograph manuscript, early draft, of 'Catarina to Camoens.'"

972. "Bomb Kills a Parader," *New York Times*, June 11, 1913, p. 5.

"One person was killed and many others wounded by a bomb thrown to-day at a procession in honor of Portugal's great epic and lyric poet, Louis [sic] de Camoens."

973. "European Notes," *The Independent*, 74 (June 19, 1913), 1413.

In Lisbon a bomb was thrown while "a procession was honoring the greatest of Portuguese poets, Camoens."

974. Theodore Roosevelt, "Character and Civilization," *Outlook* (Nov. 8, 1913), 528.

Refers to Camões as one of the "spiritual heirs of the Hellenic republic and Hellenistic kingdoms."

975. William A. Webb, "Dante and His Influence Upon the English Poets," *The South Atlantic Quarterly*, 13 (1914), 245.

Quotes lines from Wordsworth's sonnet mentioning Camões.

976. Theodore Roosevelt, "From Ox Cart to Motor Car in the Andes," *Outlook* (May 23, 1914), 179.

Refers to Camões.

977. "Other Books Received," *Bulletin of the American Geographical Society of New York*, 47 (1915), 974.

Acknowledges receipt of *A Astronomia dos Lusíadas* by Luciano A. Pereira da Silva.

978. Joseph Jacobs, "Imperial Britain [review of J. A. Cramb's *The Origins and Destiny of Imperial Britain*]," *New York Times*, Feb. 28, 1915, p. BR71.

"His pages here are filled with references to Cynewulf, Caedmon, Marlowe, Rousseau, Turgenev, Ibsen, Tolstoy, Carlyle, Camoens, and Victor Hugo."

979. "Little Portugal's Greatest Poet," *The Youth's Companion*, 89 (May 20, 1915), 260.

Tells the story of Camões's life.

980. "Frank Harris's Vindication of an 'Untamed' and Rejected Genius," *Current Opinion*, 59 (Sept. 1915), 196.

Discusses Burton's work on Camões..

981. "John Brown Letter Included in Sale," *New York Times* (Jan. 16, 1916), p. 15.

Among the sale items is a letter from the American writer Washington Irving, in which he "gives information regarding the poet Camoens and books on his life and works."

982. "Queries and Answers from Readers," *New York Times*, July 23, 1916, p. BR295.

Robert Browning sometimes called the writer of *Sonnets from the Portuguese* "his 'little Portuguese,' in connection with her poem 'Catarina to Camoens'; whence the title chosen when the 'Sonnets' were published, affording a veil, however slight, to conceal the identity of the author."

983. Belle and Kermit Roosevelt, "Two Book Hunters in South America," *The Bookman*, 44 (Oct. 1916), 137.

In Brazil "Camões is read in the schools, and a quotation from the *Lusiads* is rapidly capped by a casual acquaintance in the remotest wilderness town."

984. Brander Matthews, "What is American Literature?" *The Bookman*, 44 (Nov. 1916), 223.

Quotes Don Juan Valera: "Political union may be severed, but, between peoples of the same tongue and of the same race, the ties

of spiritual fraternity are indissoluble, so long as their common civilisation lasts. There are immortal kings and emperors who reign and rule in America by true divine right and against whom no Washington or Bolivar shall prevail and from whom no Franklin can snatch the sceptre. These tyrants are named Cervantes, Shakespeare, and Camoens."

985. William A. Quigly, "To Love," *The Methodist Review*, 34 (Jan. 1918), 61.

Retells the story of how *Sonnets from the Portuguese* got its title.

986. "A Foretaste of the Season's Fiction," *New York Times*, Feb. 17, 1918, p. 57.

In *Love and Liberty*, Alexandre Dumas presents Lord Nelson as "a giant, another Adamastor."

987. Royal Case Nemiah, "University Reconstruction and the Classics," *The Dial*, 66 (Apr. 19, 1919), 392.

"Later in the development of a nation's literature come epics which are less vigorous in spirit and more formal in structure and diction"; among these is Camões's *Os Lusíadas*.

988. Louise F. Field, "Sleeping Heroes [from the *Contemporary Review*]," *Littell's Living Age*, 14 (May 10, 1919), 361.

"'It is all over for my country, but at least I die with her,' said Camoens on hearing of the king's death, at a time when he himself was dying."

989. Marc F. Vallette, "A Glance at Some Important Facts in Early American History," *The American Catholic Quarterly Review*, 44 (July 1919), 395.

Vasco da Gama is "the hero of the celebrated national epic of Portugal, the *Lusiad* of Camoëns."

990. T. H. Pardo de Tavera, "Recollections of Hongkong, Kowloon, Macao and Canton," *Philippine Review*, 5 (Nov. 1920), 774.

Refers to "the grotto of Camoens, where the great poet loved to sojourn while he was in exile in Macao."

991. Frederick O'Brien, "The Author of 'White Shadows,'" *The Bookman*, 52 (Dec. 1920), 297.

Refers to Macau as "that mysterious garden of distant Portugal where Camoens wrote 'The Lusiad.'"

992. Marguerite Wilkinson, "Dr. Woodberry Defends Poetry," *New York Times*, Jan. 2, 1921, p. BR10.

The Torch and Other Lectures includes "studies of Marlowe, Byron, Gray, Tasso, Lucretius and Camoens."

993. Richard Le Gallienne, "Spanish Poetry in English," *New York Times*, Jan. 9, 1921, p. 48.

This review of *Hispanic Anthology. Poems Translated from the Spanish by English and North American Poets* is illustrated by a print of Camoens from the Hispanic Society of America.

994. Charles Hodges, "Macao: Relic of Portugal's Past Greatness," *The Independent and Weekly Reader*, 107 (Oct. 15, 1921), 46.

Refers to Camões's picturing of Macau in *Os Lusíadas*.

995. Norval Richardson, "Bland Lisbon," *New York Times*, Jan. 15, 1922, p. 45.

"You are quite willing and ready to rest a while in the Praça de Camões and gaze up at the warrior-poet who has sung, better than any other Portuguese, the story of her heroes. In his right hand is a drawn sword; in his left is a volume, his masterpiece, the 'Lusiads,' the epic of Portugal. His own story is almost as thrilling as those he sang.... No one who has not read the 'Lusiads' can claim any real knowledge of Portugal."

996. Arthur Symons, "A Neglected and Mysterious Genius," *Forum* (Mar. 1922), 243.

Burton "dedicated his literal version of the epic of Camoens to 'The Prince of the Lyric Poets of his Day, Algernon Charles Swinburne.'"

997. "Why France Cannot Recognize her Supreme Poet," *Current Opinion* (Sept. 1, 1922), 393.

"No person whose native tongue is English would hesitate a moment were he asked to name the greatest poet who uses the English tongue. An Italian would say at once that Dante is the supreme poet of Italy. The Portuguese has his Camoens and the German has Goethe."

998. "A New Glory of Portugal," *New York Times*, Oct. 5, 1922, p. 18.

With new governmental considerations for writers and artists, "the 'nation' of Vasco da Gama and Camoens is for the moment pre-eminently the nation of the latter."

999. "Latest Works of Fiction," *New York Times*, Nov. 19, 1922, p. 53.

The captions under illustrations accompanying this compendium read: "The Smell of Power as an Aid to Authorship" and "Camoens Wrote on the field of Battle, Bulwer Preferred Perfumed Interiors."

1000. "Poets and Postage Stamps," *New York Times*, Jan. 14, 1923, p. BR6.

"Portugal has honored her national poet, Luis Vaz de Camoens, with a miniature portrait placed on the 50 reis Vasco da Gama

Portuguese and Portuguese Africa stamps of 1898, commemorating the fourth centenary of Vasco da Gama's discovery of the route to India, celebrated by Camoens in his 'Lusiads.'"

1001. Allen W. Porterfield, "Reluctance of the American Novel to Enter the Barn," *New York Times*, Feb. 11, 1923, p. BR2.

"Germany has hers [the great national novel] in Goethe's 'Wilhelm Meister,' Spain has hers in 'Don Quixote,' Portugal has hers in 'The Lusiads.'"

1002. "Augusto Machado," *New York Times*, Mar. 29, 1924, p. 15.

Machado composed the operas 'I Doria,' 'Mario Wetter' and 'La Borghesina' and the cantata, 'Camoens,' which won the Milan prize in 1881."

1003. Gamaliel Bradford, "The Book of the Month: 'Ulug Beg,'" *The Bookman*, 59 (Apr. 1924), 213.

In this review of Leonard Bacon's book, it is pointed out that "even the genius of Tasso and Camoens was not adequate to telling heroic legends in it [the octave stanza] with entire success."

1004. "'Lo, the Poor Nordic!' Professor Osborn's Position on the Immigration Question," *New York Times*, Apr. 8, 1924, p. 18.

Henry Fielding Osborn's view is that "the Northern race is also apparent in Spain, where it appears in her greatest man of letters, Cervantes; but also in Portugal in the poet-hero Camoens, whose ancestors were Goths."

1005. "Current Magazines," *New York Times*, Apr. 13, 1924, p. BR26.

"Outside of excessive travel through difficult territory, apparently the only thrills Mr. [Kermit] Roosevelt got were from the books he carried with him. There were 'Moby Dick,' 'Midshipman Easy,' 'The Oxford Book of English Verse,' a couple of volumes of Camoens, and several of Molière's plays."

1006. Eva Madden, "Portugal's Poetical One-Eyed Devil," *New York Times*, July 13, 1924, p. SM9.

In Aubrey Bell's biography of Camões, the reviewer tells us, "at last the world is to know all there is authentically to know of the adventures of the most daring and active poet of all literature. No figure of letters can even approach him as a Munchausen-like adventurer, for Camoens himself actually went through the thrilling events of the many chapters related of him."

1007. Henry W. Bunn, "A Number of Things," *The Independent*, 113 (Aug. 2, 1924), 79.

1924 marks Camões's centenary.

1008. "Stamps to Stick," *The Youth's Companion*, 98 (Oct. 30, 1924), 721.

The four hundredth anniversary of Camões's birth is observed with the issuing of a series of Portuguese stamps.

1009. "Spanish Directory Intends to Stay," *New York Times*, Dec. 15, 1924, p. 22.

In Madrid King Alfonso spoke "at the opening of the festivities in honor of Camoens, whose centenary is being celebrated with considerable pomp."

1010. Frederick Cunliffe-Owen, C. B. E., "National Honors to Vasco da Gama," *New York Times*, Dec. 21, 1924, p. E3.

Jerónimos Monastery holds the tomb of Camões, "Portugal's celebrated poet."

1011. "Stamps to Stick," *The Youth's Companion*, 99 (Jan. 29, 1925), 79.

In this commemorative year Camões was honored with a new stamp.

1012. Allen W. Porterfield, "In India Religion Is Everything and Everything Is Religion," *New York Times*, July 12, 1925, p. BR14.

"The greatest poet Portugal ever produced, Luis Vaz de Camoens, was quite justified in devoting a cardinal section of his greatest work, 'Os Lusíadas' to glorification of Vasco da Gama's initial arrival at Calicut on the Malabar coast of India on May 20, 1498."

1013. E[sther] P. F[rederick], Review of John G. Neihardt's *The Song of the Indian Wars*, *The Midland*, 11 (Oct. 1, 1925), 309.

"History in verse has seldom been successful. Camoens' *Lusiad* is perhaps the greatest exception, and it has much of legend. Samuel Daniel's *Civil Wars*, with its 'manner better fitting prose,' and Joel Barlow's grandiloquent *Columbiad*, were ambitious failures. The great successes have been made where the matter has been transmuted into legend, as in the *Iliad*, the *Aeneid*, and the Arthurian and Carolingian poems."

1014. Ernest Boyd, "Readers and Writers," *The Independent*, 115 (Nov. 7, 1925), 532.

Refers to Camões.

1015. Herbert S. Gorman, "This, That and the Other Thing," *New York Times*, Nov. 22, 1925, p. BR7.

In *Silhouettes* one of Edmund Gosse's subjects is Camões.

1016. "Pledge a Better Pan-Americanism," *New York Times*, Apr. 23, 1926, p. 14.

Quotes the Argentine Maximo Soto Hall of *La Prensa*: "I come to represent on this occasion that handsome pleiade of peoples that in the New World feel the Latin blood of Christopher Columbus coursing through their veins and whose tongues vibrate with the rich and sonorous language of Camoens and Cervantes."

1017. Luciano Magrini, "In the Footsteps of San Francisco Saverio: An Italian World Pilgrim in Goa," *The Living Age*, 330 (July 3, 1926), 23.

Goa is "the city of which Camoens sang in *Os Lusíadas*."

1018. J. B. G., "Picking Kipling's Dozen [Letter to the Editor]," *New York Times*, July 18, 1926, p. E6.

"Kipling has certainly 'started something' by saying that twelve writers have achieved immortality within the past 2,500 years. Probably 25,000, possibly, 25,000,000, lists of the famous dozen will be drawn up by other men, though he himself wisely declines to name names. Perhaps there would be a fairly general agreement among English-speaking persons as to most of the following: Homer, Aeschylus, Plato, Aristotle, Plutarch, Virgil, Dante, Shakespeare, Cervantes, Milton, Voltaire, Goethe. Lists prepared in European countries would probably omit Milton and include Schiller for Germany, Montaigne for France, Tasso for Italy, Camoens for Portugal, Pushkin or Tolstoy for Russia, Bjornson or Ibsen for Norway and Swedenborg for Sweden."

1019. Ernest Boyd, "Readers and Writers," *The Independent*, 117 (Sept. 11, 1926), 301.

Refers to Camões.

1020. "Still More Charity Stamps," *The Youth's Companion*, 101 (Feb. 24, 1927), 147.

Certain Camões stamps are "obsolete."

1021. "Queries and Answers," *New York Times*, Feb. 27, 1927, p. BR28.

Searches for the identity of the author of a poem that mentions Camões.

1022. [Advertisement for Little Blue Books], *New York Times*, Apr. 3, 1927, p. BR16.

Number 530 in the series is "Camoens: Portuguese Soldier-Lover."

1023. "St. Elmo's Fire Studied," *New York Times*, Jan. 29, 1928, p. 127.

"St. Elmo's fire is a well-worn subject of literary allusion. Camoens describes it in the '*Lusiad*'; Ariosto in '*Orlando Furioso*.' Ariel, in Shakespeare's '*Tempest*,' boards the king's ship in the shape of a corposant."

1024. "A King in Exile Builds a Library," *New York Times*, May 6, 1928, p. 145.

In the collection of the ex-king of Portugal "Camoens, the Virgil of Portugal, is represented by an exceptionally important range of editions of 'Os Lusíadas,' some of which were lent to an exhibition in Paris four years ago."

1025. "New Edition Honors Poet of Portugal," *New York Times*, Dec. 16, 1928, p. X13.

"The *Lusiad*' is really the first modern book. Camoens grew up in the age of great discoveries, when the Portuguese and Spanish navigators found that beyond the little world of the old geography there was the vast new world. But 'The *Lusiad*' was not written solely to celebrate the discovery in 1497 of the way around the Cape of Good Hope by Vasco da Gama. The theme of Camoens is universal. 'The *Lusiad*' is a humanitarian poem, a poem of action and realities."

1026. Ford Madox Ford, "The English Novel from the Earliest Days to the Death of Joseph Conrad," *The Bookman*, 68 (Feb. 1929), 682.

Refers to Lisbon "as the city of Camoëns."

1027. Maurice Larrouy, "China as It Is [from *Le Temps*]," *The Living Age*, 337 (Jan. 1, 1930), 549.

"In a small, peaceful garden [in Macau] a rocky arch shelters the bust of Camoens, the first of our voyaging poets."

1028. Percy Hutchinson, "In Roy Campbell a Force for Poetry's Rejuvenation," *New York Times*, Jan. 25, 1931, p. BR2.

"Adamastor is the ominous spirit of the Cape of Good Hope, represented by the Portuguese poet Camoens, in his national epic, the '*Lusiad*,' as appearing to the navigator Vasco da Gama and prophesying that all other expeditions to India should fail. It was a pretty fancy of the seventeenth century Nationalist; but Adamastor, however terrible he may have appeared, seems to have proved a questionable prophet."

1029. Arthur Bartlett Maurice, "Bon Voyage: Meanderings without Method," *The Bookman*, 72 (Feb. 1931), x.

"Though Portuguese literature has made no great impression on the outside world, the name of Camoens alone and his '*Lusiads*' having wide international significance, it is bound up with the growth of the nation."

1030. Ben Field, "Will and Testament," *Overland Monthly and Out West Magazine* (June 1931), 19.

The poem "Will and Testament" is in the form of the "Glose or Gloze" (sometimes called the "*volta*")—a structure used by Camões.

1031. Barbara R. Scott, "Notes of a Cosmopolitan—The Portuguese Monte Carlo—Macao," *The North American Review*, 232 (Sept. 1931), xiii.

Refers to "the quiet garden" in Macao, "where Camoens, Portugal's exiled poet and adventurer, completed his great epic, *The Lusiads*."

1032. Frank C. Hanighen, "Literary Revolution in Mexico," *New York Times*, May 22, 1932, p. BR8.

Sister Juana Inez de la Cruz's "fresh verse bears favorable comparison with that of Camoens and Santa Teresa."

1033. Peter Monro Jack, "Maugham and the Comic Spirit [Review of W. Somerset Maugham's *The Narrow Corner*]," *New York Times*, Nov. 13, 1932, p. BR6.

"The storm drives the lugger to one of the Kanda isles... It is the island that Camoens visited, and indeed here is Frith, the Cambridge schoolmaster, hidden from the world to translate the 'Lusiads'... He is a refugee from the life he had been born into, and dwells in a narrow corner of the earth, compensating himself now with Upanishads and Lusiads."

1034. "Books Abroad," *The Living Age*, 344 (July 1933), 447.

The reviewer of Paul Claudel's *Le Livre de Christophe Colombe* writes: "The critic does not need to refer to illustrious comparisons. Let him leave Rabelais, Cervantes, and Camoens on the shelves of his library or of his memory."

1035. Barbara E. Scott Fisher, "Notes of a Cosmopolitan," *The North American Review*, 236 (Oct. 1933), vi.

The vaulted ceilings of King Manuel's palace "first echoed the lines of Camoen's [sic] great epic poem, *Las Lusiades* [sic], as he read it before King Sebastian."

1036. Barbara E. Scott Fisher, "Notes of a Cosmopolitan: Along the Garden Route," *The North American Review*, 237 (Feb. 1934), vii.

Referring to *Las Lusiades* [sic], the writer quotes Camões's description of the Cape of Storms.

1037. "The Early Life of Magellan," *Philippine Magazine*, 32 (July 1935), 353.

The exploits of Vasco da Gama are "sung by the one-eyed soldier-poet Luiz Vaz Camoens, in his immortal *Lusiad*."

1038. Samuel Eliot Morison, "Discovering the Greatest Discoverer," *New York Times*, Oct. 9, 1938, p. 26.

"In 1492 proud Europe, the 'soberba Europa' of Camoens's 'Lusiads,' was riding high."

1039. Edward Laroque Tinker, "New Editions, Fine & Otherwise," *New York Times*, Nov. 20, 1938, p. 106.

Refers to "Catarina to Camoens."

1040. "Morison Party in Lisbon," *New York Times*, Oct. 18, 1939, p. 4.

Members of Samuel Eliot Morison's expedition "laid flowers on the tombs of Vasco da Gama and his kinsman, the Portuguese poet, Louis [sic] de Camoens (1524-1580)."

1041. "Latest Books Received," *New York Times*, Mar. 10, 1940, p. 107.

Lists "*The Lusiad*. By Luis de Camoens. 8vo. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. \$3.50" and "Second edition of Sir Richard Fanshawe's translation which first appeared in 1655. Edited, with an introduction by Jeremiah D. M. Ford."

1042. Hans Felix Kraus, "Great Fair in Portugal," *New York Times*, Apr. 21, 1940, p. 133.

"Festivals will honor a great poet, Luiz de Camoes."

1043. Carl Crow, "The Nazi Fiasco in Latin America [from *Time and Tide*]," *The Living Age*, 360 (June 1941), 336.

Popeye is "better known in Latin America than any of the immortal characters created by Cervantes and Camoens."

1044. Elizabeth S. Kingsley, "Double-Croctic," *New York Times*, Jan. 23, 1944, p. SM32.

"G. Portuguese epic by Camoens (with *The*)" is a clue.

1045. Kent B. Stiles, "News of Stamp World," *New York Times*, Sept. 22, 1946, p. X16.

New "Portuguese India" stamps include "Luis de Camoens, poet, on 3r sepia."

1046. Thomas Caldecot Chubb, "An Emperor—and a Navigator [review of *Henry the Navigator* by Elaine Sanceau]," *New York Times*, July 20, 1947, p. BR16.

"Most of all you miss the sweep and surge and space of epic. Camoens, the great Portuguese poet, once wrote an epic about Vasco da Gama. Even if in prose and strictly factual, an epic could be written of Henry too."

1047. "Other Books of the Week," *New York Times*, Aug. 27, 1950, p. BR13.

Lists Leonard Bacon's translation of *Os Lusíadas*, describing it as "Poems by a sixteenth-century Portuguese exile."

1048. Dudley Fitts, "Hymn to Portugal [review of Leonard Bacon's *The Lusiads of Luis de Camões*]," *New York Times*, Dec. 24, 1950, p. 106.

"The Lusiads,' like the 'Aeneid,' is first of all a paean of national consciousness, a hymn of patriotism—the right sort of patriotism... and it scarcely becomes any English-speaking person of the present time to disparage it, to sneer at it, because its global pretensions are so out of key with the sadly reduced Portugal of today. ... Heroic literature has not so many instances of this that we can afford to let unfamiliarity of language or of attitude deprive us of Camões."

1049. "Cervantes Medals Awarded," *New York Times*, Jan. 23, 1951, p. 29.

"The Hispanic Institute in Florida tonight awarded the Cervantes Medal to Leonard Bacon... for his recent translation of the Sixteenth Century Portuguese epic, 'The Lusiads,' by Luis de Camoens," and to J. D. M. Ford "for his 1948 edition of 'The Lusiads' in the original Portuguese text and his editing of Richard Fanshew's Seventeenth Century English translation of the same work."

1050. "Addresses of Truman and Neves da Fontoura at Americas Parley," *New York Times*, Mar. 27, 1951, p. 10.

Quotes the Foreign Minister of Brazil: "The names of Washington, Bolivar, San Martin, O'Higgins, Ipsé Bonifacio, Juárez, Toussaint l'Overture, José Marti and so many others were already listed among that category of semi-gods who, according to the Portuguese writer, Camoes, 'are freeing themselves from the law of death.'"

1051. Kent B. Stiles, "News of the World of Stamps," *New York Times*, Aug. 26, 1951, p. X24.

"A portrait of Portugal's epic poet, Luiz Vaz de Camoëns is on 6a violet and 30a magenta."

1052. Edouard Roditi, "A Literary Letter from Portugal," *New York Times*, Nov. 18, 1951, p. BR23.

"Of the literature of Portugal, the world at large knows pitifully little, at most the names of two of this nation's greatest writers, the sixteenth-century epic poet Luis de Camoens and the nineteenth-century novelist and story-teller Eça de Queiróz."

1053. "On the Radio This Week," *New York Times*, Aug. 24, 1952, p. X10.

Listed under "Leading Events To-day" at "11:35 A.M. -12 M." is "Invitation to Learning: 'The Lusiads,' by de [sic] Camoens—Dr. Lyman Bryson, Andre Michalopoulos, Pierre Szamek, Guests—WCBS."

1054. "Topics of The Times," *New York Times*, Aug. 22, 1954, p. E6.

"The memory of Portugal's golden age lives in the pages of 'The Lusiads' of Camoens."

1055. Marjorie Petersen, "Madeira Remains an Unspoiled Isle," *New York Times*, Jan. 10, 1960, p. X43.

"Madeira was described by the sixteenth-century poet, Camoens, as 'situated at the ends of the earth,' but is easily accessible by steamer from New York via the Azores."

1056. Robert Trumbull, "Macao Sees Itself as 'Monte Carlo' of the East," *New York Times*, May 13, 1962, p. XX27.

Refers to "the lovely Camoens Garden, where the great sixteenth-century Portuguese poet, Luis de Camoens, wrote part of his famous epic, 'The Lusiads.'"

1057. Thomas Lask, "Durrell, Masfield Record Poems," *New York Times*, June 24, 1962, p. 89.

On "Mediaeval Romance Poetry" Mario Pei "summarizes and reads from such works as 'The Song of Roland,' the 'Poem of the Cid' and the 'Lusiad' of Camoes."

1058. C. M. Bowra, "Sweet Singer of Empire [review of Henry H. Hart's *Luis de Camoens and the Epic of the Lusiads*]," *New York Times*, Aug. 26, 1962, p. 291.

"By an extraordinary chance the greatest Portuguese poet, Luis de Camões, not only wrote the epic of this empire in his 'Lusiads' but himself played a varied, harrowing and sometimes humiliating part in its distant outposts. This delightful son of the Renaissance, who was an excellent scholar, a consummate craftsman in the art of words, and a humane, warm-hearted man, passed much of his life trying without success to make a living in countries which were in his day inconceivably distant from his own beloved Portugal."

1059. "New Books Today," *New York Times*, Mar. 28, 1964, p. 17.

Lists "The Lusiads, by Luis de Camoes, in Sir Richard Fanshawe's translation, edited with an introduction by Geoffrey Bullough (Southern Illinois University, \$19.50)."

1060. Crane Brinton, "A Reasonable Time," *New York Times* (Sept. 18, 1965), p. BR5.

"A useful if not indispensable part of National pride in the West is a great literary figure who transcends mere nationalism and achieves the status of 'culture-hero'; Camões is one of those heroes."

1061. Anthony W. Shipps, "Answers," *New York Times*, Apr. 30, 1967, p. 47.

During a voyage to South America a character in Jules Verne's novel *In Search of the Castaways* decides to learn Spanish and teaches himself to read the "Lusiad" of Camoens.

1062. Thomas Lask, "An Odor of Brimstone," *New York Times*, May 27, 1967, p. 29.

Richard Burton was "expert enough to translate Camoen's [sic] epic, 'The Lusiads' from the Portuguese."

1063. John Dos Passos, "Speaking of Books: *Lendas da India*," *New York Times*, Feb. 9, 1969, p. BR2.

"As Camões put it, the early Portuguese navigators traveled 'with the sword in one hand and the pen in the other.'"

1064. Anthony Burgess, "The Book, The Ring, And the Poet [review of a biography of Robert Browning by William Irvine and Park Honan]," *New York Times*, Feb. 24, 1974, p. 304.

"One sonnet of those which" Robert Browning "entitled 'From the Portuguese' meaning not the language but 'that Caterina who left Camoens the riband from her hair') used to be learned by heart in high schools till fairly recently, but it is hard for us to understand the adoration that met 'Aurora Leigh' and, in some shameful instances, rated its author with Shakespeare."

1065. Robert Sherman, "Julio Rosario Sings In Varying Moods," *New York Times*, May 12, 1974, p. 48.

Rosario's "forthright performances rang true. Mostly these were the pieces in Spanish and English, including folk-song arrangements by Montsalvate and Obradors, Jean Berger's 'Four Sonnets' by Luis de Camões and a charming set of 'Blue Mountain Ballads' (to texts of Tennessee Williams) by Paul Bowles."

1066. Richard F. Shepard, "The Portuguese Discovery of Mineola," *New York Times*, Apr. 2, 1978, p. LI11.

Mr. Maia "can unreel the facts of Mineola's Portuguese story with the enthusiasm of a poet declaiming Camoen's [sic] epic work depicting the national history."

1067. "Youth Killed in Lisbon in National Day Disorder," *New York Times*, June 11, 1978, p. 9.

"The trouble began when leftists shouting 'Down with fascism' tried to break up a demonstration of about 300 rightest youths around a statue of the 16th-century national poet Luiz De [sic] Camoes in a Lisbon square."

1068. Jonathan Spence, "East Comes West [review of *Asia in the Making of Europe* by Donald Lach]," *New York Times*, June 25, 1978, p. BR3.

"Professor Lach knows how Joao de Barros developed new structures of historical narrative to bring Asia into a world historical setting and how Luis de Camoens drew on his own wanderings in Africa and the Far East to add life to his epic narration of Vasco da Gama in the 'Lusiads.'"

1069. Donal Henahan, "Opera: Donizetti's 'Dom Sébastien,'" *New York Times*, Mar. 24, 1984, p. 13.

"Lajos Miller, a big-voiced, somewhat reedy baritone making his New York debut, was an appealing Camões."

1070. Donal Henahan, "Opera: Eve Queler Conducts 'Dom Sébastien,'" *New York Times*, Mar. 25, 1984, p. 57.

"Lajos Miller, a big-voiced, somewhat reedy baritone making his New York debut, was an appealing Camões."

1071. Paul Lewis, "Jerónimos: The Glory of Old Portugal," *New York Times*, Apr. 21, 1985, p. XX6

"Vasco da Gama himself lies buried here. Laurel leaves adorn the head of the recumbent Camões, though the remains of Portugal's greatest poet have mysteriously disappeared from the tomb prepared for him."

1072. James A. Michener, "We Can Never Close Those Portals We Have Opened," *Los Angeles Times*, Jan. 29, 1986, p. 5.

"I often remind my listeners that the far-flung explorations of Vasco Da [sic] Gama attained real significance and immortality because he had had the prudence to take along with him the Portuguese poet Luiz Vaz de Camoes, whose 'Os Lusíads' [sic] encapsulated the adventure of finding new worlds."

1073. "Around the World: Rare Book Vanishes," *Washington Post*, Jan. 29, 1989, p. A35.

"A rare first edition of the 16th-century book [Camões's] 'Rimas,' considered the Portuguese equivalent to the works of Shakespeare, has vanished from Rio's Federal University, officials said."

1074. Anthony Burgess, "Living for Sex and Danger [review of *Captain Sir Richard Francis Burton* by Edward Rice]," *New York Times*, May 20, 1990, p. BR1.

Burton's "work on the Portuguese poet Camões, whom he first heard of in the Portuguese colony of Goa while he was serving the British East India Company in India, would be enough to make any scholar's reputation."

1075. Vincent Canby, "Arms and the Portuguese, Roman Times to Angola [review of Manoel de Oliveira's film "Não, ou a Vão Glória de Mandar" ("No, or the Vain Glory of Command")], *New York Times*, Sept. 26, 1990, p. C9.

"The movie takes on a distinctively camp personality in a sequence based on a fanciful section of 'The Lusíads' [sic], the Portuguese epic by Luis de Camões (1524-1580). Vasco da Gama's officers and men are seen as they are welcomed to Venus's Isle of Love, where they are attended by beautiful, nude young women whose only desire to give pleasure."

1076. "Mozambican Poet Wins Prize," *Wall Street Journal*, May 31, 1991, p. A10.

José Craveirinho "has won the distinguished Camoes Prize for Portuguese-language literature."

1077. Amitav Ghosh, "Petrofiction—*The Trench* by Abdelrahman Munif," *New Republic*, 206 (Mar. 2, 1992), 29.

Camões's epic poem "conjured Portugal into literary nationhood."

1078. Marvine Howe, "Sightseeing," *New York Times*, July 18, 1993, p. XX10.

"Dazzling Jerónimos, Praça do Império, Belém, 362-0034, was completed in 1572, with exuberant, sculptured columns and windows and the marble cenotaphs of the explorer Vasco da Gama and the epic poet Luis de Camões."

1079. Mario Vargas Llosa, "Love Finds a Way [review of *Cape of Storms: The First Life of Adamastor* by Andre Brink]," *New York Times*, July 25, 1993, p. 1.

"The tale or fable is told by a reincarnation of Adamastor, the 'savage' or 'untamed' giant alluded to by Rabelais, in 'Gargantua and Pantagruel' and developed by the Portuguese poet Camoens in his 'Lusiads.'"

1080. Marvine Howe, "At Home in a Manor in Portugal," *New York Times*, June 22, 1896, p. A21.

Refers to Camões's description of Cabo da Rocha.

1081. Marvine Howe, [Lisbon], *New York Times*, Feb. 2, 1997, p. XX10.

Refers to "the cenotaphs of Vasco da Gama and the poet Luis de Camões" at Jerónimos.

1082. Helen Vendler, "Poetical Correctness [review of *World Poetry*]," *New Republic*, 218 (June 15, 1998), 37.

Ridicules the anthologists' reference to Camões as "one-eyed."

1083. Katherine Ashenburg, "Portuguese Provincial, with Signs in Chinese," *New York Times*, Nov. 8, 1998, p. TST39.

Refers to Camões Garden, named for the poet, whose epic "*Os Lusíadas*" is "believed to have been composed in Macao."

1084. Barbara Crossette, "Wisps of an Empire That Time Forgot," *New York Times*, Nov. 7, 1999, p. WK5.

"Here at least, in this small land of Portugal, there will not lack those who will do and dare for Christendom," wrote Luis Vaz de Camoens, a 16th-century poet, in the Portuguese national epic, *The Lusiads*."

1085. Carolyn Kizer, "Four Smart Poets," *Michigan Quarterly Review*, 39 (Winter 2000), 167.

Quotes lines from the title poem of Benjamin Ivry's book, *Paradise for the Portuguese Queen*: "Who has seen the sunflower has seen the sun, / says Camoens in 'The Lusiades' [sic]."

1086. Douglas Martin, "Charles Boxer, a Legend in Love and War, Dies at 96," *New York Times*, May 7, 2000, p. 56.

Boxer once held the chair of Camoens Professor of Portuguese Studies at King's College, London.

1087. Elaine Sciolino, "Clinton Visits Europe with Same Baggage. Trade and Missiles, that Reagan Carried," *New York Times*, May 31, 2000, p. A10.

"A cavalry regiment of musicians on horseback led Mr. Clinton's motorcade to the Jerónimos Monastery in the town of Belém. There, he laid a wreath at the carved tomb of the poet Luis Camões and spent half an hour touring the 16th-century structure."

1088. Melvin Jules Bukiet, "Sailing Through History," *Washington Post*, Mar. 10, 2002, p. T7.

In the novel *The Return of the Caravels*, Antonio Lobo Antunes "turns The Lusiads upside down and inside out."

1089. Michael Pye, "Afloat on the Seas of the Past," *New York Times*, Apr. 7, 2002, p. F13.

In Antonio Lobo Antunes' *The Return of the Caravels*, "the epic poet of Portuguese history, Luis Camões, is haunting Lisbon's dockland with his father's corpse; the guards think the coffin is for smuggling."

O PERCURSO ANGLO-PORTUGUÊS DA RAINHA D. CATARINA DE BRAGANÇA¹

Maria da Conceição Emiliano Castel-Branco
Universidade Nova de Lisboa

Dos muitos poemas publicados em 1662 em honra de D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra, destaca-se *A Panegyrick On her most Excellent Majestie, Katharine, Queen of England, Scotland, France, and Ireland [...]*,² de Lancelot Reynolds. Depois de nas primeiras estrofes desejar felicidades à corte de Portugal e a todas as individualidades que em Lisboa exteriorizaram ampla e festivamente as suas despedidas pela Infanta que partia, o poeta realça particularmente o embarque de D. Catarina no navio inglês *Royal Charles*,³ momento muito

¹ Este estudo é uma versão da comunicação apresentada na *Sessão Evocativa D. Catarina de Bragança Trezentos Anos Depois 1705-2005*, organizada pelo GEPA (Grupo de Estudos do Património Arcuense) em colaboração com o Município de Arcos de Valdevez e a Galeria Queiroza, na Casa das Artes, Arcos de Valdevez, 3 de Dezembro de 2005.

² REYNOLDS, Lancelot, *A Panegyrick On her most Excellent Majestie, Katharine, Queen of England, Scotland, France, and Ireland: or Her Highness Cordiall welcome into England. Her Royal Majesty landed at Portsmouth, on Wednesday night, the 14. this instant May; to the great joy of all those that truly fear God, and honour the King*, London, R. Vaughan, [1662]. Este poema, cujo frontispício se pode observar em cópia incluída em APÊNDICE I, foi durante bastante tempo inédito em Portugal. Hoje, pode ler-se na sua versão integral, em *Antologia de Poemas Ingleses sobre D. Catarina de Bragança*, Volume anexo a *A Melhor Jóia da Coroa: Representações de D. Catarina de Bragança na Literatura Inglesa*, Dissertação para Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à F.C.S.H., U.N.L., 2005, de minha autoria.

³ O *Royal Charles*, inicialmente denominado *Naseby*, é o mesmo navio que, sob o comando do Almirante Edward Montagu, primeiro Conde de Sandwich, transportou o Rei Charles II na sua viagem para Inglaterra no fim do exílio, quando se deu a Restauração da monarquia inglesa. Da mesma forma que, em 1660, o Almirante levou o monarca de regresso ao seu reino, em 1662 foi incumbido de transportar para Inglaterra a Rainha D. Catarina de Bragança no mesmo navio, integrado numa armada onde viajavam ingleses e portugueses.

esperado pelos ingleses,⁴ através da seguinte expressão: "At last into the Ship, you did enter:/ Resolving on a Royal adventure." (vv.14-5). Nestes versos de um dos mais elogiosos e laudatórios poemas panegíricos a ela dedicados, fica sintetizada uma imagem — "Royal adventure" — do que foi o itinerário anglo-português de D. Catarina de Bragança. Sobre ela Reynolds afirma também: "A Jewel so Rich, so Rare is hard to find" (v.20). O percurso da Infanta portuguesa descrito pelo poeta é uma "aventura Real", que não se limitou à despedida de Portugal, embarque, viagem, mas que compreendeu também a chegada a Inglaterra e os trinta anos que D. Catarina aí viveu, ou seja, a aventura Real de toda a sua vida. Também outros poemas como *Iter Lusitanicum or the Portugal Voyage*,⁵ cujo título abreviado se pode traduzir como "percurso lusitano ou a viagem de Portugal", referem, de modo mais extenso, o percurso anglo-português não só de D. Catarina de Bragança mas de parte de Portugal que ia na sua comitiva e que, com ela, empreendeu um percurso, uma aventura portuguesa em terras estrangeiras ou, na expressão de Theresa Castello Branco, um "pequeno mundo português lançado em terras inglesas".⁶

Sobre a chegada da Rainha D. Catarina de Bragança a Inglaterra, pode dizer-se, como outros já o fizeram, que "há um misto de júbilo, de veneração e de muita curiosidade na atmosfera festiva que recebe a primeira rainha portuguesa a sentar-se no trono de Inglaterra".⁷ Na realidade, estes três aspectos — júbilo,

⁴ O embarque de D. Catarina no *Royal Charles* ancorado no Tejo foi um momento simbólico pois, pela primeira vez, a Infanta portuguesa ficou diplomaticamente em território britânico. Apesar de receber o tratamento de Rainha de Inglaterra já desde a assinatura e ratificação dos Tratados de 1661 — *Tratado de Paz e Aliança entre o Rei D. Afonso VI e o Rei Carlos II e Tratado de Casamento entre o Rei Carlos II e a Infanta de Portugal, D. Catarina de Bragança* — esse foi o primeiro momento, em que, com a sua comitiva, ficou sob a protecção da armada britânica, liderada por Lord Sandwich. A propósito do embarque da Infanta, veja-se em *APÊNDICE II* cópia de uma das sete gravuras elaboradas por Dirk Stoop (1610-86) sobre os festejos por ocasião da partida de D. Catarina de Bragança, a visita de Edward Montagu Conde de Sandwich a Lisboa como Embaixador inglês para escoltar e acompanhar a Consorte de Charles II para Inglaterra, sobre o embarque, a viagem e chegada a Inglaterra em 1662.

⁵ HYNDE, Samuel, *Iter Lusitanicum; or The Portugal Voyage. With what memorable Passages interven'd at the shipping, and in the transportation of her most Sacred Majesty Katherine, Queen of Great Britain, from Lisbon, to England. Exactly observed By him that was Eye-witnesse of the same, who though he publish this, conceals his name.*, London, S.Griffin, 1662.

⁶ BRANCO, Theresa M. Schedel de Castello, *Vida de Francisco de Mello Torres 1º Conde da Ponte — Marquês de Sande Soldado e Diplomata da Restauração 1620-1667*, Lisboa, Livraria Ferin, Lda., 1971, p.424.

⁷ DINIZ, Sebastião de Sousa, "Poesia Gratulatória da Universidade de Oxford pelo Casamento do Rei Carlos II com a Infanta Dona Catarina de Bragança" in *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, IV Série, nº46/47, Set.1973, p.23.

veneração, curiosidade — vão coexistir com outros claramente antagônicos, que se foram revelando e manifestando ao longo da sua estada em Inglaterra e que se encontram na literatura diversificada que a sua presença fez surgir, sendo significativos da imagem de controvérsia e contradição que sempre a acompanhou. Em 23 de Abril de 1662, antes de cumprir vinte e quatro anos de idade, D. Catarina embarcou para Inglaterra, deixando o país de origem, onde só regressaria trinta anos mais tarde. O casamento religioso foi celebrado em Portsmouth, em 31 de Maio de 1662 (de acordo com o calendário gregoriano), primeiro em cerimónia privada, segundo o rito católico, e depois publicamente, pelo rito anglicano, cerimónias que anos mais tarde viriam a suscitar comentários e polémicas. D. Catarina de Bragança foi recebida em Hampton-Court e posteriormente em Londres, com grandes manifestações de júbilo, aclamações públicas e festejos magníficos, como dão testemunho as gravuras,⁸ a poesia, as canções, os *pageants*, as descrições que se encontram em cartas, diários, memórias, relatos da época. No entanto, a sua vida como Rainha de Inglaterra não esteve isenta de contrariedades, e o curso pacífico da sua vida também se inverteu, tendo que movimentar-se em jogos e intrigas da corte, aceitar e conviver com as amantes do soberano nos seus próprios aposentos, sobreviver a conspirações políticas e religiosas, sendo hoje considerada uma das rainhas menos bem tratadas da história de Inglaterra. Também nas representações poéticas em inglês que sobre ela se conhecem, a poesia laudatória e os encômios alternaram, ao longo do seu percurso em Inglaterra, com a sátira e o *lampoon*. D. Catarina de Bragança não escapou à crítica mordaz e incisiva dos seus contemporâneos, relativamente a situações de todo o género, das mais significativas às mais triviais.⁹

⁸ Veja-se, em APÊNDICE III, cópia da gravura de Dirk Stoop, conhecida como "Aqua Triumphalis", retratando a chegada de D. Catarina de Bragança a Londres, em 1662. Para além desta representação pictórica, conhece-se a representação literária de John Tatham com um título idêntico. Trata-se de *Aqua Triumphalis, being a true relation of the honourable the City of londons Entertainings Their Sacred Majesties upon the River of Thames, and Wellcoming them from Hampton-Court to White-Hall. Expressed, and set forth in severall Shews and Pageants the 23.day of August, 1662, London, 1662*, cuja transcrição se pode encontrar em *Antologia de Poemas Ingleses sobre D. Catarina de Bragança*, colectânea já mencionada. Também John Evelyn e Samuel Pepys descreveram, com grande pormenor nos seus Diários, os festejos desse dia em Londres, no rio Tamisa.

⁹ Cf. *Antologia de Poemas Ingleses sobre D. Catarina de Bragança*, já referida.

Com efeito, como já tive oportunidade de afirmar em outra ocasião,¹⁰ D. Catarina de Bragança é uma figura polémica de ontem e de hoje. Refira-se apenas a recente controvérsia nova-iorquina, em torno da estátua, esculpida mas não erigida, da Princesa de Portugal e Rainha de Inglaterra, da autoria da escultora norte-americana Audrey Flack. Este binómio admiração-rejeição traz à memória ecos de outros debates e de outras polémicas que, na sua vertente mais extremista, tentaram dissolver o casamento real e afastar do trono a Rainha que teve, como é conhecido, uma vida atribulada e plena de contradições. São diversificados e dicotómicos os contrastes que se avolumaram em torno desta infanta portuguesa, como se pode inferir ao perscrutar o seu perfil biográfico: a simplicidade das circunstâncias da infância e juventude, contrastando com o esplendor e agitação que a rodearam na corte onde ocupou o lugar de consorte; a sobriedade e austeridade vividas no Palácio de Vila Viçosa, onde nasceu, e no Convento de Alcântara, onde adquiriu parte da sua educação, antíteses claras do ambiente mundano e licencioso do Palácio de Whitehall e da corte de St. James; a sua estatura média, frágil e discreta oposta ao aspecto exuberante, sensual e imponente de *Lady Castlemaine*, a primeira amante que teve que enfrentar; os estados de espírito de um cônjuge inconstante e volúvel que tão depressa a procurava, respeitava e acompanhava, como lhe impunha como damas de companhia as suas conquistas sexuais.

Muitos factores contribuíram para que a vida de D. Catarina de Bragança em Inglaterra estivesse no centro de grandes e pequenas controvérsias: as negociações complexas e atribuladas que antecederam o casamento; as campanhas para denegrir a sua imagem; as peripécias da viagem para Inglaterra a bordo do *Royal Charles*; a celebração do casamento, que envolveu a necessidade de duas cerimónias religiosas para contentar católicos e anglicanos; a difícil adaptação a uma nova corte e novos costumes; a aprendizagem de uma nova língua (o inglês não tinha então o estatuto de língua internacional); a constituição da sua *entourage*; as constantes infidelidades do rei; o facto de não ter conseguido assegurar a sucessão com um herdeiro, deixando

¹⁰ Cf. "Sinais de controvérsia: D. Catarina de Bragança em dois poemas seiscentistas ingleses" in SOUSA, M. Leonor Machado de (dir.), *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, C.E.A.P., F.C.S.H., 2001, pp.521-530.

o caminho aberto ao irmão católico do rei, James, Duque de York; a circunstância de ser a rainha católica de um país protestante anglicano; a sua hipotética implicação em alegadas conspirações papistas e as subsequentes tentativas para a afastar do trono. Mesmo na viuvez a polémica não a abandonou e, pretendendo regressar a Portugal, foi forçada a permanecer durante mais sete anos na sua pátria adoptiva; de regresso ao país natal, após trinta anos de ausência, teve que enfrentar uma inevitável e natural readaptação.

As suas vivências, impregnadas da marca da contradição, foram uma constante paradigmática que não se limitou à realidade histórica, encontrando-se igualmente nos exemplos de literatura e historiografia inglesas que sobre ela se conhecem, na sua época e na posteridade. As apreciações que fizeram dela, no seu tempo e noutros tempos, revelam a contingência a par e passo do seu percurso e transmitem, por vezes, imagens diametralmente opostas da Rainha. O debate inicial e preliminar sobre a figura de D. Catarina de Bragança esteve muitas vezes centrado na sua aparência física. Para muitos, falar de D. Catarina de Bragança resumia-se a apontar, a partir de retratos da época, se era bonita ou feia e a comentar se levou ou não o hábito de beber chá para Inglaterra. Ultrapassados estão os tempos em que falar de D. Catarina de Bragança era referir os comentários de alcova e se era ou não interessante. Este aspecto tão redutor só se poderá justificar pelo facto de ela ter vivido num período que valorizou particularmente o retrato na pintura, por residir numa corte que fomentava a imagem exterior e as aparências, e por se ter unido a um Rei que valorizava preponderantemente a beleza física e que não se ligaria a alguém que não preenchesse determinados requisitos estéticos mínimos, de acordo com os padrões da época.

No âmbito dos actuais estudos sobre D. Catarina de Bragança, variadíssimos autores se debruçaram sobre a sua biografia, o problema histórico da aliança política e a diplomacia, os tratados e o casamento, a iconografia; a sua figura como mulher, a sua vida depois do regresso a Portugal, os paços onde viveu. O estudo da projecção de D. Catarina de Bragança na literatura inglesa foi durante muito tempo um espaço em aberto, tendo-se minimizado e subvalorizado a importância da sua presença em Inglaterra, a sua repercussão na literatura inglesa do seu tempo, assim como a dimensão dessa repercussão até à actualidade. Na realidade, tendia-se para a generalização de que os seus anos como consorte

nesse país em nada contribuíram para despertar a atenção e o estímulo de escritores ingleses. Hoje, pode-se falar de uma tradição literária ligada ao percurso anglo-português de D. Catarina de Bragança, incluindo obras do séc. XVII até aos nossos dias, de poesia laudatória ao romance histórico, de poesia satírica à biografia, de referências em narrativas intimistas a referências em teatro; textos de escritores maiores e menores, de obras colectivas e de obras individuais.¹¹

Além disso, D. Catarina de Bragança merece incontornavelmente um lugar de destaque no âmbito das relações anglo-portuguesas, e o seu contributo para a renovação das mesmas é indubitável. Reflectir sobre estes aspectos, nomeadamente o seu papel e poder como consorte à luz do percurso anglo-português por ela empreendido em nome da aliança é o propósito deste estudo. É igualmente importante sublinhar o papel da própria Infanta D. Catarina como “construtora da independência”, expressão utilizada por Eduardo Brazão.¹² Na realidade, D. Catarina de Bragança foi uma peça fundamental no jogo diplomático do século XVII e um instrumento na concretização de alianças entre casas reais; por outro lado, foi também uma figura individualizada, uma mulher que, ao abdicar conscientemente da própria vontade em grande parte da sua vida, serviu com todas as vantagens e desvantagens a causa de Portugal.¹³ Com efeito, a consideração do impacte desta princesa de Portugal na historiografia, literatura ou cultura inglesas, é sempre um contributo indubitável para um conhecimento mais aprofundado de um período de notável estreitamento das relações culturais entre Inglaterra e Portugal.

¹¹ Cf. *A Melhor Jóia da Coroa: Representações de D. Catarina de Bragança na Literatura Inglesa*, Dissertação para Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2005, e, também, “‘The theme of song in England’: D. Catarina de Bragança na literatura inglesa”, Comunicação apresentada em *Crossroads of History and Culture*, 27th International Conference of the Portuguese Association for Anglo-American Studies (APEAA), Carcavelos, Lisboa, 27th-28th April, 2006, estudos de minha autoria.

¹² BRAZÃO, Eduardo in *A Diplomacia Portuguesa dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Editorial Resistência SARL, 1980, vol.1, p.129.

¹³ Sobre as características da personalidade de D. Catarina de Bragança, a forma e a vontade com que desempenhou o papel de Rainha de Inglaterra, veja-se BRANCO, Theresa M. Schedei de Castello, *Vida de Francisco de Mello Torres 1º Conde da Ponte — Marquês de Sande Soldado e Diplomata da Restauração 1620-1667*, Lisboa, Livraria Ferin, Lda., 1971, p.406 e, da mesma autora, “Dona Catarina de Bragança, Rainha e Mulher” in *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, nº 46/47, IV Série, Lisboa, Setembro de 1973, pp.57-66.

A Rainha que veio de longe

O casamento de D. Catarina de Bragança, Infanta de Portugal, com Charles II, Rei de Inglaterra, ou do “Reino de Inglaterra com o Reino de Portugal”, como referiu Thomas Higgins em carta de 19 de Maio de 1661 ao embaixador português em Londres, D. Francisco de Melo,¹⁴ constituiu um acontecimento de grande alcance internacional e de extraordinária importância no século XVII, no âmbito das relações anglo-portuguesas. Ultrapassando as fronteiras de Portugal e de Inglaterra, o casamento do Rei inglês com a Infanta resultou de um conjunto de conversações diplomáticas seguidas por toda a Europa. Tratou-se de uma conjugação de propostas políticas, diplomáticas e económicas, e de uma intriga global europeia em que as principais figuras intervenientes eram meros peões de um xadrez internacional, numa época em que “o sistema de casamentos era a forma mais completa e segura das alianças dos estados”.¹⁵ Na realidade, a união de Charles II com a Infanta D. Catarina, aliada ao Tratado de Aliança entre Portugal e a Inglaterra em 1661, foi um assunto atentamente observado, apoiado ou rejeitado consoante os casos, pelas principais casas reinantes da Europa e pela diplomacia internacional. Muitos são os autores que já se debruçaram sobre este acontecimento, e muitas e diversas são as opiniões sobre os diferentes aspectos e etapas do processo que a ele conduziu, razão pela qual não será aqui desenvolvido.

O poeta Henry Bold foi um dos arautos da expectativa existente sobre a consorte escolhida por Charles II, ao anunciar encomiasticamente num dos seus poemas, por ocasião da dupla comemoração do aniversário de nascimento e da Restauração de Charles II, uma Rainha que vinha de longe: “[...] Loe! **A Queen/ Coming from far!** fam'd Beauties Magazin/ The Wealth oth' World! the Glory of the Earth!/ Fair as the Star that Blaz'd at Charles His Birth!/ A Queen of Beauty, Love, and Innocence!/
[...]

¹⁴ Cf. “As particularidades que succedêrão no Parlamento, quando nelle se tomou este assento, [...]” in MELO, D. Francisco de, *Relaçam da forma com que a Magestade del Rey da Grão Bretanha, manifestou a seus Reynos, tinha ajustado seu casamento com a Serenissima Infanta de Portugal, a Senhora Dona Catherina. Como se collige das cartas originaes de Francisco de Mello Conde da Ponte do Conselho de Guerra del Rey Nosso Senhor, & Seu Embaixador extraordinario a S.Majestade Britanica que estão na Secretaria de Estado*, Com todas as licenças necessarias, Lisboa, na Officina de Antonio Craesbeeck, 1661.

¹⁵ SOUSA, Carlos Hermenegildo, *A Aliança Anglo-Portuguesa*, Porto, s.d., p.69.

Sweet as the Smoak perfum'd with Frankincence!" (vv.9-14).¹⁶ Posteriormente, em 1662, para além de poetas e narradores, James Howell, em *A Brief Account of the Royal Matches or Matrimonial Alliances*, teceu também algumas considerações sobre o estreitamento das relações entre o reino de Inglaterra e o reino de Portugal e, de uma forma sintética, afirmou: "By the former Alliance, it may be said that Portugal married with England, by this England hath married with Portugal."¹⁷

Sobre a Rainha de Inglaterra encontram-se, como já se mencionou, opiniões divergentes por parte de historiadores ingleses de diferentes épocas. Macaulay referiu como "the marriage was generally disliked".¹⁸ Feiling, sobre o mesmo assunto, comentou, "her marriage not her person, was all that mattered to the English"¹⁹ e, no entanto, mais adiante, concluiu que a influência de D. Catarina sobre Charles II "has probably been underestimated."²⁰ Lingard, por exemplo, afirmou: "the more she was known, the more she displayed the amiable qualities of her heart."²¹ Lodge apresentou-a como "the unfortunate wife" e, acrescentou, ainda, "her sacrifice had saved her beloved country."²² A evocação desta personalidade histórica como uma

¹⁶ BOLD, Henry, *Anniversary, To the Kings Most Excellent Majesty Charles the II. On His Birth and Restauration Day, May 29. Having resolv'd to Marry with the Infanta of Portugall*, London, 1661. Este e outros negritos que se seguem são da minha responsabilidade.

¹⁷ HOWELL, James, *A Brief Account of the Royal Matches or Matrimonial Alliances, which the Kings of England have made from time to time since the year 800 to this present 1662. Collected by a carefull collation of History with Records*, London, for Hen. Brome, 1662, p.6. O texto conclui da seguinte forma: "King Charles the Second, married the Lady Catherine, sole Daughter to Don John the fourth King of Portugal, and Sister to Don Alonso the sixth now regnant, there was a matrimonial Alliance once before 'twixt the Blood Royal of England and Portugal, which was about Ann. 1376. between John the first King of Portugal, and the Lady Phillippa Daughter to John of Gaunt Duke of Lancaster. As that former was the fortunatest Alliance that Portugal ever made, by their own Confession, to this Day; so may this prove to England! May all the Blessings of Heaven be poured down on it, according to the due and daily Devotions of all true-hearted Subjects, and particularly of J.H."

¹⁸ MACAULAY, Thomas Babington, *The History of England from the Accession of James the Second*, vol. I, Leipzig, Bernh. Tauchnitz Jun., 1849, p.187.

¹⁹ FEILING, Keith, *British Foreign Policy 1660-1672*, London, Macmillan and Co. Ltd., 1930, p.52.

²⁰ *Idem*, *Ibidem*, p.275.

²¹ LINGARD, John, *The History of England, from the First Invasion by the Romans to the Accession of William and Mary in 1688*, 5th ed., London, Charles Dolman, 1849, vol. 9, p.76. A primeira edição em 8 volumes é de 1819-30, e a que foi consultada, de 1849, é de 10 volumes.

²² LODGE, Richard, *The History of England from the Restoration to the death of William III (1660—1702)*, vol. VIII in HUNT, William and POOLE, Reginald L. (eds.), *The Political History of England*, London and New York, 1969, p.22.

rainha silenciosa e discreta não se pode nem deve confundir com a imagem de uma rainha apagada, pouco inteligente, pouco actuante. É certo que no plano político ela se absteve voluntariamente de qualquer intriga e, nesse sentido, não foi interveniente junto do Rei como o foram Barbara Palmer ou Louise de Kéroualle, duas de entre as variadíssimas amantes de Charles II. A Rainha encontrou, no entanto, outras formas de fortalecer a sua posição de Consorte, como mais à frente haverá oportunidade de sublinhar. A sua descrição não se pode confundir com falta de perspicácia ou de inteligência, a sua actuação e diálogo com determinados membros do mundo da religião ou do mundo da diplomacia demonstraram o seu discernimento em certos momentos; a aceitação de múltiplas situações desagradáveis é reveladora do seu forte carácter e capacidade de adaptação a uma das cortes mais tumultuosas da Europa do século XVII. Acima de tudo, ela não deixou um rasto de indiferença e, de forma positiva ou negativa, marcou ou deixou impressões marcantes nos que a rodeavam ou observavam. Com o passar do tempo, aprendeu a movimentar-se na licenciosa corte de Charles II, agindo e acentuando a sua posição de Consorte de diferentes formas.

Em gerações anteriores, e durante bastante tempo, tinham-se realizado casamentos e alianças entre as casas reinantes de Portugal e Espanha, o que significava que as infantas portuguesas passavam apenas a fronteira, mas não saíam do seu meio; o ambiente era muito semelhante ao da sua corte e ao do seu país, e, na generalidade partilhavam os mesmos costumes, hábitos, o mesmo clima, a mesma religião e, na língua, não havia então grandes diferenças. Ao unir-se ao monarca inglês, D. Catarina não só ultrapassou a fronteira, como partiu para longe numa travessia tormentosa e não isenta de dificuldades, dada a tempestuosidade do mar e do clima,²³ acrescida de uma potencial

²³ A *Relaçam diaria da jornada, que a Serenissima Rainha da Gram-Bretanha D. Catherina fez de Lisboa a Londres, indo já desposada com Carlos II Rey daquelle Reyno. E das festas, que nelle se fizerão até entrar em seu Palacio*, de 1662 é o relato de um autor anónimo que viajou com a Rainha D. Catarina, alguém que revela profundos conhecimentos náuticos e que descreve momentos difíceis na navegação, do qual apresentamos um pequeno excerto significativo: “Na manhã de quarta feira amanhecemos com hum Sudueste rijo, cõ que fomos nauegando até as dez do dia. Despois se mudou a Nordêste, & logo a Nornordêste, crescendo de maneira, que nos foi força força pôr à capa, por não perdermos a altura em que nos achauamos, que seria de quarenta graos. Do mesmo modo estiuemos o dia seguinte, crescendo cada vez mais o vento, & os mares, com que a Almiranta perdeo pella menhã a vella de gauia, & à tarde a vella grande, & sobreceuada, hua fumaça o masto, & a nossa barca a vella maior, & ao moutro dia nos desapareceu, não se sabendo até agora se perdida, se arribada. [...] Porém desenganados, & achãdonos mais emmarados do necessário, voltamos na

ou eventual ameaça de ataque da nação vizinha ou mesmo de corsários, depois de passar o norte da Península Ibérica;²⁴ não havia o mais leve parentesco ou afinidade entre o par real; não se conheciam pessoalmente, apenas por retrato; a língua do país para onde partia era desconhecida, contando, para isso, com a preciosa ajuda do P^e. Russell, que a iniciou nos primeiros contactos com a língua estrangeira. Deixou uma corte de carácter tradicional e clerical, para ir viver e reinar numa corte estrangeira, longínqua, recém restaurada, mundana e ávida de entretenimentos, música, bailes, teatro, ou seja, um mundo muito diferente daquele que deixava para trás. O seu estabelecimento numa corte licenciosa, cheia de intrigas e que desvalorizava grande parte dos padrões morais habituais foi extraordinariamente difícil e acompanhado de sucessivas humilhações causadas por vários factores, entre eles a imposição das favoritas do rei como damas da sua comitiva. Tratava-se de um ambiente em tantos aspectos oposto àquele de onde viera e, apesar da sua paciência inteligente e da capacidade de adaptação que veio a demonstrar ao longo dos anos que passou em Inglaterra, na realidade, não tinha sido devidamente preparada para, logo à chegada, enfrentar determinado tipo de situações, como o convívio constante com *Lady Castlemaine*, amante do Rei. Todas estas circunstâncias foram particularmente difíceis de aceitar em termos pessoais, pois, apesar de as combater

volta da terra o dia seguinte, & assi indo os dias na volta do mar, & as noites na da terra, andamos aos bordos todo o tempo que nos durou a tormenta, que foi até a quinta feira pella menhã, em que com a Lua abrandou mais o vento, & o dia seguinte ficou em calmaria. **Foi notauel a constância, & valor com que Sua Magestade sehouue na tempestade**, não sentindo mais que os primeiros dias aquelles ordinários mouimentos do mar, que sentem ainda os mais experimentados nelle, & de q nem o proprio General se liurou, o qual **por não faltar em cousa algua à assistência, & diuertimento de S. Magestade, vinha as mais das noites à porta da sua camera com a sua musica de instrumentos, tocando pessoalmente muitos delles com toda a destreza, especialmente a Tiorba, & com vários discantes entretinha a S. Magestade, para que sentisse menos os discomodos com q se passauão as noites.**"

²⁴ Pepys, a 7 de Abril 1661, refere no Diário o que se dizia ou ouvia dizer em Londres sobre a hipotética ameaça a Lisboa por parte de potências estrangeiras: "The great talk is, that the Spaniard and the Hollander do entend to set upon the Portugais by sea at Lisbone so soon as our fleet is come away; and that means our fleet is not likely to come yet these two months or three — which I hope is not true." Cf. LATHAM and MATTHEWS (eds.), *The Diary of Samuel Pepys*, 1995, vol.III, p.61. Também o autor da *Relaçam* mencionada na nota anterior refere um confronto com adversários que a noite não permitia vislumbrar, mas que a luz do dia revelou serem piratas: "[...] até que com a claridade do dia soubesssemos adonde estauamos. Assi se executou, & pouco depois passou por nós hum nauio pequeno, de quem, querendoo saber não respondeo outra cousa, senão que nos não entendia, & se foi desuiando de nós quanto pode. Por este, & por outros sinaes se aueriguou ser nauio de Turcos, que tambem infestão estes mares, & o mesmo deu occasião a que o nosso lhe atirasse aquella peça, que nós tiuemos por sinal de terra."

institucionalmente, não as conseguiu apagar. D. Catarina foi, como todos os documentos hoje ao nosso alcance indicam, uma jovem com uma vida calma e discreta no seu país de origem, o que não significa, categoricamente, que tivesse vivido à margem da realidade política do seu país. Ela era uma Infanta, filha de um rei culto e actuante, protagonista da restauração da independência de Portugal. Com certeza teria ouvido referir na corte os problemas, as vicissitudes, as ansiedades, as precariedades do seu país que lutava para conquistar a soberania. Não lhe era pedido um papel activo ou interveniente sobre essas matérias; no entanto, pelo contrário, pediu-se-lhe a aceitação da aliança e do casamento designados nos Tratados. E, na realidade, talvez não estivesse totalmente preparada, no início, para o contexto e condicionalismos da corte inglesa que foi encontrar.

Apesar da boa disposição do “Merry Monarch”, dos constantes entretenimentos, dos múltiplos interesses científicos centrados na *Royal Society*, a Inglaterra passava por tempos instáveis e conturbados. Para além de sucessivas guerras com a Holanda e de problemas económicos, existia um conflito latente entre o Rei e o Parlamento, um ambiente generalizado de falta de tolerância religiosa e de fundamentalismo exacerbado contra os católicos a quem chamavam “papistas”, um descontentamento generalizado pela leviandade e ligeireza dos costumes e comportamentos do Rei e dos que o rodeavam, um cansaço das intrigas da corte em geral, já não falando de acontecimentos de carácter natural totalmente inesperados como o surto de peste e o fogo de Londres. A este contexto juntou-se, com o passar dos anos, a preocupação e, mesmo, receio pela inexistência de um herdeiro legítimo para Inglaterra. A infelicidade de não conseguir levar nenhuma das várias gravidezes até ao fim, foi acentuada pelo facto de ser Rainha e de ter, por essa razão, a função imperiosa de contribuir para assegurar a sucessão. Foi para a Consorte uma situação dolorosa e preocupante, quer em termos pessoais quer em termos de Estado. No primeiro caso teve que lidar com os problemas de saúde que os conhecimentos da medicina de então não conseguiram ultrapassar, sendo obrigada a aceitar a infelicidade de não conseguir cumprir a missão que lhe fora confiada de dar um herdeiro ao Rei, assegurando a sucessão;²⁵

²⁵ Cf. MACLAURIN, C., “King Charles II” in *Mere Mortals. Medico-Historical Essays*, New York, George H. Doran Company, 1925, p.160. MacLaurin, médico cirurgião, tentou explicar quais as causas médicas que terão impedido as suas várias gravidezes de chegar a seu termo.

no segundo caso, as circunstâncias referidas deixavam ficar no ar dúvidas e questões dinásticas, relativamente ao futuro Rei de Inglaterra. Este foi um dos problemas que, por diversas vezes, ocasionou o surgimento de tentativas de dissolução do casamento real, falaciosamente acentuadas pelo facto de D. Catarina de Bragança ser uma consorte católica, de convicções religiosas fortes e inabaláveis, numa Inglaterra exacerbadamente protestante.

Todas estas condicionantes foram sempre acompanhadas por argumentos hipotéticos e duvidosos, muitas vezes divulgados por membros próximos do Rei com o objectivo de anular o casamento: os opositores à união anglo-portuguesa mencionavam o facto de a Infanta não ter pronunciado claramente as palavras necessárias na cerimónia religiosa anglicana por não saber o inglês suficiente, ou então a existência de um possível casamento anterior do Rei. Alguns conselheiros do Rei e membros do Parlamento chegaram a sugerir a Charles II que se divorciasse e enviasse a Rainha para um convento ou, mesmo, para as colónias no continente americano. Estas acusações falsas e ofensivas levaram Charles II a fazer, por mais de uma vez, declarações públicas como a seguinte:

I do here declare in the presence of Almighty God, that I never was married nor gave any contract to any woman whatsoever but to my wife, Queen Catherine, to whom I am now married.²⁶

Todo este rol de acontecimentos se sucedeu numa sociedade desregrada e amoral, em que as amantes de Charles II eram inseridas pelo próprio soberano na Corte. Algumas delas, damas de companhia da Consorte e presença habitual dos seus aposentos, exibiam os filhos ilegítimos no convívio com a própria Rainha, outras eram convidadas para representar ou cantar nos espaços da Corte e outras, ainda, exibiam-se publicamente nos palcos de teatros muito frequentados, abertos ao público pelo próprio Rei logo a seguir à Restauração. Apesar das múltiplas companhias femininas do soberano e dos muitos filhos ilegítimos, é também fundamental salientar que Charles II nunca chegou a pôr institucionalmente em causa o seu casamento com a Infanta

²⁶ "Declaration to all loving subjects, Whitehall, June 2, 1680" in BRYANT, Arthur (Ed.), *The Letters, Speeches and Declarations of King Charles II*, London, Cassell & Company Ltd., 1968, p.311.

de Portugal: sempre o legitimou e sempre protegeu a Rainha de Inglaterra de todas as acusações que lhe foram feitas, como o facto de não ter filhos, a sua religiosidade, a falsidade da conspiração contra o rei, durante o período da *Popish Plot*. O facto de o soberano não colocar hipoteticamente a questão de divórcio, segundo Melissa Mowry,²⁷ contribuiu para tornar repetidamente válido o significado efectivo e simbólico da rainha: mais do que o significado material, ou seja o de ser a mãe de um herdeiro e dar continuidade à dinastia, ela tinha um papel simbólico como consorte que foi melhor cumprido discretamente, em oposição à euforia ruidosa de algumas das amantes do Rei.

É certo que, apesar de viver num país anglicano, D. Catarina não se coibiu de enviar cartas a Roma, nunca abdicou do culto católico e da utilização da própria capela com o seu clero, nem nunca escondeu a sua piedade e devoção religiosas, que a levavam, com naturalidade e sem interferir em questões de Estado ou da religião anglicana, a apoiar membros ou instituições da sua própria religião.²⁸ A naturalidade da sua simpatia pelos católicos em Inglaterra, foi, no entanto, indevidamente confundida com subversão religiosa, sendo, por isso, acusada de ser papista, agente da Santa Sé e, ainda mais grave, acusada na Câmara dos Comuns de alta traição e de conspirar contra o Rei, participando na chamada *Popish Plot* ou conspiração papista, um dos episódios mais terríveis de perseguição aos católicos em Inglaterra e uma montagem baseada em invenções e falsas declarações. Assim a classificou o Conde de Sabugosa: “A monstruosa invenção de uma conspiração dos papistas, que é um dos mais sinistros episódios da História de Inglaterra, e que tanta vítima fez, serviu-lhes de pretexto para acusarem a Rainha.”²⁹

A Rainha que veio de longe suscitou ao longo dos tempos opiniões e sentimentos bastante diversos: foi admirada e elogiada por uns, criticada e satirizada por outros, captou simpatias e animosidades. Esse é um aspecto fundamental que se pode observar, quer em documentos historiográficos, quer em textos

²⁷ MOWRY, Melissa, “Queen Consorts, the Common People, and Modern Populism”, *Genders*, 33, 2001, www.genders.org/g33/g33_mowry.txt

²⁸ “The Convent [in Hammersmith] was prosperous beyond expectation, especially through the kindness of Queen Catherine of Braganza, who not only was a frequent visitor there, but also bestowed upon it part of her Royal mansion at Hammersmith.” in ZIMMERMAN, Father B., *Carmel in England: A History of the English Mission of the Discalced Carmelites 1615 to 1849*. Drawn from Documents preserved in the Archives of the Order. London, Burns & Oates, Ltd. 1899, p.302.

²⁹ SABUGOSA, Conde de, *Donas de Tempos Idos*, 5ª ed., Lisboa, Livraria San Carlos, 1974, p.264. [1ª ed. 1912].

literários do seu tempo e de períodos posteriores. A estada da rainha D. Catarina em Inglaterra teve, efectivamente, consequências inegáveis a nível político, económico, social, religioso, cultural e literário.

O papel da Consorte

O percurso anglo-português da Rainha D. Catarina de Bragança deve ser abordado no âmbito de estudos recentes sobre o período da Restauração que abrangem, num carácter de interdisciplinaridade, considerações sobre a corte (*court studies*), estudos de género (*gender*) e de funções e papéis dos vários membros da família real. Relativamente à(s) corte(s) dos reis Stuart no séc. XVII, apesar de alguma continuidade na preservação de certas instituições, cargos ou rituais (inclusive durante o Protectorado de Cromwell), encontram-se igualmente descontinuidades, quer de cariz estrutural, quer de estilo.

O estado civil e o sexo do(a) governante eram factores determinantes quer em formas de organização básicas quer em consequências políticas importantes. Elizabeth I, por exemplo, não tendo consorte nem filhos, teve apenas uma Corte, onde era servida, acompanhada e atendida nos seus aposentos mais privados por damas que dificilmente podiam converter a sua proximidade da Rainha em qualquer tipo de influência política. Todos os soberanos que lhe sucederam casaram e alguns tiveram filhos. Nestes reinados havia, consequentemente, mais do que uma casa real, em Whitehall e nos outros palácios, à volta da qual se movimentavam funcionários, colaboradores, por vezes cheios de aspirações e ambições. A falta de harmonia em alguns dos membros levava a faltas de concordância entre as cortes de suas majestades. Isto significa que, para o funcionamento da corte, ou melhor, das casas reais, para além da idade e experiência do governante, era também relevante o estado civil do soberano. Na realidade, a importância, a influência, ou o papel atribuídos às mulheres da realeza era determinado por serem filhas, esposas ou mães de um rei.

Ser rainha consorte no século XVII é, claramente, muito diferente de ser a consorte de um político eleito na actualidade; no entanto, tal como as mulheres de políticos eleitos, elas eram objecto de problemáticas, alvo de ansiedades por vezes exacerbadas, veículo de dúvidas, ou ressentimentos relativamente à figura dos cônjuges e da sua política. Generalizando, dos

soberanos esperava-se que tivessem esposa, como ainda hoje sucede em determinadas ocasiões relativamente a certos líderes políticos masculinos, e das esposas que realizassem uma longa lista de deveres públicos. A consorte era uma figura ambivalente: por um lado estava ligada a um chefe político masculino, por outro era uma mulher com um papel público a desempenhar. Efectivamente, todas as consortes tinham uma função política ou cultural que podia ser cumprida de forma diversa, dependendo da educação, personalidade, circunstâncias e tipo de relacionamento com o soberano. Num sistema de sucessão hereditária era óbvio que também se esperava a capacidade ou função de gerar um herdeiro, assegurando a sucessão dinástica. No entanto, como se verá, esta não deve ser vista como a sua única e exclusiva função de estado.

Já no século XVII, estes assuntos eram abordados e mencionados em textos de carácter historiográfico, como na obra de Edward Chamberlayne, contemporâneo de Charles II e de D. Catarina de Bragança, um dos primeiros membros da *Royal Society*, conhecido pelas suas traduções e obras historiográficas como *Angliæ Notitia; or, the Present State of England*.³⁰ Obra de

³⁰ *Angliæ Notitia; or, the Present State of England: the first and second part. Together with divers reflections upon the Ancient State thereof*. The fifth edition, corrected and newly augmented. London, 1671. A primeira edição foi publicada anonimamente em 1669, e no mesmo ano surgiram outras duas edições, já com o nome do autor. Noutras edições foram surgindo algumas inovações: a sétima edição, em 1673, incluiu pela primeira vez um retrato de Charles II, a nona edição uma dedicatória ao Conde de Danby, na décima oitava, em 1694, foi anexada uma terceira parte, que já tinha sido publicada separadamente em 1683. Entre 1669 e 1702 teve 19 revisões e, mesmo depois da morte do autor em 1703, continuou a ser publicada e a ter o mesmo sucesso. A vigésima primeira edição, em 1708, tem o título de *Magnæ Britanniae Notitia, or the Present State of Great Britain*, num formato maior, tendo como editor o filho, John Chamberlayne. Apesar da sua popularidade, ou talvez mesmo por causa dela, apareceu em 1691 uma publicação bastante idêntica, da autoria de Guy Miede, *The New State of England*, que teve também várias edições. No entanto, não contou com a aprovação de ambos os Chamberlaynes. A primeira edição foi publicada anonimamente em 1669, e no mesmo ano surgiram outras duas edições, já com o nome do autor. A edição aqui utilizada é a quinta, de 1671, aquela a que se conseguiu ter acesso. Apresenta pela primeira vez uma segunda parte com informação adicional e, na introdução dirigida ao leitor, Chamberlayne refere, através de um jogo de metáforas, o seu principal objectivo, nomeadamente, informar o mundo do estado actual do reino de Inglaterra, excluindo, nesse sentido, as "Flores da Retórica" para proporcionar ao leitor uma abundante variedade de "Frutos excelentes." Apesar das figuras de estilo, é muito claro na formulação dos seus propósitos: "The Reader may not reasonably expect to have his Fancy much delighted, but only to have his understanding informed. [...] The main aim is to inform the World of the Present State of this Kingdom." O autor explica também que o seu livro se dirige inicialmente ao público inglês, mas anseia também por públicos estrangeiros, de outras partes, tendo a obra sido traduzida para francês e publicada em Paris e Amsterdão.

grande relevo do período pós-Restauração, provavelmente inspirada em *L'Estat Nouveau de la France*, de 1661, foi muito conhecida e popular na época, tratando-se de uma espécie de manual de pequeno formato, sobre a situação política e social de Inglaterra, incluindo estatísticas e listas de cargos públicos. Depois do capítulo V, "Of succession to the Crown of England, and of the Kings Minority, Incapacity and Absence", dedicado a problemas da coroa de Inglaterra, o autor apresenta o capítulo VI "Of the Queen of England", todo ele dedicado à explicitação de problemáticas como o nome, as prerrogativas e a dignidade das Rainhas de Inglaterra em geral, definindo o papel da consorte,³¹ razão pela qual se insere aqui um excerto significativo:

Name The *Queen*, so called from the Saxon *Koningin*, whereof the last syllable is pronounced by Forreigners as *gheen* in English, it being not usual to cut off the first Syllables, as an *Almeshouse* is sometimes called a *Spital* from *Hospital* and *Sanders* from *Alexander*.

She hath as high Prerogatives, dignity, and State during the life of the King, as any Queen of *Europe*.

Prerogatives From the Saxon times the Queen Consort of *England*, though she be an *Alien* born, and though during the life of the King she be *femme covert* (as our law speaks), yet without any Act of Parliament for *Naturalization* or Letters Parents for *Denization*, she may purchase Lands in *Fee-simple*, make Leases and Grants in her own Name without the King, hath power to give, to sue, to contract, as a *femme sole* may receive by gift from her Husband, which no other *femme covert* may do.

She may present by herself to a spiritual Benefice, and in a *Quare Impedit* brought by Her, plenarty by the presentation of another is no more a Bar against Her, then it is against the King.

She shall not be amerced if she be Nonsuited in any Action, &c.

Had anciently a Revenue of *Queen Gold* or *Aurum Reginae*, as the Records call it, which was the tenth part

³¹ Pode igualmente consultar-se sobre os direitos e deveres da rainha consorte em Inglaterra o cap. IV "Of the King's Royal Family" da obra de James Stewart, *The Rights of Persons, According to the text of Blackstone, incorporating alterations down to the present time*, London, 1839, cujas páginas 228-34 com o subtítulo: "The first and most considerable branch of the king's royal family, regarded by the laws of England, is the queen" são dedicadas a esse assunto.

of so much as by the name of *Oblata* upon Pardons, Gifts and Grants, &c. came to the King.

Of later times hath had as large a Dower as any Queen in Christendome, hath her Royal Court apart, her Courts and officers, &c.

The Queen may not be *impleaded* till first petitioned, if she be *Plaintiff* the Summons in the Process need not have the solemnity of fifteen dayes, &c.

Dignity Is reputed the Second Person in the Kingdom.

The Law setteth so high a value upon her, as to make it High-Treason to conspire her death, or to violate her Chastity.

Her officers, as *Attorney* and *Sollicitor*, for the Queens sake have respect above others, and place within the *Barr* with the Kings Council.

The like honour, the like reverence and respect that is due to the King, is exhibited to the Queen both by Subjects and Foreigners, and also to the Queen *Dowager* or Widow Queen, who also above other subjects looseth not her Dignity, though she should marry a private Gentleman; so Queen *Katharine*, widow to King *Henry* the Fifth, being married to *Owen ap Theodore* Esquire, did maintain her Action as Queen of *England*; much less doth a Queen by inheritance, or a Queen *Sovereign of England* follow her Husbands condition, nor is subject as other Queens; but Sovereign to her own Husband, as Queen *Mary* was to king *Philip*. (pp.112-14)

Mesmo aceitando que, como consorte, muitos consideravam que a sua principal função era gerar herdeiros legítimos e apoiar os cônjuges dentro das suas possibilidades, muito tem sido recentemente discutido sobre a complexidade da relação por vezes existente entre as rainhas e a esfera pública, no que se refere às rainhas de Inglaterra do século XVII: se elas cumpriam efectivamente esta última tarefa, se o seu apoio cultural complementava, contrastava ou, eventualmente, entrava em conflito com o dos soberanos; se gozavam ou não da empatia do povo, independentemente da sua capacidade de acção; se canalizavam em si antagonismos políticos contra o Rei, apresentando-se não como detentoras de poder político, mas direccionavam para si atenções políticas de certas facções.

Olhando o desenrolar da biografia dos Stuarts e a problemática da existência ou não de herdeiros legítimos, vê-se que a dinastia

acabou tal como começou: em incerteza relativamente à sucessão.³² Todos os governantes Stuarts casaram. No entanto, ou tiveram herdeiros que, num país como a Inglaterra do século XVII, eram da religião errada ou politicamente incapazes, ou, em alguns casos, não tiveram sequer herdeiros. Em certos momentos e em determinadas situações, as consortes eram alvos fáceis para canalizar o mal público decorrente de incertezas e para serem responsabilizadas por todo esse processo.³³ No entanto, relativamente ao reinado de Charles Stuart, os aspectos negativos que lhe são atribuídos e salientados por alguns autores do século XVII ou historiadores mais conservadores de séculos posteriores, não podem ser atribuídos única e exclusivamente à Infanta de Portugal e à sua incapacidade de gerar filhos. Todas as questões em torno desta temática, se analisadas de forma tão simplista, acabam por se revelar, em última análise, truísmos questionáveis; ou seja, D. Catarina de Bragança, por exemplo, não teve filhos de um rei que teve numerosos filhos ilegítimos mas, de acordo com a autora Melissa Mowry, ela conseguiu ter um determinado tipo de influência e ganhar a simpatia de certas facções, distinguindo-se, na opinião da autora, como “*emblem of the law and the resolution of faction.*”³⁴

Assim, a análise e perspetivação do papel das consortes, mesmo com a obrigação aparentemente pré-definida e incontroversa de produzir legítimos herdeiros, revela simultaneamente a contingência e a flexibilidade dos seus papéis, o que permite pensar que, afinal, dar origem a herdeiros não era a única forma de ter influência, ou de dar continuidade à monarquia.

³² Num sistema de sucessão hereditária, como já foi afirmado, uma das funções ou tarefas da consorte era, geralmente, conseguir um herdeiro. Anne da Dinamarca, por exemplo, deu três filhos a James I, mas ele não a deixou criá-los livremente. Henrietta Maria teve nove de Charles I, dois deles futuros reis, mas foi tão louvada como criticada pela sua fertilidade: a sua intimidade com o marido tornava-a suspeita de conseguir influenciá-lo politicamente e promover o catolicismo. Cumprindo os papéis de esposa e mãe, Henrietta Maria revelou a ambivalência desses dois mesmos papéis, ou seja, a constatação do poder a eles associado e a perspectiva generalizada de que não era seguro confinar as mulheres exclusivamente ao domínio do privado, pois podia revelar-se um risco com consequências políticas sérias para o reino. Mas a esposa de Cromwell, Elisabeth, como cônjuge do principal chefe político, viu-se numa situação desvantajosa em comparação com Henrietta Maria. Teve nove filhos, seis sobreviveram, e embora, dentro da lógica do período, esta capacidade manifestasse que cumpria a continuidade, fazia lembrar muito de perto a sua imediata antecessora, ao cumprir a função “pouco republicana” de produzir herdeiros, qual consorte real. Cf. MOWRY, Melissa, *op. cit.*

³³ Cf. DOLAN, Frances E., “The Dawn of the Hillary Clinton Backlash. An Introduction”, *Genders*, 33, 2001, www.genders.org/g33/g33_dolan.html.

³⁴ MOWRY, Melissa, *op. cit.*

A Consorte de Charles II: "A queen coming from far"

A Infanta que veio de longe, a portuguesa D. Catarina de Bragança, tornou-se Rainha Consorte em Inglaterra e, com esse estatuto, teve que se integrar na corte de Charles Stuart. Foi-lhe exigida uma grande capacidade de adaptação, como já foi amplamente referido, sublinhada pelo facto de se tratar de uma princesa estrangeira e católica de um reino que lutava ainda pelo reconhecimento da sua independência e que se unia a um monarca Stuart, de um reino recém-restaurado e protestante, rodeado de uma corte mundana e libertina, onde tudo se movia, muitas vezes, através de jogos, intrigas e influências. Independentemente do facto de não vir a ter a mesma influência política de certas amantes do rei, D. Catarina de Bragança poderia ter cedido à tentação, que seria a via mais fácil, de se deixar apagar e silenciar, como, aliás, tantos historiadores fizeram crer. No entanto, noutras esferas, que não a política, ela não deixou nunca de actuar, de manter o nome, prerrogativas e dignidade que lhe eram devidos, seguindo os critérios de Chamberlayne, tal como se verificou depois do primeiro confronto com *Lady Castlemaine*, imposta como dama na sua corte. Tratou-se da primeira crise da sua vida como Rainha em Inglaterra e poderia tê-la anulado por completo. Antes dela, Barbara Palmer já se movimentava na Corte de Charles II, onde veio a ser Condessa de Castlemaine e, mais tarde ainda, Duquesa de Cleveland. Não sendo rainha consorte mas agindo como tal, era conhecida pelos seus caprichos, extravagâncias e estados de espírito mais ou menos ruidosos.

Todos estes acontecimentos contribuíram para que D. Catarina tivesse a percepção inteligente e inevitável de que, para sobreviver naquele novo mundo e naquele meio que lhe era estranho, era necessário "jogar" como se "jogava" na corte. Essa sobrevivência como consorte passou por manter a sua individualidade e simultaneamente pela aceitação dos costumes e infidelidades do soberano, incapaz de resistir até ao fim da sua vida a tantas e tão diversificadas companhias femininas. Quer isto dizer que foram a calma e a inteligência, o tacto e perspicácia de D. Catarina de Bragança que lhe permitiram perceber, através da sua amarga experiência pessoal, que teria que cumprir, ao longo do seu percurso anglo-português, o papel de consorte na corte de Londres do período pós-Restauração:

In repose, Catharine discovered the strength of her own hand: not only was her sheer goodness of character

her strongest suit, but it was also as effective in its own way, where Charles was concerned, as sensuality and tantrums.

A year after the marriage, relations between the royal couple had settled down most amicably, thanks to Catharine's tact and restraint. Once she had actually supped in Barbara's apartments. The crisis was over. In time, Catharine was notably more spontaneous with Charles in public — grown quite 'debonair', as it was described; she even hugged him in public, something unthinkable to that grave Portuguese Infanta who had arrived at Portsmouth.³⁵

Aparecendo sem grande ostentação ou ruído, D. Catarina distinguia-se das figuras femininas, pouco delicadas no trato e politicamente activas, que rodeavam o Rei. No entanto, em determinadas ocasiões e sempre que oportuno, não deixou de proferir a palavra certa no momento certo, revelando rapidez no raciocínio, atenção às situações e sabedoria na actuação. É o que se pode, de imediato, concluir, de um diálogo entre a Rainha e *Lady Castlemaine*, descrito por Samuel Pepys em 4 de Julho de 1663:

[...] and a pretty gentleman in our company who confirms my Lady Castlemaynes being gone from Court, but knows not the reason. He told us of one wive the Queene a little while ago did give her, when she came in and found the Queene under the dresser's hands and had been so long — "I wonder your Majesty," says she, "can have the patience to sit so long a-dressing:" **"Oh," says the Queene, "I have so much reason to use patience, that I can very well bear with it."**³⁶

Na realidade, a demonstração pública de simpatia ou de louvor por D. Catarina revelou-se, por vezes, um ataque a outras damas menos aconselháveis junto do monarca. Tal como a representação apologética que dela fazem muitos dos poetas à

³⁵ FRASER, Antonia, *Charles II, His Life and Times*, London, Weidenfeld & Nicolson Ltd., 1993, p.128.

³⁶ LATHAM, Robert and MATTHEWS, William (eds.), *The Diary of Samuel Pepys*, A new and complete transcription, vol. 4, London, Harper Collins Publishers, 1995, p.216).

sua chegada, a Rainha serviu Charles II como o corolário do que Melissa Mowry refere como “the ideal royal political subject”,³⁷ opondo-se ao tom de certas facções que fizeram proliferar panfletos e sátiras fortes e mordazes contra certas figuras femininas, nomeadamente as amantes de Charles II, colocando estas últimas em confrontos poéticos pelo lugar de “primeira amante”.³⁸

Assim, para além da função reprodutiva é possível encontrar formas simbólicas de maternidade ou de interesses diferentes. Não se trata de atribuir a D. Catarina funções ou poder que não teve, mas de pesquisar e reconhecer as potencialidades que revelou na sua posição e com o seu estatuto, se não na política, na sociedade ou nas artes. A proliferação recente de estudos sobre o género feminino e sobre rainhas consortes na Modernidade, permitiu repensar a questão funcional dos papéis e das influências femininas. Ao casar numa monarquia aparentemente parlamentar mas imbuída ainda, por vezes, de um espírito de cultura política quase absolutista, D. Catarina foi aprendendo gradualmente a tornar-se inglesa. Ela tornou-se uma figura representada na cultura visual e literária da época e igualmente observada por actuar, ou não, no palco político. Reflectir sobre o percurso anglo-português da Rainha D. Catarina de Bragança implica ter em conta como é que, dentro dos parâmetros da política da família real, as mulheres da corte se movimentavam e como usavam os seus poderes de mecenas:

The feature of the Restoration court that most shocked contemporaries was that this was a world in which women were not merely playthings, but were themselves players of the political game. Of course, courts were traditionally places where women — from consorts to courtesans — could exercise influence. What distinguished Charles II's court was not only the number and variety of women who

³⁷ MOWRY, Melissa, *Ibidem*.

³⁸ Entre muitos dos poemas, baladas ou libelos que então circulavam, podem apontar-se, a título de exemplo, os seguintes: Anónimo, *A New Satyricall Ballad of the Licentiousness of the Times, To the Tune of, The Blinde Beggar of Bednall-Green*, s.d.; Anónimo, *A Pleasant Dialogue betwixt Two Wanton Ladies of Pleasure Or, The Duchess of Portsmouths woful Farwel to her former Felicity*, Tune of, *Tan tarra rara, tan tivee*, printed for I. Deacon, in Guiltspur-street, s.d.; E.G. e D.P., *Portsmouths Lamentation. Or a Dialogue between Two Amorous Ladies*, Printed for C. Dermisson, at the Stationers Arms, within Aldgate, s.d.. Dado o tema central desses textos, inéditos em Portugal, não ser a Rainha de Inglaterra, não foram incluídos na *Antologia de Poemas Ingleses sobre D. Catarina de Bragança*, já mencionada.

enjoyed royal favour, but also the prominence they achieved as conduits of patronage and political power.³⁹

A Rainha que veio para ficar

Muito era exigido a algumas jovens princesas, muitas vezes com pouca ou nenhuma educação formal ou experiência do mundo, ao unir-se à monarquia britânica. Para ter sucesso tinham que se adaptar rapidamente, aprender uma nova língua; tinham que ter muito tacto, e ajustar-se a um companheiro de casamento que não era da sua escolha, em muitos casos homens bastante mais velhos já com um casamento anterior ou muitas amantes para trás. Com sorte, as amantes seriam assunto do passado e não do presente, e os cônjuges não lhes transmitiriam nenhuma das doenças sexuais. Poderiam, ainda, ter que considerar o relacionamento com sogros ou sogras, também governantes como *Dowagers*. D. Catarina de Bragança teve que aprender a ser Rainha em Inglaterra, a movimentar-se em novos ambientes e ultrapassar a barreira linguística pelo meio; teve que lidar com o papel que se esperava de uma rainha na sua época, adaptando-se à política dos Stuarts e da família real.

Esperava-se da Rainha uma subordinação ao monarca, daí a estranheza de Charles II quando D. Catarina recusou *ab initio*, com grande naturalidade e frontalidade, o pedido, transformado em imposição, de aceitar entre as suas damas de companhia Barbara Palmer, amante conhecida publicamente. Esperava-se também da Rainha Consorte que, servindo o monarca, servisse a nação, ajudando-o, cumprindo os seus deveres, sem exigir poder ou influência, numa corte em que quase tudo se jogava por influências. Não deixa de ser, por isso, relevante notar que, apesar das múltiplas dificuldades que enfrentou, a Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra manteve sempre a sua *entourage*, a sua casa real, o seu orçamento, conselheiros, músicos, criados, como se pode verificar no capítulo "Of the Queen Consorts Court" (cap.XIV, pp. 210-14), da obra de Edward Chamberlayne já mencionada. Para além de descrever a composição da casa real de D. Catarina de Bragança, o autor apresentou uma breve biografia da Rainha em "Of the present Queen of England". No

³⁹ ADAMSON, John "How women made the monarch merry", Book Review of *All the King's Women: Love, Sex and Politics in the Life of Charles II* by Derek Wilson in *The Sunday Telegraph*, Telegraph Group Ltd., 20th April, 2003.

final deste capítulo, o autor elaborou uma síntese do carácter de D. Catarina de Bragança em tom muito elogioso e refere alguns aspectos da história ou costumes de Portugal, país imperfeitamente conhecido e assunto de grande curiosidade por parte dos ingleses, como já houve oportunidade de referir, dada a aproximação de ambos os países pela aliança anglo-portuguesa.⁴⁰

Diversos factores se reuniram naturalmente, permitindo a D. Catarina de Bragança consolidar a sua sobrevivência na corte de Charles II: o sacrifício do seu orgulho pessoal face às amantes do soberano, a abdicação da sua vida em prol de uma aliança e de um casamento anglo-portugueses, a memória constante de Portugal e da fragilidade da situação política do seu país de origem e, talvez, apesar dos pesares, o facto de gostar bastante do monarca. Vários autores sublinharam este aspecto: "Catherine, notwithstanding the desertion and adulteries of her libertine husband, appears to have borne a strong affection for him to the last.";⁴¹ segundo outros, tudo parece indicar que, com o tempo, o soberano a estimou, respeitou e admirou. Na realidade, apesar dos momentos de confronto inicial e apesar de não conseguir dar um herdeiro à monarquia, o Rei cumpriu a aliança assinada em 1661 e manteve-se ao lado da sua Rainha estrangeira e católica, nunca cedendo, em ocasiões sérias e graves como quando a tentaram afastar do trono de Inglaterra, quando o tentaram aliciar para se divorciar de D. Catarina e a quiseram implicar em tentativas falsas de assassinio do rei. Segundo Antonia Fraser,

⁴⁰ Deve referir-se, complementarmente, outro apontamento biográfico de D. Catarina de Bragança, de 1662, e talvez o primeiro em inglês depois da sua chegada a Inglaterra. Encontra-se na obra de Aurelius Cook, *Titus Britannicus* (London, 1662, pp.471-508) no subcapítulo, "His Love and Affection to his Queen". Apesar de escrito convictamente como relato histórico, só pode ser lido na actualidade com alguma ironia e com a noção de que não se trata obviamente de uma obra *sobre* a Rainha de Inglaterra, mas de uma visão subjectiva, idealizada e apologética, do Rei Charles II. Talvez "Love" não seja o termo mais indicado para definir os muitos momentos ou circunstâncias em que o monarca impôs à consorte as suas favoritas nos aposentos privados, em passeios, em recepções; ou quando, poucas semanas depois da chegada da Infanta a Londres, mandou regressar a Portugal praticamente toda a comitiva portuguesa; ou, também, quando destituiu Edward Montagu do cargo de estribeiro-mor de D. Catarina, pela companhia, pela simpatia e pela reverência com que ele tratava a Rainha; ou, ainda, quando expôs claramente os seus desejos numa carta a Lord Clarendon, num estilo incisivo, enfático e ameaçador, declarando tomar não o partido da Rainha e de todos os que a apoiassem, mas da sua amante, Lady Castlemaine.

⁴¹ JESSE, John Heneage, *Memoirs of the Court of England during the reign of the Stuarts, including the Protectorate*, vol. III, London, Richard Bentley, 1840, p.405.

biógrafa de Charles II: "No-one could seriously believe ill of her. This was a major achievement in such an age".⁴²

D. Catarina de Bragança e os seus múltiplos papéis

Tal como já foi sublinhado, para uma Infanta vinda de longe, com pouca ou nenhuma educação formal ou experiência do mundo, unir-se à monarquia britânica de Charles Stuart exigiu tornar-se "inglesa" na cultura política da Restauração. Esperava-se que fosse uma esposa dedicada, que aceitasse o *status quo* que se vivia na corte e que fosse mãe quanto antes. Muito lhe foi exigido e, para ter sucesso, teve que passar por uma aculturação, pela adaptação rápida aos novos costumes e pela aprendizagem e domínio de uma língua estrangeira. O êxito ou o fracasso pessoal nas múltiplas funções que lhe eram atribuídas podiam produzir situações de grande complexidade se perdesse o aliado de que mais precisava, o soberano. A forma como D. Catarina lidou com certas exigências e imposições, as suas características pessoais, a paciência, inteligência e capacidade de adaptação foram subvalorizados por certos autores. Católica e estrangeira, teve dificuldades de adaptação acrescidas por ter um marido e soberano publicamente conhecido pelas suas infidelidades, por ele assumidas com toda a naturalidade e por revelar, simultaneamente, uma grande insensibilidade conjugal nesta matéria. Entre as muito sérias e graves humilhações que D. Catarina de Bragança teve que enfrentar desde o primeiro ano de casamento e durante todo o seu percurso em Inglaterra, destaca-se a aceitação e convívio sistemático com as prolíficas amantes do soberano e, posteriormente, a acusação no Parlamento de traição ao Rei.

D. Catarina de Bragança não teve efectivamente, a influência política das favoritas de Charles II, socialmente mais poderosas e intervenientes. Esse aspecto foi igualmente muito comentado e constatado por esse observador atento a tudo o que se passava na corte, Samuel Pepys. No seu Diário, comenta as intrigas na corte e as facções engendradas e lideradas por Mrs. Palmer, nomeada *Lady Castlemaine*. Menciona, também, como em termos políticos ela era superior à Rainha, conseguindo manobrar o Rei em assuntos de Estado, aspectos que ilustra com alguns exemplos:

⁴² FRASER, Antonia, *op. cit.*, p.129.

There are factions (private ones at Court) about Madam Palmer; but what it is about I know not. But it is something about the King's favour to her, now that the Queene is coming. (22nd Jan. 1662).

Para reforçar toda essa situação aviltante, não havia um herdeiro legítimo. O insucesso mais problemático de D. Catarina de Bragança e, em termos pessoais, mais doloroso foi efectivamente o problema da maternidade, que, para infelicidade sua, estava para além do seu controlo. Apesar de não ser tão atraente, ofuscante ou exuberante como as variadas e sucessivas rivais,⁴³ esteve várias vezes à espera de um herdeiro legítimo do Rei, o que significa que não foi por falta de esforço e que o monarca não deixou de a procurar nos primeiros tempos. No entanto, nenhuma das gravidezes chegou ao fim, e as decepções sucederam-se durante os primeiros anos que esteve em Inglaterra. Tratou-se de uma situação visualizada como um fracasso num dos papéis que lhe eram inerentes, senão o principal, o da continuidade, pois ao contrário das diversificadas companhias femininas reais, não lhe conseguiu dar um filho. Se o tivesse conseguido durante a década de 1660, teria, pelo menos, fortalecido a sua posição e ter-lhe-ia dado esperança de uma influência mais duradoura no espaço em que se movia. No entanto, por volta de 1670-71, ficou claro que não conseguiria dar um herdeiro legítimo ao Rei.

A oportunidade de melhorar a sua posição na corte surgiu essencialmente a partir do início da década de setenta, com a sua aproximação a determinados membros da corte, uma potencial facção que via com desagrado a supremacia de *Lady Castlemaine*

⁴³ Estes aspectos facilmente se podem comprovar através da observação e comparação de retratos da época dessas figuras femininas: para além da Rainha, da Duquesa de York, de Minette, as companhias de Charles II, como Castlemaine, Keroualle, Nell Gwyn e tantas outras, foram retratadas pelos pintores mais famosos ou populares na época. Estas últimas surgiam, por vezes, em poses e indumentárias (ou ausência delas) audaciosas e despidas de preconceitos, em muito semelhantes ao que hoje se pode observar. Para este efeito, pode visitar-se a sala dedicada ao séc. XVII na *National Portrait Gallery*. Em alternativa podem consultar-se algumas obras, muito ricas iconograficamente, que apresentam e reproduzem determinadas pinturas e gravuras que a sala não pode comportar. Refiro-me a FOISTER, Susan, GIBSON, Robin, ROGERS, Malcolm, SIMON, Jacob, *The National Portrait Gallery Collection*. With an Introduction by John Hayes, London, National Portrait Gallery Publications, 1988; MACLEOD, Catherine, and ALEXANDER, Julia Marciari, *Painted Ladies. Women at the Court of Charles II*, London, National Portrait Gallery, 2001; SOUSA, Manuel Andrade e, *Dona Catarina Infanta de Portugal Rainha de Inglaterra*, Lisboa, Edições Inapa, 1994; WALKER, Richard, *Miniatures*, London, National Portrait Gallery, 1998, entre outras.

e que poderia, eventualmente, opor-se à influência política e pessoal da amante mais publicitada e mais influente junto do Rei. O terreno que escolheu não foi o político onde, em Inglaterra, a sua influência era mínima e, nessa matéria, limitou-se a tentar defender sempre a causa de Portugal e a aliança luso-britânica. D. Catarina de Bragança optou por se movimentar essencialmente no plano cultural e social, onde a sua posição poderia vir a revelar-se mais forte.

Jogos de influências e identidade cultural

Olhando para os primeiros tempos em Inglaterra, mesmo antes da cerimónia religiosa de casamento, D. Catarina de Bragança já estava em desvantagem no seu papel de primeira dama. Diz-se aliás que, quando chegou a Portsmouth, o Rei estava retido em Londres não só por assuntos relacionados com o Parlamento mas também por questões ligadas a Castlemaine, que estava para ter um filho do monarca nesses dias e que, ostensivamente não comemorou, como todos em Londres, a chegada da Rainha, aspecto muito comentado por Pepys no seu Diário. Quando chegou à corte inglesa, jovem e entusiasmada, empenhada no cumprimento das suas funções, o cônjuge seu soberano tinha já uma amante, que não era sequer a primeira. Essa mulher era inglesa, protestante, reconhecida publicamente e capaz de manobrar e exercer jogos de influências de acordo com as suas amizades políticas entre figuras próximas do Rei, personalidades por vezes pouco aconselháveis e hostis à própria Rainha ou ao chanceler do soberano. A Consorte D. Catarina de Bragança, Infanta portuguesa e católica, dificilmente poderia competir em Whitehall com *Lady Castlemaine*, que em Dezembro de 1663 decidiu, de forma inusitada, tornar-se católica para, paradoxalmente, agradar ao Rei ou para adquirir maior proximidade de todos os actos da Rainha.⁴⁴

Ao longo da década de 1660, a Rainha foi percebendo, pela sua própria experiência, que a melhor forma de estar na corte do soberano e do país com quem estava para sempre e definitivamente

⁴⁴ Cf. LATHAM and MATTHEWS, William (eds.), *Ibidem*, vol.IV, p.431; Cf. DAVIDSON, Lillias C., *Catherine of Bragança, Infanta of Portugal and Queen-Consort of England*, With portraits and illustrations, London, John Murray, 1908, p.164; Cf. CORP, Edward, "Catherine of Braganza and cultural politics" in ORR, C. C., (ed.), *Queenship in Britain, 1660-1837. Royal patronage, court culture and dynastic politics*, Manchester University Press, 2002, p.55.

unida era aceitar os comportamentos do Rei mantendo a sua dignidade, dentro do que fosse legítima e humanamente aceitável ou suportável e não se opor através de manifestações ruidosas ou em público aos caprichos do soberano, tentando com isso conquistar, se não o seu amor, pelo menos a sua amizade, respeito e admiração, o que, na realidade, conseguiu. Colaborou com o Rei e com a Corte, participando activamente nos hábitos e costumes sociais, esforçando-se por dominar a língua inglesa, por aprender as formas de dançar então na moda como o *bransle*, o *coranto* ou outras danças populares e tradicionais inglesas, os jogos de cartas, os passeios pelos parques de St. James com ou sem amantes atrás, ou seja, tudo o que fosse de encontro aos gostos de Charles II. Por outro lado, D. Catarina percebeu que o meio mais poderoso na questão da sua afirmação teria que passar pelo patrocínio ou protecção de certas actividades ou, como hoje se designaria, pelo mecenato das artes ou de certas áreas de interesse público, que não necessariamente políticas. Gradualmente, com empenho e naturalidade, a Rainha proporcionou entretenimentos que tinham lugar nos seus espaços privados ou no espaço mais alargado da corte e procedeu à protecção de manifestações artísticas, quer de carácter profano quer de carácter sagrado, como o teatro, a música, a pintura, a organização da sua capela privada e todas as actividades a ela ligadas.

Quando a influência de *Lady Castlemaine*, com altos e baixos ao longo de cerca de dez anos, começou a entrar em declínio no final da década de 1660, o ambiente na Corte começou a sofrer alterações, permitindo desenvolvimentos significativos no posicionamento da Rainha, acontecimentos de que a própria teve consciência e soube tirar proveito real. Isto não significa que o monarca tivesse abandonado as companhias femininas extra conjugais. Apenas se inclinou para outras jovens da corte, como Frances Stuart⁴⁵ que, ao quê tudo indica, nunca conseguiu verdadeiramente seduzir, ou actrizes como Moll Davis (que deu uma filha ao Rei), ou Nell Gwyn (que lhe deu dois filhos). Na realidade, estas últimas não eram, na prática, influentes nas decisões políticas do Rei, nem a sua presença era agradável a

⁴⁵ *Lady Frances Teresa Stewart*, Duquesa de Richmond e Lennox, famosa pela sua beleza física, era conhecida na corte de Charles II como “La Belle Stuart”. Por ordem do monarca, o seu perfil foi cunhado nas moedas de cobre de *halfpenny* (moeda de meio dinheiro) e de *farthing* (um quarto de um dinheiro) como símbolo da “Britannia”. Conhecida também como “fair Britannia”, a sua imagem ficou retratada durante três séculos. Cf. FRASER, Antonia, *King Charles II*, London, Mandarin, 1990, p.241 e , também, www.fieldnotebook.com/coins/britishpence.html e www.britannia.com/history/articles/francesstuart.html.

todos os cortesãos. Segundo Agnes Strickland,⁴⁶ ambas ganharam intimidades excessivas com o Rei em Julho de 1666, numa das temporadas em que D. Catarina de Bragança se retirou para Tunbridge Wells para fortalecer e melhorar o seu estado de saúde. Com essas estadas da Rainha e das suas damas nas termas, Tunbridge Wells tornou-se um local de moda e de divertimentos, pois aí se promoviam bailes e diversões. Em determinado momento, com o monarca presente, D. Catarina contratou actores para representar em Tunbridge, na tentativa de o entreter e divertir. Desgraçadamente, e por ironia, isso trouxe demasiada intimidade entre elas e Charles II. Nem estas actrizes nem Winifred Wells, uma das damas de companhia de D. Catarina de Bragança, que também se tornou amante real, eram rivais efectivamente perigosas. Ao serem amantes de Charles II, eram antagonistas da Rainha; por outro lado, paradoxalmente, ao enfraquecerem a posição de *Lady Castlemaine*, contribuíram para fortalecer a posição da Consorte. Mais tarde, quando o Rei arranjou uma amante católica francesa, D. Catarina já tinha para trás um longo percurso de conhecimento e de convívio com as constantes infidelidades do monarca e estava preparada para tentar enfrentar, em determinadas áreas, uma rival, que agora era estrangeira e também católica ou papista, como diziam os seus contemporâneos. Tratava-se de Louise de Kéroualle,⁴⁷ de vinte e um anos, que tinha sido uma das damas da comitiva da irmã mais nova do Rei e que, depois da morte súbita desta, foi convidada para se mudar para Whitehall. Estranhamente, tanto

⁴⁶ STRICKLAND, Agnes, "Catharine of Braganza, Queen-Consort of Charles The Second, King of Great Britain" in *Lives of the Queens of England from the Norman Conquest*, London, G. Bell, 1880-83, vol.IV, pp.351-510, (1st ed. 1841).

⁴⁷ Louise de Kéroualle (1649-1734) fazia parte de uma antiga família da Bretanha e tinha ido pela primeira vez a Inglaterra em 1670, como dama de companhia de Henriette, Duquesa de Orleães, por ocasião da negociação e assinatura do Tratado de Dover. Pela sua beleza natural e morena, era uma óbvia candidata aos desejos do Rei e, após a morte repentina de Minette no final do ano, foi efectivamente convidada a mudar-se para a corte de Inglaterra. Como em outras situações, D. Catarina de Bragança foi obrigada a aceitá-la na sua comitiva, e em 1671 a jovem francesa estava totalmente estabelecida. Em 1672 teve um filho do monarca, que mais tarde recebeu o título de Duque de Richmond. Em 1674 foi nomeada Duquesa de Portsmouth, e em 1675 passou a receber uma pensão anual. John Evelyn, em 1675, teve a oportunidade ver e descrever os seus luxuosos aposentos em Whitehall, muito mais ricos e esplendorosos do que os da Rainha. Alguns anos depois da morte de Charles, II *Lady Portsmouth*, já no reinado de James II, regressou a França. Cf. FORNERON, H., *Louise de Keroualle, Duchess of Portsmouth, 1649-1734, or How the Duke of Richmond gained his pension*. Compiled from State Papers preserved in the Archives of the French Foreign Office. With portraits, facsimile letter, etc., and a Preface by Mrs. G.M.Crawford. 5th ed. London, 1897.

o Secretário de Estado inglês como o embaixador francês, asseguraram à jovem que a Rainha desejava que ela se submetesse ao Rei e, na realidade, rapidamente se tornou a nova amante do monarca.⁴⁸ “Madam Carewell”, nome que os ingleses lhe atribuíram, não era muito popular entre os súbditos de Charles II, pois era católica, francesa, ambiciosa, o rendimento para ela e para o filho vinha de fundos públicos e teve os seus aposentos de Whitehall restaurados e redecorados diversas vezes. A atracção que ela exercia não era meramente física, e dizia-se que, com a sua inteligência e modos franceses, exercia enorme poder sobre Charles II. A sua importância política não passou despercebida aos contemporâneos, e havia mesmo um certo receio de que ela influísse nas decisões políticas do Rei. Na realidade, políticos como Danby tentaram ganhar o seu apoio, em 1683, graças à sua influência Sunderland foi nomeado Secretário de Estado, e Louis XIV e os seus embaixadores atribuíram-lhe igualmente bastante importância.

Houve, no entanto, outros aspectos marcantes que contribuíram para sustentar a posição da Rainha D. Catarina de Bragança na corte inglesa. Ao longo da década de 1660, as lealdades familiares, políticas e culturais de Charles II estavam orientadas para a sua irmã Henriette, Duquesa de Orleães. A influência francesa em Whitehall, mesmo depois do falecimento da Rainha-Mãe, tinha tendência a ser dominante. A morte de Minette, nome com que carinhosamente Charles II tratava a irmã, no Verão de 1670, pouco depois da assinatura do Tratado Secreto de Dover, abriu a D. Catarina de Bragança novas possibilidades de movimentação ideológico-cultural na corte inglesa, uma vez que a facção francesa já não tinha o apoio forte da irmã do Rei no continente. A Rainha antecipou-se a outras hipotéticas manipulações de poder e posicionou-se como mecenas e protectora da cultura italiana, em oposição à cultura francesa, representada por Louise de Keroualle, nomeada Duquesa de Portsmouth em 1674.

Também nos princípios da década de 70 lhe foi favorável o crescente catolicismo na corte ou, mais concretamente, o número de católicos-romanos. Anne Hyde, Duquesa de York, era católica quando morreu em 1671. Dois anos depois, em 1673, o Duque de York revelou publicamente ter-se convertido também ao catolicismo. Na falta de um herdeiro, ele seria o principal,

⁴⁸ HUTTON, Ronald, *Charles II King of England, Scotland, and Ireland*, Oxford University Press, 1992, p.280.

presumível e legítimo sucessor de Charles II. Quando James Duque de York tornou a casar, no Outono de 1673, a presença na corte inglesa da princesa italiana Maria de Modena, contribuiu também para fortalecer essa facção cultural pró-italiana, potencialmente dinástica, levando a Rainha a solidarizar-se com ela e opor-se à influência francesa da Duquesa de Portsmouth.

Esta foi uma grande alteração na vida de D. Catarina de Bragança relativamente ao isolamento que tinha vivido e experimentado nos seus primeiros anos em Inglaterra, ou seja, nos tempos de *Lady Castlemaine*. Nos anos que se seguiram, a Rainha, apoiada pela nova Duquesa de York, usou o mecenato cultural para potenciar a sua influência na corte. Para reforçar estas potencialidades, e apesar de se tratar de mais uma provação, convidou, em 1675, Hortense Mancini, Duquesa de Mazarin,⁴⁹ para a corte de Londres, na esperança de que, no plano da atracção física, ela suplantasse a Duquesa de Portsmouth junto do Rei. Charles II, segundo afirma um dos biógrafos do Rei, achou que ela era “the finest woman he had ever met”⁵⁰ e, rapidamente, Hortense se tornou sua amante. Estes estratagemas, é certo, contribuíram para diminuir a influência de Portsmouth e incrementar a posição de D. Catarina na corte mas, como afirma uma das suas biógrafas, “that is not to say that she was happy”,⁵¹ pois, como consorte, era humilhante ter que colocar uma amante contra a outra desta maneira.

Ironicamente, o comportamento e a postura de Louise de Keroualle na Corte contribuíram para a afirmação de D. Catarina de Bragança. A Duquesa apoiou a exclusão dos católicos ingleses durante a grande crise de 1679-81, ganhando, assim, a inimizade permanente do futuro James II. Em Maio de 1684, tentou hostilizar a Rainha, insinuando-se entre as damas de companhia e impondo por vezes a sua presença às refeições. Apesar de muitos anos terem passado desde que chegara a Inglaterra, D. Catarina tinha dificuldade em aguentar certas situações e, ocasionalmente, ia-se abaixo em público.⁵² Este aspecto é

⁴⁹ Hortense, tal como a mãe de Maria de Modena, era sobrinha do cardeal Mazarin. Como esposa pouco estimada de um duque francês, ela podia proporcionar ao Rei tudo o que fosse do seu gosto por coisas francesas, mas o seu passado familiar italiano e o facto de ter vivido anteriormente em Turim, tornaram-na uma aliada da facção italiana.

⁵⁰ HUTTON, Ronald, *op. cit.*, p.336.

⁵¹ DAVIDSON, Lillias Campbell, *Catherine of Bragança, Infanta of Portugal and Queen-Consort of England*, With portraits and illustrations, London, John Murray, 1908, p.361.

⁵² Cf. HUTTON, Ronald, *op.cit.*, p.417.

particularmente significativo por revelar a necessidade sentida pela própria Duquesa, amante do Rei e colaboradora de França, de prevalecer e defender o seu estatuto de favorita, actuando de forma pouco cordata, mesmo hostil, relativamente à Rainha. De qualquer forma, esta fortaleceu a pouco e pouco o seu estatuto, tornando cada vez mais visível a presença negativa de *Lady Portsmouth* na Corte.

A estes podem acrescentar-se outros tópicos igualmente relevantes para o fortalecimento da posição de D. Catarina de Bragança na corte depois de 1670. Em primeiro lugar, o modo como organizou a sua casa real, de forma a adquirir maior domínio pessoal nos próprios aposentos. Durante a década de 1660, os seus aposentos incluíram apenas os serviços de damas inglesas, pois Charles II enviara para Portugal em 1662, de forma intempestiva, as acompanhantes portuguesas da Rainha, pouco tempo depois de terem chegado a Inglaterra. A única dama portuguesa que ficou foi a Condessa de Penalva, irmã do embaixador D. Francisco de Melo, mas não tinha um salário e recebia meramente uma pensão como amiga pessoal. A partir daí, D. Catarina aboliu o lugar de camareira-mor para evitar ter que aceitar alguém desagradável, tal como acontecera quando o Rei lhe impôs *Lady Castlemaine* nesse posto, situação já passada, mas não esquecida. De uma forma não oficial, a Rainha colocou o seu quarto de dormir sob a direcção da Condessa de Penalva. Apesar de manter *Lady Suffolk* como principal dama do guarda-roupa e primeira camareira, não a tinha na mesma consideração relativamente à fidalga portuguesa, o que se reflecte na remuneração atribuída.⁵³ Para gradualmente afastar e diminuir o número de damas na sua câmara, o mais privado dos seus aposentos, D. Catarina aumentou o número de açaфatas para oito em 1671, para dez em 1677, doze em 1682 e quinze em 1684.⁵⁴ Criou novas funções, entre elas uma governanta, então chamada “Mother of the Maids”, nomeada para vigiar as damas e as proteger das investidas do Rei. Ao reduzir o número e o estatuto das camareiras, a Rainha conquistou mais independência e maior domínio nos seus espaços mais privados. Durante a

⁵³ CORP, Edward, “Catherine of Braganza and cultural politics” in ORR, Clarissa Campbell, (Ed.), *Queenship in Britain, 1660-1837. Royal patronage, court culture and dynastic politics*, Manchester University Press, 2002, p.68, nota 22.

⁵⁴ *Idem, ibidem.*, pp.68-9, nota 23. Davidson não considerou esta alteração e descreve as açaфatas como camareiras, afirmando que Portsmouth se tornou em 1673 camareira de D. Catarina.

década de 70, a Rainha conseguiu nomear também outra dama portuguesa para ajudar a Condessa de Penalva e ainda mais quatro açaфatas portuguesas.

Foi também o desenrolar natural dos acontecimentos da história de Inglaterra que alterou e obrigou inevitavelmente a Rainha a empreender outras movimentações. Em 1673, durante a chamada *Exclusion Crisis*, a aprovação do *Test Act* obrigou a Rainha a dispensar todos os membros ingleses católicos da sua casa real, resultando na redução do número de funcionários nos vários sectores da sua casa real. Estas circunstâncias polémicas e difíceis nestes anos da história de Inglaterra, aparente prenúncio de maior fragilidade para a Rainha católica, foram, curiosamente, uma forma de D. Catarina ter maior controlo sobre a nomeação dos membros do seu Conselho Privado, conseguindo um domínio mais significativo sobre os seus conselheiros. O seu camareiro-mor, depois de 1667, foi o Visconde de Cornbury, irmão da duquesa de York e filho mais velho do Conde de Clarendon, o homem de confiança de Charles II na Restauração, que tinha ajudado a negociar o seu casamento entre 1660 e 1662. Quando mais tarde Cornbury se tornou 2º conde de Clarendon, ela atribuiu-lhe as funções de tesoureiro e nomeou *Lord Ossory* para o seu lugar. Como secretário privado entre 1662 e 1692, teve *Sir Richard Bellings*, homem da sua confiança e um dos quatro que assinaram e tiveram conhecimento do Tratado Secreto de Dover.

Parece quase certo que D. Catarina esteve igualmente a par da celebração e assinatura desse Tratado e, eventualmente, de alguns pormenores, o que contribui para reforçar o seu estatuto depois de 1670. Um dos nobres que assinaram o Tratado de Dover fazia parte da sua casa real, aspecto que reforçou, sem dúvida, o seu prestígio e o daqueles que a rodeavam. Tratava-se do Conde de Arlington, e a Rainha concedeu-lhe, e à Condessa de Arlington, um estatuto superior nos seus aposentos.

Todos estes factores, como a influência de *Lady Castlemaine* ter diminuído radicalmente, o tornar-se visível que Charles II depositava a sua confiança em D. Catarina de Bragança, a aliança luso-britânica podem explicar porque é que o monarca nunca esteve disponível para concordar com um divórcio. Ao tornar-se evidente que as gravidezes da Rainha não chegavam a bom termo e que ela não conseguiria ter filhos, a ansiedade da expectativa ia diminuindo, e tornou-se claro que o trono passaria naturalmente para o Duque de York. Parece até que as relações de amizade e confiança entre o soberano e D. Catarina se

tornaram mais estáveis com o passar do tempo. E, de acordo com George Savile, no que se refere a amantes e ministros, Charles II pensava da seguinte forma: "He lived with his Ministers as did with his Mistresses; he used them, but he was not in love with them."⁵⁵

Outro factor fundamental na década de 1670 no reforço do estatuto da consorte relaciona-se com a organização das finanças da Rainha. D. Catarina de Bragança atribuía grande importância à manutenção da sua independência financeira, o que era legítimo, e há documentos de 1670 e 1671 que mostram como ela geria o seu rendimento anual. A distribuição do dinheiro que lhe pertencia fornece uma indicação precisa das prioridades da Rainha Consorte. Durante muitos anos, na década de 1660, D. Catarina não recebeu devidamente a totalidade do rendimento que lhe era devido.⁵⁶ Depois de 1667, a sua posição melhorou quando os bens da Rainha viúva ou *Queen-dowager* reverteram para ela. Mesmo assim, em 1681, quando o seu rendimento total devia ser £41,000, só recebia ainda £38,000.

Igualmente relevante no que se refere à busca de uma identidade inequívoca e de um posicionamento forte na corte, é a atenção e proeminência atribuídas por D. Catarina de Bragança a uma área particular dos seus espaços privados, ou seja, a capela real, que, apesar de estar acessível ao público era, simultaneamente, o mundo da Rainha, dos seus acompanhantes, do que restou da sua comitiva e, conseqüentemente, uma forma de espaço privado. Com a capela gastava mais do que com o a maior parte dos encargos da sua casa real. Com o seu quarto os gastos eram parcos e contidos, e durante muitos anos quem servia a Rainha na sua câmara eram ingleses e inglesas. A capela fazia parte do seu mundo privado, onde ela se podia retirar, e entre os que lá trabalhavam incluíam-se alguns portugueses.⁵⁷ A capela da Rainha do Palácio de St. James esteve inicialmente sob a direcção do Abade d'Aubigny, substituído em 1665 pelo P^e Philip Howard, mais tarde Cardeal e irmão do Duque de Norfolk. Até 1670 houve também um deão, um confessor português, quatro esmoleres e quatro pregadores. Para além destes elementos, a Rainha empregava onze frades franciscanos

⁵⁵ HALIFAX, Lord George Savile, Marquis of, *A Character of King Charles the Second*, Cap.IV His Conduct to his Ministers London, 1750, p.39.

⁵⁶ Cf. CORP, Edward, *op. cit.*, p.69, nota 27.

⁵⁷ Cf. CORP, Edward, *op. cit.*, p.59.

portugueses, da Ordem de S. Pedro de Alcântara, e seis monges beneditinos ingleses. Tudo indica que existiu desde o início, uma decisão consciente de manter o carácter anglo-português da capela, pois metade dos esmoleres (entre eles o bispo Richard Russell e o P^e Patrick Maggin) e pregadores (entre eles o Dr. Thomas Godden) eram ingleses e outra metade portugueses. Este equilíbrio foi alterado na década de 1670. Depois da morte da Rainha Henrietta Maria, em 1667, D. Catarina de Bragança recebeu a capela de Somerset House e transferiu para aí, em 1671, seis beneditinos. Em Março de 1675, dois anos depois do *Test Act*, todos os padres católicos ingleses foram expulsos da corte, excepção feita ao P^e Huddleston e ao P^e Howard, que já tinha deixado Inglaterra no ano anterior. Como consequência, a situação alterou-se, e o clero da capela da Rainha, com dois esmoleres e dois pregadores, tornou-se exclusivamente português. Os Beneditinos só puderam regressar em 1685, e tornou-se necessário solicitar a colaboração de mais monges portugueses para substituir os beneditinos ingleses em Somerset House.⁵⁸

Polivalência cultural na Corte da Rainha de Inglaterra

A atenção de D. Catarina direccionou-se igualmente para outras áreas, na sua tentativa pessoal de afirmação e valorização como Consorte, promovendo determinados artes, entre elas a música. A Rainha soube aproveitar o espaço privilegiado que tinha, os instrumentos humanos ao seu alcance, o poder conquistado, e não os negligenciou. Deu particular protecção a determinados músicos e a certo tipo de música.⁵⁹ Sabe-se que na década de 1660 o organista da capela era Matthew Locke, acompanhado no violino por Francis Bridges. Havia também um Mestre, Clement Roche, encarregado de quatro rapazes sopranos.⁶⁰ D. Catarina de Bragança tinha trazido com ela um cantor português, Timotheo de Faria, de grande reputação em

⁵⁸ Cf. CORP, Edward, *op.cit.*, p.69 nota 31.

⁵⁹ Cf. LEECH, Peter, "Musicians in the Catholic chapel of Catherine of Braganza, 1662-92", KNIGHTON, Tess (ed.), *Early Music*, vol.XXIV/4, November 2001, pp.570-87. Para além deste artigo, existem hoje vários estudos a ser elaborados sobre a história das capelas católicas inglesas no séc. XVII. Também já houve, em Norfolk, concertos de carácter não periódico, com música dos tempos da Rainha D. Catarina de Bragança.

⁶⁰ Cf. CORP, Edward, *op. cit.*, p.69, nota 22.

Portugal, mas que, por infelicidade, quando chegou a Inglaterra perdeu a voz.⁶¹

Estes e outros factores levaram a Rainha a aumentar e incrementar a contratação de músicos para apoiar os padres portugueses no que dizia respeito à música da sua capela, optando, nessa área, por italianos e não franceses. Alguns dos contemporâneos da Rainha, como John Evelyn ou Samuel Pepys, não apreciaram inicialmente a música da capela de D. Catarina de Bragança quando foi reaberta ao culto e ao público em 1662, por ocasião da chegada da jovem Rainha. Talvez se devesse à diferença de instrumentos, de melodias, de harmonia. Posteriormente, no entanto, revelaram uma alteração de gosto e de opinião, como se pode verificar no relato de Pepys, que entre 1666 e 1668 foi manifestando opiniões diferentes.⁶² Em Abril de 1668 D. Catarina nomeou Giovanni Sebenico, que já tinha trabalhado em São Marcos, em Veneza, para Mestre da música italiana da sua capela, mantendo igualmente Matthew Locke até à sua morte, em 1677. Sebenico deixou a Inglaterra em 1673 e foi substituído por Giovanni Battista Draghi, que proporcionou à Rainha música italiana com uma qualidade que rivalizava com qualquer actuação apresentada pela facção francesa. Pouco se sabe sobre os músicos italianos escolhidos para a capela da Rainha por Draghi: incluiu Cornellio Galli de Lucca e manteve em conjunto músicos italianos e portugueses. De alguma forma podem ter influenciado o jovem Henry Purcell que, em 1683, afirmava estar a imitar os mais famosos mestres italianos.⁶³

Não se pretende com isto dizer que a Rainha introduziu a música italiana em Inglaterra. Na realidade, em 1660 Charles II já tinha um grupo de músicos italianos.⁶⁴ Mas D. Catarina empenhou-se vivamente na projecção da música italiana em Inglaterra, através da protecção e divulgação de músicos oriundos de Itália, de forma repetida e explícita, conseguindo que o público se identificasse com a música que eles ofereciam. Samuel Pepys refere ter escutado música italiana em casa do Chanceler

⁶¹ Sobre a problemática em torno do cantor português Timotheo de Faria veja-se também CRANMER, David, "Music in the context of Anglo-Portuguese relations — a historical overview" in *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, nº 11, Lisboa, F.C.T. C.E.A.P., F.C.S.H., 2002, p.71.

⁶² Cf. LATHAM and MATTHEWS, William (eds.), *Ibidem*, vol.III, 21 Setembro 1662; vol.VII 1 Abril 1666; vol.VIII 24 Dezembro 1667; vol.IX 27 Setembro 1668.

⁶³ Cf. CORP, E., *op. cit.*, pp.59-60.

⁶⁴ Cf. CORP, E., *op. cit.*, p.60.

da Rainha, Lord Brouncker, em 1667, e ter-se apercebido de que Thomas Killigrew, irmão do Vice-camareiro da Rainha, planeava montar uma ópera com Draghi.⁶⁵ Em 28 de Setembro de 1668, o diarista descreveu um concerto de música italiana dedicado à Rainha de Inglaterra que, na opinião de Agnes Strickland, biógrafa da Rainha, foi encomendado pela própria:

[....] the Italians came in a large barge under the leads, before the Queen's drawing-room, and so the Queen and the ladies went out and heard it for almost an hour; and indeed it was very good. (S. Pepys, vol.IX, 28 Set. 1668).

O mecenato e protecção da Rainha nesta área foram bem sucedidos pois, enquanto o gosto musical em Londres durante a década de 1660 tinha sido essencialmente de influência francesa, a partir da década de 1670 tornou-se principalmente de influência italiana. Segundo John Evelyn, a primeira ópera italiana em Inglaterra foi montada e representada durante as celebrações do casamento de James e Maria de Modena, sendo no entanto seguida algumas semanas mais tarde por uma ópera francesa composta por Robert Cambert. Dois anos depois, quando a Duquesa de Mazarin ameaçou suplantiar a Duquesa de Portsmouth, esta utilizou Cambert e um grupo de músicos e cantores franceses para apresentar e introduzir em Inglaterra extractos das primeiras quatro óperas de Lully, de modo a superar a influência italiana dos músicos da Rainha. Paralelamente, D. Catarina de Bragança tinha um mestre de dança francês, Jérôme Gehors, que nomeou camareiro, posição que igualmente proporcionou ao guitarrista Francesco Corbetta.⁶⁶ Para a construção de um órgão para a capela real católica de Whitehall, escolheu e protegeu Renatus Harris, de quem ainda hoje existem órgãos em catedrais e igrejas inglesas. Eram, na realidade, verdadeiros exercícios de confronto de poder através da música.

Tal como na música, também em outras artes, como a pintura, D. Catarina de Bragança encontrou um meio de afirmação pessoal e fez uma tentativa semelhante de criar uma forma de

⁶⁵ Cf. LATHAM and MATTHEWS, William (eds.), *Ibidem*, vol. VIII, 12 Fevereiro 1667.

⁶⁶ Cf. CORP, Edward, *op. cit.*, p.70, nota 46.

estar independente, na escolha de pintores ingleses e estrangeiros. A constante busca de uma identidade própria na Corte da Rainha de Inglaterra passou, efectivamente, por uma polivalência cultural. Na década de 1660 foi retratada pelo pintor Sir Peter Lely de forma muito satisfatória, tal como sucedeu com outras damas da corte ou frequentadoras da corte, conhecidas como “Court Beauties”⁶⁷, e também dela existem várias miniaturas de Samuel Cooper. Num país marcado por diferenciações religiosas profundamente vincadas, na década de 1670 deixou de posar tão frequentemente para Lely, artista de convicções protestantes, elegendo em vez dele o pintor católico Jacob Huysmans, a quem protegeu. No entanto, tendo em conta que D. Catarina convivía inevitavelmente de forma diária com católicos e protestantes, mais do que a questão religiosa, o que terá pesado mais nessa preferência poderá ter sido o facto de o estúdio de Lely se assemelhar a uma fábrica de produção de representações de *Lady Castlemaine*, Duquesa de Cleveland, considerada “a beauty” por ele, pelo Rei e por tantos outros. Aí podiam encontrar-se originais do pintor e réplicas desses originais pelo próprio Lely, cópias pintadas ou gravuras feitas pelos seus assistentes, o que não era, efectivamente, o ambiente mais agradável para a Rainha Consorte frequentar.

Huysmans retratou-a a partir de 1664 com uma nova imagem, segundo alguns, “magnificent”.⁶⁸ Se Lely tinha captado D. Catarina de Bragança como uma figura bonita e jovem, este pintor representou a Rainha com uma beleza mais madura e sensual, vestida de sedas mais vistosas. Também o seu anterior penteado encaracolado deu lugar ao novo visual e estilo da década de 1670.⁶⁹ O assistente de Lely, John Baptist Gaspar, também a retratou⁷⁰, e alguns dos seus quadros mais famosos representam-na como pastora ou como Santa Catarina. Em ambos, ela usa vestido de seda, e o único em que não se vê o seu colar de pérolas é o de Santa Catarina. Deste retrato foi feita uma gravura e, por isso, obteve grande circulação na época. O retrato identifica

⁶⁷ Cf. LELY, Sir Peter, *et al.*, *Court Beauties of the Reign of Charles II, from the originals in the Royal Gallery at Windsor*, Engraved in the highest style of art by Thomson, Wright, Scriven, B.Holl, Wagstaff, and T.A.Deane. With memoirs by Mrs. A.Jameson, London, 1872; cf. MACLEOD and ALEXANDER, *Painted Ladies. Women at the Court of Charles II*, London, National Portrait Gallery, 2001. e, ainda, cf. CORP, Edward, *op. cit.*, p.70, nota 47.

⁶⁸ CORP, Edward, *op. cit.*, p.60.

⁶⁹ *Ibidem*, p.61 e p.71 nota 48.

⁷⁰ *Ibidem*, p.63 e p.71 nota 51.

alegoricamente a Rainha com a sua homónima: da mesma forma que Santa Catarina converteu os pagãos ao verdadeiro cristianismo, D. Catarina teria proporcionado a conversão de outros através do culto na sua capela; tal como a primeira foi cruelmente maltratada pelo imperador romano, também D. Catarina sofreu diversas vicissitudes provocadas pelo Rei, seu soberano. Esta representação pictórica foi particularmente significativa pela alegoria elaborada em torno da figura da Rainha, tal como sucedeu em alguns dos poemas laudatórios sobre D. Catarina que estabeleceram a mesma comparação.⁷¹

A Rainha protegeu igualmente o pintor Benedetto Gennari, católico e italiano, que chegou a Inglaterra em 1674. Era sobrinho de Guercino e tinha ganho reputação em Bolonha como retratista e pintor de obras decorativas. A sua chegada foi muito favorável a D. Catarina para defender abertamente a cultura e a estética italianas. Contrastivamente e como réplica, Louise de Kéroualle, Duquesa de Portsmouth, protegeu o pintor e retratista francês Henri Gascars, que também chegou em 1674. Gennari já tinha trabalhado em Paris entre 1672 e 1674 e, curiosamente, os primeiros quadros que produziu em Inglaterra foram retratos da Duquesa e do seu filho.⁷² Na realidade, como a maior parte dos pintores, Gennari já tinha trabalhado para uma diversidade de patronos, mas, em Inglaterra, foi essencialmente solicitado por D. Catarina de Bragança, depois pelo Rei e pelo Duque e Duquesa de York. Em 1674 a Rainha encomendou-lhe um retrato de si própria, que mandou para a família em Portugal. Posteriormente utilizou os seus serviços para decorar a capela do Palácio de St. James, que tinha sido recentemente ampliada por Christopher Wren. Nos anos seguintes Gennari continuou a decorar as capelas da Rainha nesse palácio e em Somerset House.

Também de alguma forma, D. Catarina conseguiu influenciar Charles II nas suas escolhas estéticas e pictóricas, dado que, agradado com o trabalho elaborado para a sua consorte, Charles II contratou Gennari para decorar os seus novos aposentos em Windsor. Com efeito, o pintor italiano produziu variadas obras de carácter sagrado para a Rainha e outras de carácter profano para

⁷¹ A título de exemplo veja-se, entre outros, o poema de Edmund Waller, *To her Majesty on her Birth-day, Sung by Mrs Knight* (London, 1662): "This happy day two lights are seen,/ A glorious saint, a matchless Queen:/ Both nam'd alike, both crown'd appear,/ The Saint above, th'Infanta here,/ May all those years, which Catherine/ The martyr did for heav'n resign, [...]"

⁷² Cf. CORP, Edward, *op. cit.*, p.71, nota 52.

o Rei. O entusiasmo do soberano pela estética italiana levou-o a contratar também o italiano Antonio Verrio, que chegou a Inglaterra em 1672 com Ralph Montagu, então estribeiro-mor da Rainha.⁷³ O entusiasmo e admiração pela arte do pintor foi-se propagando por outros membros da casa real de D. Catarina, particularmente ligados à sua capela e que encomendaram a Gennari objectos sagrados e retratos. Outros trabalhos foram também encomendados, por exemplo, por Draghi, por Cornelio Galli, por padres portugueses, entre outros. Foi também Gennari que pintou os dois últimos retratos de D. Catarina em Inglaterra, um em 1678 para ser enviado para Modena, outro em 1684 para a Condessa de Arlington.

Para além da Rainha e de alguns dos membros da sua casa, os patronos do italiano Gennari foram-se diversificando e, para além do monarca, incluíram personalidades de opiniões politicamente diferentes, como Danby, Lauderdale, Sunderland, o que significa o reconhecimento público de um dos pintores eleitos e dilectos da Rainha. Também Ralph Montagu, anterior estribeiro-mor de D. Catarina e então embaixador em França, encomendou cinco retratos a Gennari. A procura e protecção de Gennari devem ser vistas como parte de um contexto mais amplo de protecção aristocrática a artistas italianos e à estética italiana, no qual teve um papel determinante a Rainha de Inglaterra. Do ponto de vista da Rainha, as suas encomendas a este italiano e outros pintores revestiam-se, efectivamente, de uma dimensão ainda mais alargada: não podendo competir com a assiduidade das amantes reais na companhia e na cama do seu soberano, ela encarnou um desafio verdadeiro e pioneiro, no que diz respeito ao mecenato cultural. É um facto que não conseguiu expulsar as suas rivais e que na corte de Inglaterra houve sempre espaço para estilos franceses e italianos. Mas, ao substituir a política sexual por uma política cultural, D. Catarina de Bragança encontrou um método alternativo e eficaz de atrair a atenção do cônjuge, de enfrentar a influência das favoritas na corte e de afirmar o seu papel e função de consorte na corte de Charles II.

Pode parecer uma proeza de somenos importância, mas para uma rainha consorte que não teve filhos, que tornou, sem o querer, a questão da sucessão em Inglaterra um assunto controverso, que vinha de uma dinastia geograficamente longínqua

⁷³ Cf. *Ibidem*, p.71, nota 55.

em luta pela sobrevivência da sua independência e com poucos elos às outras famílias reais e principescas da Europa ocidental, com um casamento que tinha sido apoiado pela corte francesa em oposição à vontade expressa da monarquia espanhola; ou seja, com todos estes condicionalismos, pode afirmar-se que se tratou de uma proeza considerável. Efectivamente, se, relativamente a assuntos políticos a influência de D. Catarina em Charles II é, na generalidade, desvalorizada, é um erro fazê-lo relativamente a assuntos culturais. A Rainha teve um papel importante nesta área, ao contribuir para criar a natureza cosmopolita da corte inglesa, que de outra forma poderia ter sido apenas uma extensão cultural da corte francesa. Gascars voltou para o continente em 1677, tendo Gennari e Draghi ficado um pouco mais tempo.

Como estas, há ainda outras circunstâncias em que a actuação de D. Catarina de Bragança foi igualmente relevante na demarcação de um lugar pessoal e distintivo na corte e que tem a ver com os seus hábitos pessoais, costumes sociais, mobiliário. Os seus aposentos de Whitehall foram decorados com cadeiras de palhinha ou verga, as chamadas “cane chairs”, com papeleiras e contadores de laca, com porcelanas que ela trouxe consigo de Portugal e que contrastavam com o estilo francês dos aposentos das amantes do Rei. Para além deste aspecto, D. Catarina criou o hábito, entre as damas da sua casa real, de beber chá não como bebida medicinal mas por prazer,⁷⁴ aspecto que gradualmente se foi generalizando por toda a sociedade e que ficou imortalizado no poema de Edmund Waller “Of Tea, commended by her Majesty”. Popularizou também os tecidos de algodão pintados vindos da Índia ou o algodão branco, conhecidos como “calicoes”, utilizados, depois da década de 1660, para fazer roupas, colchas e tapeçarias para a parede.⁷⁵

Todas estas novidades nos aposentos pouco luxuosos mas sem dúvida dignos e singulares da Rainha, vindas de um país para lá do mar, longínquo e diferente, mas com terras e população espalhadas por todo o mundo, foram rapidamente divulgadas no resto da corte, e da corte para a sociedade em geral, extensão

⁷⁴ Cf. DAVIDSON, Lillias, op. cit., p.211 e THOMAS, Gertrude Z., *Richer than Spices. How a Royal Bride's Dowry Introduced Cane, Lacquer, Cottons, Tea, and Porcelain to England, and So Revolutionized Taste, Manners, Craftsmanship, and History in both England and America*, New York, Alfred A. Knopf, 1965, p.95.

⁷⁵ Cf. THOMAS, Gertrude Z., *ibidem*, pp.46-48.

facilitada pelas cláusulas comerciais do seu Tratado de Casamento que incluíam direitos de comércio livre para navios ingleses no Brasil, nas Índias Orientais, assim como a cedência do porto de Bombaim, que depressa se tornou o ponto central para o enriquecimento crescente da *East India Company*:

Pearls, porcelain, folding fans, and monkeys; silks, rugs, perfumes, and calicoes — these had always found a ready acceptance for themselves, whether in Portugal or in England. [...] In addition to these, however, Catherine, her dowry, and the hundreds of Portuguese artisans that followed her to England brought to the beauty-starved English a fascinating amalgamation of designs, materials, and customs divergent in origin, yet oddly blended together through generations of use in Portugal. In England, this foreign influence shaped the turn of a chair leg, popularized the use of woven cane, made a fashionable a cup of tea, and further dramatically enriched English living in countless unexpected ways.⁷⁶

John Evelyn, em 17 de Abril de 1673, registou o exotismo e inovação no mobiliário, diríamos hoje do *design* de interiores, que observou em casa de uma das damas da Rainha, comentando também, com a preocupação e conservadorismo que são característicos no seu Diário, como os novos e recentes estilos ultrapassavam já o âmbito da corte e se alargavam por outras casas de Inglaterra:

I carried Lady Tuke to thank the Countess of Arlington for speaking to his Majesty in her behalf, for being one of the Queen-Consort's women. She carried us up into her new dressing-room at Goring House, where was a bed, two glasses, silver jars, and vases, cabinets, and other so rich furniture as I had seldom seen; to this excess of superfluity were we now arrived, and that not only at Court, but almost universally, even to wantonness and profusion.⁷⁷ (vol. 1, p.86)

⁷⁶ THOMAS, Gertrude Z., *ibidem*, p.31.

⁷⁷ Cf. BRAY, William (ed.), *The Diary of John Evelyn*, Prefatory note by George W.E.Russell, 2 vols., London, J.M.Dent & Sons Ltd., 1936, (1st publ. 1818, 1st publ. in this edition 1907).

A casa real da Rainha de Inglaterra era também espaço onde se podia aprender a cultura portuguesa. O autor e tradutor para inglês de autores portugueses, John Stevens, era filho de um inglês que a serviu durante trinta anos desde a sua chegada a Inglaterra. Richard Stevens, seu irmão, também serviu a Rainha em Inglaterra com as mesmas funções, por mais de vinte anos, e acompanhou a Rainha quando ela regressou a Portugal. John Stevens viveu em Lisboa entre 1693 e 1695 e traduziu as importantes obras de Faria e Sousa pouco tempo depois da chegada da Infanta de Portugal a Inglaterra, ambas publicadas postumamente. Estas histórias da nação portuguesa foram publicadas em inglês em 1695 e 1698, sendo a primeira dedicada à Rainha: elas explicavam ao público inglês educado os feitos dos portugueses, pessoas com quem eles agora comercializavam regularmente. Também ajudaram a preparar o caminho para o importante tratado comercial anglo-português de 1703, o Tratado de Methuen, que consolidou o gosto crescente dos ingleses pelos vinhos portugueses, importados do Douro desde a década de 1660. Desta forma, D. Catarina de Bragança foi igualmente um veículo influente na divulgação e interesse pela história, cultura e mesmo pela língua portuguesa.

Há quem veja ainda a influência da Rainha Consorte na conversão de Charles II no final da vida: o P^e Huddleston, um dos sacerdotes da Rainha e amigo pessoal do soberano, deu-lhe os últimos sacramentos, quando ele se declarou católico no leito de morte em 1685. A partir dessa data, D. Catarina passou a ser *Queen Dowager*, e não teve nem pretendeu ter qualquer papel de destaque ou tentativa de afirmação pessoal em Inglaterra. Mudou-se para Somerset House com uma comitiva reduzida e preparou-se para regressar a Portugal. No entanto, teve ainda mais um dever dinástico a realizar: esteve presente no nascimento do Príncipe de Gales em Junho de 1668, e aceitou ser madrinha de baptismo em Outubro de 1668. Uma semana mais tarde, também testemunhou perante o Conselho Privado, com carácter oficial e a dignidade e estatuto de uma *Queen Dowager*, que o Príncipe era, de facto, o filho legítimo da Rainha, emprestando assim o prestígio do seu nome e estatuto para a continuidade da dinastia Stuart.⁷⁸ Na realidade, ela sempre pretendia preservar e defendera a sucessão hereditária legítima, rejeitando, tal como

⁷⁸ Cf. DAVIDSON, Lillias, *op. cit.*, p.421.

Charles II, tanto a ideia ou hipótese de divórcio, como a legitimização de filhos bastardos do rei.

Estava ainda em Inglaterra quando se deu a *Glorious Revolution*, mas a sua longa experiência e pragmatismo político levaram-na a visitar o invasor Príncipe William e Rainha Mary, na sua chegada a Londres em Dezembro de 1688, demonstrando abertura e ausência de hostilidade aos acontecimentos em curso. Ela não tinha forma de se poder opor e, além disso, guardava o desejo de regressar a Portugal o mais depressa possível. Apesar das contrariedades e das ideias políticas vigentes em Inglaterra que colocaram no exílio James II, a sua família e apoiantes, teve mais uma vez que demonstrar a sua capacidade de adaptação às circunstâncias que lhe foram impostas. O atraso na sua partida de 1685 para 1688 deu-se por várias razões: para além de alguma obstrução por parte de William III e de Louis XIV que, segundo Lillias C. Davidson,⁷⁹ duas vezes lhe negou passagem por França, teve que persuadir o rei D. Pedro de Portugal, seu irmão, a recebê-la; por outro lado, tinha em curso uma acção judicial contra o seu tesoureiro Lord Clarendon e, também, tendo ficado doente, não pôde viajar no momento que esperava.

Quando D. Catarina de Bragança deixou Inglaterra, em Abril de 1692, trinta anos depois da sua chegada e no mesmo mês em que tinha partido do país de origem, ela atravessou o Canal para o continente, apesar dos seus sentimentos anti-franceses. No entanto, evitou o contacto com a família real francesa no percurso para Portugal. James II e Maria de Modena viviam em França, e D. Catarina chegou a ver o seu afilhado, então com três anos, e a mãe, Maria de Modena, grávida nessa altura. Pernoitou, de passagem, num convento de freiras clarissas inglesas, onde confidenciou às irmãs que Charles II morrera católico, afirmações que ficaram aí registadas segundo a sua biógrafa Agnes Strickland. Tendo deixado a sua colecção de quadros em *Somerset House*, palácio que ainda lhe pertencia, encomendou a Benedetto Gennari, que vivia em Saint-Germain com os reis no exílio, um quadro da Virgem Maria para poder levar com ela para Portugal. Assim continuou a sua lenta viagem através de França e Espanha durante seis meses, chegando a Lisboa em Janeiro de 1693. Ao contrário do seu desembarque em Inglaterra, trinta anos antes em 1662, entrou em Portugal com uma comitiva anglo-portuguesa

⁷⁹ Cf. DAVIDSON, Lillias, *op. cit.*, p.443.

de cento e três acompanhantes. D. Catarina levava consigo todos os seus funcionários e padres portugueses, assim como muitos dos ingleses que a serviam, *Sir Richard Bellings*, *Lady Tuke* e *Richard Stevens*, entre outros.⁸⁰

Sobre o percurso anglo-português de D. Catarina de Bragança pode dizer-se quanto ao seu regresso que não se tratou de uma re-adaptação, mas de uma nova adaptação, ou seja, uma dupla aculturação: tal como em Inglaterra, houve um choque inicial em pequenas e grandes coisas e a necessidade premente de se ajustar à ordem instituída; de novo em Portugal, passou por esse tipo de situação de forma inversa, ou seja, foi confrontada com pequenas controvérsias com o poder institucional.⁸¹ As diferenças personificadas por D. Catarina de Bragança resultaram muitas vezes em influência, o que desde logo se tornou visível de muitas maneiras, até em pormenores como costumes e vestuário. Ao chegar a Inglaterra, em 1662, os seus trajes portugueses, como as anquinhos ou *farthingales*, foram comentados, criticados, por serem considerados ultrapassados e não se integrarem nos parâmetros da estética e da moda europeias de então; de regresso a Portugal, foi alvo de críticas e comentários por não usar essa mesma forma de trajar. O Rei D. Pedro chegou a pedir à irmã que se vestisse como em Portugal, moda que ela abandonara cerca de trinta anos antes. Relutante, pouco inclinada a aceder e com o apoio e pedido das fidalgas portuguesas, solicitou ao Rei a permissão, não só para ela mas também para todas, em geral, para deixar de usar esses acessórios. O soberano concordou e a moda feminina mudou.⁸²

Em termos políticos, teve mais influência em Portugal do que em Inglaterra, particularmente quando foi Regente. Em 1662, quando chegou a Inglaterra, o espaço de influências na corte já estava ocupado, e ela era jovem e inexperiente. Como Rainha Regente de Portugal exerceu claramente o seu poder, usando-o para defender uma política estrangeira anti-francesa, o que contribuiu para as negociações anglo-portuguesas e para a celebração do Tratado de Methuen em 1703.⁸³ De alguma forma,

⁸⁰ Edward Corp, *op. cit.*, p.72 nota 82, refere os nomes daqueles que integraram a comitiva que a acompanhou no regresso a Portugal.

⁸¹ CORP, Edward, *op. cit.*, p.72, nota 83.

⁸² Cf. DAVIDSON, Lillias, *op. cit.*, p.478.

⁸³ Cf. CORP, Edward, *op. cit.*, p.67 e DAVIDSON, Lillias C., *op. cit.*, p.482. Veja-se, ainda, o recente estudo: LOUSADA, Isabel, " 'You shall know a word by the company it keeps': Rereading 1703", comunicação apresentada em *Crossroads*

este posicionamento entrou em conflito com o seu desejo de ver a restauração dos cunhados exilados, os Stuarts, católicos e com legítimo direito ao trono inglês que tinham pedido apoio a França. D. Catarina de Bragança chegou a confidenciar ao seu médico, nos últimos tempos de vida, que quando estivera em Inglaterra nunca promovera os interesses franceses, o que revela que os seus sentimentos anti-franceses, desenvolvidos ao longo dos anos passados em Inglaterra, eram mais fortes que os laços dinásticos e elos religiosos que ela mantinha com a família do seu cunhado deposto.

Desta forma, com a abordagem do percurso da Rainha de Inglaterra pretendeu-se realçar de forma particular alguns dos aspectos mais significativos do papel e função de D. Catarina, dando ênfase à sua dimensão cosmopolita, como segunda figura mais importante do reino de Inglaterra. O apoio pessoal que deu ao teatro privado na corte e o apoio público que deu à pintura e música italianas, e à arte em geral, foram, como já se mencionou, apenas uma faceta da sua luta para conquistar uma identidade cultural que a distinguisse, e ao seu círculo mais próximo, das amantes fecundas, humilhantes e altivas do soberano, como a Duquesa de Cleveland e a Duquesa de Portsmouth, ambas católicas e politicamente a favor de França. Da mesma forma, a constituição da sua casa real anglo-portuguesa proporcionou aos ingleses a possibilidade de aumentar o conhecimento dos costumes, da história e, eventualmente, da língua e literatura portuguesas, através das traduções de obras de autores portugueses que foram surgindo. Permitiu igualmente divulgar determinados hábitos sociais, como o tão afamado gosto de beber chá por prazer, que se tornou um hábito e alastrou por todo o reino de Inglaterra, a vulgarização do uso do leque pelas damas em passeio, a utilização de receitas de cozinheiros portugueses, como as compotas ou *marmelades*, ou os bolos ainda hoje chamados *maids of honour* em Richmond.⁸⁴

of History and Culture, 27th International Conference of the Portuguese Association for Anglo-American Studies (APEAA), Carcavelos, Lisboa, 27th-28th April, 2006.

⁸⁴ AFONSO, Maria Lúcia, "D. Catarina de Bragança, uma princesa portuguesa na Corte dos Stuarts" in *D. Catarina de Bragança e o Paço da Rainha [1705-2005]*, Edição Comemorativa, Lisboa, Academia Militar, 2005, p.149, n.57.

A Rainha que veio de longe foi uma figura histórica que se tornou inspiração para poetas e narradores de língua inglesa e o seu percurso anglo-português como consorte do reino de Inglaterra surge tematicamente ligado a tópicos como a monarquia, a corte e o poder, o mundo público e o mundo privado, e a outros de carácter claramente português, como o mar, o amor, a saudade.

PANEGYRICK

On her most Excellent Majestie,
Katharine, Queen of England,
Scotland, France, and Ireland:

O R

Her Highness Cordiall
welcome into England.

Our Royal Majesty landed at Portsmouth, on Wednesday
the 24. this instant May: to the great joy of all
those that love for God, and Honour
the KING.

By CANCELOT JOHN OLDS, Gent.

L O N D O N

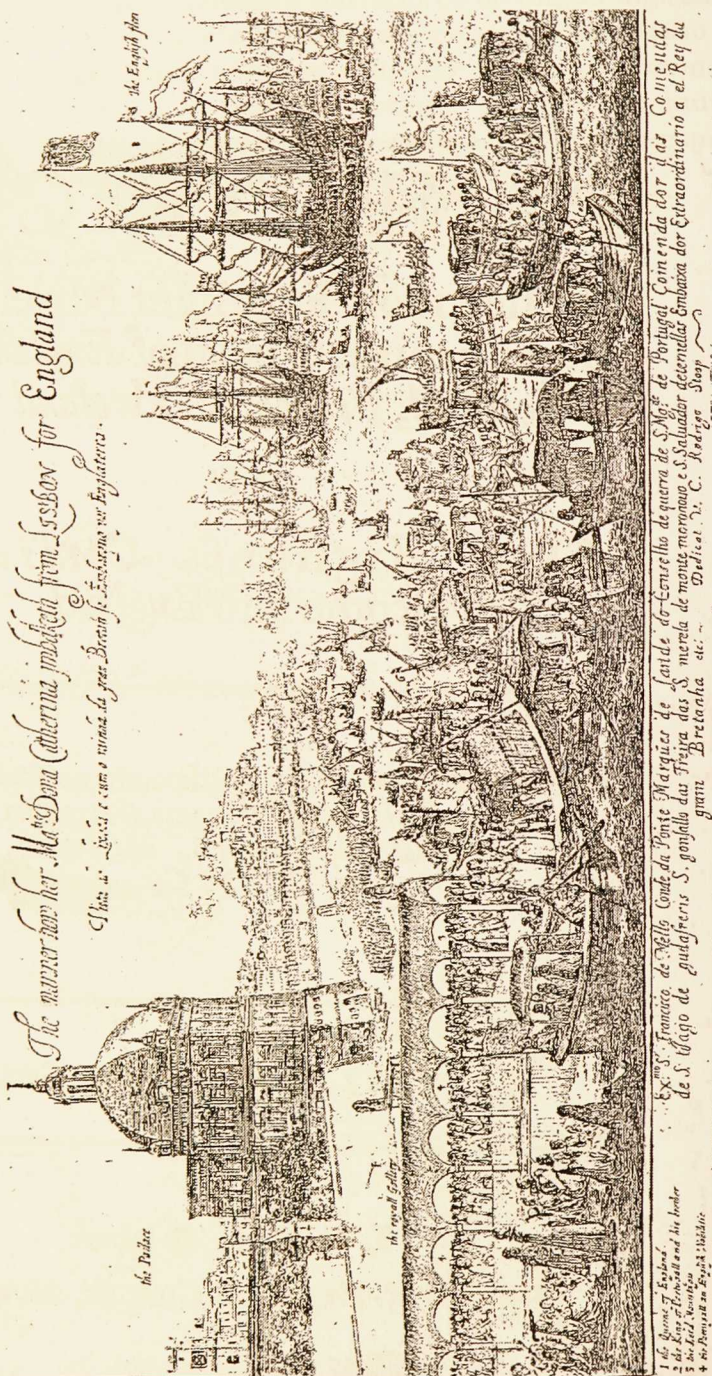
Printed by E. Fagha, at Great St. Martin.

APÊNDICE II

[The manner how her Ma^{ty} Dona Catherina jmbdketh from Lisbon for England
Vista de Lixboa e cum o rainha da gran Bretan se Embarguo per Englaterra]

The manner how her Ma^{ty} Dona Catherina jmbdketh from Lisbon for England

Uma a. vista e cum o rainha da gran Bretan se Embarguo per Englaterra.



1 de Ponte de Lisboa
2 de Ponte de Lisboa
3 de Ponte de Lisboa
4 de Ponte de Lisboa

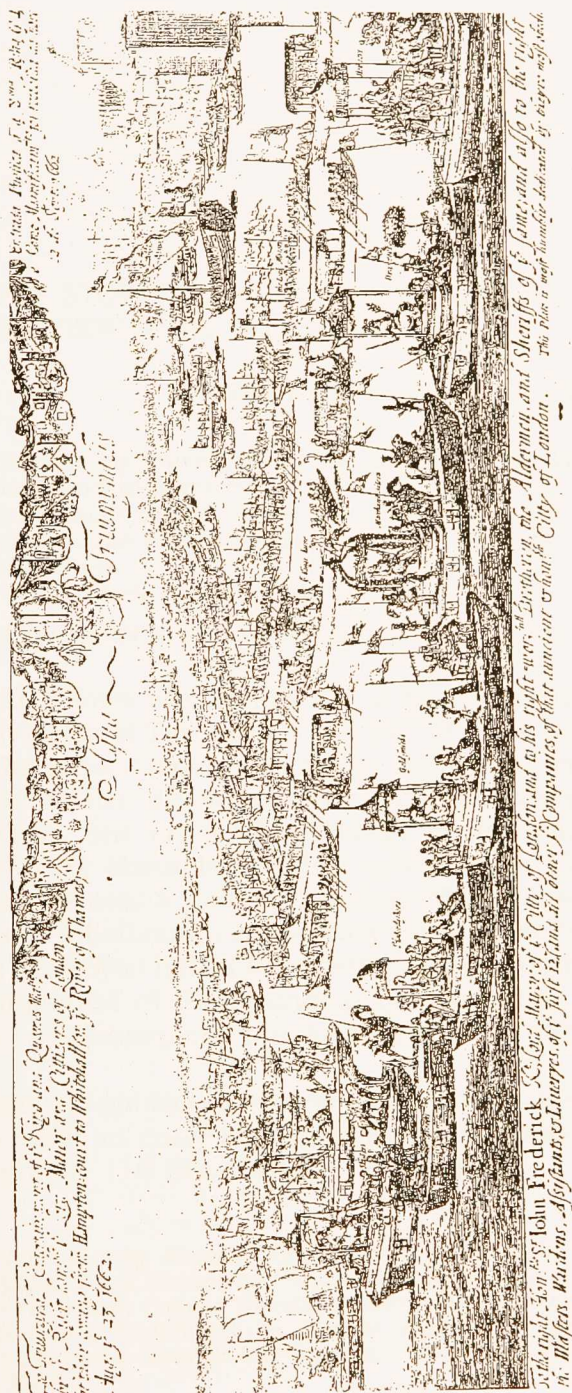
Ex. S. Francisco de Melly Conte da Ponte Marques de Saide do Conselho de guerra de Mo. de Portugal Comenda das Comendas
de S. Uago de Guadalupe S. gonçalo das Freyas das S. merela de monte morreano e o Salvador delemellar Embaxa dor Extraordinario a el Rey da
gran Bretanha etc. ~ Dedicoi ~ J. C. Rodrico Sculp.

APÊNDICE III

[The Triumphall Entertainment of y^e King and Queees Ma^{tie} by y^e Right hon^{ble} y^e Lord Maior and Cittizens of London at their coming from Hampton court to Whitehall (on y^e River Thames)

Aqua Triumphalis

Entrada publica q. a S^{ma} R^a da G B fez na Cidade de Londres Como Magnificam^{te} foi recibida da nobreza e Povo della em 2 de Sept. 1662]



FROM DUPPY STORIES TO SLAVERY TALES
AN INTERVIEW WITH AFUA COOPER

Maria de Deus Duarte, CEAP

I remember my journey from my island to this island
Rhode Island to Montreal
Lived in Rhode Island all my life 'till
monsieur came from Montreal on one of his trips
he bought me
Him seh mi look like a healthy wench.

"Confessions Of A Woman Who Burnt Down a Town"

The interview that follows was conducted at the Department of History of the University of Toronto on the 14th of June 2006. On that same day Governor General Michaële Jean was deeply moved by a depiction of her life enacted by Lawrence Heights Middle School students. She cried when Birago Bonsu played Jean as a child enduring obstacles on her arrival from Haiti. Behind Birago was Meleesha Isaac, playing Marie-Joseph Angélique, an assertive, rebellious, 18th-century Portuguese-born enslaved woman who destroyed half of the existing city of Montreal, and who is the protagonist of *The Hanging of Angélique. The Untold Story of Canadian Slavery and the Burning of Old Montreal*, by Afua Cooper.

Angélique has been the subject of several novels, plays, poems and a film, not to mention an entry in the *Dictionary of Canadian Biography* and a plaque at 110 Ste. Thérèse St., Montreal.

* In *Utterances and Incantations. Women, Poetry and Dub*. Edited by Afua Cooper, Toronto, Sister Vision. Black Women and Women of Colour Press, 1999, pp. 81-85. Cf. a different version in *Copper Woman*, Toronto, Natural Heritage Books, 2006, p. 73. Agradeço à Embaixada do Canadá o apoio e o prêmio concedido através do International Council for Canadian Studies in Ottawa: Faculty Research Award 2006.

Afua Cooper, a Jamaican-born Canadian historian and dub poet, lives in Toronto with her family, and is the established author of non-fiction and history who co-hosted the International Dub Poetry Festival and Conference in Toronto, in June 2004. Originating in Jamaica and infused with various political and social agendas, dub poetry is strongly influenced by reggae music, and draws from other aspects of the African Caribbean oral tradition — proverbs, riddles, nursery rhymes, hymns, and ring games songs — and resonates throughout Cooper's *Copper Woman*, a collection of poems launched on the 17th of June 2006. There, the boundaries between the poem and the song are unpatrolled, and her poetry exposes forms of race and gender oppression.

Afua Cooper holds a Ph.D. in African-Canadian history, specialises in women's history and New France, and has contributed to several publications on the history of the African diaspora in Canada and the Caribbean, particularly the nineteenth-century migrations of African Americans during the period of the Underground Railroad, and black slavery during the French and British regimes. She co-authored *We're Rooted Here and They Can't Pull Us Up: Essays in Canadian Women's History* (1994), which won the prestigious Joseph Brant Award for History. Currently a Professor of Black History and Women Studies at the University of Toronto, Afua Cooper has been researching for fifteen years the intriguing history revealed in *The Hanging of Angélique* (28-1-2006), the account of Marie-Joseph Angélique's tragic story under the shadows of four empires — the Portuguese, Dutch, British and French. The book is the first English-language history of the Atlantic slave trade to include Canada, and details the life, death and criminal prosecution of Angélique, who was executed for allegedly destroying 46 buildings and burning down much of Montreal on the 10th April 1734. The story has international resonance as Angélique was Portuguese and lived in what is now part of the United States. The book presents solid research and a detailed examination of the Dutch and Portuguese slave trade.

British ships took slaves from the African Gold Coast (Guinea) to Surinam and Barbados, and later to Jamaica in exchange for sugar. Slavery expanded under British rule until it was challenged by Governor Simcoe in Upper Canada (Ontario) in 1793 and Chief Justice Monk in Lower Canada (Quebec), also towards the end of the 18th century. In 1834, the institution was fully abolished. Marie-Joseph Angélique was the name given by the

French authorities to a Portuguese-born black slave in New France, owned by Thérèse de Couagne and François Poulin de Francheville. She was repeatedly beaten by her mistress over the years. François de Francheville died in November 1733; by 1734 Angélique's three children had died too. The 36-year-old Madame de Couagne sold her to a government official for gunpowder, and knowing that she was to be sent downriver to Quebec, Angélique was alleged to have set fire to her owner's home on Rue St. Paul and to have escaped with her new lover, a white indentured servant named Claude Thibault. French troops did their best to contain the blaze, but the fire devastated much of Montreal's merchant sector. Convicted of the most spectacular crime that a slave has ever committed in Canada, the 29-year-old Angélique was captured, brutally beaten, and her bloodied legs and knees crushed in order to make her confess. Thibault was never seen again. Angélique's death sentence was to be executed by being burnt alive, but instead she was hanged in a public ceremony by a fellow slave, Mathieu Lèveillé. On the day of the execution, she was driven through the city in a rubbish cart. The cart stopped en route at Notre-Dame Church (where Notre-Dame Basilica now stands) where she knelt and begged for forgiveness from God, the King of France and the people of Montreal. Before the execution, she was made to suffer the amputation of the hand which started the fire. Once dead, her body was burned and her ashes scattered.

Afua Cooper is also the author of *The Underground Railroad: Next Stop, Toronto!* (2004), *Utterances and Incantations. Women, Poetry, and Dub in the Black Diaspora* (1999), *Memories Have Tongue* (1993) — which won a Casa de las Americas Prize —, *The Red Caterpillar on College Street* (1989) and *Breaking Chains* (1983). Her work is also recorded in *Worlds of Fire* (2002), *Sunshine* (1989), *Poetry is Not a Luxury* (1987) and *Woman Talk* (1985). The Black Business and Professional Association honoured her with the Harry Jerome Award for Professional Excellence.

MDD — First of all, let me assume the readers of *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* would like to know more about you; for instance, you dedicated *The Hanging of Angélique* to Alpha Diallo, Akil, Lamarana, and Habiba.¹ Who are they?

¹ Afua Cooper, *The Hanging of Angélique. The Untold Story of Canadian Slavery and the Burning of Old Montreal*. With a Foreword by George Elliott Clarke, Toronto: HarperCollins Publishers Ltd., 2006.

AC — Thank you for for this interview, and the opportunity. These people are my immediate family. Diallo is my partner and the other names are our children. Akil is a boy, twenty four, Lamarana is twelve, she is actually thirteen, she has her birthday in February, and Habiba is ten. We are close; when I did my research they all came along, they were around, that was nice.

MDD — Which is the difference between the culture in which you spent the first years of your life and Kingston, where you moved at age eight? ²

AC — I spent the first years of my life in the rural parish of Westmoreland in Jamaica. I had seven siblings and was surrounded by grandparents and many members of an extended family. It was warm and close-knit. Most of the people were farmers and tradesmen. Values such as education, being kind to one's neighbours were important to us. The church was very important. My main denomination in my village was Protestant Christianity. Our world was small and predictable. But we were steeped in African Jamaican cultural mores. However, you could say that our culture was a *mélange*: an African value system mixed with a British Protestant one. When I was eight I moved to Kingston, the capital city of Jamaica. It was a very urban environment and life was more fast-paced. Religion was less important here. People were more open to different ideas, and American culture was very strong in this environment. There was more popular music. More of everything: cinemas, theatres, and other forms of entertainment. Also people were more radical and ready to challenge the government, whereas in the rural area they were more traditional. Kingston opened my mind to new possibilities. I enjoyed living in the city more than in the country.

MDD — "I am no longer a churchgoer", you wrote in "Finding My Voice". ³ Could you tell us why?

AC — I was raised in the Pentacostal Christian tradition. My mother was a churchgoer, my father was not. But it is women who socialize children into culture and tradition so all of the children went to church, that was the normal and standard thing. I loved going to church. I loved the hymns, the songs, the sermons, and the social activities that the children were engaged

² Cf. "Chapter 18. Afua Cooper (1957)". *Talk Yuh Talk. Interviews with Anglophone Caribbean Poets*. Edited by Kwame Senu Neville Dawes, The University Press of Virginia, 2001, pp. 215-225.

³ Cf. Afua Cooper, "Finding My Voice". *Caribbean Women Writers. Essays from the first International Conference*. Edited by Selwyn R. Cudjoe, Wellesley, Massachusetts, Calaloux Publications, 1990, pp. ix-x; 301-305.

in such as plays, and picnics. However, when I became a teenager I stopped going to church. It no longer appealed to me. I began studying religious history and I realized how the Bible was put together — that it was not “written by God” but by humans, men who had all kinds of devious motives, one of which was to control people’s minds for political gains. The history of Christianity in the Western colonial countries such as Jamaica was a brutal and terrible one. The Church supported the slave trade and the enslavement of Black and Amerindian people. The religion no longer appealed to me. Plus the church preached white or European supremacy. God was white, Jesus was white, to attain salvation, one had to “become whiter than snow”. I wanted something liberatory. Having left the church, I embraced the Rastafari tradition.

MDD — How has the Rastafari tradition influenced your work?

AC — I see that as part of my spiritual growth. Rasta took in consideration culture (Black culture), spirituality (meditation), food and nutrition (vegetarianism was preferred), and held materialism in disdain. I changed my diet; I changed my outlook on life. I grew my hair in dreadlocks. My parents were shocked, outraged and embarrassed. They had attained middle class respectability and felt that I was embarrassing them. My father gave me a choice: cut my dreadlocks, embrace a Western lifestyle or leave his house. At age seventeen I left my parents house and have been on my own ever since. I am no longer a Rasta but it has certainly influenced my life. I am still a vegetarian and my consciousness is still oppositional. What I mean by that is that I am never comfortable with the status quo. A main Rasta philosophy is that of fighting against all forms of oppression be it racial or economic. Rasta are very much interested in social justice. And I see my poetry and my life still very much concerned with social justice issues. I am against wars and show of force, the strong bullying the weak. Peace is vital but we want not just peace but justice.

MDD — What sort of a child were you like? Did you have an active imagination and ambition to write?

AC — As a child I had a very active imagination, I was a dreamer, I imagined all sorts of things. I imagined that I would be a writer, I wanted to be a writer, and I did dream a lot ... I began writing very early, I began when I was nine, when I was my young daughter’s age I was writing, poetry mainly, and short-stories, and I got some of my poems published in the children’s newspaper.

I was born in Jamaica, I grew up there, and we had a children's newspaper, all over the country, a national newspaper for children. I wish I had kept those issues of the newspaper. So, basically as a child, yes, I did start writing, I loved to read...

MDD — Duppy stories I guess... ⁴

AC — I loved to read, I loved to write, and I spent my time using my imagination...

MDD — Our imagination permits us to understand what it is like to be someone else. Fiction is a deeply moral form in that it is the perfect medium for entering the mind of the other. Do you think *The Hanging of Angélique* blurs the line between fact and fiction?

AC — I would say no, I don't think it blurs the line between fact and fiction because it is a historical account.

MDD — Your other books are eminently poetic. Do you read much poetry these days? Did you find yourself reading poetry in the same way you would a novel?

AC — I do take poetry differently. I see poetry as, really, something very spiritual, something that provides a kind of spiritual food, and a way of empowering myself, that's the way I see it. If I want to be 100% relaxed, 100% comfortable with myself, or trying to figure out Life, or Life's journey, my Life's mission, it is poetry I turn to. I see poetry in a different way from other genres. For the longest while I stopped reading novels, I stopped reading fiction. I used to read a lot of fiction but stopped because I thought it was not going to change the world. And then I would only read non-fiction, because I thought it was a better way to engage the world. And now I've changed my mind. I think fiction is immensely important because fiction provides us a sociological past and deals better with human psychology and with emotions. A portrait does that, it is eminently suitable for dealing with psychological issues, and fiction likewise. So, I am back to reading fiction, and beginning to think of fiction now as, well..., you can deal with a lot of real things with fiction, and perhaps deal more effectively than with non-fiction.

MDD — You show a lot of interest in History; one of the reviews about *The Hanging of Angélique* says: "it is one of the first non-academic treatments [of slavery]". ⁵ Is History a source of

⁴ Cf. Afua Cooper, "Finding My Voice". *Op. cit.*, p. 301.

⁵ Cf. Susan Cole, "Slave Awakening". *Now Magazine*, Toronto, February, 9, 2006, p. 91.

inspiration for you or do you think it leads you to new forms of expression?

AC — History alone has been a source of inspiration for me. I've told you, early, when I was a child, I wrote poetry, and my first poems were about historical *personages*, people in History. I wrote historical poems and loved reading biography and History, and I thought I wanted to be a writer but I also wanted to be a historian. I never saw a contradiction between both things. It's really two different genres, but when I was writing my Ph.D. dissertation, which is about another topic, it is on the abolitionist movement in North America and the African American Henry Bibb, I read poetry. I felt I had to read it when I wanted to calm my mind. I couldn't read novels. I had to read History books while writing a dissertation, but in terms of something else ... not that I was looking for a different perspective, I wasn't looking for a different perspective, but to give me a new way to deal with the materials I had, these facts, documents.

MDD — In *The Hanging of Angélique* the detailed explanation of Dutch and Portuguese slave trade and the transatlantic trading system is parallel to the gaps in the life story of Angélique, where “perhaps”, “it is possible”, “it seems likely”, are often used.⁶ Would you like to comment on that?

AC — Sometimes, especially when I am talking about her Atlantic origins. She said she was born in Portugal in 1705, that's all we know. Probably she came to North America, and there's when the words “maybe”, “perhaps”, “it is possible”, “it seems likely” entered fiction, because I do not have the documents that say this man or this woman brought Angélique to New York, to Manhattan or to North America. What we do know, and this is a fact, is that she came to North America. Maybe a Flemish owner brought her to New England. She was sold to a wealthy trader. We have two facts: that she was born in Portugal in 1705 and that she came to the thirteen colonies at that time, before the American Revolution. And that by 1720, a merchant from Montreal, François Poulin de Francheville, bought her; and then from Montreal, from 1725, when she entered Montreal, we are sure, because the picture is not so blurred anymore. The people who bought her were upstanding people, they were literate, there are records, the Church was involved, the priest recorded the baptism of all her children, owned by Francheville. The Canadian

⁶ Read also Frank Mackey's criticism, “Historical Heroine?”, *The Gazette*, Montreal. January, 28, 2006, p. W5.

part of her story is richer and fuller: all of the documents, the evidence, is there. And, at that time, she was a slave, she was not a princess, or a lady, or anything like that. And the way we did get to know about her is because she was accused of setting fire, put on trial for arson, and sentenced to death before the judges.

MDD — Speaking about historical sources, you only cited *History of Portugal Vol. 1* by Oliveira Marques.⁷ Was it because you don't rely on Portuguese modern historians and sources while dealing with "the most fabled of the nations"?⁸

AC — I used that particular historian because his two volumes *História de Portugal* were very available, and when I talked to people who had some expertise in Portuguese History they mentioned his name. I also used David Birmingham,⁹ an English historian who writes about Portugal, and I used Saunders¹⁰ a lot, he has a book in English on slaves in Portugal, *A Social History of Black Slaves and Freedmen in Portugal*.

MDD — *The Hanging of Angélique* is a passionately written book, where you express the point of view of otherness and comment on race and culture. I think it could also be understood as an exercise of control over the history of a slave-owning society where black domestic or agricultural slaves played a role in every aspect of its colonial life. Could you specify the kind of problems that were raised by your attempt to identify with the point of view and the discourse of an XVIII century marginal and excluded character, Angélique?

AC — Yes. This was the eighteenth century, this was not even mid-eighteenth century, in 1734. In the European society you had big discourses on human rights and natural rights, but that came later on.

MDD — The eighteenth century witnessed the high tide of the slave trade but gave rise to the ideals of freedom, equality, and human rights that led to its doom...

AC — It was down there and I was here, in the twenty-first century; and I could identify with her as a black woman, and I could imagine what it meant to be a slave, but that was not my experience. What I imagined was more a human experience,

⁷ Oliveira Marques, *History of Portugal. Vol. 1*, New York, Columbia University Press, 1972.

⁸ Afua Cooper, *The Hanging of Angélique*, p. 31.

⁹ David Birmingham, *A Concise History of Portugal*, Cambridge, Cambridge University Press, 1972.

¹⁰ C. M. Saunders, *A Social History of Black Slaves and Freedmen in Portugal, 1441-1555*, Cambridge, Cambridge University Press, 1982.

what does it feel for a person, male or female, to be in an oppressive situation from which they wanted to escape. In this case, she was a woman. In this case, she was a black woman. In this case, the majority of black people, certainly in the Western world, in the Western hemisphere of North America, were enslaved people. Colour was a slave condition.

MDD — The Portuguese began capturing people around 1444 as they searched for gold along the west coast of Africa, and the trade in human beings soon became a very lucrative venture. Do you think historians lock the history of black Portuguese slaves and the transatlantic trading system away from the public eye? I mean, did you (re)create an Afro-Portuguese culture and the Atlantic commerce in human flesh (namely in Chapter II) to shake Canadians from their complacency about slavery?

AC — My primary objective was to write the book and put it all there for people to talk about. I didn't write the book to say: "Yes, I'm going to show things". By the day I wrote the last draft, I knew this story so well that I thought originally I may have had such a motive, because the chapter called "The Secret of Slavery in Canada" is where I'm saying that you can go to school and to the university and not know that slavery existed in Canada on a large scale. I made the statement that it is one of the secrets locked up in our closets. I guess the book is one way for us to come out of the closet and to deal with this part of our History. I wanted Angélique's story to lead us into an honest discussion and not to be engaged in denial. Once I was on a TV show and a man told me I was wrong, there was no slavery here. It's an easier story for us to live with. I guess he didn't know, he didn't know that slaves were bought, sold and lived in Canada, not only Africans, but also Panis, Native Canadians. Montreal had a large population, and many were found in New Brunswick and Nova Scotia. This isn't the Canadian History most of Torontonians learned. The Underground Railroad is true, it's not a lie, but it has become enshrined in our national mythology, that we have constructed around what our identity, what we are, and all of that. Another part of this denial is people would say, "Yes, there was slavery, but it wasn't that bad as in the United States", which is totally irrelevant.

MDD — Then *The Hanging of Angélique* is about a past erased from your collective memory, and retells one of the oldest slave narratives in the Americas, which even predates the 1760 autobiography of African-American slave Briton Hammon. Most historians describe Canada as a haven at the end of the

Underground Railroad, where American slaves found freedom. It didn't have the same kind of slave-owning society that was present in the American South. There was little plantation-style slavery. Slavery was legally and culturally endorsed, but it was a mild form of bondage, less brutal than in the mines of Brazil or on a sugar plantation...

AC — That's irrelevant, that's irrelevant. Canada has a problem with denial. In 2001, Doudou Diene, the United Nations *rapporteur* came, and one of the things he did was to look at race relations. He said Black, Aboriginal and Native peoples in Canada face severe discrimination. When the Liberal government read his report they said that it was not true, rejected the report as wrong. I think this is very unhealthy, because it means that we can't be critical of ourselves.

MDD — Well, that leads us to my next question. In New France slavery existed with other tied labour systems (including Aboriginal slavery). George Elliott Clarke writes in the "Foreword" of *The Hanging of Angélique* that your book "joins the struggle of Aboriginal peoples and that of African slaves".¹¹ Would you like to comment on that?

AC — George Elliott feels that way because in New France there were two groups of people who were enslaved people, the Aboriginal, our First Nations, and African people. In terms of human rights, these struggles revive their issues. Right now before you came, the Six Nations had blockaded the road, and this is an issue that has its roots in the eighteenth century, when the European settlers started to come in and claimed the land. So, it's like a 200-year grievance ...

MDD — It seems they don't have the documents ...

AC — They do have the documents. In fact, one of the things that came on the Board this week was that it was not a provincial issue but it is an English Crown issue ..., because these treaties with the Six Nations were signed with Britain, 1783. But the province has to deal with it, it happened in Ontario! ... We have this whole myth that everything is perfect, and it is not. It happened last year, and the year before, and it is going to continue. And in terms of struggle for human rights, people who

¹¹ Cf. "Foreword", p. xiv. George Elliott Clarke is the E. Pratt Professor of Canadian Literature at the University of Toronto. His awards include the Portia White Prize, a Rockefeller Foundation Bellagio Center Fellowship, a Governor General's Award for Poetry, the Dr. Martin Luther King Jr. Achievement Award and a Trudeau Foundation Fellowship. *Whylah Falls*, *Beatrice Chancy*, *George & Rue*, *Execution Poems* and *Blue* are well-known works.

are pushing the issue on the agenda usually revolve around those two groups of people.

MDD — As a post-graduate student you tried to write a master's thesis about Angélique. It seems you didn't find a supervisor qualified on the subject. Why not? Was the *The Hanging of Angélique* an effort to join the commemoration of 400 years of Black History and settlement in Canada (1604-2004) or the fulfilment of a long lasting research dream?

AC — I think both. It's not that I couldn't find a supervisor. Here, in Toronto, yes. I think that if I had gone to Quebec I would have found someone, but I don't think there was anyone here. I think what happened was that no one was willing to take it, there was that unwillingness to talk about slavery in Canada. So, I didn't write a master's thesis on Angélique, which was fine, because I did something else which was equally fulfilling. It happened that the publication of *Angélique* happened at the time we had the 400th anniversary of Black History in Canada. It was a coincidence, but I am happy it was released at this crucial time in Canadian History.

MDD — Just in time for Black History Month! Blacks have a 400-year-long history in Canada, one that predates any other outside group except the French; this makes Africans one of the founding peoples. "I saw what could be done with words, for I had a vision of a new world as I talked", said suffragist Nellie McClung. Do you think that speaking out for social justice and about the history of black Canadians still is "using the pen to educate and inspire" about Canada's own internal slavery?

AC — I agree with her about the power of words, and how words can change one's life, and also change the social context, change society. When I came upon Angélique's story I was very fascinated, intrigued, it was a very dramatic story, it was about Canadian slavery and a woman who had a very tragic end as an enslaved person in Canada. My ultimate intention and objective was to research and write of the story, and usually when you are writing something you want to get it done, to publish, so that people can see it: I didn't have any vast, great motive.

MDD — Not to mirror the "dark side of the nation"...

AC — Once the book was published, the reaction to the book was interesting; for one, it was tremendous, the response was very visceral. I was very mediated, it was an active response. And then, I thought it was interesting, because I had no agenda, I just wanted to put it all there and also as a story of injustice, so that we could all deal with some issues in the nation, issues of justice,

issues of belonging — “who belongs to the nation?” —, of identity. And Angélique herself, was about freedom, she wanted to be free. In Canada today we say we are all that, we say that we are a nation that accommodates freedom and the individual quest for liberation and all that, so it does apply to what we say we are striving for today. *The Hanging of Angélique* certainly has put issues of slavery, race relations and of Canada's role in the larger Atlantic, especially North American Atlantic world, on the agenda. And Portugal's role in the slave trade, normally seen as Portugal-Africa-South America; and North America isn't part of the equation. But *The Hanging of Angélique* does that, she embodies this connection of two continents, at least...

MDD — When you lecture on Canadian History do you provide your students with a better understanding of the untold lives of black people whose contributions and sacrifices made Canada what it is today, as the Portuguese-African Mathieu da Costa, for example?

AC — Yes, when you talk about Black History in Canada. Da Costa was a black person, I am sure there were others before him, but not registered. He was in the documents. He was working for the French Crown. Very fascinating: 400 years ago; 1604-8. In fact, a Portuguese newspaper in Toronto phoned me, years ago, and said “I didn't know Matthieu da Costa was black...”. I said, “Yes, from all the documents we have”. So, Portuguese of course are much implicated in Atlantic exploration and trading to Canada, especially Eastern Canada, Acadia, a fishing bank. Everybody came here to fish, Portuguese, English, that's why we don't have any fish anymore, it's gone...

MDD — You talk about Montreal's hangman and torturer Mathieu Léveillé, who was also a black man, from Martinique. This may be seen as a provocative subject matter if we think about 1734, when he tortured, strangled and hanged his fellow slave Marie-Joseph Angélique. Could you comment on that?

AC — To put it bluntly, he was doing his job. He himself was a slave, a slave of the Crown. The General Governor of New France, the Marquis de Beauharnois, obtained from the Caribbean island of Martinique a torturer, a convict. He was sent up, Canada needed a hangman, a job nobody wanted, such hideous task. He really had no choice. And he died, from pneumonia, not only because the climate didn't agree with him, but also because of the nature of the work. He was already a slave, he was already a social outcast, but by being a hangman he was more marginalized. He died young.

MDD — In *Le Procès de Marie-Josèphe-Angélique* Denyse Champagne concludes that the evidence fell short establishing Angélique's guilt. If that is true, is she still part of the resistance to oppression and enslavement that prefigures a broader anti-slavery movement? Is she a message of female strength and Black pride in the XVIII century to modern-day readers?

AC — I agree with Denyse Champagne that the evidence did fall short, the evidence was problematic, very problematic; I personally think she did it. And she is a symbol of Black resistance and of anti-slavery in North America, even if she didn't do it, because if you look at her behaviour before this fire in April, in February 1734 she tried to run away with her boyfriend, they tried to leave Montreal, they were not successful, they were caught and returned. She asked her mistress to release her from slavery.

MDD — Because she was promised that...

AC — I think she was promised that, by her master. And that's a very anti-slavery position; her attitude even before the fire. She engaged in anti-slavery behaviour, so I do maintain that she is an early symbol of Black resistance in North America, in New France, Canada.

MDD — You are Jamaican-born; what do you think about the ascension to power and election of a Haitian black woman for the post of head of state and commander-in-chief of the Canadian Armed Forces?

AC — Symbolically it's very important, it's tremendous, we were all very happy. She's Québécoise, first language French, she is relatively young, all those things people thought difficult to access in the Canadian nation. I think for her being a black woman ... she is the Queen of Canada! It is just fabulous for everybody: she is smart, she is very intelligent, she speaks five languages, she went to school in Italy, and so on and so forth, she is a woman, that's also wonderful. I am very positive.

MDD — In your writings you have repeatedly called attention to the problematic relationships between individual examples and conceptual generalisations. Do you call yourself a feminist?

AC — I would still call myself a feminist. Even though today I feel that feminism has succumbed to materialism. The other problem I have with it is that Western feminism still sees itself and Western women as superior to racialized women. Many Western feminists still adopt an imperialistic pose toward say, Muslim woman. They still hold the outmoded stereotypes of Muslim women in their heads and in many ways contribute to

the oppression of these women. Today, I really see feminism as a form of Western imperialism. So many prominent feminists in North America support reactionary policies toward Third World and racialized peoples. The feminism produced by progressive Black women is more liberatory and wholesome. It is still anti-mainstream feminism and oppositional.

MDD — In “Finding My Voice” you mentioned Africa and Cuba: when did you go there and why?

AC — Cuba is just 90 miles north of Jamaica. Before the Cuban Revolution in 1959, and the economic embargo beginning in 1961, Jamaicans used to go to Cuba to work and study. Many of my family members went there. My grandfather worked there as an interpreter. In any event, by the time I was growing up, Cuba was a pariah state and Jamaica did not have diplomatic relations with its closest neighbour. The Socialist government that came to power in Jamaica in 1972 changed that and established relations with Cuba. And people from both countries began once more to visit each other. In the Caribbean, people are proud of Cuba because of its fight against colonialism and imperialism, and because it held down during the Revolution the greatest power on earth. Caribbean people see Cuba’s victory as their own and Cuba’s defeat as their own. In other words, in the Caribbean, Cuba is a symbol of hope and freedom. I have been there twice. The culture is very strong. The Cubans have maintained a high degree of African culture. In many ways then, Cuba is also a mythic place. It is a place of possibilities.

MDD — We are launching a poetry volume this very week, *Copper Woman And Other Poems*. In terms of writing projects, would you like to share your next one with us?

AC — In terms of next writing projects, I’m actually writing a novel, I’m actually engaged in fiction this time, a young adult’s story. It is Phillis Wheatley’s, a slave child who came to North America, to Boston, on 11 July 1761, from present-day Senegal, on a slave ship; she was eight years old.

MDD — “Some view our sable race with scornful eye. / “Their color is a diabolic dye””.¹²... The same Phillis Wheatley who came

¹² ““Their color is a diabolic dye” / Remember, Christians, Negroes, black as Cain, / May be refined, and join the angelic train”. “On Being Brought from Africa to America”. *The Poems of Phillis Wheatley*. Revised and Enlarged Edition. Edited and with an Introduction by Julian D. Mason, Jr. (North Carolina: The University of North Carolina Press, 1989 [1966]).

“from people with names as sacred as the sun” evoked in “My name is Phillis Wheatley” (*Copper Woman*, 2006, pp. 39-40) ...

AC — Apparently, she had owners who were kind and very much taken by her intelligence, so they taught her everything. By the time she was thirteen she was already translating Latin, a prodigy. To cut a long story short, she was the first black slave in North America to publish a book of poetry, 1773.¹³

MDD — To publish a poetry volume in North America at that time would have been very difficult ...

AC — The book was not published in North America, it was very difficult, because even though she had her poems published in the newspapers and used to read her poetry around enlightened Boston, when it was time for her to do a book, the Bostonians stepped back. She was a slave... They wouldn't believe it. So, her owners had to find some publisher in England and the book was actually published in England, in 1773. She became very well-known on both sides of the Atlantic. So, there was this ‘anomaly’ in England, this bright young woman who was a poet and a slave. She came back to Boston and she was legally freed but remained in the Wheatley home. She married a freedman and became Phillis Peters, but was always very sick and died young. She survived the Middle Passage — the deadly voyage across the Atlantic — but it broke her health. And the Revolution was unkind to her, because she arrived in Boston when her British patrons were privileged. When the Revolution happened, the Wheatleys fled the city but she chose to stay. The New Republic was born, and they didn't have a place for her, but she gave, in her poetry, critical support to patriots and the Revolution. She kept on writing, and had a new manuscript that she wanted to publish in the new revolutionary society, and they wouldn't, because she was very problematic — a remarkably intelligent woman, a former slave; she could read and write —, and the British patrons were no longer there. My first draft was written

¹³ During her lifetime Wheatley (c. 1753-1784) published at least forty-six poems and wrote a good many more. Her earliest poem we know of is from 1765 and apparently her earliest published poem appeared in December 1767. *Poems on Various Subjects, Religious and Moral* was published in London in September 1773, the first book of poetry published by an African American. There were failed attempts to publish another volume of her poems in 1779 and 1784. Attention is being paid to what her books can reveal about her and how they relate to concerns and ideas both of her time and ours, such as Black American tradition, Black women's literary tradition, slavery and feminism.

in the third person singular, but by the time I got to the third draft it was in the first person, from her perspective. The publisher felt that young people can identify with her issues, again as with Angélique, they can identify with her sense of right and wrong.

MDD — Thank you very much.

AC — You are welcome. I hope *The Hanging of Angélique* can be translated in Portuguese because there are three languages I would like it to be in, French, English and Portuguese.

References

1. Primary Sources

COOPER, Afua. *The Hanging of Angélique. The Untold Story of Canadian Slavery and the Burning of Old Montreal*. With a Foreword by George Elliott Ckarke. Toronto: HarperCollins Publishers Ltd., 2006.

———. *Copper Woman And Other Poems*. Toronto: Natural Heritage Books, 2006.

——— (ed.). *Utterances and Incantations. Women, Poetry and Dub*. Toronto: Sister Vision. Black Women and Women of Colour Press, 1999.

———. "Finding My Voice". *Caribbean Women Writers. Essays from the First International Conference*. Edited by Selwyn R. Cudjoe. Wellesley, Massachusetts: Calaloux Publications, 1990, pp. ix-x; 301-305.

2. Critical Reading

ARMITAGE, Andrew. "How France lost the continent". *The Sun Times*. February, 2, 2006, p. A8.

BASILIERES, Michel. "Strange Fruit, Chez Nous". *The Toronto Star*. January, 29, 2006, p. D5.

BETHUNE, BRIAN. "Yes, Canada also had slaves — for 200 years. How a defiant black woman sought her freedom, and likely razed Montreal's core". *History*. January, 30, 2006, p. 26.

BURNETT, Richard. "Hang Fire. How Montreal Slave Marie-Joseph Angélique ignited a Fire in the Soul of a Nation". *Montreal Hour*. February, 16-22, 2006, p. 10.

COLE, Susan. "Slave awakening". *Now Magazine*. Toronto. February, 9, 2006, p. 91.

DAWES, Kwame Senu Neville. "Chapter 18. Afua Cooper (1957)". *Talk Yuh Talk. Interviews with Anglophone Caribbean Poets*. The University Press of Virginia, 2001, pp. 215-225.

- De BARROS, Juanita. "Burned into Canada's memory". *The Globe and Mail*. January, 28, 2006, p. D3.
- HORTON, Marc. "The Hidden History of Canadian Slavery". *The Edmonton Journal*. February, 6, 2006, p. B1.
- KNOPF, Kerstin. "'Oh Canada': Reflections of Multiculturalism in the Poetry of Canadian Women Dub Artists". *Lisa*. Vol. III, n° 2, 2005, pp. 79-111.
- MACKEY, Frank. "Historical Heroine?". *The Gazette*. Montreal. January, 28, 2006, p. W5.
- MASON, Julian. "Wheatley, Phillis (1753?-1784)". *The Oxford Companion to Women's Writing in The United States*. Edited by N. Davidson and WAGNER-Martin, Linda. New York/Oxford: Oxford University Press, 1995, pp. 919-920.
- NUWAME, Jacqueline. "The Hanging of Angélique". *The Connection. News Magazine*. Toronto. Vol. II, n° 2. February, 2006, p. 20.
- SAMUELS, Ian. "In her Own Words. Afua Cooper revives the Canadian slave narrative of Marie-Joseph Angélique". *The Calgary Herald*. Calgary. January, 28, 2006, p. F3.
- TAM, Pauline. "Why they don't teach in Canadian Classrooms". *The Ottawa Citizen*. May, 3, 2006, p. A16.
- TIBBLES, Anthony (ed.). *Transatlantic Slavery Against Human Dignity*. Liverpool: National Museums Liverpool/Liverpool University Press, 2005 [1994].
- ZAIDMAN, Harriet. "Slavery Story sober addition to real History". *Winnipeg Free Press*. February, 19, 2006. p. B7.

"A VERDE ERIN": IMAGENS DA IRLANDA NO PERIODISMO PORTUGUÊS*

*Gabriela Gândara Terenas
Universidade Nova de Lisboa*

A partir, sensivelmente, do início dos anos oitenta do século XIX, época em que o conflito anglo-luso começou a agudizar-se devido aos interesses comuns em África, a imprensa periódica portuguesa publicou vários artigos dedicados à Irlanda. Estes textos elogiavam a beleza natural da "verdejante Erin", aproximavam as características do povo irlandês às dos portugueses e, sobretudo, criticavam a política externa de uma Inglaterra entendida enquanto potência dominadora e opressora.

Entendendo por imagem o resultado de um processo de tomada de consciência de um Eu em relação a um Outro, verificámos que as imagens da Irlanda veiculadas pelos periódicos nacionais resultavam, por um lado, de uma visão negativa de uma outra realidade estrangeira — a prepotente Inglaterra —, aliada à valorização do sentimento nacional e patriótico; por outro lado, decorriam de uma representação da "verde Erin" que, fundamentalmente, traduzia o espaço social e ideológico, bem como o momento histórico-político nos quais os textos foram elaborados.

Desta forma, encantados com as paisagens sublimes e as regiões pitorescas, os articulistas detiveram-se, no caso da Irlanda, no condado de Kerry, a oeste de Belfast, onde se situa um dos maiores lagos das ilhas britânicas, Killarney. Ao descreverem as

* Esta comunicação foi apresentada no V Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, subordinado ao tema "Fora do Centro: espaços comparatistas", realizado em Coimbra de 1 a 4 de Junho de 2004.

belezas e os encantos desta região montanhosa, à qual chamaram “ Suíça da Irlanda”,¹ os autores visavam não só dar a conhecer ao leitor — e potencial viajante — os lugares de maior interesse turístico, mas também ilustrar um meio burguês que ansiava por entretenimentos que preenchessem o vazio da sua vida intelectual. Assim, através da apreensão rápida de uma cultura propagada de forma simplista pelos periódicos, tornava-se possível endossar o estatuto da burguesia na sociedade e de a fazer brilhar nos salões, falando do que não dominava e descrevendo lugares onde nunca tinha ido.²

A permanência de sangue celta no povo da Irlanda explicava, de acordo com os articulistas, que os irlandeses (como aliás os escoceses e galeses) se aproximassem dos latinos, tanto na fisionomia como, sobretudo, no carácter.³ Em consequência, na comparação entre o carácter dos ingleses (de ascendência anglo-saxónica) e dos irlandeses, estes últimos saíam sempre com uma enorme vantagem. Contrariamente aos ingleses, considerados frios, calculistas e protestantes, os irlandeses afiguravam-se calorosos, entusiastas, generosos, católicos e sensíveis a qualquer tipo de manifestação artística. Porém, esta aproximação de cariz

¹ [Augusto Xavier da] Silva Pereira, “Irlanda. O Lago Superior de Killarney” in *O Universo Ilustrado* (Lisboa, 1877-1880), 3º ano, Tomo III, nº 44, Novembro de 1879, pp.349-50.

² Neste contexto deve notar-se que Killarney foi evocado nos textos analisados sob duas outras perspectivas: o relato de episódios históricos e a divulgação de escritores britânicos. Assim, o gosto pelos episódios trágicos da história das Ilhas Britânicas justificou, por exemplo, o enfoque dado ao naufrágio do vapor “Killarney” justamente nas costas da Irlanda em 1848. O texto publicado em *O Ateneu Artístico-Literário* (Porto, 1880-1881) baseava-se, segundo o articulista anónimo, no relato de um dos sobreviventes, o qual perdera a sua filha única, bem como a fortuna. Realçava-se aqui a violência da tempestade, o frio das ondas, a coragem da tripulação, a imagem do navio a destruir-se em pedaços e a morte de tripulantes e passageiros. Sublinhava-se ainda o sofrimento por que os poucos sobreviventes tinham passado ao conseguirem manter-se vivos agarrados a um rochedo durante dois dias e duas noites até serem salvos por um cabo estrategicamente colocado. Embora o objectivo primeiro deste artigo fosse o de instruir o público leitor, a razão da escolha de um episódio de cariz sensacionalista prendia-se claramente com a preocupação em corresponder a um gosto particular dos leitores do periódico onde foi publicado.

“O célebre lago da Irlanda” era também conhecido do público através da adaptação da peça do dramaturgo britânico Dionysius Lardner Boucicault (1820-1890) feita por Manuel Macedo e Augusto da Oliveira. A peça *O Lago de Killarney* foi calorosamente recebida pelo público português, tal como os críticos teatrais sublinharam. A este propósito vejam-se os seguintes textos: anónimo, “Catástrofes e naufrágios. O naufrágio do Killarney” in *O Ateneu Artístico-Literário* (Porto 1880- 1881) nº 1, 30 de Outubro de 1880, p. 5 e [Augusto César] Ferreira de Mesquita, “Teatro do Ginásio Dramático. O Lago de Killarney” in *Crónica dos Teatros* (Lisboa, 1861-1880).

³ V. Clavel [?], “Homens e mulheres na Inglaterra” in *A Mulher* (Lisboa, 1883-1885), 2º ano, nº 91, [s.d.] [1884?], p.730.

antropológico, aliada à solidariedade portuguesa face à causa de Irlanda, tinha um objectivo implícito, mas para nós muito claro: a crítica à prepotência da Inglaterra, de cuja política os portugueses eram também vítimas. Tratava-se, portanto, de um aproveitamento de determinadas correntes de pensamento da época tendo em vista a crítica à política agressiva do governo de Londres face à questão da Irlanda, mas da qual nós também padecíamos. Portugal e Irlanda eram, na realidade, dois pequenos territórios económica e militarmente fracos e, por isso mesmo, cobardemente manipulados pela “pérfida Albion”.

Neste contexto, os irlandeses surgiam como um povo, entre muitos outros, que era oprimido por uma Inglaterra cruel e dominadora. Os articulistas referiam-se aos irlandeses em termos idênticos aos que utilizavam relativamente aos bóeres, aos indianos e, claro, aos portugueses, dado os ingleses tratarem todos com a mesma arrogância e igual desprezo, próprios de quem se julgava pertencente a uma civilização superior. Aliás, muitas das menções à causa da Irlanda encontravam-se em artigos dedicados à questão do Transval, à revolta no Sudão, ao conflito anglo-luso em África ou até à situação que os polacos tinham vivido sob o domínio da Rússia czarista e imperial.⁴

Vejam os alguns casos paradigmáticos.

Dois articulistas anónimos, um do *Jornal do Domingo* (Lisboa, 1881-1888) e outro de *A Ilustração* (Paris/Lisboa 1884-1891), consideravam que o Mahdi e Parnell, ao encabeçarem revoltas contra a prepotência britânica em zonas tão diversas do globo (embora sem nenhuma menção prévia de agirem em conjunto), constituíam uma ameaça ao imperialismo britânico. Deste modo, na perspectiva destes periodistas, o Egipto era “um colaborador inconsciente na obra emancipadora da Irlanda.”⁵

Num artigo cujo objectivo último era atacar a política colonial britânica e denunciar a hipocrisia do governo da Grã-Bretanha face aos povos por ela dominados, o visconde de Benalcanfor não só comparava a situação dos bóeres à dos irlandeses, mas previa, com uma clarividência premonitória, a separação da

⁴ Sobre este último autor veja-se [José Maria de] Eça de Queirós, “Secção literária — a Irlanda e a Liga Agrária” in *Repúblicas* (Lisboa, 1884-1886), 4ª série, 2º ano, nº 81, 11 de Julho de 1886, p.3. Note-se que este texto veio a ser publicado postumamente no volume *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres* (1905).

⁵ Anónimo, “As nossas gravuras. O Egipto” in *Jornal do Domingo* (Lisboa, 1881-1888), ano III, nº 33, 21 de Dezembro de 1883, p.257. Veja-se também anónimo, “A Guerra do Sudão” in *A Ilustração* (Paris/Lisboa, 1884-1891), ano I, nº 10, 12 de Abril de 1884, p.75.

Irlanda do Reino Unido, facto que só viria a concretizar-se cerca de quarenta anos depois.⁶

A questão de Irlanda era, assim, vista como a possibilidade mais real de destronar o orgulho da soberba Albion, constituindo o princípio do fim do império britânico. A forma hostil como os príncipes de Gales tinham sido recebidos na sua visita oficial à ilha, em Abril de 1885, a qual, não raro, se traduzira em apupos, assobios e outras demonstrações de antipatia e desprezo pela Coroa britânica, constituía um indício claro da decadência do imperialismo britânico. Após a Irlanda, lutariam pela independência muito possivelmente a Escócia, a Índia e todos os outros territórios onde os povos eram oprimidos pela poderosa e cruel Albion.⁷

O relato de episódios da história da dominação britânica na Irlanda e a valorização dos heróis irlandeses, como O'Connell, Stephens, O'Brien e, sobretudo, Parnell, serviu o mesmo propósito — a denúncia da perfídia inglesa e, concomitantemente, a defesa da causa de Portugal.

Datam de 1832 (ano em que a representação parlamentar foi recusada aos católicos) os primeiros gritos de protesto de Daniel O'Connell ⁸ e também a primeira revolta em massa dos arrendatários e do clero católico contra o domínio dos terratenentes, simpatizantes do governo de Londres e por ele apoiados. A Inglaterra pôs imediatamente cobro a esta revolta, utilizando, para isso, meios coercivos. Entretanto foi introduzida a Lei dos Pobres — *Poor Law* — que, como se sabe, não trouxe quaisquer benefícios à população. O'Connell, sentindo-se enganado por Robert Peel, organizou de novo as sociedades reivindicativas — *Repeal Societies* — convencendo os irlandeses a recusarem-se a pagar as rendas aos proprietários e os tributos à Igreja Anglicana.⁹

⁶ V.V. [Visconde] de Benalcanfor [Ricardo Augusto Pereira Guimarães] "Acontecimentos do mês" in *Crónica Moderna* (Lisboa, 1881) n° 10, 31 de Março de 1881, pp. 148-149.

⁷ V. Anónimo "Extra-muros" in *Repúblicas* (Lisboa, 1884-1886), 3ª série, 2º ano, n° 64, 13 de Março de 1886, p.2 e n° 68, 11 de Abril de 1886, p. 2.

⁸ Daniel O'Connell (1775-1847) não só desempenhou um importante papel na luta pela emancipação dos católicos irlandeses, influenciando a opinião pública na Irlanda e obtendo da administração do duque de Wellington a *Catholic Emancipation* em 1829, como também se manteve sempre empenhado, durante os anos trinta do século XIX, na luta pela representação efectiva do povo irlandês no parlamento de Londres.

⁹ V. [Manuel Joaquim] Pinheiro Chagas, "A Liga Agrária" in *O Ocidente* (Lisboa, 1878-1915), 4º ano vol. IV, n° 106, 1 de Dezembro de 1881, p. 267 e também anónimo, "Veleidades. O único remédio" in *A Civilização Católica* (Porto, 1878-1883), 1º ano, vol. 1, n° 7, 1883, p. 265.

Para os articulistas dos textos em observação, O'Connell surgia como um verdadeiro herói, pela coragem e pela audácia de enfrentar a orgulhosa e despótica Albion. O'Connell perfilava-se, de certa forma, como um exemplo a seguir pelos portugueses na luta contra a prepotência do governo britânico, e representava a figura que faltava a Portugal para que o nosso país se fizesse ouvir no mundo, desmascarando os crimes contra nós cometidos pelo mesmo carrasco da Irlanda, isto é, o governo de Londres.¹⁰

Em 1881, não muito tempo depois de assumir, pela segunda vez, o cargo de primeiro ministro, Gladstone propôs uma lei agrária — *Irish Land Act* — que protegia os arrendatários irlandeses contra as evicções arbitrárias, procurando, simultaneamente, melhorar e tornar mais justas as relações entre proprietários e rendeiros.¹¹ Depois de muita discussão, a proposta acabaria por ser rejeitada pela Câmara dos Lordes e, desde aí, a agitação na Irlanda cresceu a um ritmo avassalador, o que levou o governo de Londres a enviar para a ilha cerca de trinta mil homens de tropas regulares. Foram pilhadas propriedades e os seus donos assassinados, dando origem à enorme agitação que marcou os anos de 1881 e 1882 e que a imprensa portuguesa relatava, assumindo, na grande maioria dos casos, uma posição bastante crítica face ao governo de Londres e, simultaneamente, de defesa da causa dos irlandeses. Neste contexto sobressaía, agora, a figura de Charles Stewart Parnell (1846-1891), que sucedera a O'Connell e a Stephens na chefia do movimento feniano.¹² Os textos davam-nos a imagem

¹⁰ V. P.C. [Manuel Joaquim Pinheiro Chagas], "As nossas gravuras. Parnell" in *Jornal do Domingo* (Lisboa, 1881-1888), ano II, n.º 40, 10 de Dezembro de 1882, pp. 330-331 e também anónimo, "A Irlanda" in *O Camões* (Porto, 1880-1883), ano II, vol. I, n.º 22, 27 de Janeiro de 1881, p. 176.

¹¹ Recorde-se que entre 1840 e 1900, como consequência da *Great Potato Famine* (1845-1849), a população irlandesa desceu de oito milhões e quinhentos mil habitantes para quatro milhões e quinhentos mil. Os que sobreviveram e os que permaneceram na Irlanda optaram por exigir uma certa autonomia em relação a Londres, e os deputados parlamentares irlandeses começaram a insistir na existência de uma *home rule* para a Irlanda, isto é, na possibilidade de controlarem os assuntos internos através de uma assembleia em Dublin. É neste contexto que se desenvolve o fenianismo, cuja história os articulistas dos textos em apreço se preocuparam em relatar como exemplo da resistência dos irlandeses à sua secular opressora. A este propósito veja-se anónimo, "A Irlanda" in *O Camões* (Porto, 1880-1883), ano II, vol. I, n.º 23, 3 de Fevereiro de 1881, p. 182.

¹² V. [Manuel Joaquim] Pinheiro Chagas, "A Liga Agrária" in *O Ocidente* (Lisboa, 1878-1915), 4.º ano, vol. IV, n.º 106, 1 de Dezembro de 1881, p. 267 e/ou P.C. [Manuel Joaquim Pinheiro Chagas], "As nossas gravuras. Parnell" in *Jornal do Domingo* (Lisboa, 1881-1888), ano II, n.º 42, 10 de Dezembro de 1882, p. 331.

de uma Inglaterra orgulhosa e interesseira, que usava a violência para atingir os seus objectivos, que esmagava quem se lhe atravessasse no caminho, mas manifestavam também a esperança de que essa Inglaterra haveria de cair um dia! E cairia precisamente no momento em que um povo — o irlandês ou o português — orgulhoso da sua nacionalidade, lhe fizesse frente. Era quase um apelo aos portugueses para que, seguindo o exemplo dos irlandeses, se insurgissem contra a prepotência de uma nação e de um governo que prejudicavam cada vez mais os interesses de Portugal em África.

Parnell era, assim, não raro utilizado, ainda que de forma não totalmente explícita, para instigar à revolta contra o despotismo do governo britânico.¹³ Encontrámos, todavia, nos textos estudados, uma diferença clara entre os irlandeses que aceitavam uma mudança de alcance federativo no estatuto do Reino Unido e aqueles que defendiam uma total separação, ainda que para isso fossem usados métodos mais violentos. Os articulistas apoiavam os primeiros e criticavam os meios utilizados pelos segundos, embora defendessem sempre a causa do povo irlandês.¹⁴

Eça de Queirós estabeleceu inclusivamente uma distinção clara entre a Liga Agrária (que não aceitava os fenianos) e os fenianos, os quais, por sua vez, detestavam as tendências parlamentaristas dos *home-rulers*. Partilhando o pensamento de Parnell acerca da essência do problema da Irlanda, Eça considerava, no entanto, que os fenianos, os agitadores, tinham errado ao confundirem as aspirações de independência nacional com a questão agrária. A Liga tinha precisamente como objectivo separar a questão da propriedade da independência, com o intuito único de acabar com os abusos dos proprietários.¹⁵

Inversamente, Teófilo Braga visava como objectivo último a crítica ao modelo político britânico, bem como a defesa do

¹³ V. Anónimo, "M. Parnell" in *Jornal Ilustrado* (Lisboa, 1881), 1º ano, nº 65, 8 de Março de 1881, [s.p.] [p. 1].

¹⁴ Veja-se a este propósito A.A. [?], "As nossas gravuras. Agitações na Irlanda" in *O Ocidente* (Lisboa, 1878-1915), 5º ano, vol. II, nº 115, 1 de Março de 1882, p. 51.

¹⁵ V. [José Maria de] Eça de Queirós "Secção literária. A Irlanda e a Liga Agrária" in *Repúblicas* (Lisboa, 1884-1886), 2º ano, nº 80, 18 de Junho de 1886, p. 4.

Deve notar-se, neste contexto, uma certa desculpabilização por parte de Eça, da Inglaterra e dos ingleses no sentido em que estes, em sua opinião, não queriam a independência da Irlanda, mas estavam dispostos a estabelecer um regime de propriedade mais justo, e, se até ao momento não o tinham feito, fora porque as reclamações dos rendeiros estiveram sempre associadas às manifestações nacionalistas.

federalismo enquanto forma de governação assente em pressupostos de cariz positivista. Assim, não atacando a expansão dos individualismos locais, este modelo governativo realizava, nas suas palavras o “destino verdadeiramente científico da política”, ou seja, coordenava com um objectivo comum — uma última *ratio* — todas as “energias parciais”.¹⁶ Deste modo, para Teófilo, a Liga Agrária apresentava-se sobretudo como um movimento nacionalista cujo objectivo primordial seria o de alcançar a autonomia através do estabelecimento de um regime federalista, o qual, como sabemos, muitos intelectuais portugueses defendiam enquanto ideal conducente à unificação da Espanha e de Portugal.¹⁷

Num artigo publicado no *Jornal Ilustrado* (Lisboa, 1881) foi reproduzida uma carta que Parnell teria dirigido a Victor Hugo, pedindo-lhe a sua intervenção pública a favor da causa da Irlanda. Constatámos que a questão de Irlanda assumia não só um carácter eminentemente político, mas também social. Político, na medida em que a solução para o problema da “verde Erin” seria a união federalista, de inspiração republicana e/ou socialista; social, na medida em que a situação da Irlanda constituía um exemplo flagrante do paradoxo da riqueza e da pobreza que a era vitoriana espelhava e que não escapou às críticas dos articulistas portugueses.¹⁸

Fundamentalmente, o problema social que se vivia na Irlanda decorria do enorme fosso existente entre uma minoria privilegiada e protegida pelo governo de Londres e uma maioria que vivia em condições absolutamente miseráveis, explorada e sem quaisquer meios para melhorar a sua precária situação. Nesta perspectiva, “as garras do leopardo britânico” identificavam-se, na Irlanda, com uma determinada classe social e política: os grandes proprietários de terras, com assento na Câmara dos Lordes,

¹⁶ [Joaquim] Teófilo [Fernandes] Braga, “História da política europeia em relação ao destino da civilização ocidental” in *O Positivismo* (Porto, 1878-1880), 4º vol., [s/nº] [nº 13?], 1882, p. 208.

¹⁷ V. [Joaquim] Teófilo [Fernandes] Braga, *Ibidem*, pp. 210-211.

Recorde-as que o ideal de integração de Portugal em um todo peninsular — o iberismo — surge ora sob a forma da união doméstica, ora sob a de união federalista de inspiração republicana e/ou socialista. Este ideal foi partilhado por vários intelectuais da época, entre os quais se destacam, para além de Teófilo, Oliveira Martins, Latino Coelho, Teixeira Bastos, Magalhães Lima e Sampaio Bruno.

¹⁸ V. Anónimo, “M. Parnell” in *Jornal Ilustrado* (Lisboa, 1881), 1º ano, nº 65, 8 de Março de 1881, [s.p.] [p.1].

tories, e como tal defensores de um imperialismo mais agressivo do qual Portugal viria também a ser vítima. Responsabilizando, de forma clara, os *landlords* pela dramática situação da Irlanda, Eça criticava directamente a rígida estratificação da sociedade vitoriana e a arrogância da aristocracia rural face aos assalariados, sobranceria essa que se tornava ainda mais evidente quando o assalariado rural pertencia, não à classe operária inglesa, mas antes ao grupo constituído pelos povos colonizados.¹⁹

Como se sabe, na base de muitos dos problemas da Irlanda estava a questão religiosa, a qual foi frequentemente mencionada pelos articulistas a propósito da história da dominação inglesa naquela ilha, sobretudo nos reinados de Henry VIII, Elizabeth I e ainda durante o protectorado de Oliver Cromwell.²⁰ Por outro lado, a ascendência celta dos irlandeses (aspecto referido anteriormente) servia agora de argumento para explicar a razão pela qual os irlandeses se tinham convertido facilmente ao catolicismo, tendo permanecido fiéis a uma religião com a qual a sua espiritualidade celta se identificava. A religião católica surgia, assim, revestida de uma suavidade, de uma tolerância e de uma

¹⁹ [José Maria de] Eça de Queirós, "Secção literária. A Irlanda e a Liga Agrária" in *Republicas* (Lisboa, 1884-1886), 4ª série, 2º ano, nº 80, 4 de Julho de 1886, p. 2; nº 81, 11 de Julho de 1886, p. 3; nº 82, 18 de Julho de 1886, p. 5 e nº 83, 25 de Julho de 1886, p. 6 e/ou A.V. [?], "Um artigo de Eça de Queirós. A Irlanda e a Liga Agrária" in *A Imprensa* (Lisboa, 1885-1891), 2º vol, nº 5, 36 e 37, 1888, pp. 10-13.

²⁰ A situação entre irlandeses e ingleses agravava-se bastante com a Reforma Anglicana, devido ao facto de os primeiros se recusarem a acatar a supremacia espiritual de Henry VIII sobre o seu povo, mantendo-se fiéis ao Papa e à fé católica. No reinado de Elizabeth I (1558-1603) as perseguições religiosas foram mais cruéis e, no século XVII, Oliver Cromwell dominou várias rebeliões na Irlanda, enviando emigrantes protestantes (tanto ingleses como escoceses) e doando-lhes terras para os convencer a instalar-se naquela região (*Plantation of Ulster*). Em contrapartida, o principal dever destes imigrantes era acabar com o sentimento anti-britânico e com as revoltas levadas a cabo pelos nativos irlandeses, católicos, o que, como se sabe, foi feito de forma extremamente violenta, como se a Irlanda fosse apenas mais uma colónia britânica. Assim, estes protestantes, embora numericamente constituíssem uma minoria, tornaram-se extremamente ricos e poderosos. Com a subida de William of Orange ao trono, em 1688, o protestantismo saiu ainda mais fortalecido, o que veio beneficiar essa minoria, despoletando, em 1650, uma rebelião contra a Inglaterra. Os irlandeses católicos saíram derrotados na Batalha de Boyne, mas já nos finais do século XVIII, mais precisamente em 1758 (sob o reinado de George III), deu-se uma grande revolta contra a Inglaterra aproveitando-se os irlandeses do facto de esta se encontrar em guerra com a França. A rebelião foi facilmente dominada e levou o governo de Londres a abolir o *Act of Union* em 1801. Esta lei permitia que os irlandeses pudessem enviar os seus representantes ao parlamento de Londres, embora na prática a união favorecesse os protestantes (de origem escocesa e inglesa), sendo desfavorável aos irlandeses católicos.

preocupação social que os articulistas dos textos em observação não encontravam no protestantismo, sobretudo na forma como este se manifestava, via anglicanismo, por uma total indiferença face aos problemas sociais.²¹ Em última análise fora a reforma anglicana a causa dos problemas dos irlandeses, dado os seus opressores terem sido uma minoria de proprietários rurais, protestantes, que exploravam e oprimiam o povo irlandês, que era constituído, sobretudo, por católicos.

Reconhecemos, assim, por parte dos articulistas dos textos observados, uma simpatia e uma compreensão relativamente ao povo da Irlanda que sofrera, ainda mais do que os portugueses, as consequências da prepotência inglesa. O facto de os irlandeses terem as mesmas convicções religiosas dos portugueses explicava também a defesa de Irlanda e a animosidade dos articulistas contra a Inglaterra opressora.

Podemos, assim, concluir que a curiosidade do público leitor português acerca da Irlanda foi alimentada por uma panóplia de fontes, num conjunto de artigos, que, projectando imagens de um espaço considerado Outro, permitiram, por um lado, a comparação favorável entre a “ilha dos Santos” e Portugal e, por outro, o (re)conhecimento do sentir e viver portugueses na década de oitenta do século XIX.

Verificámos ainda, que, de uma forma implícita, há uma identificação de Portugal com a Irlanda na sua luta pela liberdade política contra o imperialismo inglês, na proposta de um regime republicano (por oposição à monarquia) como solução possível e ainda na defesa da “santa” causa da Irlanda, católica, contra o jugo da protestante Inglaterra.

As referências à Irlanda na imprensa periódica portuguesa decorreram, em grande medida, de um momento particular da nossa história colonial, marcado pelo conflito anglo-luso em África, cujo desfecho viria a ser, como se sabe, o *Ultimatum* de 1890. Portugal sofria a humilhação da Inglaterra e, por isso, não perdia a oportunidade de defender todos aqueles que também eram vítimas da perfídia inglesa. A divulgação das imagens da “verdejante Erin” tinha, assim, como objectivo último (ainda que não explícito) a defesa dos interesses coloniais portugueses no mundo na penúltima década de oitocentos.

²¹ Veja-se, a este propósito, Luís Maria da Silva Ramos, “A eucaristia e a fórmula do progresso” in *A Civilização Católica* (Porto, 1878-1883), 4º ano, vol. IV, nº 6, 1883, pp. 168-169.

Bibliografia

I) Fontes Primárias

ANÔNIMO, "Catástrofes e naufrágios. O naufrágio do Killarney" in *O Ateneu Artístico-Literário .Gazeta Ilustrada. Publicação de Ensino, Educação e Recreio, e das Conquistas da Civilização Moderna*. Porto, Imprensa Internacional de ferreira de Brito, 1880-1881, nº 1, 30 de Outubro de 1880, p.5.

_____, "Extra-muros" in *Repúblicas. Revista Política e Literária*. Lisboa, Tipografia de Henrique Zeferino, 1884-1886, 3ª série, 2ºano, nº64, 13 de Março de 1886, p.3; nº65, 20 de Março de 1886, p.2; e nº68, 11 de Abril, de 1886, p. 2.

_____, "A guerra do Sudão" in *A Ilustração. Revista de Portugal e do Brasil*. Paris/Lisboa, Imprimerie P.Mouillot/David Corazzi, 1884-1891, ano I, nº10, 12 de Abril de 1884, p.79.

_____, "A Irlanda" in *O Camões. Semanário Popular Ilustrado*. Porto, Escritório da Em presa, 1880-1883, ano II, vol. I, nº22, 27 de Janeiro de 1881, p.176 e nº23, 3 de Fevereiro de 1881, p. 182.

_____, "M. Parnell" in *Jornal Ilustrado*. Lisboa, Tipografia Matos Moreira, 1881, 1ºano, nº65, 8 de Março de 1881, [s.p.] [p.l].

_____, "As nossas gravuras. O Egipto" in *Jornal do Domingo. Revista Universal*. Lisboa, Tipografia de Augusto Rodrigues Cristóvão, 1881-1888, ano III, nº33, 21 de Dezembro de 1883, p.257.

_____, "Variedades. O único remédio" in *A Civilização Católica. Publicação Mensal*. Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1878-1883, 1º ano, vol. I, nº7, 1883, p.205.

A.A. [?], "As nossas gravuras. Agitações na Irlanda" in *O Ocidente. Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Lisboa, Empresa do Ocidente, 1878-1915, 5ºano, vol. II, nº115, 1 de Março de 1882, p.51.

A.V. [?], "Um artigo de Eça de Queirós. A Irlanda e a Liga Agrária" in *A Imprensa. Revista Científica, Literária e Artística*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1885- 1891, 2ºvol, nºs 36 e 37, 1888, pp. 90-93.

BENALCANFOR, V. [Visconde] de [Ricardo Augusto Pereira Guimarães], "Acontecimentos do mês" in *Crónica Moderna. Revista Crítica Ilustrada*. Lisboa, Oficina Tipográfica da Empresa Literária de Lisboa, 1881, nº10, 31 de Março de 1881, pp.148-149.

BRAGA, [Joaquim] Teófilo [Fernandes], "Marcha da política europeia em relação ao destino da civilização ocidental" in *O Positivismo. Revista de Filosofia*. Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz Editores, 1878-1882. 4º vol, [s.nº] [nºI], 1882, pp.208-211.

- CHAGAS, [Manuel Joaquim] Pinheiro, "A Liga Agrária" in *O Ocidente. Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Lisboa, Empresa do Ocidente, 1878-1915, 4ºano, vol. IV, nº106, 1 de Dezembro de 1881, p.267.
- CLAVEL [?], "Homens e mulheres na Inglaterra" in *A Mulher. Revista Ilustrada das Famílias*. Lisboa, [s.ed.], 1883-1885, 2º ano, nº 91, [s.d.] [1884?], p.730.
- MESQUITA, [Augusto César] Ferreira de, "Teatro do Ginásio Dramático. O lago de Killarney" in *Crónica dos Teatros. Jornal Artístico, Literário e Teatral*. Lisboa, Tipografia Universal, 1861-1880, 2ªsérie, 9ºano, nº16, 26 de Novembro de 1869, pp.3-4
- P.C. [Manuel Joaquim Pinheiro Chagas], "As nossas gravuras. Parnell" in *Jornal do Domingo. Revista Universal*. Lisboa, Tipografia de Augusto Rodrigues Cristóvão, 1881-1888, ano II, nº42, 10 de Dezembro de 1882, pp. 330-331.
- PEREIRA, [Augusto Xavier da] Silva, "Irlanda. O lago superior de Killarney" in *O Universo Ilustrado. Semanário de Instrução e Recreio publicado por uma Sociedade*. Lisboa, Tipografia de Matos Moreira & Cª, 1877-1880, 3ºano, tomo III, nº44, Novembro de 1897, pp.349-350.
- QUEIRÓS, [José Maria Eça de], "Secção literária. A Irlanda e a Liga Agrária" in *Repúblicas. Revista Política e Literária*. Lisboa, Tipografia de Henrique Zeferino, 1884-1886, 4ª série, 2ºano, nº80, 4 de Julho de 1886, p. 2; nº81, 11 de Julho de 1886, p. 3; nº82, 18 de Julho de 1886, pp. 4-5 e nº83, 25 de Julho de 1886, p. 6.
- RAMOS, Luís Maria da Silva, "A eucaristia e a fórmula do progresso. Introdução" in *Civilização Católica. Publicação Mensal*. Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1878-1883, 4ºano, vol IV, nº 6, 1883, pp. 168-169.

II) Fontes Secundárias

- ABREU, Luís Machado de, "Pendências iberistas no oitocentismo português" in *Percursos do Oitocentismo Português*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 1998, pp. 101-113.
- ALASTAIR, J. Reid, *Social Classes and Social Relations in Britain 1850-1914*. Basingstoke, Macmillan, 1992.
- BOURNE, John, *British Politics in the 19th Century*. Oxford, Blackwell, 1992.
- CATROGA, Fernando, MENDES, José Amado e TORGAL, Luís Reis, *História da História em Portugal. Séculos XIX-XX. A História através da História*, [s.l.], Temas e Debates, 1998.
- GIBBONS, S. R., *Ireland 1780-1914*. Glasgow/London, Blackie & Son Ltd., 1978.

- HARRISON, J. F. C., *Late Victorian Britain 1875-1901*. London, Fontana Press, 1990.
- MATTOSO, José (direcção de), *História de Portugal. O Liberalismo (1807-1890)*. Lisboa, Editorial Estampa, 1998, 5º vol.
- QUEIRÓS, [José Maria] Eça de, *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres. De acordo com os textos de Gazeta de Notícias e A Actualidade*. Fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura. Lisboa, Edição Livros do Brasil, [s.d.]
- REIS, António (direcção de), *Portugal Contemporâneo. Consolidação e Decadência da Monarquia Liberal. Esperanças e Frustrações (1851-1910)*. Lisboa, Publicações Alfa, 1989, vol II.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal. O Terceiro Liberalismo (1851-1890)*. Lisboa, Editorial Verbo, 1989, vol IX.

POLÉMICAS LONDRINAS ENTRE TORIES E WHIGS
MOTIVADAS PELAS GUERRAS CIVIS EM PORTUGAL
E ESPANHA

Fernando Guedes
Academia das Ciências de Lisboa

Mãos amigas apresentaram-me há alguns anos com uma obra inglesa intitulada *Portugal and Galicia with a review of the Social and Political State of the Basque Provinces: and a few remarks of Recent Events in Spain*. São dois volumes in 8º, de cerca de 400 páginas cada, publicados anonimamente em 1836, sendo a obra dedicada a Lord Egremont, 3º Conde deste título, que aplicou muito da sua vida e fortuna a proteger as artes, nomeadamente Turner, que viveu durante algum tempo no seu palácio, no Sussex.

O primeiro volume do espécime em meu poder traz uma pequena nota a lápis assim redigida: *by H. J. G. Herbert, Earl of Carnarvon*. Está correcta essa menção. Trata-se efectivamente de Henry John George Herbert, 3º Conde de Carnarvon, nascido em Junho de 1800 e falecido em Dezembro de 1849.

Embora tenha tido quatro edições em Inglaterra (1836, 1837, 1848 e 1861), a sua fortuna em Portugal foi bastante diminuta. As únicas referências que conheço são a de Ana Vicente, no seu livro *As Mulheres Portuguesas vistas por Viajantes Estrangeiros*, inserindo aí três breves citações retiradas da 2ª edição da obra, e algumas fichas biográficas e bibliográficas, produzidas no Centro de Estudos Anglo-Portugueses da Universidade Nova de Lisboa, sob a direcção da Doutora Maria Leonor Machado de Sousa.

Também Rose Macaulay — escritora inglesa do século XX muito ligada ao famoso *Bloomsbury Group* — se lhe refere — e com alguma extensão — no seu livro *They Went to Portugal*, uma

relação, cheia de interesse e muito humor, de quantos ingleses visitaram Portugal desde o tempo das Cruzadas até ao século XIX.

Este 3º Conde de Carnarvon que, como vimos, morre relativamente novo, antes mesmo de atingir os 50 anos, estudou em Eton e frequentou Oxford, deve ter passado uma boa parte da sua vida breve viajando pela Europa e pelo Norte de África, pouco cuidando dos seus deveres, primeiro, e ainda visconde de Porchester, como membro dos Comuns e, falecido seu pai, em 1833, na Câmara dos Lordes, embora se lhe conheçam algumas intervenções em assuntos de importância maior como no debate sobre Portugal em Fevereiro de 1830 ou, já nos Lordes, durante a discussão para a reforma do Parlamento.

A sua correspondência dá conta de estadas em Paris; do seu diário de viagens, de 1839, seu filho, o 4º Conde, extraiu um interessante volume intitulado *Reminiscences of Athens and the Morea*; e, quanto a Espanha e Portugal, visitou longamente estes países por mais de uma vez, seguramente em 1822 e 1827. Ainda como nota biográfica, diga-se que foi avô do 5º Conde de Carnarvon, o mecenas que pagou as despesas das escavações de Howard Carter no Vale dos Reis, em 1922, das quais resultou a descoberta do túmulo intacto de Tutankamon.

Uma das obras a que me vou referir (*Portugal and Galicia...*) é, sem dúvida, a mais importante da sua bibliografia, a qual inclui, todavia, poemas, uma tragédia em verso, *D. Pedro, Rei de Castela*, representada em 1828 no Drury Lane, uma polémica igualmente em verso e também um estudo da situação política em Portugal em 1828, intitulado *The last days of the Portuguese Constitution*, publicado em 1830, dois anos depois traduzido para francês e editado em Paris em 1832 e ao qual oportunamente me referirei.

Este *Portugal and Galicia*, no que se refere a Portugal, não será mais que um interessante livro de viagens, como o próprio autor reconhece logo nas primeiras páginas da obra quando escreve saber não existir em Portugal edifício de importância ou situação relevante, em qualquer das grandes cidades portuguesas, que não tivessem já sido cuidadosamente descritos por qualquer dos autores que o haviam precedido. Tinha razão Alexandre Herculano quando escreveu que “em Inglaterra [não havia] nenhum tolo que não [fizesse] um livro de *tourist*; nenhum arquitolo que não o [fizesse] sobre Portugal”. Este Henri George, contudo, destaca-se por uma escrita muito cuidada e, principalmente, por um agudíssimo espírito de observação e um

inefável sentido de humor, mesmo nas situações mais embaraçosas que consegue sempre enfrentar com a elevação aristocrática de um nobre inglês daquele tempo.

Carnarvon, na viagem que relata neste livro, embarcou no *Duke of York* em 28 de Julho de 1827 e chegou a Lisboa em 4 de Agosto, instalando-se no Hotel Reeves. O nível social de que desfrutava em Inglaterra abriu-lhe rapidamente as portas das melhores casas de Lisboa, tanto que cinco dias após a chegada se encontrava já a jantar com o Conde da Ponte, então Secretário de Estado da Guerra como sucessor de Saldanha, e com o Conde de Vila Flor, futuro Duque da Terceira. Os quinze dias seguintes passa-os visitando, na companhia de amigos ingleses, Sintra, Colares, Monserrate (e as ruínas do palacete que, trinta anos antes, William Beckford aí fizera construir) e Queluz onde, segundo o nosso autor, a Rainha-Mãe, Carlota Joaquina, “orava incessantemente pelo regresso do seu banido filho e pela restauração do antigo regime”.

No começo da última semana de Agosto, Henry Herbert sai de Lisboa a cavalo — sempre a cavalo realizará todas as suas viagens na Península. Contudo, esse começo de viagem em Portugal fornece-lhe o motivo para uma primeira crítica aos portugueses. Foi forçado a iniciar a viagem de tarde porque o seu “criado António não estava predisposto para rápidos movimentos e o homem das mulas considerava a pontualidade uma virtude desnecessária”. Quanto à estalagem onde teve de passar a noite, antes de chegar a Mafra, era, nas suas palavras, “suficientemente desconfortável: gatos, cães e pombos passeavam-se sobre a mesa em competição esfomeada por coisas boas que já o não eram; porcos, fossando à porta, ameaçavam juntar-se àquela confraria; e a única peça prometedora, um bocado de peixe salgado, era assaltada e estraçalhada por um intrépido gatinho” Na manhã seguinte Carnarvon prosseguiu viagem até Mafra, cujo mosteiro não o surpreendeu favoravelmente; depois para Torres Vedras, onde recorda a defesa que aí fora estabelecida pelo Duque de Wellington, continuando a jornada até Alcobaça, onde os frades o receberam carinhosamente e lhe deixaram uma óptima impressão. A descrição que faz da igreja e do mosteiro é muito mais favorável do que a que Mafra lhe merecera. Descreve o vandalismo dos franceses em relação aos túmulos de D. Pedro e D. Inês de Castro, a magnífica livreria monástica e, maior prazer para um inglês! — os jardins cuidadosamente tratados, inexcelsivelmente bem cuidados.

Na manhã seguinte a viagem prosseguiu pela Batalha (e, de novo, uma descrição entusiasmada pela pureza gótica da igreja) e daí para Leiria, Condeixa e Coimbra.

Em Condeixa, na estalagem onde pousou, uma jovem suspirosa perguntou-lhe se tinha notícias das tropas do general Silveira, que comandava então no Norte os rebeldes miguelistas.

Em Coimbra, nas margens do Mondego, um camponês gritou ao vê-lo passar: vivam os Ingleses! Lord Carnarvon escreveu então que foi o primeiro e o último tributo de entusiasmo popular para com o seu país que os seus ouvidos escutaram durante toda a sua estada em Portugal. O seu aspecto físico não seria muito propício a que o reconhecessem como súbdito britânico. Curiosamente, já encontrei reproduções de retratos do primeiro e do segundo condes, do quarto e do quinto, só dele não achei nenhum, embora saiba, pelo *Dictionary of National Biography*, que se fez retratar por um certo E. Walker, medíocre pintor novecentista. É ele próprio quem nos refere a sua tez escura e o cabelo preto que o levaram a variadas complicações (inclusivamente à prisão, em Portugal e em Espanha) por as autoridades ou o povo acharem que ele teria de ser ou português ou espanhol, disfarçado evidentemente, e espião, muito provavelmente.

Em Coimbra, a Universidade merece-lhe longa referência e demorados comentários; a Quinta das Lágrimas, onde Inês de Castro foi assassinada, é pretexto para uma tirada romântica, dominada embora pelo seu fino espírito de aristocrata britânico.

A viagem prossegue pelo Bussaco (onde visita o convento e uma vez mais é acarinhado pelos frades carmelitas que o habitam) Mealhada, Aveiro, Ovar (que lhe proporciona o *necplus ultra* das estalagens abomináveis) e finalmente atinge o Porto.

É aí que Lord Carnarvon se fixa durante algumas semanas, seduzido por uma sociedade elegante que ele compara favoravelmente com a inglesa, embora continue a pensar que esta é a mais civilizada do Mundo.

O Conde de Vila Flor governa a cidade desde uns dias antes da sua chegada, e é na casa deste, e com os ingleses da Feitoria, que o nosso autor passa dias e semanas muito agradáveis. É tal o encanto que a vida na cidade lhe causou que abre um longo parêntesis de várias páginas na sua narrativa, para expressar o que pensa ser a sociedade portuguesa da época, por ele então pintada com cores extremamente simpáticas, diríamos que simbolizada no casal Vila-Flor, especialmente na descrição da condessa e dos seus dezanove anos e nos amigos e conhecidos

que enchiam diariamente os salões da casa do governador. Uma pequena transcrição será suficiente para se poder avaliar até que ponto Henry Herbert se deixou impressionar pelos portugueses, pela sua educação, pelo seu comportamento, pela sua gentileza de coração. É esta a frase: "Um cavalheiro inglês, momentaneamente sem dinheiro, manda para o diabo o pedinte que o aborda; o rei de Portugal, na mesma situação, chama-lhe irmão e lamenta não ter nada para lhe dar."

Com cartas de recomendação do conde de Vila-Flor para as pessoas principais das terras que queria visitar, Lord Carnarvon, ou melhor, Lord Porchester — título que usou até à morte de seu pai em 1833 — prosseguiu a viagem, em direcção ao Douro vinhateiro onde em 26 de Outubro é surpreendido por magestosa e indizível tempestade que descreve com grande poder evocativo e qualidade literária; cruzou Amarante, e fez a penosa subida do Marão para atingir Trás-os-Montes, província que diz ser habitada "por gente muito peculiar, impaciente, intrépida, ambiciosa, a única parte da população nativa que reteve o seu carácter original, sem ser afectado pela passagem dos séculos; uma bela raça masculina, possuindo virtudes selvagens na perfeição, os primeiros a agir e os últimos a submeter-se" e conclui, recordando certamente a sua estada em terras da Catalunha cinco anos antes: "São os catalães de Portugal". Lamego e a Régua foram os seus passos seguintes até entrar num barco, posto à sua disposição por um dos mais importantes vinhateiros da região, que o trouxe de volta ao Porto numa inesquecível viagem de dois dias, relatada, como sempre, com inigualável mestria.

Chegado ao Porto, pretendeu seguir rapidamente a sua viagem para a Galiza, atravessando o Minho por Barcelos, Ponte de Lima, Caminha e Valença. Por todo o lado sentiu na população, quer entre os fidalgos quer entre os camponeses, muito pouco afecto pela Carta Constitucional e uma inclinação acentuada pelo banido D. Miguel que, a qualquer hora, se esperava que reaparecesse com as suas forças rebeldes.

Atravessou a fronteira acompanhado por um funcionário do consulado inglês, destinado a facilitar os trâmites para a sua entrada na Galiza, pouco propícia para qualquer cidadão de Inglaterra, então decididamente ao lado do governo da Regente, a Infanta Cristina, enquanto as autoridades galegas, que apoiavam mais ou menos às claras os miguelistas portugueses, eram também pouco devotadas aos Constitucionais que governavam em Madrid.

Henry Herbert teve, nesta sua expedição galega, as experiências mais inesperadas e que a natureza desta exposição não permite, nem de leve, referir. O seu ponto máximo ocorreu, porém, pouco depois da sua chegada a Lugo. Recolhido a uma estalagem, cansado da viagem, é acordado às duas da manhã por agentes da polícia e levado ao quartel policial. Após estranho interrogatório e sem que lhe expliquem exactamente o que há contra si, é remetido para Santiago, escoltado por seis Voluntários Realistas (ou seja, anti-constitucionais). Ao fim de dois dias de viagem chega à capital da Galiza e vai à presença do Capitão-General, nem mais nem menos do que o famoso General Eguia que Fernando VII, quando foi libertado do cativeiro de Cádiz pelas forças do Duque de Angoulême, fizera decano do Conselho de Estado e nesse cargo se mantivera por bastantes anos.

Estranho destino o do Visconde de Porchester que, como qualquer *sportsman* inglês, resolve visitar a Espanha em 1827, quando a guerra civil, que opunha realistas, defensores do antigo regime, a constitucionalistas, tinha de novo estalado e recrudesceu de violência nesses dias, com a Galiza em poder dos “realistas puros” ou “agraviados” e a Catalunha a ferro e fogo; quando se chega a proclamar D. Carlos como rei em oposição ao sempre timorato Fernando VII; quando a sublevação se generalizara desde Abril, estalando em Girona e estendendo-se a Vich, Manresa e Ampurdán, com uma última fase em Julho que só seria dominada após uma viagem do rei à Catalunha.

Após longo e difícil interrogatório, conduzido pelo próprio Eguia, tornou-se patente que o nosso autor fora, desde a sua entrada em Espanha, minuciosamente vigiado pela polícia, olhado sempre como espanhol (ou português) disfarçado, com falso passaporte inglês, tudo com o objectivo de espiar as defesas galegas para facilitar eventual ataque constitucionalista — e só as garantias prestadas pelo Cônsul inglês em Vigo lhe obtiveram a liberdade, mas acompanhada de ordem de expulsão imediata.

O futuro Conde de Carnarvon regressa então a Portugal, passa de novo pelo Porto e dirige-se a Lisboa, onde chega a tempo de assistir à entrada triunfal de D. Miguel, o qual, nas palavras da Infanta Regente na abertura das Cortes em 2 de Janeiro de 1828, viria para “administrar o Governo” em nome de seu irmão D. Pedro. Todavia as aclamações populares que o acompanhavam por toda a parte — viva D. Miguel, rei absoluto! — e vendo-se que ele nada fazia para impedir tais aclamações, não auguravam nenhuma tranquilidade nem segurança aos partidários do Imperador. D. Miguel chegou a Lisboa em 22 de Fevereiro; as

Cortes reuniram-se em 26 para assistir ao prometido juramento da Constituição por D. Miguel — juramento que ninguém parece ter podido testemunhar por o manto do Duque de Cadaval ter encoberto completamente o Infante naquele momento. Duas semanas mais tarde, a bordo de alguns barcos ingleses então surtos no Tejo, partiam para o exílio alguns dos mais notórios pedristas, como os Condes de Vila Flor e os Marqueses de Fronteira, de quem o nosso autor se foi despedir a bordo da fragata que os ia conduzir até Inglaterra.

Subitamente, Porchester vê-se sem os amigos cujas casas se habituara a frequentar, e a sua opinião sobre os miguelistas, agora no poder, não era das mais favoráveis. Resolve então meter-se de novo às más estradas e maus caminhos de Portugal e ir conhecer o Sul do país, que ainda não visitara. Atravessa o Tejo, segue pela Moita até Setúbal — e aí se vê envolvido numa onda popular de revolucionários miguelistas da qual escapa a sério custo — e prossegue para o Convento da Arrábida, onde os frades quizeram que repousasse e, mesmo, que passasse aí a noite. Sempre a cavalo, a viagem continuou por Santiago do Cacém, Vila Nova de Milfontes e, atravessando a serra de Monchique, atingiu o Algarve. Em Lagos, o Corregedor cobriu-o de gentilezas durante os vários dias que aí teve de passar, por o seu criado ter adoecido. Quando pôde seguir até Sagres, o gentil Corregedor insistiu em o acompanhar: Sagres, onde o nosso autor recorda a gesta do Infante D. Henrique. Henry Herbert vai percorrer o Algarve de Oeste para Leste até Vila Real de Sto. António, deixando o seu relato pontuado, aqui e ali, não só de apontamentos referentes às belezas naturais da região, mas também de pertinentes comentários relativos ao carácter do povo e à situação politicamente efervescente que ia encontrando pelo caminho.

Embora avisado de que o Alentejo, naqueles dias, era uma região extremamente perigosa, enfiou o pescoço do seu cavalo em direcção a Alcoutim, onde foi muito bem recebido pelo Presidente da Câmara, mas teve de adiar a sua entrada em Mértola, pois aí ocorria uma revolta generalizada da população contra a autoridade do Estado. Quando Herbert, na manhã seguinte, entrou efectivamente na cidade, os populares já haviam proclamado D. Miguel rei absoluto.

A cidade encontrava-se em tal estado de excitação que nem lhe foi possível visitar as ruínas romanas que, principalmente, o haviam levado até lá. Seguiu viagem para Beja, mas cada vez mais aumentavam as suspeitas que o rodeavam. O que faria um

gentleman inglês — se efectivamente o era — percorrer aqueles caminhos, naqueles tempos, afirmando que o fazia por mera curiosidade? Évora iria ser, em breve, o ponto final da sua viagem. Aí a revolta contra os Constitucionalistas era clara e generalizada. Lord Porchester teve de mostrar o seu passaporte a uma sentinela, e a multidão, enfurecida, ao tomar conhecimento da sua nacionalidade, ao sabê-lo oriundo daquele país herético que se preparava para auxiliar, na guerra que se adivinhava, os inimigos do seu adorado D. Miguel, atacou-lhe o criado, desmanchou-lhe as bagagens e preparava-se para o apeiar do cavalo quando o prestante sentinela lhe deu voz de prisão e o enviou, com dois soldados, para a Câmara Municipal, seguido da multidão ululante. Após inúmeras peripécias que o autor narra com o humor que nunca o abandona, reconhecendo embora que jamais vira a morte tão próxima, é colocado numa cela seguríssima, não por suspeita de algum crime que não cometera, mas como medida de segurança contra as ameaças populares que pretendiam linchá-lo.

Aí permaneceu largos dias e angustiadas noites, até chegarem à Câmara cartas do embaixador Inglês que haviam de o restituir à liberdade. Entretanto, mais de duas semanas haviam passado sobre a sua detenção, e os ânimos estavam já mais sossegados, proclamado que fora D. Miguel e substituídas (quando não assassinadas) as autoridades afectas ao Imperador.

Pelo sim ou pelo não, Lord Porchester seguiu direito a Lisboa, e daí, no primeiro transporte, para Inglaterra.

Estranho homem terá sido este 3º Conde de Carnarvon ou, simplesmente, terá sido um típico espécime de aristocrata inglês da primeira metade do século XIX. Conservador na sua pátria — *tory* até à medula dos ossos — proferiu em 1831 um dos mais notáveis discursos ouvidos nos Comuns contra a reforma do parlamento. Amigo dos liberais em Portugal e claramente oposto a D. Miguel e aos seus defensores, não perde, contudo, o seu sentido de justiça. Publicando o seu livro em 1836, escreve nas suas considerações finais, a propósito dos miguelistas já no exílio ou na desgraça: “Foram bravos, sinceros, de altos princípios, ligados à sua religião e às velhas instituições da sua pátria. A honrosa fidelidade com que aderiram à fortuna do seu Príncipe durante os extremos da sua adversidade, e a devoção sem hesitações com que homens, no gozo dos luxos da vida, sacrificaram todos os seus bens materiais pela sua causa, são circunstâncias que lançam sobre eles créditos que não perecem”, acrescentando, todavia, que “as suas virtudes não podem redimir

os seus erros ou reparar as calamidades que atingiram as suas famílias e a sua pátria". Assume, em Espanha, uma posição claramente contra os Constitucionalistas que considera "imitadores servis da Revolução Francesa" e os "legisladores daquele período [que] não tiveram a sagacidade de adaptar as suas instituições às condições do povo, mas determinaram que a opinião pública teria de se curvar aos seus esquemas impopulares e, como se os ultrajes infligidos a um clero amado e respeitado, como se a espoliação das propriedades da Igreja, até então consideradas sagradas, não exasperassem suficientemente um povo fanaticamente ligado aos seus mestres religiosos, as Cortes de 1821 trataram de degradar os Santos em todas as cidades e vilas do Reino, eliminaram os seus nomes das ruas e praças, substituindo-os por novas e revolucionárias designações", incutindo no povo a ideia de que eles "não só perseguiram os ministros de Deus na terra mas insultavam a hierarquia dos Céus".

E no meio de todos os imbróglis causados pelas suas contraditórias posições, é preso em Portugal pelos miguelistas de Évora e em Espanha pelos realistas exaltados de Eguia mas, em Portugal, são os pedristas quem ele mais critica e, em Espanha, é, sem dúvida, aos constitucionalistas. Ele próprio reconhece a peculiaridade das suas andanças pelos países ibéricos quando escreve: "assim terminou uma expedição plena de interesse, cheia de incidentes vários, levada com dificuldade e perigo e singularmente desastrosa no fim. O mais sumptuoso e o mais miserável foram, alternadamente, a minha razão: o Republicano e o Ultra-Realista, o camponês, o padre, o nobre foram sucessivamente meus hospedeiros; a minha viagem decorreu à torreira do sol e através de tempestades, entre o máximo calor de uma aparente amizade e a máxima violência de verdadeiro ódio; o quarto aquecido e o luxuoso sofá, o duro soalho e as frias noites passadas à luz das estrelas, o palácio e a prisão, tudo eu experimentei numa rápida sucessão. De manhã não sabia, frequentemente, onde iria repousar, ao fim do dia, tendo em segurança a minha cabeça, e muitas vezes me deitei sem ter a certeza de passar a noite sem ser interrompido." Afinal, eu diria que os trabalhos e os dias de Henry Herbert nos dois reinos da Península, foram consequência de se ter querido afirmar como totalmente independente, *tory* mas pretendendo ser imparcial: admirava os povos, desejava para eles o melhor que, visto por britânicos olhos, seria o que melhor conviesse às suas específicas maneiras de ser, contribuisse para o seu desenvolvimento

harmonioso, numa palavra, para a modernização das nações, mas sem atropelar as convicções profundas dos povos, quer religiosas quer políticas ou sociais. E daí deriva o capítulo final do seu livro e, certamente, o mais importante, intitulado "Análise da situação social e política das províncias bascas, com algumas notas sobre acontecimentos recentes em Espanha." e a ele iremos em breve. Antes, porém, vejamos o que nos relata dos acontecimentos coevos em Portugal.

* * *

Henry Herbert, que deixara as terras peninsulares em 1828, só publicará o seu livro oito anos mais tarde, em 1836, quando, no que respeitava Portugal, a guerra civil já vira o seu fim e as suas considerações já só podiam mesmo interessar ao público inglês. Publicara entretanto, em 1830, um interessante volume intitulado *The Last Days of the Portuguese Constitution*, esse, embora referindo acontecimentos e situações de 1828, ainda pleno de actualidade.

Estava-se então em pleno reinado miguelista, mas ele previa já, "considerando o estado dos partidos em Portugal, a sua força, a indecisão de cada um, a crise financeira", que a situação política não tardaria a mudar, como efectivamente sucedeu em 1834.

Da leitura atenta das suas obras e da própria data das suas publicações, não pode deixar de se concluir que Porchester estava mais atento às repercussões em Inglaterra do que ia ocorrendo em Portugal do que às realidades políticas portuguesas no terreno. As suas intervenções, em ambas as obras, tinham mais o objectivo de marcar a sua discordância com a actuação do governo inglês (fosse Canning ou Palmerston) em relação a Portugal do que em defender decididamente um dos contendores, embora, ideologicamente, a sua simpatia caísse indiscutivelmente no lado constitucionalista. Isso se torna claro desde as palavras com que abre estes *Last Days*, na dedicatória que aí dirige a seu Pai, Lord Carnarvon. Depois de reconhecer que "uma parte considerável da [sua] vida fora gasta no estrangeiro, entre cenas tempestuosas de comoção civil", o nosso Autor lembra-lhe que, se os acontecimentos de Portugal viessem a ser (como efectivamente aconteceu) motivo de discussão e deliberação no Parlamento de Londres, ele não deveria deixar de apoiar a causa dos seus muitos amigos constituicionalistas, então refugiados na Inglaterra.

Henry Herbert em todo um longo primeiro capítulo desse seu livro descreve com suficiente rigor os antecedentes da crise final que iria conduzir à guerra civil. Reconhece, desde logo, que a Constituição de 1820 era totalmente oposta aos sentimentos do país e que os legisladores dessa época se tornaram odiosos aos olhos do povo.

Contrariamente, a Carta Constitucional, se expurgada de alguns erros e se tivesse podido ser objecto de algumas correcções que, principalmente, aclarassem numerosos pontos de indefinições que seriam, na prática, fonte de conflitos e de perturbação, este documento poderia ter constituído uma base sólida para futuras melhorias e consolidação do regime constitucional, não tivessem ocorrido situações de facto que Lord Porchester descreve, com relativa imparcialidade embora, sempre, com os seus olhos de nobre inglês em terra estrangeira. O Autor lamenta, com veemência, que o Imperador se tenha limitado a remeter a Carta para Lisboa e tivesse deixado como missão às Câmaras ajustarem os pormenores indispensáveis, com as consequências que se viram. Todavia — e este é o ponto mais importante de todas as preliminares considerações de Henry Herbert, “the Constitucional vessel had certainly a stormy passage to encounter in its progress to a satisfactory settlement, but it would have outlined the gale, had not a fatal error in British policies counteracted the exertions of its ablest pilots”.

Porchester opina seguidamente sobre a acção da Princesa Regente, a sua boa vontade de acertar e a sua fraqueza física (aproveitada por nocivos conselheiros) que tornou patente a urgência de se entregar a regência a mãos mais firmes; a personalidade do Infante D. Miguel, o seu isolamento político em Viena, determinado por Metternich, a sua estada em Inglaterra, onde foi tratado com o maior desvelo pelo Conde de Dudley, Secretário dos Negócios Estrangeiros, cujas “attentions to the Infant were eminently judicious and gratifying to the Portuguese nation. Had they fallen upon a less ungrateful soil, they would probably had removed any hostile feelings towards Great Britain”.

Nas páginas seguintes Porchester descreve, sem distorções graves, os acontecimentos que precederam e se sucederam à chegada de D. Miguel, que qualquer português estudioso da época conhece perfeitamente, até à semana dramática da dissolução das Câmaras, em Março de 1828, quando se terá dado o tal *fatal error* da política inglesa que Henry Herbert responsabiliza pelos acontecimentos seguintes.

Recordemos que um exército inglês se instalara em Lisboa desde 1827, a pedido da Princesa Regente, que sentia a necessidade da protecção britânica ante a turbulência política que se vivia. Entretanto, com a vinda de D. Miguel e o seu juramento constitucional, parecia chegado o momento de retirar os soldados ingleses, o que o embaixador *Sir Frederick Lamb*, cumprindo instruções de Londres, determinou que se realizasse na segunda semana de Março. Isso era exactamente o que os adversários de D. Miguel pretendiam para poder livremente montar um golpe militar que removesse o Infante. Este apercebeu-se do que se estava a preparar e instou com o embaixador inglês para que sustivesse o embarque dos soldados, cuja missão específica em Portugal era “to defend the royal family, yet to exercise no interference over the internal affairs of the country”. O embarque, que havia sido iniciado em 10 de Março, foi suspenso em 12 de manhã, permanecendo, pois, os soldados em Lisboa, dando assim tempo a D. Miguel para completar a substituição dos comandos das tropas portuguesas por oficiais que lhe fossem afectos e, no dia 14, dissolver às Câmaras, com as consequências que são conhecidas.

Segundo o nosso Autor, os defensores da derrotada Carta, surpreendidos com a súbita decisão do embaixador, naquelas horas só pretendiam, das tropas inglesas, a garantia de uma estrita neutralidade na luta que estavam a postos de travar. “Such an assurance unfortunately they had no means of obtaining: they were given to understand that it would be contrary to the orders under which the British troops had sailed, and that British bayonets would be compelled to defend their Royal oppressor.” E assim se viram os constitucionalistas impedidos de, “sword in hand”, restaurar a sua violada Carta.

A decisão de *Sir Frederick* de atender à solicitação de D. Miguel e manter as tropas inglesas em Lisboa “to defend the Royal Family”, concretamente o Infante e a Rainha Carlota Joaquina, terá, então, constituído o erro fatal da política inglesa que iria permitir a D. Miguel concretizar os seus desígnios. Responsabilizar, porém, o governo inglês, Palmerston, concretamente, por essa súbita decisão e não o embaixador em Lisboa (estamos em 1828, as comunicações não eram tão rápidas quanto hoje...) parece claramente um pouco forçado... A *Lord Porchester*, dois anos passados sobre os acontecimentos, esta “indecisão” britânica, como lhe chama, serviu certamente os seus interesses de política interna como membro destacado do partido *tory*.

Regressemos, porém, ao seu *Portugal and Galicia* de 1836 e às suas reflexões sobre a política espanhola.

* * *

A morte de Fernando VII em 1833 abria o caminho para a guerra carlista que havia de convulsionar o país durante longos anos. Perante a proverbial indecisão do Rei, a situação tumultuosa que vinha já da década de 20, especialmente grave na Catalunha e nas chamadas “províncias isentas”, o nascimento de Isabel II em meados de 1830, precedido pela publicação da Pragmática, em Março desse ano, sancionando a lei, aprovada em Cortes em 1789, na qual se determinava que “se conserve e guarde perpetuamente na sucessão da Monarquia o costume imemorial” (ou seja, que a linha feminina não fosse afastada da sucessão), documento com o qual o monarca supusera ter resolvido o então confuso problema dinástico, mas cuja legitimidade foi prontamente negada pelos carlistas que o consideraram inválido, por vir dar força a um acordo obtido em Cortes mais de quarenta anos antes sem que ninguém, durante todo esse tempo, se tivesse preocupado com a sua publicação; perante governos com intenções contraditórias e fortes pressões estrangeiras, a Pragmática de 1830 irá ser derogada por um real decreto em 1832, mas a 1 de Janeiro de 1833 novo decreto real vai determinar a nulidade da derrogação anterior e restabelecer assim as decisões de 1789. Ora, é no meio desta enorme controvérsia legal que sobe ao trono uma criança de três anos, sob a regência de sua mãe, a Rainha-Governadora, como foi chamada Maria Cristina, viúva de Fernando VII. D. Carlos considera-se então espoliado da sucessão e estala a guerra civil.

São flagrantes algumas semelhanças entre o que ia ocorrer em Espanha e o que sucedia, quase simultaneamente, em Portugal.

Qual a posição do nosso *Lord Carnarvon* no meio de toda esta confusão? Henry Herbert, escrevendo em 1836, define-se claramente contra os liberais “cristinos” e especificamente contra o apoio dado a estes pela Inglaterra.

O que move, então, o nosso Autor?

O capítulo da sua obra a que atrás me referi ocupa mais de metade das 460 páginas do 2º volume. Todo ele constitui não só um eloquente elogio das províncias bascas — Guipúscoa, Biscaia e Álava — e das suas gentes, mas também um violento libelo contra o liberal governo inglês que acabara por enviar tropas, ao

abrigo da Quádrupla Aliança, para auxiliar os constitucionalistas de Isabel II contra os realistas de D. Carlos.

Segundo Carnarvon, os revoltosos teriam sido, durante muito tempo, apresentados pelos ministros ingleses e pelos seus jornais como meros bandidos, e essa imagem só se ia alterando graças às sucessivas derrotas de quantos exércitos o Governo de Madrid ia enviando para aquelas províncias, derrotas envolvendo até as tropas inglesas que os acompanhavam e que, pela primeira vez, “se iam habituando” à desonra de serem vencidas.

Henry Herbert descreve pormenorizadamente a forma excelente como aquelas províncias se regiam até lhes ser imposta a Constituição de 1812 e o Estatuto Real, resguardadas pelos seus foros, com as suas próprias instituições, ligadas a Castela por pactos ancestrais mas que fixavam limites rigorosos à intervenção dos reis e governantes castelhanos nos assuntos próprios daquelas gentes.

As insurreições armadas haviam já começado em 1822, contra o governo das Cortes que mantinha Fernando VII aprisionado em Cádiz (obrigando então à intervenção da França) e em oposição às primeiras medidas opressoras da Igreja, as primeiras desamortizações. A última década do reinado de Fernando VII foi toda ela marcada por turbulência política e militar. O infante D. Carlos, contudo, por fidelidade ao Rei seu irmão manteve-se tanto quanto lhe foi possível afastado dos acontecimentos, assumindo-se, porém, em 1833, como chefe da rebelião contra a sobrinha e o seu governo. Se é possível admitir, com o nosso autor, que D. Carlos teria então consigo a larga maioria do povo espanhol, decerto a tinha nas províncias bascas, especialmente desde que o general Castañon derrubara os foros suspendendo a sua aplicação *sine die*, declarara San Sebastian capital das três províncias “pela lealdade desta cidade à causa da Rainha”, subvertera os direitos das gentes “quer na prática quer no papel, invadiu as suas propriedades, condenou à morte contrariamente às leis da terra e sem a intervenção de tribunais ordinários. A partir desse momento o povo levantou-se em massa; a insurreição até então parcial, tornou-se geral e irreprimível; e a tal ponto o amor das suas liberdades antigas prevalecia na sua ligação a D. Carlos que (...) se este Príncipe, venerado como era na Biscaia se retirasse do campo, os Bascos continuariam a luta pela sua própria independência”.

Lord Carnarvon narra detalhadamente a história secular de cada uma das províncias, os direitos das gentes e as suas liberdades, concluindo que “se pode dizer com justiça que antes

da subida da Rainha ao trono as províncias bascas eram mais livres que o mais livre cantão suíço". E será, segundo *Lord Carnarvon*, "aos liberais Ministros da Grã Bretanha, que a si próprios se haviam declarado amigos das liberdades constitucionais em todo o mundo, que iria ficar reservado o papel de auxiliar a mais opressora cruzada contra um povo livre, a que mais manchava os anais da Europa desde a repartição da Polónia".

Poder-se-ia continuar por largas páginas a apresentar os argumentos de *Lord Carnarvon* que o levavam não só a condenar a actuação dos "cristinos" nas "províncias isentas", em Navarra e na Catalunha, mas também, e talvez principalmente, a decisão do governo *whig* de auxiliar Madrid e de enviar tropas para combater os revoltosos. Não creio que seja necessário. Com o que fica dito, a posição de Henry Herbert está inteiramente caracterizada. Mais interessante é vermos agora a reacção que suscitou em Inglaterra.

* * *

Lord Carnarvon deixara a Península em 1828 mas só publica o seu livro em 1836, ou seja, oito anos depois de terminar a sua visita a Espanha e Portugal. A razão desta demora poderá estar no facto de só depois de em 1834 se ter firmado a Quádrupla Aliança — entre a Inglaterra, a França, o governo espanhol de Isabel II e o governo português de D. Maria II — é que a Inglaterra envia para Espanha a sua Legião, sob o comando do general Evans, em apoio dos governamentais e dando-lhes novo folego após um período de sucessivas derrotas nos recontros com as forças carlistas.

O livro de *Carnarvon* deve ter provocado um importante tumulto nos meios políticos de Londres, não só pela posição do seu autor, membro já da Câmara dos Lordes e aristocrata de peso, mas pela minuciosa descrição e pretensa ou real imparcialidade com que trata a situação actual e os pressupostos históricos nas províncias bascas e o ataque frontal que faz aos partidários de Isabel II e ao governo *whig* que os foi auxiliar.

Nos meses que se seguiram à publicação de *Portugal and Galicia*, os jornais conservadores, e não só, vieram glosar e apoiar as posições de *Carnarvon*, até que em 1837 (provavelmente logo nos primeiros meses) é publicado, anonimamente, um volume, de 150 páginas, intitulado "The Policy of England Towards Spain, considered chiefly with reference to a review of the social

and political state of the basque provinces (...) by an English Nobleman". Com idêntico denodo e igual soma de pormenores, o autor do volume contesta, vigorosamente, as afirmações de Henry Herbert — e com tal conhecimento da situação em Espanha que *Lord Carnarvon* irá lançar a suspeita de o anónimo autor ser o próprio Ministro dos Negócios Estrangeiros, *Lord Palmerston*, ou alguém com acesso privilegiado ao Foreign Office.

Se *Carnarvon* sustenta que D. Carlos tinha consigo a larga maioria do povo espanhol, o novo livro contesta tal afirmação, lembrando que Isabel II fora reconhecida por todos os Grandes de Espanha e recebida com alegria por todas as classes importantes da sociedade, concedendo, todavia, que as Províncias Bascas teriam sido "uma excepção". O exército carlista, segundo o anónimo autor, teria sido organizado em Portugal e acolhido por D. Miguel até cerca de 300.000 homens que, à morte de Fernando VII, arrancaram para a Galiza dando início à guerra. Não conheço, na História de Portugal, recordação de tal facto, nem vejo como teria sido possível albergar três centenas de milhar de Voluntários Realistas no Norte de Portugal durante vários meses. De qualquer modo, o autor do volume reconhece as enormes dificuldades que os exércitos da Rainha encontravam para combater os insurrectos "numa região cheia de montanhas onde cada rocha é uma fortaleza inacessível, onde se não conseguem obter reabastecimentos, onde a população é composta por inimigos activos e inteligentes".

Lord Carnarvon especificara dois motivos fundamentais para o apoio dos bascos a D. Carlos: a destruição dos foros cuja observância ancestral conferia uma liberdade e uma independência notáveis áquelas populações e a perseguição à Igreja Católica e aos seus ministros. Refutação categórica. Quanto à questão religiosa, recorda-se no volume que a Rainha Regente, aconselhada por Cea Bermúdez, assegurou, no seu primeiro manifesto, cinco dias após o falecimento do Rei, que a religião católica, a sua doutrina, os seus ministros seriam "o primeiro e mais grave cuidado do seu governo", reconhecendo, todavia, que o comportamento dos constitucionalistas, na prática, esteve longe de ser o melhor, mas que a posição do governo era extremamente difícil "em consequência da conduta da própria Igreja". O Papa não reconheceu Isabel II, "para não desobedecer às determinações da Áustria", e o governo recusara então o Núncio; o clero tomou uma posição hostil, principalmente o regular. O autor do volume, para justificar a extinção dos conventos que se verificara, dá-nos o seguinte retrato do frade e do

monge espanhóis: “É geralmente antiliberal e analfabeto, de maneiras rudes e sem vida moral mas versado em baixas intrigas, em manobrar os camponeses ignorantes que rodeiam o convento, com acesso a toda a gente e, por meio da confissão, é espião, boateiro, imiscuindo-se permanentemente nos assuntos familiares do seus vizinhos, portanto sempre muito bem informado de tudo o que se vai passando”. Com este retrato, se conclui no volume que o governo “não poderia ser capaz de se libertar dos frades sem extinguir os conventos”, o que, por vezes aconteceu com dureza [*harshness* é a palavra usada no texto] e os bens conventuais, em geral, tiveram mau destino...

Quanto aos foros, reconhecendo o autor que Castañon, um *wilful foolish man*, procedeu violentamente, afirma, no entanto, que na prática já não existiam e que a longa e pormenorizada descrição que *Lord Carnarvon* apresentara dos costumes, direitos, história e lealdade daqueles povos, não seria mais do que uma romântica novela onde habilidosamente se misturava realidade com imaginação, se forneciam inúmeros efeitos para causas apropriadas, e engenhosamente se levava a história antiga a tomar o lugar da situação presente, bem diferente.

E é então o momento para o opositor de *Lord Carnarvon*, começando por dizer que muitos em Espanha se alegrarão ao ver um nobre inglês emprestar a sua autoridade a tal novela de modo a que esta pudesse ganhar crédito junto do público britânico, mostrar o seu espanto por um fidalgo do reino, um legislador hereditário, não ver que está em jogo em Espanha uma quantidade enorme de interesses britânicos, políticos e comerciais. Que independentemente de se saber se Isabel II era ou não quem apresentava melhores direitos ao trono, se D. Carlos vencesse, “a Santa Aliança seria toda poderosa” na Península e a Rússia seria, para a Inglaterra, tão temerosa em Lisboa como em Constantinopla” O interesse comum e que o governo *Whig* pretende seria, em conclusão, uma ligação entre Inglaterra, Bélgica, França, Espanha e Portugal. “Em tais circunstâncias, as nossas relações comerciais com a Espanha melhorariam certamente e surgiriam inúmeras possibilidades para investimento rentável dos nossos capitais excedentes, que nos anos recentes têm procurado colocação em incríveis e distantes locais.”

Que um lorde inglês não compreenda e não adira a esta posição do governo é coisa que *Lord Palmerston*, ou quem seja o autor do livro, não entende. Compreende, claro, que o povo espanhol não se entusiasme com o que lhe é proposto pelos seus novos governantes. Numa “nação que durante séculos sofreu o

duplo despotismo de reis e de padres [...], como se há-de esperar que compreenda inteiramente as bênçãos de uma ordem de coisas que lhe é desconhecida, ou descortine os meios convenientes para melhorar a sua condição?"

Não é possível continuar a seguir esta réplica que o governo inglês opôs ao libelo de Henry Herbert, até porque temos que lhe dar, de novo, a palavra. Antes, porém, convém dizer que no catálogo da Bodleian Library a autoria deste texto é atribuída a Henry Southern, nome que o *Oxford Companion to English Literature* não regista e, também, a G. W. F. Villiers, que suponho não ser outro senão o então embaixador britânico em Madrid, o que de certo modo explicaria o conhecimento de certos factos que levara Lord Carnarvon a suspeitar de Lord Palmerston como autor ou de alguém com acesso ao Foreign Office.

Ainda durante o ano de 1837, provavelmente em Abril ou Maio, foi publicada a 2ª edição do *Portugal and Galicia*, na qual Lord Carnarvon responde ao panfleto governamental, num inteiro capítulo que acrescentou à sua obra, com alguma veemência que não usara até então.

Verificando que toda a crítica inglesa, em especial os *tories* de *The Morning Post* e *The Morning Herald*, se debruçara sobre o seu livro e, com uma única excepção, de forma simpática, o nosso Autor vai demolir toda a réplica governamental, embora considere que tal já nem é necessário, pois um artigo publicado entretanto na respeitada *The Quarterly Review* encarregara-se de refutar os principais erros do livro governamental e expusera as graves consequências da política externa que os liberais estavam a seguir. Outro autor inglês, William Walton, publicara também uma detalhada resposta ao mesmo livro, embora, ao que parece, pouco cavalheiresca, num pequeno volume intitulado *Reply to the Anglo-Christino Pamphlet*, enquanto outros conhecedores da situação espanhola, como um tal capitão Henningsen, recém regressado de Espanha, da corte de D. Carlos, davam igualmente o seu testemunho, sempre favorável a Carnarvon, e até mesmo a parisiense *Revue des Deux Mondes* entrara também na discussão.

(Aqui tenho de interromper a minha narrativa para dizer que no Hampshire Record Office se encontram os documentos familiares dos Carnarvon de Highclere e, entre centenas de cartas, está uma desse Capitão Henningsen pedindo instruções ao Conde com relação ao artigo da *The Quarterly Review* e outra de J. R. Gowen, secretário e confidente de Carnarvon, dizendo-lhe que se encontrara com o editor John Murray, que a *Quarterly Review* sairia na semana seguinte e que era de esperar que a 1ª

edição do *Portugal and Galicia* se esgotasse em consequência do artigo que iria ser publicado. Não seria então coincidência que as obras de Henry Herbert fossem publicadas pela casa de John Murray, em Albermale Street, e a *Quarterly Review* tivesse sido fundada em 1809 por John Murray pai, para se contrapor à *Edinburgh Review*, fundada em 1802 e de tendência *whig*. Não era tão inocente como pretendia fazer crer o nosso 3º Conde de Carnarvon...)

Henry Herbert afirma que toda a argumentação do panfleto, embora aparentemente rigorosa, é puramente falaciosa. Carnarvon indicara dois motivos principais para a posição anticastelhana das populações das Vascongadas: a extinção dos foros e os ataques à Igreja e seus ministros. Os dois argumentos foram, como se viu, rejeitados no panfleto governamental, mas o nosso Autor sustenta, e prova, que a réplica nada contrapunha de substancial e que, pelo contrário, podia aduzir muitos exemplos e casos que não utilizara ainda em defesa da sua tese. E fá-lo ponto por ponto, de modo convincente.

No que se refere a vantagens económicas e comerciais, não vê ele, naquele momento, que minimamente existissem, e, respondendo ao retrato que o seu opositor fizera dos espanhóis, conclui: “o gabinete britânico deveria renunciar à esperança visionária de levar, por uma força exterior, um povo independente a adoptar um sistema cujo sucesso ou insucesso dependerá totalmente da situação interna do país, sobre o qual parece conhecer muito pouco”.

Pensaríamos que terminaria aqui a polémica sobre a situação nas províncias bascas de Espanha, mas não. Logo após a publicação da 2ª edição de *Portugal and Galicia*, um novo livro vê a luz do dia, agora intitulado *Sequel of the Policy of England towards Spain*, e ao qual, indica ainda o título, “é acrescentada uma resposta a um artigo publicado em *The Quarterly Review*, N.º LXV”.

Ora esta nova resposta, chamemos-lhe governamental, tem bastante mais peso do que a anterior. O volume compõe-se de duas partes, em 205 páginas. As primeiras 68 constituem a resposta ao artigo publicado na *Quarterly Review*; as restantes, quase 150, respondem ao capítulo que Lord Carnarvon acrescentara à 2ª edição do seu livro para contraditar, como vimos, o panfleto oficioso.

Quanto ao texto da revista *tory*, o anónimo autor desta nova resposta (mas claramente o mesmo Southern auxiliado pelo mesmo Villiers), depois de declarar inútil qualquer refutação da

primeira parte do artigo, pois é constituída por meros retalhos de textos de Henry Herbert, acrescentados de alguns comentários “em estilo menos digno de cavalheiros”, ocupa-se da parte mais substancial, onde novas ou reeditadas acusações se fazem à política externa inglesa em relação a Espanha, as quais o autor desmonta, uma por uma, de modo assaz convincente.

Igualmente, nas 150 páginas gastas em resposta à réplica de Carnarvon, o ou os autores deste novo livro, agora com uma veemência que não haviam usado da primeira vez, desfazem uma a uma as afirmações do seu opositor. Uma a uma, as acusações do Conde de Carnarvon são transcritas e, seguidamente, refutadas. Particularmente no que se refere aos foros dos Bascos, porque Henry Herbert afirmara não terem afinal sido respondidas as suas acusações iniciais, desta feita a réplica é completa, não ficando nenhum ponto da acusação sem resposta. E o mesmo se diga, embora talvez com menor vigor, de tudo o que respeita às perseguições que até aquela data já sofria a Igreja por parte dos partidários da Rainha.

E depois de fazer uma veemente defesa da posição adoptada pelo governo britânico de apoio a Isabel II, procurando demonstrar que, por inúmeras razões, essa não poderia ter sido diferente conclui, com grande elegância de estilo, com a *gentlemanship* que lamentara não se verificar por vezes nos ataques produzidos por apoiantes do nosso Autor: “*Lord Carnarvon* é, sem dúvida, sincero no seu desejo de ver aumentada a soma de felicidade humana, ver as bênçãos da educação mais largamente difundidas, a raça humana progressivamente melhorada. Temos a certeza de que não exclui a Espanha destes seus tão caridosos desejos: esse país onde tanta miséria existe, onde tantos melhoramentos são necessários, que em si mesma é a própria história de todos os males que um mau governo pode trazer a uma nação e um monumento do poder do homem para neutralizar e tornar sem valor os mais belos dons do seu criador. Não existe no mundo um país onde uma recuperação de todo o género possa ser tão rápida como em Espanha. O seu variado clima e o seu solo fértil, a sua posição geográfica, os seus rios e os seus portos, a enorme inteligência do seu povo, tudo são elementos de grandeza e meios de civilização se dirigidos para aquilo a que foram destinados por natureza. Deixe-se a Espanha desfrutar apenas de dez anos de bom governo, e vê-la-emos elevar-se como Fénix das suas cinzas e subir em grandeza e poder até tomar o lugar que lhe compete entre as maiores nações da Terra”.

Lord Carnarvon não voltou a responder. Não contestou os argumentos agora apresentados pelos colaboradores de *Lord Palmerston*. As guerras carlistas haviam de continuar a ensanguentar terras de Espanha — nas Vascongadas, em Navarra, na Catalunha — ainda por alguns anos, para se reavivarem, por uma última vez, trinta anos mais tarde. Com a renúncia de D. Carlos a favor de seu filho, o cenário político alterou-se necessariamente mas sem que os opositores de Maria Cristina desistissem de defender o que consideravam seus direitos ancestrais.

Lord Carnarvon durante doze anos mantivera silêncio em relação aos assuntos da Península Ibérica. Tendo sucedido no título em 1833, após a morte de seu pai, ocupou-se mais intensamente, agora na Câmara dos Lordes, dos seu deveres para com a política interna do seu país, embora o enorme e permanente vício de viajar e de se intrometer em locais perigosos o tivesse feito viajar até à Grécia, em 1839, quando aquelas terras espumavam sangue na luta entre turcos e gregos (o que ainda permitiu a seu filho, em 1869, publicar-lhe postumamente um interessante livro de memórias).

Em 1848, inesperadamente, Henry Herbert publica a 3ª edição do seu *Portugal and Galicia*. O texto da obra permanece, no essencial, inalterado em relação à 1ª e 2ª edições, mas não o prefácio e muito menos o capítulo desde sempre designado “Review of the Social and Political States of the Basque Provinces”.

Mantendo a sua posição em relação “àquela mão cheia de homens [que] nas montanhas do Norte de Espanha resistiram durante anos aos esforços combinados de três grandes monarquias [quando] a Biscaia se tornou o cenário da lealdade cavaleiresca, o refúgio, como já tinha sido o berço, da liberdade espanhola”, ele que “vivera nas suas terras, dividira com eles o pão, tantas vezes com eles convivera nos seus lares”, reconhece agora que aqueles dias são do passado, a excitação desaparecera e os seus sentimentos “embora não se tenham alterado, tornaram-se mais *tempered* com o passar dos anos”.

No que respeita a Portugal, *Lord Carnarvon* apenas considera a obra de há uma dúzia de anos atrás um guia turístico algo diferente dos inúmeros que haviam já sido escritos. Nem sequer menciona o pedido de ajuda militar que D. Maria II se vira obrigada a solicitar de *Lord Palmerston* em 1846, para defender o seu trono na chamada revolução da *Patuleia*.

Não faz, como neste quase totalmente novo capítulo, toda e qualquer menção à intervenção britânica nas guerras civis de

Espanha e de Portugal (verdadeiramente o *leit motiv* nas edições anteriores e em *Last Days of the Portuguese Constitution*) desapareceu completamente.

Como se nada se tivesse passado, como se aquele panfleto de 1837, *Sequel of the Policy of England towards Spain* nunca tivesse sido publicado, Lord Carnarvon dedica agora as quarenta páginas finais da sua obra a recordar, num pormenorizado bosquejo histórico, as raízes dos privilégios, dos famosos *fueros* que desde os mais remotos dias da história da Península sempre tinham levado os reis de Castela a ir jurar em Guernica, sob o grande carvalho sagrado, guardar e manter as liberdades e prerrogativas daqueles povos, dos quais eles eram Senhores, mas não Reis.

A 3ª edição desta obra capital de Henry John George Herbert termina com estas palavras : “E agora contei a minha história. Este olhar sobre o estado da Biscaia foi escrito, como disse anteriormente, quando a guerra biscaíña estava ainda activa. Este relato foi publicado num tempo em que eu ainda mantinha algumas esperanças de um fim mais feliz, com o medo, todavia, preponderando sobre a esperança; é agora republicado quando a esperança, se transformou em certeza. Todavia, as próximas gerações podem perguntar o que eram os famosos *fueros* de Biscaia; e pode não ser desinteressante ou inútil receber, pela pena de alguém que conheceu e amou aquele povo em dias melhores, um relato breve daqueles privilégios peculiares que constituíram o seu orgulho e a sua felicidade desde as origens da sua existência política até à sua última e infame destruição”.

Quanto a Portugal, não foram muitas as reacções londrinas ao volume publicado por Lord Porchester. É certo que, por essa época, pedristas e miguelistas se degladiavam com grande frequência na imprensa e nas montras das livrarias de Londres, mas com referência directa a *The Last Days of the Portuguese Constitution* a resposta mais importante que nos chegou é publicada ainda em 1830 e intitula-se *A Reply to two Pamphlets, entitled Illustrations of the Portuguese Question by a Portuguese Lawyer and The Last days of the Portuguese Constitution by Lord Porchester* e é assinada anonimamente por um *English Civilian*.

O “civil inglês” dedica as primeiras trinta e quatro páginas do seu livro a rebater os argumentos do *Portuguese lawyer* e as restantes cem são destinadas à obra do nosso Henry Herbert. Os argumentos do miguelista não são originais nem inesperados, antes repetem os mesmos em que sempre os direitos de D. Miguel

se fundaram e que só a força das armas, por fim conjugadas as de D. Pedro com as da França, Inglaterra e Espanha, iriam conduzir a Évora-Monte e, posteriormente, durante dezenas de anos, à enorme instabilidade política que tão prejudicial havia de ser a Portugal. Revoluções e movimentos de espadas (revolução de Setembro, o movimento da Belenzada, a revolta dos marechais, o pronunciamento de Torres Novas e Almeida, a Maria da Fonte, a guerra civil de 1846-47 e de novo a intervenção estrangeira...) enfim, tudo o que havia de levar, numa noite de Janeiro de 1857, já falecida a Rainha sua mãe, o rei D. Pedro V a escrever no seu *Diário*: “Quando reflito no nosso estado, dói-me o coração”.

Em 9 de Dezembro de 1849, morreu o 3º Lord Carnarvon, com menos de cinquenta anos de idade.

A FACE FEMININA DA COMUNIDADE BRITÂNICA EM PORTUGAL

Ana Vicente

(Investigadora em estudos de género)

Introdução

Em 1386 foi assinado o Tratado de Windsor, estabelecendo uma aliança entre Portugal e Inglaterra. Este acordo tem sido relevante na história de ambos os países, por vezes de forma pouco evidente ou estudada.

Já anteriormente, a partir do século XII, se havia estabelecido uma colónia britânica no nosso país, a qual, ao longo dos séculos, foi criando sucessivas instituições, em Lisboa, no Porto, ou em Coimbra e, já na segunda metade do século XX, no Algarve. Também sempre houve viajantes ingleses que por cá passaram e deixaram registadas as suas impressões em numerosas narrativas, sobretudo a partir do século XVIII.

No que diz respeito à zona de Lisboa, a instituição mais antiga a abrir portas foi o *English College*, fundado em 1628 e encerrado em 1984, conhecido em português como o Colégio dos Inglesinhos. Era um seminário destinado a preparar rapazes católicos ingleses para o sacerdócio. Efectivamente, a perseguição feita pelo protestantismo ao catolicismo em Inglaterra não facilitava essa preparação. Entre as muitas outras existentes, também na zona da grande Lisboa, poder-se-ão referir o Cemitério Inglês e a Igreja Anglicana, construída no mesmo local, a Igreja Escocesa de Lisboa, a Igreja Anglicana do Estoril, o Hospital Inglês (o primeiro abriu portas em 1793), o Instituto Britânico, fundado em Lisboa, em 1938 e dedicado ao ensino da língua e à expansão da cultura, assim como vários colégios.

Há ainda a *British Chamber of Commerce in Portugal*, o Clube Inglês dos Homens (*Royal British Club*), o Grupo de Teatro Amador conhecido como *The Lisbon Players*, um número significativo de instituições de solidariedade e vários grupos desportivos. A história destas instituições encontra-se dispersa em pequenas monografias, muitas das quais editadas por outra instituição britânica em Portugal, *The British Historical Society*, ou em artigos e notícias publicados no jornal *The Anglo-Portuguese News*, fundado em Lisboa em 1937, encerrando a sua publicação em 2004.

Mas o objectivo específico deste artigo destina-se a, numa perspectiva de estudos de género, des-ocultar o imenso trabalho realizado pela face feminina desta comunidade, de forma remunerada ou não, assinalando a história de algumas instituições britânicas, exclusivamente femininas ou em que uma ou mais mulheres exerceram um papel significativo. Igualmente se investigaram as histórias de vida de mulheres a título individual, quase todas britânicas, que, interagindo entre si e/ou com o seu entorno, demonstraram, mais uma vez, como a vontade individual e colectiva, a determinação, o sentido de serviço, pode 'fazer a diferença.'. Acresce que estas mulheres, apesar de serem estrangeiras residentes em Portugal, deixaram marcas na história social portuguesa, devido à sua actuação. Dada a minha ascendência anglo-britânica, conheci pessoalmente um grande número destas mulheres, e algumas recordo com afecto e admiração. É essa também uma das razões que motivaram esta investigação. Igualmente se relatam os dados essenciais acerca das visitas oficiais que a Rainha Isabel II, a Princesa Margarida, a Princesa Diana e a Primeira-Ministra Margaret Thatcher realizaram a Portugal.

Inclui-se ainda a história de uma instituição irlandesa, o Convento do Bom Sucesso, fundado em Lisboa em 1639 e que continua muito activo, sendo a responsável desse texto Honor Grace Mc Cabe O.P. A história de Denise Lester, fundadora e proprietária do *Queen Elizabeth's School* deve-se a Maria Júlia Guedes. A ambas estas colaboradoras exprimo os meus agradecimentos.

Dadas as estreitas relações entre a comunidade britânica e a norte-americana, torna-se pertinente revelar a história da Associação das Mulheres Americanas de Lisboa. Aliás, entre as suas sócias encontram-se mulheres de várias nacionalidades, incluindo portuguesas.

A fonte principal que utilizei foi o já referido jornal inglês, dirigido entre 1937 e 1976 por Luiz de Oliveira Marques e, subsequentemente, e até à sua venda, em 1980, por sua mulher Susan Lowndes Marques, os meus progenitores. Contudo, decidi analisar apenas os primeiros 50 anos de publicação — 1937-1987 — pelo que haverá certamente elementos com interesse disponíveis nos exemplares publicados entre 1988-2004. Utilizei, ainda, um livro de minha autoria, *Arcádia — Notícia de uma Família Anglo-Portuguesa* (Lisboa, Gótica, 2006), em que relato a história da minha família. Fui a quarta geração de mulheres, em linha directa, a fazê-lo. De assinalar o muito trabalho realizado por d'Arcy Orders, autor de diversas monografias que revelam um grande labor de investigação. Para parte da minha pesquisa tive o apoio do Centro de Estudos Anglo-Portugueses, fundado pela Professora Leonor Machado de Sousa, e da *British Historical Society*, dirigido há vários anos por Paulo Lowndes Marques, meu irmão. Esta associação de amantes da história luso-britânica dispõe de um útil centro de documentação aberto aos investigadores. A ambos os meus agradecimentos. Quem estiver interessado em seguir a vida actual da comunidade britânica poderá fazê-lo consultando regularmente o sítio do *British Community Council*: <http://bcclisbon.org>

O *corpus* de investigação aqui apresentado destina-se, posteriormente, a ser integrado, na sua respectiva ordem alfabética, no segundo volume do *Dicionário no Feminino*. Essa obra é uma componente substancial do trabalho do grupo interdisciplinar 'FACES de Eva' da Universidade Nova de Lisboa. O primeiro volume foi publicado por Livros Horizonte, em 2005: *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, dirigido por Zília Osório de Castro e João Esteves e coordenado por António Ferreira de Sousa, Ilda Soares de Abreu e Maria Emília Stone.

Optou-se por dividir o artigo em cinco secções: primeiro, instituições diversas onde mulheres tiveram papel de relevo; segundo, instituições exclusivamente femininas; terceiro, relatos de visitas oficiais a Portugal; quarto, notas biográficas acerca das mais diversas mulheres. Finalmente, uma curta conclusão. A presença de * indica que a pessoa ou instituição têm uma entrada própria.

Uma vez publicado o artigo, surgirão certamente alguns leitores a apontar ausências, falhas e, obviamente, incorrecções. É o risco que se incorre neste tipo de trabalho. Plenamente o assumo, com o desejo de que outros venham preencher essas lacunas.

I — Instituições Diversas

Associação Benéfica dos Súbditos Britânicos em Portugal

— Esta Associação, conhecida em inglês como o *Trash and Treasure* (Lixo e Tesouros), foi fundada em 1963 e tem como objectivo principal recolher fundos para distribuir por organizações de solidariedade portuguesas e britânicas. A sua actividade principal é manter uma loja na Praça do Junqueiro, em Carcavelos, onde se vendem objectos novos e em segunda mão, oferecidos ou à comissão. Na década de 70 e 80, Dinah Touzet e Monica Rankin encontravam-se entre as suas colaboradoras mais activas. Entre 1972 e 1981, distribuíram cerca de 2.250 contos por 20 organizações diferentes. Em 1983 distribuíram 669 contos e em 1985, 1.070 contos. A grande maioria dos voluntários são do sexo feminino.¹

Colégio de São Julião (St Julian's School) — O Colégio Inglês de Carcavelos, como é conhecido, foi fundado em 1932 por um grupo de pais e mães ingleses, residentes em Portugal, interessados em proporcionar uma educação inglesa a seus filhos, por um preço acessível, sem ter que os enviar para colégios internos no Reino Unido. A principal oboeira da fundação foi Marguerite Bucknall,* conhecida como Mrs Douglas Bucknall, nome de seu marido, que também teve papel de relevo nesse esforço. Nos primeiros tempos, quando o Colégio teve problemas financeiros, o casal contribuiu, por diversas vezes, com apoio financeiro. Ela relatou mais tarde que tiveram que enfrentar a oposição e a crítica de vários membros da comunidade britânica. Outros nomes que devem ser referidos, no esforço da fundação do Colégio, trabalhando todos de forma benévola: Mr e Mrs Etherington-Smith, George James, Maria Stilwell,* Mrs Wilfrid Bucknall,* William Tait, Douglas Hickie, Kathleen Harvey, Anthony H.Reynolds, George Reynolds. O capital gasto para montar a escola foi de £350. Estabeleceu-se, no seu início, uma parceria com a *Parent's National Education Union* (União Nacional de Pais para a Educação), o que lhe proporcionou um enquadramento pedagógico. Abriu as portas no dia 6 de Outubro, com 34 alunos externos e um interno. Quando da sua abertura era dirigido por Miss Theodora Malden e por Miss Hilda Were. Durante a Segunda Grande Guerra acolheu muitos alunos refugiados em Portugal, chegando a ter crianças de 22 nacionalidades, muitas das quais

¹ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº1245, 27.2-1981, nº1260, 23-10-1981, nº 1291, 10-2-1983, nº1303, 11-8-1983, nº1377, 11-9-1986)

não falavam inglês. Não tinha e não tem fins lucrativos. O financiamento era garantido quer pelo pagamento das propinas quer por pequenos subsídios eventuais, havendo algumas oportunidades de bolsa para alunos carenciados. A partir de 1935 o Colégio passou a ter uma secção de estudos portugueses, onde os alunos seguiam o sistema nacional, embora com acesso privilegiado a aulas de inglês e partilhando com os alunos do 'lado' inglês o desporto e outras actividades. Em 1957 tinha 260 alunos de cerca de 20 nacionalidades diferentes. Em 1971, já eram 625, e em 1982 cerca de 750. É gerido por um conselho executivo, tendo à cabeça um director, escolhido por um conselho de governadores, não remunerado, que também assume a responsabilidade geral de supervisão e acompanhamento. Era de raiz um colégio anglicano, mas não era confessional, e havia educação religiosa de vários tipos ou nenhuma, para os pais que assim o indicassem. Na tradição da educação inglesa, o desporto era muito valorizado. Uma vez por ano um evento importante chamado *sports day* reunia os alunos e os progenitores. Consistia num sem número de competições aplaudidas mornamente pelos esforçados pais. Havia até uma corrida de 100 metros só para pais. Foi instalado em excelentes condições na Quinta Nova em Carcavelos, alugadas à *Eastern Telegraph Company* (Companhia de Telégrafos do Leste), tendo adquirido as instalações em 1962. Nas salas de aula não havia quaisquer símbolos religiosos ou políticos. Na entrada do colégio estavam as fotografias dos fundadores. Cantava-se o hino nacional português e o *God Save the Queen* no dia da festa anual do colégio, conhecido como o *Founders Day*, quando havia representações, música, declamação, distribuição de prémios. Este era o dia mais importante do ano escolar, ao qual se atribuía um insigne significado. Na década de 50 e 60 do século XX, era um colégio bem organizado, nada repressivo nem intolerante, que proporcionava aos seus alunos um espaço de desenvolvimento lento e seguro, mas não muito exigente, a nível intelectual. Outras escolas britânicas foram fundadas ao longo do século XX. Em 1958 encontravam-se a funcionar o *Queen Elizabeth's School*, fundado e dirigido por Miss Denise Lester* e que continua em funcionamento, e ainda três pequenas escolas dirigidas por mulheres: Mrs Farrie, Mrs Hewitt e Miss Croft de Moura.²

² Cf. Ana Vicente, *Arcádia, Notícia de uma Família Anglo-Portuguesa*, Lisboa, Gótica, 2006, *The Anglo-Portuguese News*, n° 629, 9-2-1957, n°1000, 1-5-1971, n° 1178, 24-3-1978)

Fundos Caritativos Britânicos — Entre as várias instituições inglesas existentes em Portugal, encontram-se os 'Fundos Caritativos Britânicos' no plural, pois resultavam da fusão de duas iniciativas. A primeira, intitulada *British Charitable Fund*, fora criada em 1827, embora algum tempo depois tenha ficado inoperante. Foi reactivada em 1890, por iniciativa do Reverendo Godfrey Pope, pastor da igreja Anglicana de São Jorge, em Lisboa. A segunda chamava-se *Jubilee Pension Fund*, fundada em 1897, quando a Rainha Vitória completou 60 anos de reinado, tendo merecido a aprovação expressa da Rainha. Ambas tinham como objectivo apoiar financeiramente qualquer britânico residente na imensa região abrangida pelo consulado britânico em Lisboa que se encontrasse em dificuldades e, se necessário, pagar-lhe a viagem de regresso ao Reino Unido. Isto sem olhar «à religião professada». As mulheres inglesas que tivessem perdido a sua nacionalidade devido ao casamento com portugueses também poderiam ser apoiadas. Os estatutos originários do *Jubilee Pension Fund* especificavam ter o intuito de apoiar «especialmente as mulheres.» Anteriormente a 1827, o Cônsul da Grã-Bretanha em Lisboa cobrava uma taxa sobre as mercadorias importadas a fim de prover às pessoas britânicas necessitadas. Em 1872 uma das beneficiárias foi uma preceptora inglesa com 74 anos «doente e sem alunos». Na segunda metade do século XX, os Fundos eram geridos por uma Comissão, presidida pelo Cônsul Britânico em Lisboa, que integrava várias pessoas voluntárias, que se reunia regularmente para apreciar cada caso, decidindo se e como ajudar. Os candidatos e beneficiários eram visitados no seu domicílio, sendo cada membro da comissão responsável por um determinado número de pessoas. Uma das beneficiárias, que viveu até aos 100 anos, acreditava que a pensão lhe tinha sido atribuída pessoalmente pela Rainha Vitória. Outra era filha do Mestre de Equitação do Rei D. Carlos. O dinheiro advinha de contributos individuais, de empresas, de instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian ou o Serviço Voluntário Feminino e também do próprio consulado britânico. Havia também actividades organizadas propositadamente para realizar fundos, como jogos de bridge ou vendas de Natal. A título de exemplo, em 1957 havia 17 beneficiários que recebiam em média 350\$00 por mês. A maior parte eram mulheres. Em 1965, 22 pessoas recebiam um subsídio regular, mas também era frequente serem atribuídos subsídios eventuais, para pagar cuidados médicos e outras necessidades. Nos anos 60 do século XX, cerca de vinte pessoas recebiam apoio dos Fundos. Em 1981,

foi possível distribuir 487.069\$00, contando com 17 beneficiários regulares. Em 1983, esse montante foi de 825.600\$00, para além da atribuição de outras pequenas quantias ocasionais.³

Lar da Boa Vontade (Cheshire Home) — Leonard Cheshire (1917-1992) foi observador oficial da RAF (Força Aérea Britânica) do bombardeamento nuclear de Nagасаqui, na Segunda Guerra Mundial. Católico, criou em 1948 uma Fundação para acolher pessoas com deficiência, que se espalhou por muitos países do mundo. Casou em 1959 com Susan Ryder, que expandiu, ainda mais, a obra do marido. Em 1985 havia 225 residências assistidas em 46 países. O Capitão Cheshire veio a Portugal fazer uma conferência em 1959, a convite da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, por proposta da sua técnica Molly Stilwell. Devido aos esforços de um grupo de voluntárias/os, a primeira casa abriu portas em 1963. De início acolheu oito raparigas portadoras de deficiência que aceitavam trabalho como costureiras, tricoteadeiras e restauradoras de loiça partida, cujo pagamento contribuía para as despesas da casa. O Serviço Voluntário Feminino* contribuía, e continua a contribuir, com subsídios financeiros e em espécie. Foi feita uma exposição do trabalho feito pelas residentes no Lar na festa do 21º aniversário do Serviço Voluntário Feminino*. Leonard Cheshire regressou a Portugal em 1966, tendo visitado o Lar e feito uma conferência sobre o seu trabalho. Regressou ainda em 1985 para a inauguração de uma casa construída de raiz, situada em Carcavelos, onde vivem 32 residentes, de ambos os sexos. Apesar de muitos esforços desenvolvidos para que abrisse um Lar Cheshire no Algarve, tal nunca se concretizou. A instituição, apesar de receber actualmente financiamento estatal, continua a depender de contributos voluntários para assegurar qualidade de vida aos residentes e é apoiada por um grupo de voluntárias/os, presidido durante vários anos por Ian Crocker.⁴

Protecção dos Cães Abandonados — Em 1958, Maria José Borges Coutinho Sousa (Praia), juntamente com um grupo de amigas, fundou a Protecção dos Cães Abandonados, que instalou num terreno em S. Pedro de Sintra, por ela adquirido, detrás do terreiro da feira. Passou a ser conhecido como a Quinta dos Cães. Depressa se juntaram várias voluntárias e voluntários estrangeiros, sobretudo britânicos, para dar apoio de diverso

³ Cf. Ana Vicente, *Arcádia*, op.cit.; *The Anglo-Portuguese News*, nº 296, 19-4-1945, nº 629, 9-2-1957, nº 870, 7-5-1966, nº 901, 15-7-1967, nº 1277, 8-7-1982, nº 1304, 25-8-1983, nº 1401, 2-4-1987).

⁴ *Idem*, p. 283, e *The Anglo-Portuguese News*, nº 870, 7-5-1966, nº 880, 24-9-1966, nº 903, 12-8-1967, nº 1348, 27-6-1985, nº 1380, 23-10-1986).

tipo à obra, e entre elas se destacam a inglesa Violet Walford* (que passou a ser conhecida como 'A Senhora dos Cães') e John de Laroque. A Quinta continua o seu trabalho. O financiamento, sempre difícil, é garantido com dádivas individuais e colectivas, e ao longo dos anos numerosas foram as actividades que pessoas da comunidade britânica organizaram para recolher fundos. Em 1966 abrigaram 627 cães. Até 1982, por lá tinham passado cerca de 2000 cães. Em 1984 receberam ordem de encerramento por parte da Câmara Municipal de Sintra, devido a queixas da vizinhança, mas foi possível ultrapassar a crise. Alojavam então 130 cães e contavam com 700 sócios inscritos na Protecção, 90% dos quais eram portugueses. Muito antes de se generalizar a prática da adopção de cães, entregavam cães gratuitamente a quem merecesse confiança. Também obtinham dinheiro, alojando cães temporariamente, a um custo que em 1967 variava entre 10\$ e 20\$ por dia.⁵

II — Instituições Femininas

Clube Lisboa de Senhoras — O *Lisbon Ladies Club* foi fundado em 1922 por um grupo de senhoras inglesas, liderado por Mrs Cecil Turner. Entre o grupo inicial encontravam-se Mrs Godfrey Pope, Miss Violet Harker, mais tarde Mrs Violet Walford (cf. Protecção dos Cães Abandonados*), Mrs Stilwell,* Miss Gladys Cannell, Mrs W.H. Milne e Mrs Arthur Arnaud. A mulher do representante do governo britânico em Portugal, Lady Carnegie, aceitou ser a presidente honorária, assim como todas as suas sucessoras. A quota anual foi fixada em 120\$00. De início ficou instalado na Calçada do Combro, 32, 1º D, mas em 1923 foi transferido para a Travessa André Valente, 13. Nesse mesmo ano, o clube registou-se ao abrigo da lei portuguesa, com o nome Grémio Feminino de Lisboa SARL. Em 1929 foi considerada a hipótese de admitir também homens como sócios, mas a proposta foi rejeitada numa Assembleia-Geral Extraordinária por 17 votos contra 3. Em 1933 tinha 103 sócias, e no ano seguinte 145. Em 1937, ficou instalado num grande andar no coração do Chiado, na Rua Nova de Trindade, 1, 2º E. Dispunha de uma biblioteca (podendo os livros ser requisitados), de uma sala de estar, de

⁵ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 888, 14-1-1967, nº 913, 30-12-1967, nº 1245, 27-2-1981, nº 1266, 28-1-1982, nº 1304, 25-8-1983, nº 1324, 28-6-1984)

uma sala de jantar onde eram servidos almoços às sócias e seus convidados e ainda um quarto que podia ser ocupado por períodos temporários. Organizavam-se conferências e convívios, servindo de local de encontro e de acolhimento quer para mulheres britânicas e de outras nacionalidades residentes em Portugal, quer para mulheres estrangeiras que se encontrassem temporariamente no país. As sócias pagavam uma quota anual e podiam ficar instaladas no *Helena Club* e mais tarde no *Service Women's Club*, quando de visita a Londres. Embora aberta a senhoras de todas as nacionalidades, pelo menos um terço das sócias deveriam ser britânicas. Durante a guerra, a Organização Feminina de Socorro* (cf. Segunda Grande Guerra) utilizou as instalações para reuniões e trabalho. Além disso serviu como espaço de acolhimento, longe dos olhos dos muitos espões de ambos os lados que frequentavam os cafés e os restaurantes de Lisboa, para grande número de mulheres britânicas que vieram para Portugal durante a guerra, reforçar o pessoal da Embaixada e do Consulado e de outros serviços, como o Controlo de Passaportes e Controlo de Navegação. Em 1943, chegou a Portugal um grupo de mulheres americanas, médicas, enfermeiras e assistentes sociais para dar apoio a crianças refugiadas. Estas foram todas feitas sócias honorárias do Clube. Nesse mesmo ano, um grupo de mulheres que tinha estado internado no Campo de Liebenau fez uma exposição, no Clube, de trabalhos manuais que tinham conseguido fazer durante o seu cativeiro. No final da guerra o clube tinha 189 sócias. A título de exemplo de uma conferência: em 2 de Dezembro de 1946, Susan Lowndes Marques* falou sobre 'Arte Inglesa em Portugal'. Em 1948 tinha 236 sócias, em 1957, 250 sócias e em 1972, 160. A família Reynolds foi sempre uma das grandes apoiantes deste clube. Nos anos 60 passou por algumas dificuldades financeiras. Em 1966, o custo do quarto com todas as refeições incluídas era de 80\$00. O almoço ou jantar custava 25\$00. A quota anual para quem vivesse na área de Lisboa era de 400\$00. Encerrou as suas portas em 1976, devido ao reduzido número de sócias e ao aumento dos custos.⁶

Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso — Foi fundado em 12 de Novembro de 1639. Destinava-se a mulheres

⁶ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n° 363, 7-12-1946, n°629, 9-2-1957, n° 867, 26-3-1966, n° 869, 23-4-1966, Jane Brandon, «Lisbon Ladies Club» in *The Anglo-Portuguese News*, n° 872, 4-6-1966, p.10, n°989, 28-11-1970, Susan Lowndes, «Lisbon Ladies Club, 50th anniversary», in *The Anglo-Portuguese News*, n°1040, 11-11-1972).

irlandesas da nobreza a quem não era permitido realizar uma vocação religiosa na Irlanda, devido ao facto de a fé católica ser aí perseguida. A fundação foi instigada por um sacerdote dominicano irlandês, Frei Domingos do Rosário O'Daly, o qual, em 1629, tinha fundado em Lisboa o Colégio de Nossa Senhora do Rosário, destinado à formação de sacerdotes dominicanos irlandeses. O local escolhido, não longe do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, pertencia à Condessa da Atalaia, a qual já anteriormente tinha procurado aí fundar conventos, desejo contrariado pelo rei espanhol que então ocupava o trono de Portugal. Frei O'Daly tinha boas relações na corte, e partiu para Madrid para obter a licença requerida. Esta só foi concedida em troca do recrutamento de irlandeses para os exércitos espanhóis. No dia da abertura do Convento, cinco mulheres receberam o hábito dominicano. Destas, apenas uma era irlandesa. A madre superiora e a mestre das noviças eram portuguesas oriundas do Convento Dominicano de São João Baptista em Setúbal. Uma das religiosas chamava-se Leonor do Calvário e era a filha adoptiva da Condessa. O número das religiosas foi aumentando, e depois da Restauração de 1640 Dona Luísa de Gusmão, que se dizia parente de São Domingos de Gusmão, tornou-se uma benemérita do Convento, pelo que este passou a ter um estatuto quase de 'convento real'. Em 1644 o Convento foi formalmente reconhecido pela Ordem Dominicana. O financiamento era garantido pelos proventos de propriedades pertencentes às religiosas. Em 1645 iniciou-se a construção da capela, sob a direcção da madre superiora, Madalena da Silva Menezes, filha do Marquês de Marialva. Completou-se em 1670, contendo preciosas obras de arte. Foi também por esta altura que se completaram os restantes edifícios conventuais, como o claustro e o refeitório, de grande austeridade, reflectindo o estilo de vida da comunidade. Ao longo do século XVIII, a comunidade aumentou em número. Em 1704, tendo em vista desenvolver o seu apostolado com o exterior, as Dominicanas criaram a Confraternidade do Santo Rosário e em 1734 a Confraternidade de Santa Ana, destinada a membros da nobreza, a qual perdurou até 1875. O terramoto de 1755 pouco afectou o Convento, apesar da sua proximidade com o rio. Com o século XIX iniciou-se um período difícil, devido à diminuição do número de vocações, problemas financeiras e eventos políticos. No início desse século havia apenas 26 religiosas, das quais a última irlandesa, que tinha entrado em 1795. Durante as Invasões Francesas, entre 1807 e 1811, o Convento sofreu às mãos quer dos franceses quer dos

soldados ingleses, comandados pelo General Wellington. Um crucifixo de prata foi roubado, e Wellington ocupou a capela e instalou os seus cavalos no pátio. Por sua vez, as religiosas acolheram um pequeno grupo de religiosas inglesas da Ordem de Santa Brígida, cujo convento tinha sido ocupado por Wellington para lá instalar um hospital militar. Com a desamortização, as religiosas foram obrigadas a abandonar o Convento no dia 23 de Maio de 1823, para se instalarem no Convento do Rei Salvador em Lisboa. Regressaram logo em 25 de Junho desse ano, após as vitórias miguelistas. Nesse dia comemoram a Festa de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Em 1829, a pedido do vice-cônsul britânico em Portugal, acolheram uma menina com 18 meses de idade, filha de um casal irlandês que entretanto tinha falecido. Mariana Russell Kennedy foi viver com as religiosas em 8 de Dezembro e foi considerada a primeira aluna interna do Colégio do Bom Sucesso. Na sequência da crise política de 1834, o Convento do Bom Sucesso, assim como outras comunidades religiosas femininas, passou a ter que pagar elevados impostos e foi proibido de receber noviças. Durante a epidemia de cólera e de febre amarela de 1856-57 morreram cinco religiosas. A madre superiora Teresa Staunton apelou ao Arcebispo de Dublin para que enviasse religiosas irlandesas para o Convento e, de facto, nos anos seguintes chegaram onze religiosas. As religiosas abriram uma escola para as crianças pobres da zona, e uma das religiosas foi formada para ensinar meninas com problemas de surdez. Quando o Rei Eduardo VII visitou Portugal em 1903 pediu para visitar de novo o Convento do Bom Sucesso, que tinha conhecido quando ainda Príncipe de Gales. Com a instauração da República em 1910, a protecção do Convento foi assegurada pela Embaixada Britânica em Lisboa. O Colégio estava completamente lotado, até porque houve outras escolas católicas que foram encerradas. Cerca de 1920, o noviciado abriu de novo, e quatro noviças professaram em 1925. Em 1930, as religiosas celebraram os 300 anos da sua fundação, fazendo e distribuindo 300 roupas por tantas outras crianças pobres. Em 1944 o Convento recebeu duas irlandesas que com dificuldade, dada a guerra, conseguiram ali chegar. Em 1953 foi fundado um Externato para raparigas, e a partir de 1955, e dado a redução do número das religiosas, foi decidido acabar com a clausura, e as religiosas passaram a poder sair para acções de formação, para se deslocarem a Fátima ou visitarem a família na Irlanda. Em 1964 encerrou o internato feminino, que tinha funcionado desde a década de 30 do século XIX, e em Setembro foi aberto um colégio internacional, de

ensino básico, para crianças de língua materna inglesa. Os números de alunos não cessaram de aumentar, e a secção internacional foi deslocada para um novo estabelecimento em São Domingos de Rana. Na década de 80 do século XX, as religiosas irlandesas que davam aulas no colégio internacional criaram uma pequena comunidade em Oeiras. Em 2006, duas religiosas trabalham com populações desfavorecidas no Zambujal, outras duas dirigem o Centro da Sagrada Família em Algés, e outra é responsável por uma creche, situado no próprio Convento, também destinada a famílias pobres. Em todas estas actividades, assim como nos dois colégios existentes, onde quer o corpo docente quer a direcção são constituídos por leigas e leigos, o ideal da formação religiosa mantém-se. Apesar da falta de vocações, continua o ministério da pregação e do ensino, em toda a sua diversidade. (Autora: Honor Grace Mc Cabe O.P.)

Lar Internacional de Lisboa — O *International Home* estava filiado na *Oeuvre Internationale de la Jeune Fille* em Genebra e foi fundado em 1903 por Mrs R.M. Lithgow, mulher do pastor da Igreja Escocesa, com a colaboração de *Madame* Daeschner, suíça. Durante décadas esteve sediado na Rua Gustavo Matos Sequeira, 35-1º em Lisboa, com extensões em mais dois apartamentos, nas proximidades. Susan Lowndes Marques*, que trabalhou benevolamente nesta instituição durante décadas, deixou umas notas, escritas na década de oitenta do século XX, sobre este Lar: “Embora tenha sido originalmente criado para apoiar as muitas raparigas inglesas ou irlandesas que vieram para Portugal para trabalhar como preceptoras, dispunha não só de uma residência mas também de um serviço de colocações. Durante a Segunda Grande Guerra e para evitar mal-estar entre as residentes, entre as quais se encontravam quer inglesas quer alemãs, entre outras nacionalidades, era proibido discutir política, tendo mesmo sido afixado um cartaz onde se podia ler: “As senhoras encontradas a discutir política serão expulsas!” As raparigas estrangeiras que hoje em dia vêm para Portugal já se encontram noutras condições. Trabalham em empresas e têm bons salários. Muitas bailarinas do Ballet Gulbenkian lá viveram, não só porque era muito em conta, mas também porque era um local respeitável. Em 1980 viviam 20 senhoras na Residência, a maior parte a título permanente. Também havia um quarto para senhoras que estavam de passagem, com espaço para três ou quatro. As residentes eram da Austrália, Reino Unido, Canadá, China, França, Alemanha, Hungria, Irlanda, Polónia e Suíça. O alojamento custava nessa época entre 2.000\$ a 5.000\$ por mês,

com pequeno almoço e almoço incluído. Há uma cozinha disponível para as residentes que quiserem fazer um jantar leve. Cada residente tinha a sua chave. Cada quarto era diferente. Algumas traziam os seus animais domésticos. Na Segunda Grande Guerra acolheu muitas refugiadas. Quando necessário e por períodos muito limitados, também recebiam casais. Em tempos viveu lá uma senhora húngara que perdeu a cabeça e insistiu em ser repatriada para Budapeste, o que requereu imensos esforços. Concluindo, o *Home* desempenhou durante anos um papel importante como residência de mulheres estrangeiras menos abonadas ou mesmo destituídas de rendimentos, apesar de terem trabalhado longos anos em Portugal. Também serviu estrangeiras que se encontravam no país durante um período limitado de tempo e que não podiam pagar o preço de um hotel ou de uma pensão.» O relatório de 1944 dava conta de que o serviço de colocações tinha sido contactado por 300 mulheres, tendo 31 destas encontrado trabalho. Também informava que em 1943 o *Home* tinha acolhido em regime residencial 22 senhoras de 9 nacionalidades diferentes, enquanto que em 1944 esse número foi de 31 senhoras e 10 nacionalidades. No ano de 1949, foram 22 as senhoras que aí residiram, totalizando sete nacionalidades. Em 1970 havia 18 residentes permanentes, de nacionalidade norte-americana, britânica, francesa, alemã, húngara, irlandesa, norueguesa, polaca e espanhola, algumas das quais tinham chegado a Portugal durante a Segunda Grande Guerra como refugiadas, e entre estas algumas havia que não tinham nacionalidade reconhecida. Em 1985, eram nove as nacionalidades representadas. Algumas das residentes recebiam alunos, normalmente para aprender inglês. O *Home* também contribuía financeiramente para algumas refugiadas que viviam noutros locais, entre as quais havia austríacas, alemãs, húngaras e polacas. Segundo também escreveu Susan Lowndes, no jornal *The Anglo-Portuguese News* (nº 967, 24-1-1970), em 1970 as despesas de funcionamento totalizavam por ano cerca de 420 contos, enquanto as residentes contribuía com cerca de 108 contos. Era necessário, portanto, obter outros fundos, constituídos por dádivas eventuais de indivíduos ou empresas e com os proventos de uma Venda de Natal Internacional, ideia sugerida pela mesma Susan Lowndes. O Comité pedia a todas as Embaixadas acreditadas em Lisboa que importassem produtos dos seus países para aí serem vendidos em benefício da organização. Ficou conhecido como o Bazar das Embaixadas. O *Home* tinha como princípio nunca recusar cama a mulheres

estrangeiras em dificuldades, e, se todas as camas do quarto de passagem estivessem ocupadas, montavam divans na sala ou no escritório. No início da década de 70, além das residentes, ainda recebiam para almoçar mais doze senhoras. As que pudessem pagavam 10\$00 pela refeição. Nessa mesa época, o *Home* era dirigido por uma Direcção de quinze mulheres, de dez nacionalidades diferentes, todas a título benévolo. Era frequente antigas residentes escreverem para a Direcção dizendo como ali tinham sido felizes. Durante várias décadas, a governante remunerada do *Home* foi Carolina Silva.

A partir da segunda metade do século XIX, mas sobretudo na primeira metade do século XX, foram muitas as inglesas e irlandesas que vieram para Portugal para ensinar inglês a meninas e meninos de boas famílias. Ficavam hospedadas em casa dos patrões, mas o seu estatuto social era algo indefinido. Não eram, obviamente, criadas, mas também não estavam ao nível da família para quem trabalhavam. As oportunidades de encontrarem alguém com quem casar eram ténues. Quando, com o passar do tempo, deixavam a família, porque os meninos já eram crescidos, iam tentando sobreviver dando explicações ou como damas de companhia de pessoas mais velhas. A ligação com a terra mãe e seus familiares tinha praticamente desaparecido, depois de tantos anos de afastamento, pelo que o regresso não era, normalmente, nem desejado nem possível. Com pensões mínimas ou até sem qualquer rendimento, encontravam-se à mercê das instituições britânicas criadas para apoiar os carenciados. Este encerrou no início da década de 90 do século XX.⁷

Mulheres Americanas de Lisboa — *The American Women of Lisbon* é uma associação que foi fundada em 1947 por um grupo de mulheres norte-americanas residentes na zona de Lisboa, com o objectivo de «juntar mulheres americanas para fins culturais, filantrópicos e sociais.» Do grupo inicial faziam parte Polly Swayza (a primeira presidente), casada com o Director das Linhas Aéreas Pan Am e Mrs Thomé Vilar, uma americana casada com o professor de medicina português, assim como Anita Reynolds, Olga de Melo do Rego e Colette Hanley. Começaram por se juntar para almoçar duas vezes por mês, primeiro na Pensão Nazaré e depois no Restaurante Chave d'Ouro, e subsequentemente no Hotel Aviz. Até 1958 já tinha dado apoio

⁷ Cf. Ana Vicente, *Arcádia*, op.cit., e *The Anglo-Portuguese News*, nº 290, 8-3-1945, nº 1365, 27-3-1986, nº 1384, 27-11-1986]

financeiro a diversas instituições portuguesas, tais como a Maternidade de Cascais, a Creche de Cascais, a Clínica de Reumatologia, a Assistência à Maternidade e Infância e aos rapazes da Fragata D. Fernando. Também podia dar apoio a qualquer norte-americano que se encontrasse em dificuldades, mas até 1958 apenas uma senhora norte-americana recebia um subsídio regular. Quando os grandes navios ou porta-aviões da Armada norte-americana visitavam Lisboa, eram as associadas que organizavam o acolhimento e acompanhamento dos oficiais e marinheiros. Numa ocasião, na década de 50, foi oferecida à Associação uma grande quantidade de roupa pela tripulação, destinada a portugueses pobres. Antes mesmo que pudesse ser devidamente distribuída e para que se pudesse fazer uma fotografia, juntaram uma série de 'pobres' em fila, na doca, a quem se entregaram algumas roupas. Em 1953, publicaram em edição bilingue o livro *Cooking in Portugal*. Desde que apresentadas por uma associada, também se admitiam senhoras de outras nacionalidades. Todos os anos organizavam uma passagem de modelos, as sócias actuando como modelos. A título de exemplo, em 1966, as colecções apresentadas eram assinadas por Ana Maravilhas e por Maria Luísa Barata. Os chapéus eram de Mady e de Lucília. Houve quem dissesse desta organização que: «Como todas as boas mulheres esta Associação não tem história», ou de que se tratava de «um centro de dia para esposas», ajudando as mulheres de empresários ou consultores estrangeiros em Portugal, a integrarem-se na cultura local. Continua a funcionar, com sede em Cascais, e ao longo dos anos já organizou milhares de eventos e actividades, proporcionando às suas associadas e a um círculo alargado de organizações, os mais diversos benefícios e serviços, entre os quais, durante algum tempo, dispunha de uma biblioteca. Quando celebrou o 35º aniversário em 1982, tinha 279 membros de 22 nacionalidades, dominando as norte-americanas, as britânicas e as portuguesas. O único requisito é conhecer a língua inglesa, dado que é essa que sempre se utiliza nas actividades do clube.⁸

Segunda Grande Guerra — contributo de mulheres estrangeiras residentes em Portugal. Durante a 2ª Grande Guerra formaram-se várias organizações em Portugal, sobretudo britânicas, para trabalharem no 'esforço de guerra', algumas das

⁸ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n.º 654, 25-1-1958, n.º 865, 26-3-1966, n.º 1028, 27-5-1972, n.º 1283, 14-10-1982, n.º 1304, 25-8-1983, n.º 1345, 9-5-1985, n.º 1423, 3-9-1987, n.º 1435, 26-11-1987)

quais constituídas e lideradas por mulheres na sua grande maioria casadas. Isto apesar da desaprovação inicial por parte de alguns homens da comunidade britânica que constituíram uma Comissão da Cruz Vermelha, sem a participação de qualquer mulher. A maior parte das jovens solteiras britânicas partiram para o Reino Unido quando se declarou a guerra, para aí trabalharem em prol da defesa aliada. Uma destas organizações, fundada em Setembro de 1939, pela então Embaixatriz britânica em Lisboa, *Lady Selby*, começou por se chamar *Women's War Work Organization* (Organização de Trabalho Feminino a favor da Guerra), passando posteriormente a intitular-se *Women's Relief Work Organization* (Organização Feminina de Socorro). Não tinha estatutos formais, e foi-se desenvolvendo à medida que surgiam as necessidades e as oportunidades. Qualquer mulher inglesa que nela trabalhasse ou para esta contribuísse financeiramente era considerada sua filiada. Uma das primeiras actividades foi proporcionar às mulheres cursos de primeiros socorros e cursos de condução de camiões. A Organização estava representada no Conselho da Comunidade Britânico, sob a alçada da representação diplomática em Lisboa. Em 1941, sucedeu-lhe a nova Embaixatriz do Reino Unido em Lisboa, *Lady Campbell*, mulher do Embaixador *Sir Ronald Campbell*, que permaneceu em Portugal até 1945. Esta, muita activa no campo social, também criou em 1944 um Fundo com o seu nome, *Lady Campbell's Fund*, também denominado *Lady Campbell's Fund for the Suffering Children of Europe* (Fundo de *Lady Campbell* para as Crianças Sofredoras da Europa). *Lady Campbell*, que visitou Portugal por diversas vezes depois da guerra, faleceu repentinamente em 1949, aos 69 anos de idade, durante uma dessas visitas. Após a sua morte, uma antiga colaboradora em tempo de guerra evocou nas páginas do jornal *The Anglo-Portuguese News*,⁹ o seu grande carisma, capacidade de liderança, sentido de humor, dotes na arte da costura e imensa energia e dedicação. Também trabalhou na Obra Social de Porto Brandão. Em 1947, o Grupo de Senhoras Polacas de Lisboa (*Kolo Polek*) agradeceu a roupa que tinha sido oferecida no final da Guerra, através daquele Fundo, às crianças polacas refugiadas em França ou deslocadas na Alemanha. Em 1946 foi possível este Fundo enviar uma quantidade considerável de alimentos para as crianças da Polónia, alimentos esses que foram distribuídos pela Caritas polaca. Numa Assembleia Geral

⁹ Cf. n.º 422, 5-3-1949, p. 4.

da Organização Feminina de Socorro, que se reuniu no dia 17 de Junho de 1941, na Embaixada, juntaram-se cerca de 200 filiadas. O relatório apresentado dava conta de que, desde a sua fundação, as filiadas tinham feito 9.222 peças de vestuário e 3.547 ligaduras, as quais tinham sido enviadas para várias instituições no Reino Unido ou distribuídas em Portugal entre refugiados, marinheiros naufragados ou indivíduos a trabalhar no apoio aos prisioneiros de guerra. Foi ainda dito que o Depósito de Roupa para os Refugiados, criado em Abril de 1941, tinha, no espaço de dois meses, distribuído 2.000 peças de roupa novas ou usadas, oferecidas pela comunidade britânica. Nomeadamente, as 110 crianças refugiadas que tinham passado pouco tempo antes por Portugal, tendo ficado instaladas na Colónia Balnear do jornal *O Século*, em S. Pedro do Estoril, tinham beneficiado destas roupas. A organização também juntava dinheiro que era posteriormente enviado para diversas instituições. Isobel Jeans, actriz inglesa de passagem por Lisboa, dirigiu-se à Assembleia Geral descrevendo o “excelente trabalho a favor do esforço de guerra que estava a ser realizado em Inglaterra pelas mulheres”, apelando às mulheres britânicas que viviam “na paz e na fartura em Portugal” para contribuírem com o seu trabalho e o seu dinheiro. O Pastor Presbiteriano Dr Bonnell, norte-americano, também falou, frisando o espírito extraordinário do povo britânico face à adversidade da guerra, espírito esse, segundo ele, que estava assente em bases espirituais. Ao longo da Guerra, constituíram-se grupos em Lisboa, Sintra, Carcavelos, Estoril, Coimbra, Praia da Rocha e ainda na Madeira e em Cabo Verde. No início da guerra foram dados cursos de primeiros socorros. Algumas mulheres reuniam-se semanalmente para jogar bridge, e o dinheiro que pagavam para o fazer (7\$50) destinava-se à Organização, enquanto outras se dedicavam a vários tipos de eventos para recolher dinheiro. Até Julho de 1942 obtiveram 263.113\$00 e £53. O grupo do Estoril reunia-se, a partir de 1940, diariamente, durante a semana, das 10 às 18, na casa particular da sua presidente, Marguerite Bucknall, conhecida como *Mrs Douglas Bucknall* *, o nome do marido, que residia no Casal dos Pinheiros, Monte Estoril. As mulheres que aí acorriam dedicavam-se sobretudo a fazer peças em tricot para os soldados britânicos e também ligaduras. A título de exemplo, numa reunião realizada no dia 20 de Maio de 1940, estiveram presentes muitas mulheres que decidiram fornecer aos 28 tripulantes de um draga-minas, agasalhos quentes feitos por elas, além de £5 por mês para que pudessem comprar outros ‘confortos’. O apelo a

que mais mulheres se apresentassem para trabalhar era feito através das páginas do jornal inglês *The Anglo-Portuguese News*. Noutro apuramento de actividade feito em Dezembro de 1941, os números eram 14.736 peças de roupa distribuídas e 5.648 ligaduras. Em Julho de 1941, Miss Denise Lester* cedeu as instalações da sua Escola durante seis meses, para aí formar um Centro de Convívio para Refugiados Britânicos, onde estes podiam divertir-se com jogos, obter livros e tomar chá. Nesse espaço de tempo foram servidas 5.085 chávenas de chá. No dia 2 de Julho de 1942, a Organização promoveu uma grandiosa quermesse no Hotel Aviz em Lisboa, onde se juntaram cerca de 700 pessoas. O dono do Hotel, Senhor Ruggeroni, ofereceu a comida, e estavam disponíveis os mais diversos entretenimentos e jogos no pátio e nos jardins do hotel. A festa rendeu cerca de £450. Parte do dinheiro destinou-se a financiar as cantinas móveis que, no Reino Unido, eram geridas por outra organização de mulheres, o *Women's Voluntary Service* (Serviço Voluntário Feminino)*, que também actuava em Portugal. Em Abril de 1943, a Organização foi encarregada de acolher os 450 prisioneiros de guerra aliados, muitos dos quais feridos, que foram trocados no dia 18 daquele mês por igual número de prisioneiros italianos. Os prisioneiros manifestaram grande gratidão pela forma como foram tratados pela Organização. Também foram responsáveis pelo acolhimento de 900 civis, que tinham estado em residência forçada em França. A partir da primeira metade de 1943 houve um decréscimo significativo no número de refugiados britânicos que passavam por Portugal. Em 1944, chegaram a Lisboa, por via marítima, muitas crianças inglesas que tinham sido enviadas, logo no início da guerra, por suas famílias para os Estados Unidos da América, por razões de segurança. Era altura de regressar ao país, mas por vezes tinham que esperar transporte para o Reino Unido durante várias semanas. Coube à Organização Feminina de Socorro o seu acolhimento e acompanhamento durante esses períodos. Uma destas crianças, nascida em 1930, é a política inglesa Shirley Williams, que por várias vezes ocupou lugares no governo britânico. Em 1944 organizaram uma exposição de obras de arte feitas por residentes britânicos na sede do jornal *O Século*, cuja venda se destinava à Organização de Socorro.

Outra instituição onde trabalhavam muitas voluntárias inglesas era o Instituto dos Homens do Mar (*The Seamen's Institute*) que acolhia os britânicos ou aliados, alistados na Marinha e que passavam por Lisboa, aguardando escolta, ou que se encontravam feridos. Segundo escreveu Marguerite Bucknall*

“ficavam expostos aos ardis dos agentes inimigos que infestavam a cidade.”¹⁰Também de início houve quem se opusesse à criação deste Instituto, que prestou excelentes serviços ao longo da guerra. Em finais de 1944 estas organizações continuavam o seu trabalho, enviando roupa confeccionada pelas voluntárias para os homens alistadas na Marinha e também para crianças vivendo em zonas da Europa já libertadas da ocupação alemã, como era o caso da Grécia. Em Janeiro de 1945, a Viscondessa M. de Lantsheere, da Cruz Vermelha Belga, enviou uma carta a *Lady Campbell*, agradecendo o envio de roupa para criança, muito necessária para aliviar o sofrimento das crianças, depois de «quatro anos de ocupação. [...] nas últimas semanas, centenas de pessoas perderam quase tudo o que tinham.» Os governadores das ilhas inglesas de Jersey e de Guernsey, que também tinham sido ocupadas por forças alemãs, também agradeceram a oferta de roupas de bebé. Um comandante de um draga-minas agradeceu o envio de luvas para a tripulação, afirmando serem estas «muito fortes e bem feitas». Calculou-se que as voluntárias fizeram e distribuíram 67.000 peças de roupa durante a guerra. Em 1945, com o final da guerra, a Organização Feminina de Socorro cessou as suas actividades nesse campo e passou a integrar o Serviço Voluntário Feminino.*

Outra organização foi criada por Louise Campbell, mulher de Ian Campbell, e por isso, de acordo com os costumes ingleses, conhecida como *Mrs Ian Campbell*. Chamava-se *Prisoners of War Parcels Depot* (Depósito de Encomendas para Prisioneiros de Guerra). Louise Campbell chegou a Portugal em finais de Junho de 1940, como refugiada. O marido tinha sido feito prisioneiro em Dunquerque e descreveu-lhe as necessidades prementes dos prisioneiros de guerra. Criou o Depósito em 18 de Setembro de 1940. Procurava, principalmente, estabelecer ligações entre os prisioneiros e os seus familiares, e fornecer a estes encomendas individualizadas, as quais, a partir de Lisboa, só demoravam cerca de duas semanas até chegarem ao seu destino, os campos de prisioneiros na Alemanha. A Cruz Vermelha Portuguesa cedeu-lhe um espaço na sua sede no Palácio da Rocha de Conde de Óbidos, em Lisboa. Para custear as despesas, obteve fundos da *British War Relief Society* de Nova Iorque assim como de indivíduos norte-americanos e de portugueses e ingleses residentes em Portugal. As encomendas continham sobretudo alimentação,

¹⁰ Cf. «Women's Work», in *The Anglo-Portuguese News*, n.º501, 1-3-1952, p. 12.

roupas, medicamentos, artigos de higiene, tabaco, jogos, almofadas e outros bens indicados por prisioneiros. Mrs Ian Cambell era ajudada por voluntárias. Por sua vez, alguns prisioneiros enviaram para Portugal objectos de artesanato por eles fabricados, que foram apresentados em 1943 numa exposição inaugurada pela Sra. D. Maria do Carmo Carmona, mulher do Presidente da República, no edifício do jornal *O Século*.¹¹

Serviço Voluntário Feminino — Esta organização inglesa, *The Women's Voluntary Service*, existente de início não só no Reino Unido mas noutros países, incluindo Portugal, foi fundada em Londres, em 1938, pela Marquesa de Reading, numa altura em que já se previa que haveria uma nova guerra. O grande objectivo era prestar qualquer serviço que se revelasse necessário para o bem-estar geral ou de um grupo, em particular, sempre em estreita colaboração com as autoridades e outras instituições do local onde as voluntárias actuavam. Tudo isto numa óptica extremamente prática e flexível, sem burocracias. A título de exemplo, durante os bombardeamentos de Londres, equipas de mulheres distribuíam sopa e chá aos militares ou civis mobilizados para remover os escombros. Distribuíam alimentação e tabaco ao domicílio a pessoas sós e idosas. Acolhiam as crianças evacuados dos grandes centros urbanos do Reino Unido, acompanhando o seu transporte para lugares seguros; distribuíam roupa; faziam roupa; juntavam mobília e objectos domésticos para serem distribuídos por famílias cujas habitações tinham sido destruídas; apoiavam os prisioneiros de guerra. Durante a guerra contou com cerca de um milhão de mulheres voluntárias no Reino Unido. Em Portugal iniciou funções em 1939, também para ajudar o 'esforço de guerra' britânico'. Organizou-se em várias sub-comissões, cada uma com uma função específica. A título de exemplo: um grupo apoiava o Hospital Inglês de Lisboa, outro encarregou-se de visitar instituições de beneficência portuguesas, afim de poder escolher quais as mais necessitadas de fundos e apoios. Visitaram lares para idosos e pessoas cegas, para crianças e para raparigas, escolas de formação, sanatórios, clínicas e centros sociais. Por vezes atribuíam logo durante a visita um pequeno contributo financeiro e preparavam um memorando para que a instituição pudesse vir a ser beneficiada

¹¹ Cf. *The Anglo-Portuguese News* (nº 63, 25-5-1940, nº 97, 28-6-1941, nº 150, 2-7-1942, nº 151, 9-7-1942, nº 202, 1-7-1943, nº 232, 27-1-1944, nº 250, 1-6-1944, nº 271, 26-10-1944, nº 290, 8-3-1945, nº 296, 19-4-1945, nº 300, 17-5-1945, nº 365, 4-1-1947, nº 663, 31-5-1958)

mais tarde, de alguma forma. Foi com agrado, consta dos relatórios, que os responsáveis e residentes nas instituições se deram conta da preocupação de mulheres britânicas pela sua sorte. As mulheres que integravam outra destas sub-comissões tinham feito cerca de 1.500 brinquedos para serem enviados para crianças no Reino Unido, enquanto outro grupo organizava festas e eventos para obter fundos. No final da guerra, em 1945, em Portugal, esta organização absorveu a Organização Feminina de Socorro que se tinha dedicado a apoiar o 'esforço de guerra', contando então com cerca de 250 membros, que passaram a pagar uma quota anual. Podiam ser admitidas mulheres de outras nacionalidades desde que viesse de "países amigos", ou seja, excluía-se as derrotadas na Guerra. A direcção seria aberta apenas a britânicas. Na Assembleia Geral realizada em 21 de Novembro de 1946, presidida por Marguerite Bucknall,* esta apelou para que aumentasse o número de voluntárias, dado haver grande necessidade de recolher roupa não só para os pobres em Portugal como para outros países da Europa, além de muitas outras actividades. Marguerite Bucknall dirigiu o Serviço entre 1945-46 e de novo entre 1948-1951. A partir de 1951, a organização iniciou novas actividades, como seja a produção de Artes Manuais por parte dos seus membros. Uma exposição destas peças, inaugurada pela Duquesa de Palmela, (14-17 de Março de 1951), foi montada num edificio pertencente à Embaixada Britânica em Lisboa, tendo sido visitada por cerca de 640 pessoas. Foram também organizados passeios a locais de interesse, conferências e cursos de língua inglesa para os estrangeiros recém-chegados ao país. Uma das fontes de rendimento durante a década de 50 era a venda de um cartão de Natal. Durante essa década continuaram a apoiar com dinheiro e em espécie diversas instituições portuguesas e britânicas, sendo o único país, além do Reino Unido, onde continuava a existir esta organização feminina. Nos anos 60 mantiveram as suas actividades, promovendo também cursos de primeiros socorros. Em 1966 informavam no jornal *The Anglo-Portuguese News* que os rapazes da Casa do Gaiato, no Tojal, tinham uma grande falta de toalhas de rosto e de banho, pedindo a oferta de 'toalhas velhas'. Também se referia o orfanato existente em Porto Brandão, pedindo-se às leitoras que fizessem camisolas de tricot "de qualquer cor ou tamanho" pois "a maior parte das crianças não dispõe de agasalhos". Em 1967 procuraram constituir um grupo de voluntárias para trabalharem no Centro de Reabilitação de Alcoitão, dado que este enfrentava uma grave falta de pessoal

especializado. Nesse mesmo ano, depois das terríveis cheias de 25 de Novembro, quando morreu um número nunca revelado de pessoas e milhares perderam os seus haveres, juntaram dinheiro e objectos que foram oferecidos a cinquenta famílias de Barcarena e de Laveiras. No início da década de 70, a organização apelava no jornal *The Anglo-Portuguese News* para que fossem oferecidas roupas usadas e lã, informando também os leitores de que continuavam a apoiar senhoras idosas inglesas pobres. Os alimentos recolhidos no concerto de cânticos de Natal que se realizara na Igreja do Corpo Santo, em Dezembro de 1969, tinham sido distribuídos quer por famílias necessitadas quer oferecidos ao Hospital de Cascais. As crianças institucionalizadas no Preventório de Benfica tinham sido levadas ao circo, e tinha-se organizado uma festa para as crianças da Obra Social de Porto Brandão. Em 1980, a título de exemplo, deram apoio às crianças com doenças oncológicas, internadas no Hospital de Santa Maria, pois estas não dispunham sequer de roupões, nem estava prevista qualquer actividade para se ocuparem durante o dia. No Natal, foi organizada a primeira festa jamais realizada na enfermaria, e cada criança recebeu um presente. A enfermaria passou a dispor de materiais lúdicos para a ocupação das crianças. Também nessa década recolheram fundos em dinheiro e em espécie para melhorar a situação do Centro de Educação de Crianças Deficientes em Mira-Sintra, que se confrontava com as maiores dificuldades, sendo frequentado na altura por 68 crianças portuguesas. Outras instituições regularmente apoiadas têm sido o Lar de Boa Vontade*, onde vivem adultos com deficiência, e as casas pertencentes à ordem religiosa fundada pela Madre Teresa de Calcutá. Em 1966, em reconhecimento dos serviços prestados, a Rainha Isabel II permitiu que acrescentasse a palavra Real ao seu nome, e a organização foi repetidamente condecorada. Entre as muitas centenas de mulheres que até 1982, aí tinham prestado serviço, poder-se-á referir as seguintes, todas estas tendo recebido medalhas por contarem com pelo menos quinze anos de voluntariado (mas havia quem já trabalhasse há 27 anos): Elizabeth Beck, Patricia Potier, Emily Reynolds, Monica Rankin, Anne Brockhurst-Leacock, Maria Stilwell,* Violet Walford,* Teresa Watty, Cecily Wright, Júlia Nairn. Em 1984 foi a vez de Susan Lowndes Marques* ser medalhada, altura em que também fez uma conferência sobre 'Portugal Desconhecido'. Outros nomes de voluntárias poderão ser apontados: Dora Courtel, Madge Harcourt, Winkie Dawson,

Mary Thomas, Carol Edlmann. Em 2006 tinha cerca de 100 membros, todas voluntárias.¹²

III — Visitas oficiais

Visitas oficiais da Rainha Isabel II a Portugal — A primeira ocorreu em 1957 (16-21 Fevereiro, embora a visita oficial só se tenha iniciado em 18) e a segunda em 1985 (26-29 Março). Ambas constituíram marcos na vida da comunidade britânica, que se esforçou para demonstrar fidelidade e apreço pela figura da monarca, organizando e participando nos mais diversos eventos. A primeira, quando Isabel II tinha 31 anos e era já mãe de dois filhos, situou-se em pleno salazarismo, enquanto a segunda teve lugar, na fase pós-25 de Abril, quando o país preparava a sua adesão à então Comunidade Europeia. Em ambas as ocasiões a visita serviu também para o Reino Unido dar a conhecer a sua tecnologia aos meios empresariais portugueses e procurar aumentar as suas exportações e promover o turismo.

Na primeira ocasião, a Rainha veio encontrar-se com o marido, o Príncipe Filipe, que não via há quatro meses, tempo que este ocupou a dar uma volta ao mundo no iate real *Britannia*. O programa desta visita foi o seguinte: Dia 18, o *Britannia* subiu o rio Tejo, acompanhado de centenas de barcos de todos os tamanhos, decorados com as bandeiras de ambos os países e tocando sirenes. A Rainha e o Príncipe desembarcaram no Cais das Colunas no Terreiro do Paço, onde foram recebidos pelo Presidente da República General Craveiro Lopes e sua mulher, D. Berta. Depois de passar revista a uma parada militar, transportados num coche retirado do Museu, subiram a Baixa e a Av. da Liberdade até chegarem ao topo do Parque Eduardo VII, onde foi descerrada uma placa comemorativa. Por onde passaram foram muito aclamados pela população que enchia as ruas. Instalaram-se no Palácio de Queluz, onde nesse mesmo dia receberam 200 crianças britânicas ou luso-britânicas, entre os quais eu e os meus irmãos nos encontrávamos. O Príncipe

¹² Cf. Ana Vicente, *Arcádia*, op.cit.; d'Arcy Orders, *Women's Royal Voluntary Service*, Lisbon Branch, 1939/1987, Monte Estoril, APN Sociedade Impressora, s.d., *The Anglo-Portuguese News*, n° 312, 9-8-1945, n°363, 7-12-1946, n°366, 18-1-1947, n° 496, 5-1-1952, n° 897, 20-5-1967, n° 903, 12-8-1967, n° 912, 16-12-1967, n° 968, 7-2-1970, n° 1238, 14-11-1980, n°1263, 11-12-1981, n°1270, 25-3-1982, n°1304, 25-8-1983, n°1362, 23-1-1986, n° 1334, 22-11-1984, n°1391, 22-1-1987).

visitou também o Clube Britânico dos Homens. Seguiu-se um banquete oficial no Palácio da Ajuda, muito bem decorado com centenas de camélias e onde a Rainha compareceu com lindíssimas jóias. Dia 19: Recepção ao Corpo Diplomático em Queluz. A Rainha visitou o Bairro Social do Restelo, o Mosteiro dos Jerónimos e o Museu dos Coches. O Príncipe visitou as fragatas *D. Fernando* e a *Sagres*. Almoçaram na Câmara Municipal de Lisboa. Da parte da tarde, receberam em Queluz a comunidade britânica, tendo comparecido cerca de 2.000 pessoas. Na ocasião, Lancelot Rawes deu à Rainha um cheque no valor de 80.000\$, resultante de ofertas da comunidade, que se destinava ao Hospital Inglês de Lisboa. James Rawes, em nome da Câmara de Comércio Britânica, presenteou a Rainha com um cheque de 2.000 contos, que representava contributos dos seus membros e que se destinava a contribuir para a montagem de um serviço de ortopedia no Hospital D. Estefânia. Jantar privado na residência dos embaixadores do Reino Unido, *Sir Charles* e *Lady Stirling*, a que se seguiu um espectáculo de gala no Teatro de São Carlos. Dia 20: Almoço no Mosteiro de Alcobaça, onde o refeitório e a Sala dos Reis foram decorados com diversas preciosidades trazidas de museus. Seguiu-se uma visita à Nazaré, visita essa que tinha sido recomendada por Mary O'Malley*, a Vila Franca e à Batalha. Jantar a bordo do *Britannia* para o qual foram convidados as autoridades portuguesas e alguns membros mais destacados da comunidade britânica. Dia 21: Partida para o Porto, por via aérea, onde visitaram a Bolsa e a *Factory House*, antiga instituição comercial britânica. Regresso a Londres por via aérea. O Embaixador britânico em funções era *Sir Charles Stirling*, e a Embaixatriz *Lady Stirling*. Esta, em 1978, escreveu a Susan Lowndes Marques*: "Ofereci ao Museu do Traje de Bath os três vestidos que a modista Amália Machado me fez por ocasião da visita da Rainha a Portugal em 1957 e depois na visita da Princesa Margarida. Para meu espanto, disseram-me que estavam ao nível, ou ainda melhor, de qualquer um dos grandes costureiros franceses, pelo que os iam colocar em lugar de destaque." Antes da visita, e para saber mais sobre o país, a Rainha falou com Rose Macaulay, que em 1946 tinha publicado o seu célebre livro *They went to Portugal*.

O programa da segunda visita foi o seguinte: Dia 26, Chegada no iate *Britannia* e desembarque na Torre de Belém, onde foram aclamados por muita gente, a que se seguiu uma parada militar frente ao Mosteiro dos Jerónimos e visita ao mesmo. Houve depois um almoço com o Presidente da República Ramalho

Eanes e sua mulher, Dra Manuela Eanes, no Palácio de Belém. Seguiu-se uma recepção à imprensa a bordo do iate real, onde os jornalistas portugueses e estrangeiros puderam conversar com o casal real. Depois houve uma recepção à comunidade britânica, onde estiveram presentes cerca de 600 pessoas e que se realizou na residência do Embaixador do Reino Unido em Lisboa, Hugh Byatt. À noite realizou-se o banquete oficial no Palácio da Ajuda, onde a Rainha discursou, com diversas referências humorísticas ao vinho do Porto, ao futebol e ao totobola. Dia 27, a Rainha recebeu o Primeiro-Ministro, Mário Soares, e posteriormente o restante corpo diplomático acreditado em Lisboa. De seguida, houve uma recepção na Estufa Fria oferecida pela Câmara Municipal de Lisboa, cujo presidente era o Eng. Nuno Abecassis e onde a rainha descerrou um busto do Rei Eduardo VII. Almoço no Palácio Nacional de Sintra. Da parte da tarde, visitaram o Colégio Inglês de Carcavelos* onde os alunos se manifestaram calorosamente, tendo inaugurado o novo edifício da escola básica. Todas as guias e escuteiros do Colégio foram apresentados à Rainha e ao Príncipe. O director da Escola era Andrew Bull. Nessa mesma tarde foram recebidos com pompa e circunstância na Assembleia da República. À noite houve um espectáculo de música e dança no Teatro D. Maria II. Dia 28, Deslocação a Évora, em comboio especial, onde foram acolhidos pelo Presidente da Câmara, o comunista Abílio Rodrigues. Passearam na cidade, onde de novo foram aclamados pela população, visitaram a universidade e assistiram a um espectáculo equestre. À noite ofereceram um jantar a bordo do iate *Britannia*, tocando a banda militar. Dia 29, deslocação ao Porto. Recebidos na Câmara Municipal onde assistiram a um espectáculo de folclore e a um cortejo de barcos à vela no rio Douro. Da parte da tarde inauguraram uma exposição no Palácio da Bolsa e receberam a comunidade britânica nortenha e autoridades locais. Também aí a comunidade juntou para cima de 1.000 contos que a Rainha ofereceu ao Hospital de São João, para aquisição de uma incubadora 'transportável'. Regresso a Londres, a partir do Porto. Esta visita foi acompanhada por cerca de 50 jornalistas britânicos e, de novo, mereceu uma imensa cobertura nos média portugueses. Muitas lojas de Lisboa e Porto estavam decoradas com motivos ingleses e puseram à venda produtos do país.¹³

¹³ Cf. Ana Vicente, *Arcádia*, op.cit. p. 307, p. 255. *The Anglo-Portuguese News*, nº 627, 12-1-1957, nº 628, 26-1-1957, nº 629, 9-2-1957, nº 629, 9-2-1957, nº 630, 23-2-1957, nº 631, 9-3-1957, nº 1338, 24-1-1985, nº 1341, 14-3-1985, nº 1342, 28-3-1985, nº 1343, 11-4-1985)

Visita da Princesa Margarida — Entre os dias 6 e 11 de Junho de 1959, a Princesa Margarida fez uma visita oficial a Portugal, por ocasião da realização de uma Feira de Comércio Britânico em Lisboa. Chegou por via aérea e durante a sua estada foi transportada num Rolls-Royce que foi trazido expressamente do Reino Unido. No dia seguinte à sua chegada, fez uma visita de cortesia ao Presidente da República, Contra-Almirante Américo Tomás e participou num serviço religioso na Igreja Anglicana de São Jorge. Nesse mesmo dia, visitou várias localidades, entre as quais Mafra, Óbidos, Caldas da Rainha, São Martinho do Porto, Nazaré e o Mosteiro de Alcobaça. Foi aclamada por milhares de pessoas nas ruas e pernitoou na Quinta da Bezelga, perto de Tomar, pertencente aos Condes de Nova Goa. No dia seguinte, montou a cavalo e visitou o Convento de Cristo, em Tomar. Seguiu para Santarém, onde visitou a Feira do Ribatejo, tendo almoçado no Monte de Santo Isidro, perto de Porto Alto, pertencente a José Vanzeller Pereira Palha. De regresso a Lisboa esteve presente na recepção oferecido pelos Embaixadores do Reino Unido, *Sir Charles* e *Lady Stirling*. No dia seguinte, para além de ser convidada para um banquete no Hotel Aviz oferecido pela Federação das Indústrias Britânicas, visitou a Feira de Comércio Britânico. Seguiram-se visitas a Sintra, Cascais e Estoril, onde lanchou na vila Giralda com os Condes de Barcelona. Ainda teve ocasião de ouvir cantar Amália Rodrigues e Carlos Ramos. O estádio do Restelo encheu-se de pessoas que a queriam saudar e ver a parada militar britânica.¹⁴

Visita da Primeira-Ministra do Reino Unido — Entre os dias 15-17 de Abril de 1984, Margaret Thatcher fez uma visita oficial a Portugal, a única realizada até aquela data por um primeiro-ministro britânico. Trouxe uma comitiva de cerca de 20 pessoas, e outros tantos jornalistas britânicos fizeram a cobertura. Tratava-se de reafirmar a aliança luso-britânica, num momento em que Portugal se preparava para integrar a então denominada Comunidade Europeia. Estimava-se que a colónia britânica era constituída por 12.000 pessoas. O Presidente da República, General Ramalho Eanes, encontrava-se ausente em visita oficial ao Canadá, mas ainda se encontraram brevemente. O primeiro-ministro português era Mário Soares, e o Ministro dos Negócios Estrangeiros Jaime Gama. Para além dos encontros, visitas e recepções oficiais com as autoridades políticas, em Lisboa almoçou

¹⁴ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 690, 13-6-1959, nº 691, 27-6-1959)

com os membros da Câmara de Comércio Britânica-Lusa, visitou o Instituto Britânico (*British Council*), e passeou na Baixa acompanhada pelo Presidente da Câmara Municipal, Nuno Abecassis, onde foi muito aclamada pela população. Visitou também a Fundação Calouste Gulbenkian. Deslocou-se ao Porto onde, entre outros actos oficiais, se reuniu com as antigas famílias inglesas ligadas à produção e comércio do Vinho do Porto e visitou a Escola Britânica. Ofereceu a Mário Soares 100 computadores de fabrico britânico, destinados a escolas, afirmando que durante o seu mandato tencionava instalar computadores em todas as escolas do ensino secundário no Reino Unido. Margaret Thatcher e o marido tinham passado a lua-de-mel em Portugal, e a política referiu-se ao facto em discursos. Também se referiu ao apoio prestado por Portugal ao Reino Unido em tempos recentes: com a cedência da base das Lajes, nos Açores, durante a Segunda Guerra Mundial, e ter autorizado a aviação inglesa, a caminho da guerra das Malvinas, no Atlântico Sul, a sobrevoar a Madeira e aterrar nas Lajes, a seu pedido directo. Foi muitas vezes repetido na média que ela era conhecida como 'A Dama de Ferro'. Ficou alojada na residência do Embaixador Britânico em Lisboa, Hugh Byatt.¹⁵

Visita da Princesa Diana e do Príncipe Carlos a Portugal

— O casal visitou oficialmente Portugal entre os dias 11 e 15 de Fevereiro de 1987, a convite do Presidente da República, Mário Soares. O mau tempo fustigou o país durante quase toda a visita. Dada a grande notoriedade da Princesa, a visita causou grande impacto nos meios de comunicação social portugueses e também britânicos. Os vários trajes que utilizou foram meticulosamente descritos. Quando do seu casamento, em 1981, a comunidade britânica de Lisboa e zona sul de Portugal tinha decidido juntar dinheiro para o Hospital Inglês, de Lisboa, sendo este o presente que ofereceram aos noivos, o qual foi devidamente agradecido. O montante reunido foi cerca de 2.000 contos. A comunidade nortenha, com os fundos que aí recolheu com a mesma intenção, ofereceu um microscópio de última geração ao Instituto de Genética do Hospital Maria Pia, no Porto.

Como sempre neste tipo de visita, os britânicos não esconderam os fins pragmáticos que também lhe estavam subjacentes: promover as relações comerciais entre os dois países,

¹⁵ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº1319, 12-4-1984, 1320, 26-4-1984, 1321, 10-5-1984)

para além de celebrar a antiga aliança. É que se tinha verificado uma quebra nas importações britânicas por parte de Portugal em tempos recentes. O programa publicado no *The Anglo-Portuguese News* indica que no dia 12 de Fevereiro visitaram o Mosteiro dos Jerónimos, inauguram a nova sede do Banco Lloyds, visitaram a Fundação Ricardo Espírito Santo, o Castelo de São Jorge, o *Queen Elizabeth's School*, o Centro de Reabilitação de Doentes de Paralisia Cerebral e a Fundação Gulbenkian, onde assistiram a um espectáculo de ballet. Na 6ª feira, dia 13, no Palácio de Queluz, onde ficaram instalados, houve uma reunião com membros de uma das instituições pela qual o Príncipe Carlos se interessa, o *United World College*, seguida de uma visita e almoço no Palácio da Vila em Sintra. Nessa manhã ainda houve uma recepção à comunidade britânica, na residência do Embaixador, em Lisboa. Os convites continham a seguinte nota, em anexo: "É muito importante chegar à hora indicada. Não haverá estacionamento disponível para automóveis mas os táxis poderão chegar à Embaixada até às 11.30. A Princesa de Gales talvez use um chapéu para este evento, mas não vai usar luvas. Deseja que todas as pessoas presentes se sintam à vontade. As máquinas fotográficas não serão permitidas."

O casal também recebeu os jornalistas portugueses e estrangeiros que fizeram a cobertura da visita e visitaram o antigo bacalheiro, *Creoula*. No Banquete que o Presidente Soares lhes ofereceu no Palácio da Ajuda, a Princesa teria comentado ao Presidente, vendo que este estava a usar uns suspensórios brancos: "Então porque é que não usa suspensórios encarnados dado que é socialista?" Mário Soares terá respondido: "Se fossem encarnados, diriam que eu era comunista, e eu perdia as eleições!" Nessa tarde os Príncipes, que já manifestavam publicamente o seu mal-estar mútuo, havendo mesmo um jornal inglês que sugeriu que dormiram em quartos separados no Palácio. Foram depois para o Porto, onde inauguraram a Feira Comercial Britânica, no Palácio de Cristal, com representação de cerca de 90 empresas. Visitaram ainda o Instituto Britânico e o Palácio da Bolsa, onde o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, lhes ofereceu um jantar. No seu discurso, o Príncipe Carlos afirmou que, segundo tinha sido informado, Filipa de Lancastre, após a sua chegada a Portugal, insistiu que homens e mulheres deveriam jantar juntos: "certamente seria para evitar que os homens passassem horas a beber vinho do Porto", acrescentou. Pernoitaram no Hotel Meridien. No Sábado, dia 14, ainda no Porto, visitaram a *Factory House*, uma antiga associação comercial dos produtores e

exportadores britânicos de vinho do Porto, que funciona também como uma espécie de 'clube' da comunidade, onde se encontraram com crianças do Colégio Britânico do Porto. Assistiram a um solene *Te Deum*, na Sé, comemorativa dos 600 anos da Aliança Luso-Britânica. Fora nesse templo que se tinha realizado o casamento do Rei D. João I de Portugal com D. Filipa de Lancastre. Depois de uma visita ao Quartel Militar do Porto, onde o Presidente da Câmara, Fernando Cabral Lhes ofereceu um almoço, regressaram a Londres. Entre os presentes oferecidos ao casal real estava uma travessa octogonal da Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre, com o desenho do brasão de Filipa de Lancastre e de D. João I, uma garrafa de vinho do Porto com 100 anos de idade, e outras duas de 1982 e 1984, data do nascimento dos filhos. Por todos os locais onde passaram foram saudados calorosamente pela população.¹⁶

IV — Notas biográficas¹⁷

Baker, Gladys Mary Leslie — (1893—1971). Mais conhecida como Leslie Baker. Irlandesa. Filha de Richard E. Baker e Mary J. Baker. A família estava ligada à Banca, na Irlanda. Viveu em Portugal durante cerca de trinta anos até à sua morte, em Fátima, de que era muito devota e onde viveu os últimos oito anos da sua vida. Face à artrite de que padecia, tinha uma atitude de grande fortaleza. Foi autora de diversas publicações, entre as quais *The Finger of God is Here*, um relato das aparições de Fátima e *The Crown of Gold*, um conto para crianças sobre as flores silvestres e as borboletas de Portugal, publicado em inglês e em português, que dedicou aos filhos de D. Duarte de Bragança, por ser muito amiga dessa família. Escreveu também *Blessed Nuno Alvares Pereira, Carmelita*. Foi colaboradora de vários periódicos ingleses e irlandeses. Solteira.¹⁸

¹⁶ Cf. Ana Vicente, Arcádia, op.cit. p.305, *The Anglo-Portuguese News*, nº 1265, 14-1-1982, *The Anglo-Portuguese News*, nº 1393, 5-2-1987, nº 1394, 12-2-1987, nº 1395, 19-2-1987.

¹⁷ De assinalar que segundo os costumes britânicos, as mulheres, ao casar, passavam a ser conhecidas como *Mrs* seguindo-se quer o nome próprio do marido como o seu apelido, (ou seja *Mrs John Jones*, por exemplo) pelo que por vezes se torna difícil averiguar qual o nome completo das mulheres referidas. Com o casamento, muitas deixam cair os seus apelidos de solteira. Este costume, que só veio a ser posto em causa pelo movimento feminista britânico, ainda perdura em certos meios.

¹⁸ cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº999, 17-4-1971)

Beamish, Huldine — (1904-1965). Inglesa. Viveu durante dezanove anos em Portugal, no Alentejo, perto de Relva, Portalegre, tendo-se tornada uma especialista da vida campestre em Portugal. Foi criadora de lobos de Alsácia brancos, que treinava para a *Royal Air Force* e para o cinema. Escreveu diversos livros, entre os quais *The Wild and the Tame*, sobre a Escócia, *The Hills of Alentejo* e *Your Puppy and How to Train Them* e um livro sobre os touros de Portugal e Espanha, pois era uma grande aficionada. Escreveu um grande número de artigos de excelente qualidade para o jornal *The Anglo-Portuguese News* sobre aspectos de Portugal. Também publicou artigos na revista inglesa *Country Life*. Solteira.¹⁹

Bennett, Nora — (1887-1977). Inglesa, nascida no Reino Unido. Estudou enfermagem e veio para Lisboa, para exercer a sua profissão, em 1919, no Hospital Inglês. Entre 1924-1946 foi Enfermeira-Chefe desse hospital. Era uma personalidade forte, extremamente trabalhadora e competente, mantendo sempre uma grande serenidade. Durante a Segunda Grande Guerra, o hospital acolheu um grande número de feridos quer britânicos quer de outros países aliados, tendo Miss Bennett exercido as suas funções com a maior dedicação. Converteu-se ao catolicismo e praticava a sua religião com grande empenho. Depois de reformada, regressou ao Reino Unido, onde, na vila onde morava, Ashburton, continuou a cuidar de pessoas necessitadas. Viveu os últimos anos num lar pertencente à autarquia e que considerava tão bom que dizia: "É como viver no Hotel Ritz."²⁰

Bergqvist, Claire — (? — 1972). Filha de Albert Feuerheerd, do Porto, e de Evelyn Huckin. Viveu a maior parte da sua vida na Quinta de La Rosa, no Pinhão, no Alto Douro, coração do vinho do Porto. Mãe de um filho. Divorciada. Uma das poucas inglesas que viveram quase toda a sua vida numa quinta do Douro, declarava que era essa a sua forma de vida, mesmo que não lhe desse grande fortuna, e que era assim que desejava viver. A Quinta foi-lhe oferecida pela sua avó materna quando Claire tinha seis anos. Tornou-se um local emblemático onde todos eram muito bem recebidos, as refeições eram excelentes, e onde imperavam a música, os livros e os cães de todos os tamanhos e idades. Claire conhecia profundamente a cultura portuguesa, a flora, a literatura, o património. Mantinha amizades entre todas as classes e grupos sociais e profissionais, incluindo fadistas.

¹⁹ (cf. *The Anglo-Portuguese News*, n.º 856, 23-10-1965).

²⁰ cf. *The Anglo-Portuguese News*, n.º 1168, 4-11-1977.

Cultivava o folclore, e era frequente juntar o pessoal da Quinta para todos cantarem, tocarem e dançarem. Interessava-se pelos problemas de todos os que tinha ao seu serviço e foi por estes tratada com o maior carinho durante a sua doença prolongada.²¹

du Boulay, Dorothy Eleanor Houssemayne — (1904-1986). Inglesa. A mais velha de quatro irmãos, nasceu em Bath, frequentou colégios em Inglaterra e formou-se numa Escola de Formação de Professores. O seu primeiro posto de trabalho foi de preceptora em casa de *Lord* e *Lady* Baden-Powell, fundadores do movimento escutista. Depois de oito anos de experiência profissional, veio para Portugal, onde entrou para o corpo docente do Colégio Inglês de Carcavelos* (*St Julian's School*) pouco tempo depois de este ter sido fundado, em 1932. Entre 1937 e 1945, trabalhou na Madeira e noutros locais, nomeadamente no seu país de origem, onde passou a guerra, colaborando em diversas organizações. Regressou depois ao Colégio de Carcavelos onde trabalhou até à reforma. *Miss* du Boulay, como era sempre tratada, foi uma das suas professoras mais emblemáticas, deixando marcas nas recordações de todos os seus alunos. Dava-se ao respeito e impunha a ordem e a disciplina. Foi dirigente das Guias no Colégio. Interessava-se por teatro e dança e foi a produtora ou instigadora de numerosas representações envolvendo os alunos. Quando se reformou, em 1967, era a professora mais antiga. Os corpos gerentes do colégio e alunos fizeram-lhe uma homenagem. A Rainha Isabel II agraciou-a com a Ordem do Império Britânico, com o grau de MBE (*Member of the British Empire*). Continuou a viver em Portugal, tendo sido uma paroquiana muito activa da Igreja Anglicana de São Paulo, no Estoril, e uma colaboradora assídua do Serviço Voluntário Feminino. Co-autora, com Marguerida Bucknall, de *History of the Anglican Church on the Costa do Sol from 1872 to 1960*. Nos últimos cinco anos de vida, já quase cega e com problemas de mobilidade, foi viver para um lar de pessoas mais velhas em Inglaterra, onde permaneceu até à sua morte.²²

Bucknall, Ethel Marguerite Jequier — (1885-1965) Nasceu na Grã-Bretanha, filha de Daniel Victor Jequier, francês, e de mãe inglesa. Veio viver para Portugal com a família quando tinha 8 anos de idade. Na sua juventude, participava nas iniciativas da comunidade britânica, tendo sido membro activo de um grupo de teatro amador que montou e representou peças nos principais

²¹ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 1039, 28-10-1972.

²² Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 901, 15-7-1967, nº 1371, 12-6-1986.

teatros de Lisboa, antes de se constituir formalmente como *The Lisbon Players* em 1947 e passar a dispor do seu próprio espaço, integrado no Hospital Inglês, onde ainda hoje funciona. Recordava igualmente com prazer os muitos bailes em que participou na sua juventude, quer em casas particulares quer no Clube Real Inglês, *Royal British Club*, que só admitia homens como sócios, e que foi inaugurado oficialmente em 1903 pelo Rei Eduardo VII, quando da sua visita ao país, no Palácio do Conde d'Óbidos, onde actualmente se encontra sediada a Cruz Vermelha Portuguesa. Em 1958 recordava a sua juventude, quando jogava ténis de saia comprida, ou golfe num pequeno campo improvisado na Cruz Quebrada e ainda de velejar no Tejo. Casou em 1906 com Douglas Bucknall. Destacou-se como um dos membros mais proeminentes da comunidade britânica em Portugal, dado o seu sentido de serviço, a sua energia, a sua determinação, as suas qualidades de liderança, tendo ao mesmo tempo uma personalidade afectiva e carismática. Foi principal instigadora da fundação do Colégio Inglês de Carcavelos* (*St Julian's School*) e teve papel de relevo nas organizações britânicas em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial, tendo sido dirigente da Organização Feminina de Socorro. Em 1944, foi condecorada pelo Rei Jorge VI, com a Ordem do Império Britânico, com o grau de OBE (*Order of the British Empire*). Admirava Salazar, que considerava ter salvo o país dos desmandos do tempo da Primeira República. Entre as muitas organizações que fundou ou para as quais trabalhou, sempre de forma benévola, incluem-se várias comissões ligadas ao Hospital Inglês em Lisboa, Serviço Voluntário Feminino, Instituto dos Homens do Mar Britânicos, Maternidade de Cascais, Preventório de Colares, Comissão de Senhoras da Igreja Anglicana de St Paul's. Foi mãe de duas filhas e de um filho.²³

Bucknall, Rebecca McCausland Stewart — (1893-1981). Nasceu em Dublin, na Irlanda, filha de um pastor anglicano. Licenciou-se na célebre universidade irlandesa *Trinity College*, com elevado valor. Iniciou a sua vida profissional como preceptora e em 1921 veio para Portugal, onde trabalhou na casa de família de Mr and Mrs Douglas Bucknall.* Em 1930 casou com Wilfrid Bucknall. Tiveram uma filha. Foi uma das fundadoras do Colégio Inglês de Carcavelos* (*St Julian's School*). No início da sua fundação, foi professora não remunerada. Também trabalhou no

²³ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n.º661, 3-5-1958, n.º663, 31-5-1958 n.º 842, 10-4-1965.

grupo de guias que se criou no colégio. Foi governadora do Colégio entre 1965-1973. Trabalhou no Serviço Voluntário Feminino e noutras organizações. Morreu em Portugal, na sua casa no Monte Estoril.²⁴

Campbell, Mary Margaret Garman — (1899-1979). Nasceu em Birmingham, no Reino Unido, numa família da alta sociedade inglesa, sendo assinalada a sua grande beleza. Casou em 1922 com Roy Campbell, que veio a consagrar-se como poeta, pertencente ao cânon da literatura inglesa do século XX. Viveram primeiro em Londres, onde nasceram as duas filhas. Quando foram viver em Toledo, Espanha, ambos se converteram ao catolicismo. Durante a Guerra Civil espanhola, Roy Campbell e sua mulher estiveram do lado franquista, tendo vivido diversas aventuras e corrido muitos riscos. Depois da Guerra Civil passaram por Portugal. Roy Campbell, de origem sul-africana, alistou-se nos *King's African Rifles*, durante a Segunda Grande Guerra. Fixaram-se definitivamente em Portugal em 1952, e criaram um grande círculo de amigos, quer estrangeiros quer portugueses. Roy Campbell morreu num desastre de automóvel em 1957, perto de Setúbal, mas Mary continuou a viver em Portugal, onde se dedicou à pintura, à música, e sobretudo à esfera religiosa, nomeadamente ao ecumenismo. Como cristã, entendia também ser seu dever acudir aos mais desprotegidos, apesar de dispor de muito poucos recursos financeiros. A sua casa, completamente isolada nas faldas da serra de Sintra, tornou-se local de romaria para os muitos amigos e conhecidos que apreciavam a sua sensibilidade e carisma.²⁵

Campos, Doris Barrett de — (1891-1962). Nasceu em Londres, filha de Robert John Barrett, director do jornal *The Financial Times*. Casou com o Coronel Júlio d'Abreu de Campos e veio viver para Portugal. O seu marido morreu em 1961. Mãe de uma filha, Gabrielle, que casou com Charles Verrall. Grande amiga de animais, que acolhia em grande número na sua própria casa, foi uma das fundadoras e organizadoras da União Zoófila.²⁶

Fulford-Williams, Violet Mallet — (? — 1971). Inglesa. Nasceu na África do Sul. Casou com o Reverendo Henry Fulford-Williams, que foi pastor da Igreja Anglicana de São Jorge, em Lisboa, entre 1937 e 1945, e que morreu em 1966. Ambos trabalharam de forma empenhada no acolhimento e

²⁴ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 1259, 9-10-1981)

²⁵ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 1201, 23-3-1979.

²⁶ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 770, 7-7-1962.

acompanhamento dos muitos refugiados que entraram em Portugal a partir de 1940. Montaram camaratas em sua casa, onde não só os refugiados mas também os animais que por vezes os acompanhavam eram acolhidos com boa disposição e afecto. Deixaram excelentes recordações na comunidade britânica. Depois da guerra, regressaram ao Reino Unido, onde o marido exerceu a sua pastoral em Exeter e onde continuaram a receber os seus muitos amigos vindos de Portugal. Em 1968, Violet publicou, em edição privada, um livro de memórias, *Under my Patchwork Quilt*, onde descreve a sua vida na Índia, quando recém-casada, além dos seus tempos de Lisboa. Mãe de dois filhos (um dos quais morreu na guerra) e de uma filha.²⁷

Johnson, Ada Lighgow — (1890-1982). Filha do Reverendo Robert McNicol Lithgow, pastor da Igreja Escocesa em Lisboa durante vinte e oito anos e de sua mulher Adele. Casou com William Johnson, que morreu em 1964, e que também muito trabalhou para a comunidade britânica na zona de Lisboa. Não tiveram filhos. Sua mãe foi a principal fundadora do Lar Internacional* (*International Home*), destinada a acolher mulheres com fracos recursos financeiros, em 1903, e a filha continuou o labor da mãe, trabalhando em diversas instituições britânicas até à morte. Sua mãe também fundara a Associação de Enfermagem Britânica, que prestava cuidados de enfermagem ao domicílio, realizados por enfermeiras com formação no Reino Unido. Esse trabalho foi continuado por sua filha, que durante alguns anos foi Secretária da Direcção. Durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou dedicadamente para o Instituto de Homens do Mar Britânicos (*British Seamen's Institute*), que se constituiu em Lisboa em 1941, na Rua de São Paulo, para dar apoio aos feridos de guerra e evacuados da Marinha Mercante aliada. Foi presidente da Direcção do referido *Home* durante várias décadas. Trabalhou igualmente como membro da Comissão coordenadora dos Fundos Caritativos Britânicos* entre 1921 e 1971. Colaborou com artigos no *The Anglo-Portuguese News*. Foi condecorada pela Rainha Isabel II, com a Ordem do Império Britânico com o grau de MBE (*Member of the British Empire*). Era uma pessoa muito afectuosa, o que lhe criava muitas amizades.²⁸

Johnston, Inez Ernestine — (1892-1971). Inglesa. Nasceu em St Leonards-on-Sea. Durante a Primeira Guerra Mundial

²⁷ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 1008, 21-8-1971.

²⁸ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 994, 6-2-1971, nº 1280, 26-8-1982, nº 1281, 9-9-1982.

alistou-se no Destacamento de Apoio Voluntário (VAD — *Voluntary Aid Detachment*). Em 1914 esta organização contava com cerca de 74.000 voluntários, dois terços dos quais eram mulheres. Veio viver para Portugal pouco depois do fim dessa guerra, tendo ficado cerca de trinta anos em Lisboa. Trabalhou como dirigente do Clube Inglês das Senhoras; como bibliotecária, participou em diversas iniciativas de teatro amador e foi uma das fundadoras do Serviço Voluntário Feminino* em Portugal. Depois da ocupação da França em 1940, trabalhou no Departamento de Repatriamento da Embaixada Britânica e foi funcionária dessa Embaixada até 1949. Mãe de uma filha, era divorciada. A pedido do Embaixador Sir Nigel Ronald, criou e foi a primeira presidente do Clube da Embaixada Britânica. Personalidade afectuosa, era muito popular entre a comunidade. Quando regressou ao Reino Unido em 1950, trabalhou no *Foreign Office* até à sua reforma, aos 70 anos.²⁹

Kingsbury, Ida Mary Knatchbull — (1907-1983). Inglesa. Filha do Tenente Coronel Reginald Norton Knatchbull, que morreu na Mesopotâmia, na guerra, em 1917, e de Winifred Peel, que morreu quando Ida tinha 3 anos. Foi criada por familiares da mãe, tendo vivido no Egipto e em Inglaterra, onde frequentou um colégio interno. Em 1930 casou com Walter Francis George Kingsbury. Vieram viver para Sintra em 1937, porque Walter foi encarregado de tomar conta do célebre Palácio de Monserrate, que pertencia a um seu amigo, Sir Francis Cook. Tiveram dois filhos. Em 1955 ela e o marido construíram a Quinta da Fonte dos Cedros, não longe do Palácio, que entretanto fora vendido. Para tal recorreram aos métodos tradicionais, contratando operários especializados nos diversos misteres. Ida interessava-se muito por temas religiosos e converteu-se ao catolicismo em 1940, tendo permanecido uma católica devota toda a vida. Não gostou das alterações litúrgicas introduzidas pelo Concílio Vaticano II, pelo que optou por seguir o rito bizantino em união com Roma. Trabalhou benevolmente na Sociedade de São Vicente de Paulo de Sintra e pertenceu à direcção da *British Historical Society*. Tornou-se uma especialista da história e do património de Sintra e publicou vários artigos sobre a matéria na revista dessa Associação. Fez uma notável colecção de livros estrangeiros sobre Portugal e sobre Sintra, e era por vezes consultada por investigadores estrangeiros.³⁰

²⁹ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº1003, 12-6-1971.

³⁰ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 1300, 30-6-1983)

Lester, Margaret Denise Eileen — (1909-1982). Inglesa, nasceu em Londres. Estudou num colégio interno, *Convent of Our Lady*, em Abingdon, perto de Oxford, entre os cinco e os dezoito anos. Com dezanove foi trabalhar como preceptora das crianças de uma família inglesa, residente na Ilha da Madeira, e trabalhou mais tarde na casa do Cônsul Britânico no Funchal. Quando este foi substituído no posto, Denise, nome pelo qual foi sempre conhecida, continuou a viver na Madeira, fazendo traduções e dando aulas de inglês na Escola Alemã. Foi aí que começou a pensar em criar uma escola. Continuou a estudar e obteve o *Froebel Certificate* e o *Teachers Training Diploma*. Leccionou posteriormente num colégio no sul de França, no Reino Unido e em Lisboa. Em 3 de Novembro de 1935, numa sala e no jardim da casa de Sofia e Fortunato Abecassis, encorajada pelo então Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr Armindo Monteiro, realizou o sonho da sua vida — a fundação do *Queen Elizabeth's School*. Nas suas palavras, o seu objectivo foi criar «um colégio inglês para crianças portuguesas.» Começou com 6 alunos, mas o reconhecimento oficial que chegou no ano seguinte abriu-lhe o caminho para prosseguir, tendo-se instalado, em 1938, na Travessa Moinho de Vento e, em 1940, na Rua da Quintinha. Durante os anos da Segunda Guerra Mundial, o Colégio teve um papel relevante na recolha de fundos e ajuda aos refugiados. Também foi nessa época frequentado por crianças refugiadas, de 27 nacionalidades diferentes. Em 1952, Miss Lester transferiu o colégio para o actual edifício, de sua propriedade, na Rua Filipe Magalhães, em Lisboa. Foi oficialmente inaugurado pelo então Ministro da Educação, Professor Doutor Pires de Lima, e pelo Embaixador Britânico em Lisboa, Sir Nigel Ronald, o qual, para o acto inaugural, foi portador de uma mensagem da Rainha Isabel II. Em 1972, a convite do Ministério do Ultramar, visitou Angola e Moçambique onde, além de visitar um grande número de locais e instituições, fez várias conferências sobre temas ligados à educação. Publicou as suas impressões, altamente positivas, no jornal *The Anglo-Portuguese News*.³¹ Três anos depois da sua morte, comemorando o 50º aniversário da fundação da Escola, foi publicada a sua autobiografia intitulada *Look up — There's Always a Star*, escrita sobretudo na década de 70, e cujo título bem exprime a sua perspectiva de vida. Denise Lester faleceu em Lisboa, vítima de doença grave e prolongada, depois de ter sofrido cerca de cinquenta intervenções cirúrgicas.

³¹ Cf. n.º 1025, 15-4-1972.

Em 1964 já lhe tinham sido amputados os dois membros inferiores, e foi um ano depois, em 1965, que criou a Fundação Denise Lester, com todos os seus bens e com o fim de acautelar para o futuro o Colégio, sem degradação dos seus fins e visando o estreitamento dos laços históricos, culturais e atlânticos entre portugueses e britânicos. Em 1981, ainda foi em peregrinação à Terra Santa. De uma enorme integridade moral, profundamente religiosa (católica romana) totalmente dedicada ao ensino através do colégio que criou e dirigiu durante mais de 45 anos, insensível à doença que a ia matando lentamente, Denise Lester foi condecorada com a Ordem do Império Britânico, nos seus dois graus — OBE e MBE (*Order of the British Empire* e *Member of the British Empire*). Foi também agraciada pelo Presidente Américo Tomaz com a Ordem da Instrução Pública. Quando morreu, o Colégio, que continua em plena actividade, era frequentado por cerca de 400 alunos. (autora: Maria Júlia Guedes)

Lock, Freida Alexandra — (1901-1961). Inglesa. Nasceu em Londres, filha de Francis C. Lock e de Katherine Garland Lock. Viveu no Reino Unido, onde frequentou uma escola agrícola, e na África do Sul, onde trabalhou como agricultora. Passava grande parte do seu tempo a cavalo e fez muitos safaris naquela zona de África. Não apreciava o sistema racista imposto pela política de *apartheid*, pelo que decidiu ir residir para Zanzibar, onde viveu na zona árabe. Como autodidacta, tornou-se pintora cujo trabalho foi reconhecido. Por volta de 1951, decidiu estabelecer-se em Portugal, onde trabalhou como assistente do Professor Aldo Castellani, médico do Rei de Itália e cientista de renome, que tinha consultório em Cascais. Continuou a pintar e fez exposições, tendo vendido muitos dos seus quadros. Também foi professora de belas-artes no Colégio Inglês de Carcavelos* (*St Julian's School*) e assistente no jornal *The Anglo-Portuguese News*. Tinha fama de individualista e rebelde e era muito apreciada pelos muitos amigos que tinha. Cozinhava muito bem e era uma boa jardineira. Gostava muito de gatos e tinha um grande número. Morreu de cancro, tendo manifestado grande coragem durante a sua doença.³²

Macauley, Emilie Rose — (1881-1958). Escritora inglesa, sempre conhecida como Rose Macauley. Viveu parte da sua infância em Itália (1887-1894), frequentou o Oxford High School for Girls e licenciou-se pela Universidade de Oxford, no Somerville College. Grande viajante. É sobretudo conhecida por ter escrito

³² cf. *The Anglo-Portuguese News*, n.º 748, 2-9-1961.

23 obras de ficção, plenas de espírito. O primeiro romance foi publicado em 1906, e o último e talvez o mais conhecido, em 1956, *The Towers of Trebizond*. Escreveu também poesia, ensaio, crítica, história e narrativas de viagem. Em Março de 1943 veio passar dois meses em Lisboa. Pretendia fazer investigação para o seu livro *They went to Portugal*, que foi publicado em Londres em 1946 e se tornou um clássico. Em Portugal foi publicado com o título *Inglese em Portugal*, (Porto, Livraria Civilização, 1950.)

Conta a vida e as aventuras de homens e mulheres ingleses que, ao longo dos séculos, viveram ou passaram por Portugal, por uma diversidade de razões. Reagiram ao país com uma variedade de emoções. Como Rose dizia, eram em grande número: “quando oiço falar de um britânico eminente que não tenha ido a Portugal, o meu coração alegra-se.” A escritora regressou a Portugal, em 1945, para colher elementos para um livro de viagens, nunca traduzido para português. Abrangia sobretudo a costa mediterrânica de Espanha, mas também incluía parte da costa portuguesa. *Fabled Shore — from the Pyrenees to Portugal*, (London, Hamish Hamilton, 1949). Há quem atribua a este livro o início da grande popularidade do sul de Espanha entre grupos de população britânica. Ainda considerou a hipótese de escrever um livro sobre portugueses emigrados ou exilados em Inglaterra, a que daria o título de *They came to England*. Segundo dizia, eram muito mais críticos em relação a Inglaterra do que os ingleses em Portugal, mas não o chegou a fazer. Macaulay era uma das figuras literárias marcantes de Londres, entre as duas grandes guerras. Já depois da sua morte, Susan Lowndes Marques,*escreveu: “Conhecemos esta mulher notável em 1943 e de imediato sentimos por ela um grande afecto. O seu apartamento e todos os seus livros tinham sido destruídos por uma bomba alemã, e o homem que amava tinha morrido havia pouco. Por tudo isto Rose queria sair de Inglaterra quanto antes. A sua estada neste país descontraído e civilizado, que não estava em guerra, onde as relações humanas foram sempre de grande importância, fez muito para atenuar o seu desgosto. Como não gostava de hotéis de luxo, Rose instalou-se no Liz, na Avenida da Liberdade e começou a investigar a vida de alguns ingleses, muitos dos quais eram excêntricos. Na Semana Santa de 1943, Rose e eu decidimos ir explorar Alfama e o Castelo de São Jorge. O aspecto de Rose era o que se atribuíam habitualmente à mulher inglesa — alta e muito magra, com um chapéu de palha achatado na cabeça e roupa esvoaçante. Uma figura raramente vista naquela zona de Lisboa, então muito popular. Em breve, uma

multidão de rapazitos seguiu-nos, suplicando uns tostõezitos às duas estrangeiras. Imprevidentemente, eu disse a Rose que se começássemos a distribuir moedas, um número cada vez maior de miúdos iria aparecer. Continuámos o nosso caminho, de cabeças altaneiras. A rapaziada ficou tão zangada com a nossa atitude insensível que agarraram em pedras e atiraram-nas. Rose não achou graça nenhuma, mas eu guardo para mim, com particular emoção, a recordação da única vez em que eu fui literalmente apedrejada, no sentido bíblico do termo.” Quando em 1957, a Rainha Isabel de Inglaterra visitou oficialmente Portugal, mandou chamar Rose Macaulay, que lhe terá dito que seriam precisos pelo menos quinze dias para visitar o país, caso contrário veria apenas as franjas: “A realza está sempre com pressa” comentou a Susan, numa carta.

Foi-lhe atribuído o título de Dama do Império Britânico pela Rainha Isabel II.³³

Marques, Susan Lowndes — (1907-1993). De seu nome completo Susan Antonia Dorothea Belloc Lowndes Marques, nasceu em Londres. Filha da escritora Marie Belloc Lowndes e do jornalista do jornal *The Times*, Frederick Lowndes. Neta da escritora e activista pelos direitos das mulheres Bessie Rayner Parkes Belloc. Frequentou o colégio de *St Mary's Convent*, Ascot. Na sua juventude, em Londres, colaborou em várias publicações, trabalhou como voluntária em diversas organizações católicas e manteve uma loja de antiguidades. Ao casar, em 14 de Dezembro de 1938, com o jornalista português Luiz Artur de Oliveira Marques (que conheceu em Setembro daquele ano durante umas breves férias em Portugal, tendo o namoro continuado por correspondência) e ter vindo viver em Portugal, adquiriu a nacionalidade portuguesa, embora nunca tenha desistido do seu passaporte inglês. Mãe de três filhos: Paulo Henrique Lowndes Marques (1941), Ana Lowndes Marques Vicente (1943) e Antónia Lowndes Marques Leitão (1946). Era uma católica praticante e convicta, de missa diária sempre que tal fosse possível, que entendia que o cristianismo se vivia no dia a dia, de forma eminentemente prática, em solidariedade com as pessoas mais sós e desprotegidas. Por isso são às centenas as cartas que se encontram no seu espólio agradecendo o almoço, o jantar, o acolhimento, a visita, a ajuda económica, o envio de livros, de roupa, a solidariedade, em suma. Juntamente com seu marido,

³³ Cf. Ana Vicente, *Arcádia*, op.cit., *The Anglo-Portuguese News*, nº675, 15-11-1958.

dirigiu o jornal inglês publicado em Portugal, *The Anglo-Portuguese News*, de que eram proprietários, durante cerca de cinquenta anos. Aí publicou centenas de artigos sobre variados temas. Depois da morte de seu marido, em 1976, continuou a dirigi-lo até que o vendeu em 1980. Não quis regressar ao Reino Unido depois da viuvez, não só por razões familiares mas sobretudo porque considerava que Portugal era “o meu país” como afirmou em diversas entrevistas. Correspondente em Portugal de vários jornais e revistas católicas norte-americanas e inglesas e colaboradora ocasional das mais diversas revistas e publicações, com temas quase sempre relacionados com o país. Autora de livros sobre Portugal, nomeadamente, juntamente com Ann Bridge, *The Selective Traveller in Portugal* (1949) que conheceu sucessivas edições e que se tornou num clássico da narrativa de viagens sobre o país, frequentemente citado por livros de viagem posteriores. Elizabeth Stroumillo, jornalista de viagens no jornal inglês *The Daily Telegraph*, referiu assim outro dos seus livros, intitulado *Travellers' Guide to Portugal*, (London, Geographia, 1982), que veio a conhecer três edições: “é escrito por Susan Lowndes, uma inglesa que vive em Portugal há muitos anos e que tem um conhecimento enciclopédico sobre esse país. O amor e o entusiasmo por tudo o que é português irradiam em cada página. Consegue meter uma quantidade imensa de informação em cada página.” Escreveu também *Good Food from Spain and Portugal*, (Londres, Frederick Muller, 1956), dois pequenos livros sobre Fátima destinados aos milhares de peregrinos de língua inglesa, e reformulou e actualizou durante vários anos o *Fodor's Guide to Portugal*. Também compilou um livro com os diários e cartas de sua mãe, *The Diaries and Letters of Marie Belloc Lowndes* (1971). Grande apaixonada pela arte e pela arquitectura, escreveu com Alice Berkeley um livro que só foi publicado após a sua morte *English Art in Portugal* (Lisboa, Inapa, 1994). Quanto já se encontrava na casa dos oitenta anos, actuou como conferencista de grupos turistas ingleses, interessados na arte e arquitectura portuguesas. Um dos grandes prazeres da sua vida foi a leitura, e gostava particularmente de livros de memórias e biografias. Frequentava assiduamente a biblioteca do Instituto Britânico em Lisboa. Foi uma mãe a avó extremamente afectuosa e disponível, embora respeitando sempre a individualidade e a autonomia de seus filhos e netos. Entre 1939 e até quase à data da morte, Susan participou activamente na vida da comunidade britânica em Portugal, estando sempre disponível para ajudar qualquer pessoa de qualquer nacionalidade. Trabalhou, de forma

voluntária, em várias instituições, tais como o Hospital Britânico, o Colégio Inglês de Carcavelos,* o Lar para a Terceira Idade da Comunidade Estrangeira, os Fundos Caritativos Britânicos,* a Associação Anglo-Lusa, com sede em Londres, o Serviço Voluntário Feminino,* o Lar Internacional*. Acerca deste último, filiado na *Oeuvre Internationale de la Jeune Fille*, nas suas próprias palavras, numa entrevista ao 'Diário de Notícias', de 12 de Fevereiro de 1986, disse: "O lar dava residência permanente ou temporária a mulheres de todas as idades. Durante longos anos, quando ainda era costume virem para Portugal as misses inglesas que se empregavam em casas de famílias abastadas, para ensinarem o seu idioma às crianças da casa, mantínhamos um serviço de colocações. Muitas dessas misses foram envelhecendo em Portugal e precisaram de auxílio afectivo e material no fim da sua vida." Nessa mesma entrevista apontou o que considerava serem as maiores diferenças na vida das mulheres e das crianças entre 1939, quando chegou a Portugal e 1986, quando deu a entrevista: "Em 1939 as crianças tinham um aspecto pouco saudável; muitas sofriam de raquitismo e pouco se sabia sobre alimentação e cuidados infantis. Agora as crianças têm um ar muito mais saudável e contente. Quanto às mulheres, aí as diferenças são imensas. Quando casei, eu era a única mulher, entre as minhas quatro cunhadas, que tinha ganho dinheiro a trabalhar. No entanto, agora praticamente todas as minhas sobrinhas exercem um trabalho profissional. Hoje em dia, há mais o que se poderá chamar 'à-vontade'. Os maridos mudaram muito. Já não se opõem a que as mulheres trabalhem ou se interessem por outras coisas que não só a casa! Há todo um outro ambiente de igualdade que não existia antes. Lembre-se de que até 1969 eu não podia ir a Inglaterra ou qualquer outro país sem licença escrita do meu marido, o que ele evidentemente nunca recusou..." Nos anos 40 fez parte do grupo de teatro amador inglês do 'Estrela Hall' e entrou em várias peças. Durante a guerra, juntamente com o marido, trabalhou para a Embaixada Inglesa, e o seu jornal foi apelidado pela propaganda alemã como 'O porta-voz de Churchill em Lisboa.' Trabalharam também no apoio aos refugiados que passaram em grande número por Portugal. Viveram no Monte Estoril, até morrerem (o marido morreu em 1976) onde a sua casa, repleta de livros, estava sempre de portas abertas para receber, de forma calorosa, um sem número de familiares, amigos e conhecidos. Mantinham relações de amizade com vários escritores ingleses que os visitavam sempre que passavam por Portugal, entre os quais

Graham Greene, Evelyn Waugh, Cyril Connolly e Aldous Huxley. Uma amiga da Susan dizia que quando ela entrava numa sala 'esta iluminava-se.' Foi condecorada pela Rainha Isabel II com a Ordem do Império Britânico com o grau de OBE (*Order of the British Empire*) pelos serviços prestados à comunidade inglesa em Portugal.³⁴

Miller, Edith — Inglesa. Entre 1936 e 1966 foi Vice-Cônsul Britânica em Lisboa. Quando deixou o posto, foi-lhe feita uma homenagem, e cerca de trezentas pessoas contribuíram para um presente em sinal de gratidão pelo trabalho realizado. Colaborou em muitas das organizações britânicas existentes em Lisboa, a título benévolo. Foi condecorada pela Rainha de Inglaterra com a Ordem do Império Britânico, com o grau de MBE (*Member of the British Empire*).³⁵

Milne, Phyllis Hill — (1890-1986). Nasceu em Porto Alegre, Brasil, filha única de William Hill e de sua mulher Alice Mary Naden. Frequentou colégios em Inglaterra e em França. Depois da morte do pai, Alice e sua mãe vieram viver no Porto, onde Phyllis conheceu o seu futuro marido, William Harvey Milne. Durante a Primeira Grande Guerra, o noivo alistou-se nas Forças Armadas enquanto Phyllis trabalhou como membro do VAD (*Voluntary Aid Detachment*) num hospital. Casaram no Porto, na Igreja Anglicana de St James, em 1918, estando William ferido como consequência da guerra. No ano seguinte mudaram-se para Lisboa e logo de seguida para Sintra. Phyllis trabalhou durante várias décadas em diversas instituições da comunidade britânica, com extrema eficiência e dedicação: a igreja Anglicana de St George, no Hospital Inglês, foi uma das fundadoras do Clube Inglês das Senhoras*, no Serviço Voluntário Feminino*, entre outros. Foi medalhada pela Cruz Vermelha Portuguesa em 1943 e condecorada pela Rainha Isabel II, com a Ordem do Império Britânico, com o grau de MBE (*Member of the British Empire*). O casal recebia frequentemente em sua casa e, sempre que tomavam conhecimento da chegada de uma família britânica a Portugal, visitavam-na.³⁶

Mitchell, Dorothea — (? — 1944) De solteira Dorothea Mary Potter Lewis, filha de John Potter Lewis e sua mulher Halgina, originários da Irlanda. Fez nome como atriz em Londres, usando o nome Dorothea Desmond, tendo representado papéis principais

³⁴ Cf. Ana Vicente, *Arcádia*, op.cit.

³⁵ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 874, 2-7-1966)

³⁶ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 1380, 23-10-1986..

em peças de Conan Doyle, entre outros. Casou pouco depois da Primeira Guerra Mundial com Wilfrid Mitchell e veio viver para Portugal, onde o seu interesse pelo teatro não se desvaneceu. Era conhecida como Thea Mitchell. Em Portugal, escreveu duas peças, uma sobre *Lady Nelson*, intitulada *The Forgotten Lady* e outra *The Fairchild Family*, que assinou com o nome George Potter. A partir de 1940, com a chegada de grande número de refugiados a Lisboa, alguns dos quais eram actores e cantores, organizou serviços de apoio para este grupo em especial. Mais tarde, alguns destes montaram uma representação no Teatro da Trindade, em Lisboa, a que deram o nome de *Obrigado, Portugal*. Muitos destes refugiados obtiveram trabalho nos E.U.A., também devido aos esforços de Thea. Tinha ideias firmes sobre política e um grande amor por Portugal, país onde declarava querer sempre viver pois aqui tinha encontrado a felicidade.³⁷

Mitchell, Enid — (1890-1975). Nasceu em Lisboa, filha de Henry Mitchell e de Gertrude Eames. Seu avô materno era médico no Hospital Naval Britânico de Lisboa, que mais tarde se transformou no Hospital Inglês. Formou-se e trabalhou como fisioterapeuta em ambas as Guerras Mundiais. Foi uma das primeiras mulheres a conduzir um automóvel em Portugal. Solteira. Viveu a maior parte da sua vida em Portugal, onde se dedicou, entre outras actividades, à jardinagem, tendo criado um jardim maravilhoso na zona de Sintra, onde morava. Escreveu numerosos artigos para *The Anglo-Portuguese News* sobre essa arte. Era uma excelente pintora, representando quase sempre flores. Também sabia fazer e restaurar peças em laca e em *papier maché*. Muito amiga de animais, possuía numerosos cães, gatos, galos e galinhas. Anglicana, era uma paroquiana activa da Igreja de São Paulo, no Estoril. Descrita pelos seus amigos como uma pessoa especial, muito afectiva, dinâmica e original.³⁸

Neville, Beryl Graham Reece — (1910-1965). Nasceu em Liverpool, Grã-Bretanha. Enquanto jovem correu em rallis de automóveis e manteve esse interesse ao longo da vida. Casou em 1934 com W.W.Neville, gerente das instalações da Companhia Shell na Banática. Durante a Segunda Grande Guerra regressaram ao seu país para trabalhar no esforço de guerra britânico. Billie, como era conhecida, alistou-se então na *WRAF* (*Women's Royal Air Force*). De regresso a Portugal, Billie trabalhou

³⁷ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n.º 233, 3-2-1944, n.º 237, 2-3-1944.

³⁸ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n.º 1108, 21-6-1975.

benevolmente em várias instituições, nomeadamente no Clube Inglês das Senhoras*, e nos Fundos Caritativos Britânicos*, dando apoio financeiro de forma anónima a muitas pessoas idosas, sendo uma das figuras mais conhecidas da comunidade inglesa. Era uma jogadora exímia de *bridge*.³⁹

Nolan, Eileen — (1896-1967). Inglesa. Enfermeira formada no Guy's Hospital em Londres. Em 1935 foi trabalhar no Porto, como enfermeira da colónia britânica. Aí permaneceu oito anos, tendo vindo para Lisboa em 1943. Miss Nolan tornou-se a enfermeira mais conhecida e mais apreciada na história da comunidade, plena de energia e boa disposição, sendo reconhecida por todos como uma excelente profissional. Serviu como parteira de um grande número de nascimentos ocorridos no Hospital Inglês de Lisboa. Em 1948 regressou ao Porto, onde foi Chefe de Enfermagem do Hospital Inglês do Porto. Quando se reformou, foi viver para o Reino Unido mas fazia frequentes visitas a Portugal.⁴⁰

Norton, Lucie Pauline Christiane Plá — (1891-1967). Nasceu em Odessa, na Rússia. Os seus pais eram de origem francesa e catalã. O seu pai encontrava-se na Rússia a trabalhar no comércio da cortiça. Vieram para Portugal quando Lucie tinha seis anos. O pai veio trabalhar para uma empresa de cortiça em Sines. Mais tarde foram viver para Carcavelos. Lucie casou com Godfrey Norton, que pertencia a uma das famílias inglesas mais antigas residentes em Portugal. Viveram na Quinta da Torre d'Aguilha, perto de São Domingos de Rana, tendo-se transferido para o Monte Estoril em 1944. Tiveram duas filhas, uma das quais, May, casou com o Eng. Artur Macieira Reis, e dois filhos. Pessoa muito apreciada pelas suas qualidades humanas, Mrs Norton trabalhou benevolmente em várias organizações, tendo presidido durante vários anos à Liga Britânica de Assistência (*British League of Assistance*), cujo objectivo era recolher fundos e donativos para serem distribuídos por instituições portuguesas de beneficência, sobretudo as que se dedicavam a crianças.⁴¹

O'Malley, Mary Dolling Sanders — (1891-1974). Estudou em casa e no London School of Economics. Praticante de alpinismo, foi uma das fundadoras do *Women's Alpine Club*. Dedicou-se também à investigação arqueológica. Casou em 1912 com Owen O'Malley, diplomata, a quem mais tarde foi atribuído

³⁹ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 860, 18-12-1965.

⁴⁰ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 904, 26-8-1967.

⁴¹ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 910, 18-11-1967

o título de Cavaleiro do Império Britânico. Do casamento nasceram duas filhas e um filho. O primeiro posto em que acompanhou o marido foi quando este foi nomeado conselheiro da Legação Britânica em Pequim, em 1925. Já com o pseudônimo de Ann Bridge, que guardaria para sempre, publicou o primeiro romance, *Peking Picnic*, em 1932, baseado nessa estadia. Trata-se de um fresco muito vivo dos costumes e atitudes das legações estrangeiras, completado com detalhes pitorescos e bem observados de ambientes chineses. O romance ganhou o prêmio do *Atlantic Monthly*, no valor de \$10.000 nos EUA em 1932, em competição com outros 749 livros. Escreveu-o entre as 6-8 da manhã, antes de ter que se dedicar às suas tarefas de dona de casa. Aliás, foram os sucessivos países onde viveu ou por onde viajou que serviram de inspiração para os seus posteriores romances. A China voltou a ser tema em 1934 com *The Ginger Griffin* e de novo em *Four-Part Setting*. Em 1935 publicou *Illyrian Spring* situado na costa da Dalmácia e em 1937 *Enchanter's Nightshade*, situado em Itália. Em 1942 publicou *The Frontier Passage*, descrito como uma visão dos aspectos mais românticos da Guerra Civil Espanhola a partir de Saint Jean de Luz e em 1945 abordou a Albânia em *Singing Waters*, que vendeu mais do que um milhão de exemplares. Em 1949, saiu a primeira edição do livro de viagens em Portugal escrito em co-autoria com Susan Lowndes,* *The Selective Traveller in Portugal*, que se tornou um clássico e que conheceu sucessivas actualizações e edições, uma das quais para o mercado norte-americano. Foram dois os romances que situou em Portugal: *The Portuguese Escape* (1958) e *Malady in Madeira* (1969). Seu marido exerceu como Embaixador de Sua Majestade em Lisboa entre 1945 e 1948. Regressou posteriormente a Portugal para curtas visitas. *The Portuguese Escape*, juntamente com um romance que abarca a revolução operada na Turquia por Ataturk (*The Dark Moment*, 1952), foram elegidos como 'Escolhas' da Liga Literária da América. O seu livro mais estranho foi talvez o *Moments of Knowing*, no qual descreve uma série de incidentes 'paranormais' vividos por ela ou por outros. Ann Bridge considerava que conseguia intuitivamente compreender qualquer personalidade a partir da análise da sua ortografia. Publicou também um livro de memórias sobre sua mãe, norte-americana, cuja ama era escrava em casa de seus pais: *Portrait of My Mother* (1955). Publicou ainda as suas próprias memórias literárias: *Some Literary Recollections*, onde escreveu "A minha vida tem estado repleta de coisas maravilhosas." O seu último livro *Permission to Resign*, publicado

em 1971, descreve a forma como ajudou a limpar o nome do marido numa fase em que este tinha sido convidado a demitir-se do serviço diplomático acusado de especulações financeiras. Escreveu alguns artigos para o jornal *The Anglo-Portuguese News*. Converteu-se ao catolicismo na década de 50 e tal facto foi de grande importância na sua vida. O seu editor e amigo durante cerca de 40 anos, Ian Parsons, escreveu o seguinte tributo após a sua morte: “Ela foi de facto uma escritora prolífica e tinha uma habilidade especial em cativar e reter a lealdade dos seus leitores. Só entre 1958 e 1970, já na casa dos oitenta, escreveu seis romances, e posso garantir que foram tão populares como os anteriores. Tinha o dom de saber utilizar de forma criativa os seus gostos e capacidades pessoais. Era uma velejadora entusiasta e também se dedicava ao alpinismo. Era profunda conhecedora da flora selvagem. Foi tudo isto, em conjunto com a curiosidade que tinha pelas pessoas e pelos costumes dos países estrangeiros onde viveu grande parte da sua vida, que conferiu aos seus livros, (sendo embora os seus enredos, por vezes, muito fantasiosos) aquela autenticidade essencial que se tornou a base duradoura da sua popularidade.” Tinha uma personalidade forte e, por vezes, como ela própria reconhecia, conflituosa. Generosa, procurava estar sempre a favor da justiça para os mais fracos e mais pobres.⁴²

O’Rourke, Mildred — (1910-1982). Mildred O’Rourke nasceu na Irlanda, onde frequentou um colégio dirigido por religiosas da Ordem Dominicana em Dublin. Em 1928 veio para Portugal, onde entrou como noviça no Convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso* em Lisboa, tendo feito os votos perpétuos em 1933. Aí tomou o nome de Sister Antoninus O.P. O Convento era, na altura, de clausura, mas as religiosas mantinham um colégio para crianças, na sua maioria portuguesas. Aprendeu a falar português perfeitamente. Com uma vida espiritual profunda, depois de o Convento deixar de ser de clausura, Sister Antoninus, como era por todos tratada, realizou grande apostolado junto a populações muito pobres que à época se amontoavam em barracas na zona de Belém, nomeadamente ciganos, cabo-verdianos retornados, e outros, os quais compareceram em massa no seu enterro. Para estas pessoas instigou a construção de habitação própria, apelou às autoridades para que houvesse saneamento básico e fomentou a abertura de um centro de cuidados materno-

⁴² Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº1076, 30-3-1974.

infantis. Também trabalhou como bibliotecária do Convento como secretária e auxiliar de saúde.⁴³

Price, Daisy — (1875-1973). Nasceu em Almada. Sendo a mais velha de catorze irmãos, a todos sobreviveu. Formou-se como parteira e durante cerca de quarenta anos exerceu a sua profissão com a maior competência. Prestou assistência a um elevado número de parturientes portuguesas da alta burguesia ou da aristocracia, quando naqueles meios sociais os partos ainda se realizavam no domicílio. Solteira. Anglicana.⁴⁴

Price, Kathleen Bertha — (1877-1960). Nasceu em Lisboa, filha de uma família inglesa há muito estabelecida em Portugal. À data da sua morte, residia na Rua Garcia de Orta, em Lisboa. Juntamente com as suas irmãs (uma das quais se chamava Daisy e era enfermeira) fundou em Lisboa, no início do século XX, o 'Colégio Inglês das Misses Price' que dirigiu durante muitos anos e que se situava na Calçada Marquês de Abrantes.⁴⁵

Rawes, Amy Dawson — (1882-1975). Nasceu em Lisboa, filha de Mr Errington Dawson e de Leonora Cannell, ambos pertencentes a famílias inglesas há muito residentes em Portugal. Estudou em casa e num colégio em Bruxelas, destinado a ensinar a arte de como ser uma boa dona de casa a meninas da alta burguesia. Eram conhecidos como *Finishing Schools*, terminando aí a formação considerada necessária para um posterior casamento. Casou com Stanley Rawes, que também nascera em Lisboa, e que igualmente pertencia a uma família inglesa residente em Portugal, constituindo o casal a quinta geração que vivia em Lisboa. Durante a Primeira e Segunda Guerras Mundiais trabalhou para a Cruz Vermelha e apoiou grande número de refugiados, muitos dos quais acolheu na sua linda casa situada no Largo do Rilvas. Anglicana, era uma paroquiana activa da Igreja de São Jorge. Também apoiou o Hospital Inglês de Lisboa. Dotada de uma personalidade muito carinhosa e atraente, recebia constantemente em sua casa pessoas de todas as idades e tinha um círculo muito alargado de amigos. Mãe de um filho, Eric, o qual, alistado na RAF, morreu na Segunda Guerra Mundial e de duas filhas (Elizabeth e Dorothy) que lhe sobreviveram.⁴⁶

⁴³ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 1270, 25-3-1982.

⁴⁴ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 1059, 4-8-1973.

⁴⁵ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 721, 20-8-1960.

⁴⁶ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 1101, 15-3-1975.

Reynolds, Wilhemina Mary Bastos — (1894-1982). Inglesa, nascida em Portugal, filha de Raphael Hunter Reynolds e Cristina de Andrade Bastos, que tinham mais três filhas e quatro filhos. Durante a Primeira Guerra Mundial, juntamente com suas irmãs, alistou-se como auxiliar de enfermagem no VAD (*Voluntary Aid Detachment*), tendo servido num Hospital da Cruz Vermelha no Reino Unido. Na Segunda Guerra Mundial dedicou-se a visitar e a apoiar, de formas muito concretas, os muitos militares feridos que foram recolhidos em diversos hospitais portugueses, como também aqueles que se encontravam presos. Durante longos anos, pertenceu à direcção do Lar Internacional* e era frequente convidar as residentes para almoçar na sua linda casa na Lapa. Também trabalhou durante anos no Serviço Voluntário Feminino.* Mina, como era sempre conhecida, era uma católica fervorosa — a sua vida foi um exemplo de um cristianismo vivido na autenticidade e de amor ao próximo.⁴⁷

Sanceau, Elaine Antonia — (1897-1979). Nasceu no Reino Unido. Frequentou um colégio em Montreux, na Suíça. Viveu entre 1916 e 1918 no Rio de Janeiro. Veio viver para o Porto, com a família, em 1930. Residiu durante longos anos em Leça do Bailio, perto do Porto, juntamente com sua irmã. Autora de vasta obra sobre temas históricos portugueses, entre outros *Afonso de Albuquerque*, *Cavaleiro do Renascimento*, *Henrique o Navegador*, e o *Príncipe Perfeito*, *Capitães do Brasil*. Em 1943, ganhou o Prémio Camões pelo seu livro *Portugal in Quest of Prester John*, também traduzido para português. Em português publicou *O Caminho da Índia — a Viagem de Vasco da Gama*, *Castelos em África*, *Casos e Curiosidades* e *Recortes de Pequena História*. Em 1953 foi condecorada com a Ordem de Santiago. Em 1955 foi eleita membro da Comissão do Centro de Estudos Histórico-Ultramarinos. Em 1961 foi condecorada pelo Presidente da República, Almirante Américo Tomás, como Comendadora da Ordem do Infante Dom Henrique. Colaborou no jornal *Comércio do Porto*. Em 1965 foi eleita para a Academia Internacional de Cultura Portuguesa. Era colaboradora do jornal *The Anglo-Portuguese News*, onde no n.º 925 de 15 de Junho o artigo da primeira página incidiu sobre as mulheres portuguesas nos descobrimentos, destinado, como afirmou, a desfazer a falsa ideia de que estas estiveram ausentes desses eventos. Em 1975, foi condecorada pela Rainha de Inglaterra com a Ordem do

⁴⁷ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n.º 1278, 22-7-1982, n.º 1279, 12-8-1982.

Império Britânico, com o grau OBE (*Order of the British Empire*) pelos serviços prestados às relações culturais anglo-portuguesas. Nos últimos catorze anos de vida foi presidente da Associação Luso-Britânica (*Anglo-Portuguese Society*). Anglicana.⁴⁸

Scolville, Orlena — (1887-1967). Norte-americana, nasceu em Nova Iorque. Veio a Portugal pela primeira vez no início da década de 30, com seu marido Herbert Scoville. Nessa altura conheceram a Quinta da Bacalhoa, perto de Azeitão, que se encontrava vazia e em ruínas. Compraram a propriedade e iniciaram um longo e cuidadoso processo de recuperação e restauro desse lindíssimo e histórico palácio do século XVI, que foi adquirido em 1528 pelo filho de Afonso de Albuquerque. Herbert Scoville morreu em 1937, pouco tempo antes de o trabalho terminar, mas sua mulher continuou a tarefa. Tiveram o cuidado de contratar pedreiros, marceneiros, estucadores, pintores e artesãos locais que utilizavam métodos tradicionais, respeitando inteiramente a traça original. Uma das maiores tarefas foi o restauro dos azulejos e recomposição dos respectivos painéis. O grande reservatório de água frente à arcada foi igualmente recuperado e servia como piscina. Os jardins também foram recuperados, havendo em frente da casa um esplêndido laranjal, que espalhava o seu aroma. Orlena Scoville foi adquirindo mobiliário e quadros que se integravam perfeitamente no ambiente geral da grande casa. Mrs Scoville passava todos os verões em Portugal, recebendo os seus numerosos amigos. Uma vez por ano recebia todas as sócias da Associação de Mulheres Americanas de Lisboa.* Interessava-se pelo bem-estar das gentes de Azeitão, apoiando monetariamente os necessitados. Já no final da vida, alugava o Palácio a pessoas de confiança. O Palácio era mostrada informalmente a quem desejasse admirar as suas belezas. Foi condecorada pelo Governo português pelo trabalho de restauro realizado. Mrs Scolville foi mãe de duas filhas e um filho. Morreu no Palácio.⁴⁹

Shannon, Anastasia Cosgrove — (1904-1986). Inglesa, nasceu em Derbyshire, filha de Mr and Mrs Thomas Cosgrove. Fez um curso de educadora de infância em Manchester. Casou com George Frazer Shannon, na Igreja Anglicana do Porto, em 1934. Tiveram um filho, James. Durante a Segunda Grande Guerra, exerceu como educadora no Colégio Inglês de Carcavelos*

⁴⁸ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n° 890, 11-2-1967, n° 1197, 26-1-1979.

⁴⁹ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n° 904, 26-8-1967, n° 1028, 27-5-1972, n° 1328, 23-8-1984.

(*St Julian's School*), onde se revelou uma excelente profissional. Trabalhou também benevolamente para instituições da comunidade britânica. Por duas vezes fundou escolas pré-primárias e do ensino básico, de pequena dimensão, na linha do Estoril, a última das quais em Cascais, onde conheceu um grande sucesso. Converteu-se ao catolicismo.⁵⁰

Shercliff, Josephine Lilley — (1902-1985). Sempre conhecida por José ou Jo Shercliff. Jornalista inglesa, que cedo decidiu não querer ficar em casa à espera de marido, como era o costume no seu meio de classe-média britânica. Licenciou-se em literatura na Universidade de Oxford. Deixou o Reino-Unido aos 20 anos e raramente lá regressou. Viveu primeiro em Paris, onde iniciou a sua vida profissional como secretária da biblioteca americana e conheceu muitos dos escritores norte-americanos que então viviam naquela cidade. No jornalismo iniciou-se como assistente do correspondente do jornal *Daily Herald* onde depressa lhe reconheceram os seus méritos de persistente repórter. Um dos seus trabalhos foi localizar a antiga cantora do Moulin Rouge, Jane Avril, que, já velha e doente, lhe contou a sua vida. Com a informação recolhida, Jo escreveu um livro. Na década de 30, Jo passou a correspondente do *News Chronicle*, baseada em Paris. Cobriu a Guerra Civil Espanhola e esteve presente noutros locais marcantes da história dessa época. Quando Paris sucumbiu à invasão alemã, em 1940, Jo conseguiu fugir e anuiu à proposta dos seus patrões para que fosse para os EUA. Ao passar por Lisboa, compreendeu que neste país neutral se passavam episódios dignos de serem reportados, pelo que desistiu dos EUA, e aqui permaneceu trabalhando sempre como jornalista. Durante a Guerra observava cuidadosamente as manobras de espionagem quer dos Aliados quer do Eixo, sobretudo na zona de Lisboa e do Estoril, e passava informação codificada aos serviços de espionagem ingleses através dos meios de comunicação social. Acolheu e apoiou grande número de refugiados de todas as nacionalidades e, numa época em que eram raras as jornalistas mulheres, depressa se tornou conhecida entre os seus pares, os outros correspondentes estrangeiros em Portugal, pelas suas qualidades de exactidão, de persistência, de autonomia e de coragem. Foi correspondente da agência noticiosa *Associated Press* e, a partir de 1960, do jornal inglês *The Times*. Também colaborou com o Serviço Internacional da BBC. Publicou muitos

⁵⁰ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, nº 1367, 10-4-1986.

artigos no *The Anglo-Portuguese News*. Era muito amigo dos respectivos proprietários. Os correspondentes estrangeiros que passavam por Portugal em serviços temporários batiam-lhe muitas vezes à porta, sabendo que ela dispunha de conhecimentos e de informações preciosas. Foi muitas vezes chamada a prestar declarações na PIDE, pois eram conhecidas as suas posições críticas face ao regime, mas nunca se atreveram a expulsá-la do país, como aconteceu a muitos outros, talvez por temerem a repercussão internacional que tal provocaria. Reformou-se a contra-gosto em 1981. A sua personalidade franca e assertiva, o seu sentido de humor, a sua independência e autenticidade, fez que tivesse um grande número de pessoas amigas, estrangeiros e portugueses, entre os quais Mário Soares e Raul Rego, que a visitaram no hospital pouco antes de morrer. Vários jornais portugueses referiram a sua morte.⁵¹

Stilwell, Maria Shaw Saldanha Ferreira Pinto — (1892-1986). Filha de Manuel Saldanha Ferreira Pinto e de Anita Shaw, nasceu em Portugal. Em 1913, casou com William Stilwell na Igreja Dominicana do Corpo Santo, em Lisboa. Católica muito devota durante toda a vida. Tiveram seis filhos e quatro filhas. Os seis filhos alistaram-se nas Forças Armadas durante a Segunda Guerra Mundial, tendo dois deles, Peter e Anthony, morrido. O marido esteve com o Exército Britânico em Itália, durante a Primeira Guerra Mundial, enquanto Maria trabalhou como VAD (*Voluntary Aid Detachment*) em hospitais militares no Reino Unido. Entre as duas grandes guerras envolveu-se em muitas tarefas a favor da comunidade, sendo uma das primeiras mulheres a integrar a Direcção do Hospital Inglês de Lisboa. Colaborou com Mrs Douglas Bucknall* no projecto da criação do Colégio Inglês de Carcavelos* (*St Julian's School*), estando incluída no rol dos seus fundadores e foi membro do primeiro conselho escolar. Durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou arduamente com Mrs Ian Campbell, a partir da sede da Cruz Vermelha Portuguesa, na expedição de encomendas para prisioneiros-de-guerra aliados, detidos na Alemanha. Quando Lisboa se encheu de refugiados, de todas as nacionalidades, no início da guerra, Maria e o marido desdobraram-se no respectivo acolhimento e apoio. Pelos serviços prestados durante a Guerra foi condecorada com a Ordem do Império Britânico, com o grau de MBE (*Member of the British*

⁵¹ Cf. Diana Smith, 'A Doughty Companion of Special Wit and Wisdom', in *The Anglo-Portuguese News*, nº 1339, 14-2-1985.

Empire). Trabalhou longos anos para o Serviço Voluntário Feminino*. Enviuvou em 1953. Dotada de uma personalidade serena e íntegra, nas suas casas de Lisboa, Sintra ou na Quinta da Foja, perto da Figueira da Foz, era frequente receber com extrema hospitalidade e afecto, não só os seus numerosos descendentes como um vasto número de pessoas amigas de todas as idades e situações.⁵²

Symington, Eleanor Georgina — (1928-1986). Nasceu em Inglaterra e frequentou o Colégio Católico de Saint Mary's, em Ascot. Em 1954, casou com Robert Symington, oriunda de uma antiga família inglesa do Porto, onde viveu durante vinte anos. O seu marido foi nomeado Director da Reckitt Portuguesa e Presidente da *British Chamber of Commerce in Portugal*, altura em que vieram viver para Ranholas, perto de Sintra. Tiveram três filhos. Eleanor trabalhou benevolamente para diversas organizações britânicas e, apesar de se confrontar com diversos problemas de saúde, criou um jardim magnífico, tornando-se uma especialista de jardinagem. Dado o seu carácter afável e divertido, tinha um círculo de amizades muito alargado.⁵³

Tait, Muriel Rosalie — (1886-1979). Filha de William C. Tait e de Josephina Tait, nasceu em Entre Quintas, na região do Porto, onde também morreu. Frequentou um colégio interno no Reino Unido, o *Roedean College*, e durante a Primeira Grande Guerra serviu no VAD (*Voluntary Aid Detachment*), em São Petersburgo, na Rússia, como enfermeira da Cruz Vermelha. Só abandonou a Rússia por altura da Revolução dirigida por Kerensky. Durante a Segunda Grande Guerra trabalhou na Cruz Vermelha, no Porto. Em Portugal tornou-se uma especialista de horti- e floricultura, dedicando-se sobretudo à criação de camélias na sua Quinta de Entre Rios. Amiga de Guilhermina Suggia, era frequente irem juntas à ópera e aos concertos no Porto. Solteira. Tornou-se numa das figuras mais apreciadas da comunidade britânica do Norte do país, deixando também numerosos testemunhos de actos de solidariedade.⁵⁴

Thorburn, Margery McSkimming Kennedy — (1903-1986). Nasceu em Glasgow, na Escócia. Em 1922 casou com Percy Derwood Thorburn, e quatro anos mais tarde decidiram ir viver para Portugal. O seu marido trabalhava na indústria da cortiça

⁵² Cf. Ana Vicente, *Arcádia*, op.cit. p. 157, *The Anglo-Portuguese News*, n° 1373, 10-7-1986, n° 1374, 24-7-1986.

⁵³ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n° 1376, 28-8-1986, n° 1378, 11-9-1986.

⁵⁴ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n° 1197, 26-1-1979.

e estabeleceram-se, de início, na Póvoa de Santa Iria. Mais tarde mudou-se para Cascais, onde permaneceu. Tiveram quatro filhos, dois dos quais morreram antes da progenitora. Em 1939, foi uma das fundadoras da Organização Feminina de Socorro*, onde muitas mulheres trabalharam arduamente na recolha, feitura e distribuição de milhares de peças de roupa e de ligaduras, entre outras peças. Já no final da guerra ocupou-se das muitas crianças britânicas que passaram por Lisboa, vindas sobretudo dos EUA, para onde tinham sido enviados por seus pais, para melhor segurança. Ficavam instaladas no Hotel do Parque no Estoril, por vezes durante longas semanas, enquanto aguardavam transporte para o Reino Unido. Com capacidades organizativas excepcionais, trabalhou durante várias décadas no Serviço Voluntário Feminino*, tendo sido agraciada com a respectiva medalha. Foi ideia dela montar uma tenda na doca, sempre que atracavam em Lisboa navios da Marinha Britânica, a fim de prestar informação e apoio aos militares, serviço que continuou durante muitos anos.⁵⁵

Thornton, Grace — (1913-1987). Inglesa, filha de um joalheiro. Licenciou-se em letras pela Universidade de Cambridge, a que se seguiram estudos de pós-graduação na Islândia, tendo-se doutorado com uma tese relacionada com estudos islandeses. Entrou para a carreira diplomática antes da Segunda Grande Guerra, onde ainda havia um número diminuto de mulheres. Durante a Guerra trabalhou no Ministério da Informação. Parte do tempo foi no departamento de descodificação de cifras. Terá ficado ligada aos serviços de informação durante toda a sua carreira posterior. Esteve em posto em Reykjavik, em Copenhague (onde aprendeu a língua e estudou a cultura), em Bruxelas e em Djakarta. Entre 1965 e 1970, Grace esteve colocada em Lisboa, como Cônsul-Geral de Sua Majestade a Rainha Isabel II, onde granjeou grandes amizades e se dedicou a estudar a cultura portuguesa. Colaborou assiduamente no jornal *The Anglo-Portuguese News*, com artigos sobre as instituições britânicas em Portugal. Estudou a história dos irmãos Stephens que, no século XVIII, fundaram uma fábrica de vidros na Marinha Grande, dando origem à indústria que ali se estabeleceu. Durante a sua estada neste país, traduziu para inglês a narrativa de viagem a Portugal de Hans Christian Andersen, realizada em 1866, que veio a ser publicada em Londres, com introdução, notas e apêndices de sua autoria (*A Visit to Portugal 1866*, Londres, Peter

⁵⁵ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n.º 1375, 14-8-1986.

Owen, 1972). Veio também a traduzir as narrativas do mesmo autor sobre Espanha e sobre Alemanha, Itália e Malta. Depois de Lisboa, regressou a Londres, onde chefiou os serviços consulares britânicos no mundo. Recebeu diversas condecorações atribuídas pela Rainha Isabel II. Depois da sua reforma em 1973, trabalhou benevolamente no *Women's National Committee* e para o seu antigo *college* da Universidade de Cambridge. Foi membro activo da *Anglo-Portuguese Society*, sediado em Londres.⁵⁶

Wallace, Evelyn Louisa Burton Rangel — (1894-1972). Filha de um português e de uma mãe nascida no País de Gales. Esta era de uma família Parry, que fundou no século XIX os estaleiros navais de Cacilhas com esse mesmo nome. Evelyn Rangel foi enfermeira em França, ao serviço do Corpo Expedicionário Português na Primeira Guerra Mundial. O seu trabalho foi reconhecido, tendo sido condecorada como Cavaleira da Cruz de Cristo. Foi condecorada por três vezes pela Cruz Vermelha Portuguesa. Em 1927 casou com John Nicholson Wallace, natural de Dundee, e foi viver para Londres. Mãe de duas filhas, o seu marido morreu em 1939. Regressou a Lisboa depois de enviuar e aí viveu até à sua morte.⁵⁷

Wallace, Margaret Sheldrick — (1871-1957). Casou com William Thomas Ewart Wallace, e viveu com seu marido durante vários anos em Accra, capital da então colónia inglesa de *Gold Coast*, onde ele era responsável pelos correios e telégrafos. Tiveram uma filha. Margaret foi condecorada pelo Príncipe de Gales pelos serviços aí prestados, nomeadamente na organização de hospitais de campanha durante um surto de peste. Quando o seu marido se reformou, pouco antes da Segunda Grande Guerra, vieram residir em Portugal, no Monte Estoril, onde em breve se tornaram membros activos e muito apreciados pela comunidade britânica. Margaret fundou a *British League of Assistance* (Liga Britânica de Assistência), que começou por se chamar *League of Pity* (Liga de Compaixão). Esta organização reunia os seus membros quinzenalmente, sobretudo mulheres, para fazerem trabalhos manuais que pudessem ser oferecidos a instituições de beneficência portuguesas ou britânicas, e servir de espaço de acolhimento a britânicos recém-chegados ao país. Organizavam anualmente uma venda de natal, no Hotel Monte Estoril.⁵⁸

⁵⁶ Cf. Susan Lowndes Marques, «She wrote widely and well about Portugal during her years here», in *The Anglo-Portuguese News*, n° 1414, 2-7-1987.

⁵⁷ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n° 1031, 8-7-1972.

⁵⁸ Cf. *The Anglo-Portuguese News*, n° 628, 26-1-1957, p.4.

IV — Conclusão

A comunidade britânica em Portugal em meados do século XX tinha uma componente muito estável, pois dela faziam parte famílias que se encontravam em Portugal há várias gerações, aparte de famílias ou indivíduos que aqui viveram por períodos mais limitados mas que, apesar de tudo, se estendiam por vezes, por mais do que uma década. Os seus rendimentos advinham, sobretudo, de actividades empresariais da sua propriedade e por eles geridos, ou encontravam-se ao serviço de outras instituições inglesas. De assinalar que havia grandes empresas, entrosadas no tecido social português, como sejam a Companhia Carris de Ferro de Lisboa ou a Companhia dos Telefones, que pertenciam a britânicos.

Apesar de manterem relações cordiais com os portugueses, a tendência da comunidade era de se manter isolada da vida cultural e política portuguesa. A situação ditatorial que imperava também recomendava essa atitude. Havia uma certa sobrançeria da parte de alguns e algumas, considerando a população portuguesa abaixo do seu nível cultural e social. A barreira da língua era igualmente um obstáculo ao relacionamento mais estreito com os portugueses, pois grande parte dos membros da comunidade à época não aprendiam português com um nível mínimo de qualidade. Ou por não o considerarem necessário, ou por não o conseguirem. Contudo muitos, e sobretudo muitas mulheres, como ficou demonstrado, sentiram-se na obrigação de intervir socialmente, face à pobreza chocante que imperava em Portugal, e a respectiva indiferença por parte do Governo manifestada pela total ausência de sistemas públicos de protecção e de segurança social que já existiam noutros países, nomeadamente no Reino Unido. É manifesto que a maior parte das mulheres casadas referenciadas não tinham uma actividade profissional remunerada, o que se enquadra com o meio social de classe média a que pertenciam. Eram os maridos que sustentavam economicamente a família. No entanto, a sua atitude face à vida e ao seu próprio papel era, geralmente falando, muito mais interventora e assertiva em comparação com as mulheres portuguesas do mesmo meio. Outra característica era a capacidade de organização e de entre-ajuda — não esperar que qualquer 'outro' viesse resolver os seus problemas ou proporcionar respostas. É uma constante que, aliás, permanece. Tal é particularmente evidente durante a Segunda Guerra Mundial,

onde as mulheres britânicas em Portugal desempenharam um papel admirável. Há uma área que também mereceria ser estudada e que aqui não o foi — a actividade desportiva, onde números consideráveis de mulheres e homens se organizaram, constituindo diversos clubes, criando assim oportunidades para desenvolverem as suas actividades lúdicas.

A integração de Portugal na Comunidade Europeia, em 1986, a crescente globalização e mobilidade, os avanços tecnológicos, vieram obviamente introduzir novas características na face feminina da comunidade britânica. Alguém a estudará.

RECENSÕES CRÍTICAS

Edward Quillinan, *As Irmãs do Douro. Uma história portuguesa*. Tradução de M. Gomes da Torre e Jorge Pais Antunes, Porto, Campo das Letras — Editores, S.A, e Associação Cívica Antão de Carvalho, 2006.

Miguel Alarcão

No momento em que se cumprem e comemoram 250 anos da criação da Região Demarcada do Douro (1756-2006), a mais antiga do mundo e berço do redutoramente chamado “vinho do Porto” — a jóia vitivinícola por excelência da coroa comercial anglo-portuguesa —, é com grande satisfação que vemos publicado o romance de Edward Quillinan (1791-1851), *As Irmãs do Douro*, em primorosa tradução do Professor Doutor Manuel Gomes da Torre, Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, competentemente coadjuvado pelo Mestre Jorge Pais Antunes. A obra original, *The Sisters of the Douro*, integra um conjunto de narrativas publicado em 1841,¹ tendo Quillinan sido objecto da nossa dissertação de mestrado,² bem como de dois ulteriores artigos,³ para os quais remetemos os leitores interessados em conhecer um pouco melhor este luso-irlandês que repartiu a vida, o estudo, a escrita (e, afinal, o coração) entre

¹ *The Conspirators, or The Romance of Military Life*, London, Henry Colburn, 1841, 3 vols; *The Sisters* figura no vol. I, pp. 2-292.

² *Edward Quillinan e Portugal*. Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses, inédita, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1986.

³ “*Home is where the heart is*: a obra lusófila de Edward Quillinan (1791-1851)” in Maria Leonor Machado de Sousa (dir.), *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica/Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas, nº 4 (1995), pp. 87-132; as considerações sobre *The Sisters* preenchem as pp. 94-111. O segundo artigo é “Retrato do Norte” in *Romantismo. Imagens de Portugal na Europa Romântica. Actas do II Congresso Internacional de Sintra sobre o Romantismo* (Sintra, 23-26 Setembro 1987), Sintra, Instituto de Sintra, 1998, pp. 197-202.

a Inglaterra — Kent e sobretudo o *Lake District* — e o seu Porto natal.

Em contexto exclusivamente inglês, Edward Quillinan é, quase sempre, e na melhor das hipóteses, conhecido pelo modo ardoroso como, na sua juventude, empunhou a espada e empenhou a pena; pela composição de poemas mais ou menos circunstanciais; e, sobretudo, pelos sogros que teve (*Sir Samuel Egerton Brydges* e *William Wordsworth*), circunstâncias que parecem condenar Quillinan à condição obscura de poeta menor desse 1º Romantismo tão epicentricamente sediado no *Lake District*. Embora conhecendo alguma difusão além dos círculos e das paredes de Rydal Mount e Gretta Hall, a produção narrativa não lograria alterar substancialmente este panorama, confirmando o estatuto de Quillinan como autor de 2ª linha junto do público coevo. No contexto anglo-português, todavia, a sua importância é já maior, justificando-se uma primeira chamada de atenção para a relação de proximidade familiar e afectiva que Quillinan manteve sempre com a sua *Invicta* natal e os modos de vida (comercial, literário-cultural, lúdica, etc.) da comunidade britânica nela sediada,⁴ conforme outra narrativa sua, aliás, reflecte.⁵ Além disso — e de forma insuficientemente (re)conhecida —, Quillinan viria, por mérito próprio, a conquistar alguma importância no quadro da divulgação em Inglaterra da literatura portuguesa e da sua história, mercê de actividades como a ficção, a tradução e o ensaísmo.

Aglutinando um pouco todos estes eixos, a acção de *As Irmãs do Douro* tem por palco a 2ª invasão francesa de Portugal, protagonizada por Soult em 1809 e centrada, portanto, nesse mesmo Norte que serve de pano de fundo à convivência libertadora dos oficiais ingleses com as populações nativas. O envolvimento respectivo do Major Wilmot e do Capitão Vincent Stanisforth com as irmãs Leonora e Francisca Coelho (que, aliás, desposarão no

⁴ Permitimo-nos destacar neste âmbito, entre outros estudos dispersos de João Paulo Pereira da Silva, o seu *Temas, mitos e imagens de Portugal numa revista inglesa do Porto — The Lusitanian (1844-1845)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, "Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas", 2001 (Adaptado da Dissertação de Doutoramento em Estudos Anglo-Portugueses apresentada em 1998 à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) e, numa perspectiva mais sociológica e contemporânea, Maria Guilhermina Bessa Gonçalves, *A Comunidade Britânica no Porto. Inter-relações históricas, económicas, culturais e educativas*, Porto, Edições Afrontamento, "Textos", nº 38, 2002.

⁵ "The Belle: Adventures at a Portuguese watering place" in *Tait's Edinburgh Magazine*, Edinburgh, William Tait, vol. XIII (1846); o texto é iniciado no nº de Outubro, pp. 638-50, e concluído no de Novembro, pp. 689-97.

final do romance) fornece a trama romântica, tão do agrado da época; contudo, se a relação Wilmot/Leonora é retardada pelo fascínio que sobre esta exerce o coronel francês Champlemonde (envolto, para protecção própria, na falsa identidade de José Alves), para o estreitamento da relação entre Stanisforth/Francisca concorre — um tanto inesperadamente, diga-se de passagem — a ‘visita guiada’ do capitão inglês à literatura portuguesa pela voz de uma jovem apostada em familiarizar o seu amado (leia-se: o público inglês do segundo quartel do século XIX) com um património literário não circunscrito ou reduzido a Camões.⁶

Em termos de concepção e construção do enredo, *As Irmãs do Douro* é, há que reconhecê-lo, uma obra com algumas limitações; além da inserção imaginativa, mas visivelmente forçada por um autor *ex machina*, da ‘aula’ ou ‘lição’ de Francisca, assente em notas biográficas e lugares-comuns sobre os autores referidos, a caracterização psicológica e comportamental das duas irmãs nem sempre consegue libertar-se de estereótipos românticos algo previsíveis, pese embora a personalidade decidida de Francisca e a evolução sentimental de Leonora, até então posta, pelo dúplice Champlemonde, “naquele engano de alma ledó e cego/Que a Fortuna não deixa durar muito”.

Em 1995, em artigo publicado nesta mesma Revista, avaliávamos assim a importância da obra em apreço:

“Concluída aquela que julgamos ser a primeira (e possivelmente única) apresentação do nosso património literário numa narrativa inglesa [...], permitam-se dois curtos comentários [...], o primeiro dos quais para destacar a tentativa de, mercê de um enquadramento ficcional, amenizar uma exposição que muitas vezes não passa de uma mera listagem de nomes sobrevoados de uma forma claramente impressionista, quando não primária. O segundo aspecto, decorrente, aliás, do anterior, prende-se com a originalidade dos conhecimentos difundidos e que [...] é bastante relativa, já que eles são no essencial uma paráfrase de excertos de Bouterwek, cuja obra o autor conheceria, provavelmente na edição inglesa de

⁶ Como acentua o próprio tradutor: “Não se pode deixar de sublinhar o significado das iniciativas de Quillinan para divulgação da literatura portuguesa na Grã-Bretanha, para mais numa altura em que poucos por ela manifestavam interesse. Nesse sentido, o capítulo V de *As Irmãs do Douro* é talvez a peça quilliniana mais importante [...]” (“Introdução”, p. 9).

1823. Sem ser um erudito, assiste, contudo, a Edward Quillinan o mérito de ter procurado divulgar a literatura de um país que conhecia bem, talvez por sentir que, de um modo geral, os raríssimos trabalhos existentes nesse domínio haviam desguarnecido o flanco horaciano da agradabilidade da instrução.

O principal motivo de interesse de *The Sisters of the Douro* reside, quanto a nós, na reflexão que faz do envolvimento de Quillinan com múltiplos aspectos da realidade portuguesa; o autor consegue, de facto, conjugar a divulgação literária com o aproveitamento ficcional de uma situação histórica, sem esquecer a descrição paisagística e a relação de interacção sociocultural entre estrangeiro e nativo, o Eu e o Outro, profundamente característica da literatura de viagens.”⁷

Onze anos volvidos sobre estas palavras, continuamos a defender que, embora Quillinan se tenha apoiado de forma evidente na obra de Friedrich Bouterwek (1776-1828), *Geschichte der Portugiesischen Literatur und Beredsamkeit*,⁸ cabe-lhe, sem dúvida, o mérito de ter tentado veicular de forma lúdica as informações eruditas do investigador germânico, numa altura em que a própria historicização da literatura portuguesa só começaria a fazer-se entre nós com a publicação do *Bosquejo de Historia de Poesia e Lingua Portuguesa* (1826),⁹ de Garrett

⁷ “Home is where the heart is ..., p. 111.

⁸ *Geschichte der Portugiesischen Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des dreizehnten Jahrhunderts*. In *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit*, IV, Göttingen, 1805. A referência da edição inglesa, aquela que consultámos nos anos 80, é: *History of Spanish and Portuguese Literature, translated from the original German by Thomasina Ross*, London, Boosey and Sons, 1823, 2 vols; interessa-nos apenas o vol. II. A edição francesa (1812) não inclui a parte relativa à nossa literatura.

⁹ Cf. o seguinte passo, no qual Bouterwek aparece, aliás, mencionado de forma pouco abonatória: “Julgo haver prestado algum serviço à litteratura nacional em oferecer aos estudiosos da sua lingua e poesia um rapido bosquejo da historia de ambas. Quem sabe que tive de encetar materia nova, que portuguez nenhum d’ella escreveu, e os dous estrangeiros Bouterweck [sic] e Sismondi incorrectissimamente e de tal modo que mais confundem do que ajudam a conceber e ajuizar da historia litteraria de Portugal; avaliara decerto o grande e quase indizível trabalho que me custou este ensaio. Não quero dá-lo por cabal e perfeito; mas é o primeiro, não podia se-lo.” (in *Retrato de Venus e Estudos de Historia Litteraria*, 3ª ed., Porto, Ernesto Chardron, 1884, p. 171). O Sismondi nomeado neste excerto é Jean Charles Leonard Simonde de Sismondi (1773-1842), autor de *De la Littérature du Midi de l’Europe* (1813), obra traduzida para inglês por Thomas Roscoe como *Historical View of the Literature of the South of Europe*, 1823, 4 vols.

(1799-1854), também ele (como Quillinan) um portuense residente em Inglaterra nos anos 20 do século XIX e (como Wordsworth) um oficialmente consagrado introdutor do Romantismo.

Além dos louváveis propósitos de divulgação literária além-Mancha, este romance de Quillinan vale igualmente pela descrição de trechos da paisagem natural duriense, bem como pela ficcionalização de apontamentos pitorescos sobre os hábitos religiosos e sociais dos portugueses que não destoariam se integrados em obras que, provavelmente, terão servido elas próprias de fonte longínqua e semi-consciente de Edward Quillinan: os relatos e diários de viagens produzidos por autores britânicos a partir fundamentalmente de meados do século XVIII.

Quanto à tradução em si, apenas duas observações, a primeira das quais para frisar que a mesma faz, obviamente, prova da extensão e riqueza de conhecimentos bilinguísticos do Professor Manuel Gomes da Torre,¹⁰ mas também de uma limpidez e elegância estilísticas que recordam a espaços a cristalina escrita de Camilo. Paralelamente, esta tradução/edição de *As Irmãs do Douro* surge enriquecida por oportunas e esclarecedoras notas, que identificam trechos, frases, factos, nomes e alusões citados em epígrafe, constantes do texto ou das próprias notas originais de Quillinan. O modo como o Professor indica locais, datas e horas de consulta na *World Wide Web* (vulgo Internet), apontando, com a modéstia dos grandes Académicos, um ou outro pormenor ainda por identificar, documenta a mesma exemplar transparência.

Conforme tivemos oportunidade de dizer em comunicação pessoal ao Professor Gomes da Torre, felicitando-o por mais este trabalho levado a bom Porto e que seguramente promete envelhecer bem, “nada como um Homem do Norte traduzindo o que um outro escreveu”. É, pois, a ambos que brindamos, no cair do pano desta recensão. Com um *Vintage Port*, é claro!

¹⁰ Estes créditos e predicados reflectem-se, aliás, de forma maximizada no projecto colectivo de tradução “Shakespeare para o Século XXI”, levado a cabo pelo Instituto de Estudos Ingleses da Faculdade de Letras do Porto e igualmente com edição da Campo das Letras.

RUAS, Manuel (Trad.), António Ventura (Introd. e notas), *George Borrow em Portugal*, Livros Horizonte, Coleção “Memórias de Portugal”, Lisboa 2006, 111 pp.

Carla Sofia Vieira

The Bible in Spain surge do diário de George Borrow, aquando da sua viagem à Península Ibérica, objectivando, através da British and Foreign Bible Society, a venda das Sagradas Escrituras na língua nativa de cada país que visitava, com o fito de analisar um eventual futuro mercado. A escolha de Borrow para se transformar num enviado da supracitada Instituição residiu no facto de o autor ser poliglota. Descendente de um oficial britânico, acompanhava o pai nas campanhas em que participava, o que lhe permitiu desenvolver uma imensa capacidade de aprendizagem das línguas, através do permanente contacto com diversas culturas, experiência essa que se demonstrou imensamente útil mais tarde, até porque George não se revelou um aluno dedicado na escola durante a infância, apenas na “escola da vida”.

No entanto, a questão primordial emergente no preciso momento em que o autor chega a um determinado país é a seguinte: estará essa nação preparada para receber esta novidade, a qual consiste na não existência de intermediários entre a mensagem transmitida através da Bíblia ao crente?

George Borrow, ao longo da obra em análise, dá a entender não simpatizar sobremaneira com Portugal, daí o seu constante ligeiro manifesto de prontidão em prosseguir viagem para Espanha, mesmo tendo determinado desde início não se demorar neste país. Decide somente aproveitar para conhecer mais um povo, mais uma língua e mais uma cultura, como ele próprio o sublinha: “o meu único objecto de estudo é o homem” e segue este gosto pela vida fora.

Por vezes, os sentimentos deste linguista parecem contraditórios, pois encontram-se determinadas situações nas quais o autor é surpreendido e acaba por se deleitar, ora com a comida nacional, a qual elogia sobejamente: “Comemos um coelho frito, acompanhado com um molho delicioso, e depois outro, assado, que veio para a mesa inteiro, numa travessa; a estalajadeira lavou as mãos, partiu o animal em pedaços e regou-os com um molho adocicado. Comi de ambos com apetite, e em especial do segundo, talvez por causa da original e curiosa maneira como foi servido. Excelentes figos do Algarve, e maçãs, concluíram o repasto...”; ora quando chega a Lisboa, onde expressa que “apesar de todas as ruínas e devastações, Lisboa é a cidade indiscutivelmente mais digna de nota da Península e talvez, até, do Sul da Europa.”; ou mesmo na altura em que encontra D. Jerónimo José de Azevedo, secretário do governo de Évora, que, pelo facto de ter sido educado em Inglaterra, permitiu uma conversa ao longo do almoço sobre a literatura portuguesa, mais precisamente do conhecimento de Borrow “dos escritos dos mais admirados autores de Portugal”. Isto leva a uma apreciação positiva de Portugal, embora mais adiante tome uma atitude diferente.

É interessante também a opinião que exprime acerca da população rural que, embora não tivesse um nível de instrução comparável à inglesa, se exprimia mais correctamente do que acontecia na sua pátria.

Todavia, e apesar da sua paixão por Espanha, não esquece nunca as suas origens e disso se orgulha. Ao ouvir um jovem referir-se aos ingleses como “egoístas e traiçoeiros”, George Borrow não perdoa e ataca ferozmente Portugal, apelidando o país de “ingrato”, que devia ter em conta tudo o que a Inglaterra já fez por esta nação de marinheiros.

A razão pela qual esta edição dos Livros Horizonte é a primeira tradução portuguesa de *The Bible in Spain* tem origem não só no interesse que a literatura de viagens desperta, mas também na realidade do próprio autor em si, pois a verdade é que este tinha por país de eleição Espanha. Consequentemente, não dedicou muitas páginas a Portugal. Pode verificar-se de imediato esta inclinação através do título, *The Bible in Spain*, ou seja, nem uma única referência a Portugal. O autor ignora assim 44 páginas da sua obra, e só Espanha merece a sua atenção, no que é considerado a parte de um livro utilizada para cativar o público, isto é, o título, como se a sua chegada à Península nunca tivesse passado por Portugal. Até mesmo no subtítulo só

é referida a Península no seu todo, este país não existe como independente. A tradução cinge-se ao segmento que nos interessa a nós, portugueses, e nomeia-se no título o reino pelo qual Afonso Henriques lutou pela independência. Neste sentido, pode evidenciar-se uma questão de importância para o que escreve. Atente-se que são bem referenciadas as palavras do título, de maneira a fazer mais sentido para Borrow, visto o importante para ele ser a Bíblia e Espanha. No caso da tradução, o importante é transmitir algo sobre George Borrow e a sua perspectiva do nosso reino, aquando da sua visita, daí a obra portuguesa se intitular *George Borrow em Portugal*.

Quanto à obra propriamente dita, apenas quase um oitavo de atenção é prestada às terras lusitanas. Até mesmo o prefácio, de quatro páginas, o qual não foi contemplado na versão portuguesa, não contém mais que uma única alusão a Portugal: "The work now offered to the public, and which is styled *The Bible in Spain*, consists of a narrative of what occurred to me during a residence in that country, to which I was sent by the Bible Society, as its agent for the purpose of printing and circulating the Scriptures. It comprehends, however, certain journeys and adventures in Portugal, and leaves me at last in "the land of the Corahai," to which region, after having undergone considerable buffeting in Spain, I found it expedient to retire for a season." Apesar de tudo, ainda existe a questão do centenário do nascimento de tão carismática personalidade, que com certeza terá tido alguma influência na escolha de Borrow para este estudo.

O Professor António Ventura, na introdução, reveste-se de uma extrema importância, dado oferecer-nos um contexto historico-biográfico do autor em causa, de modo a tornar-se possível compreender, de forma mais aprofundada, determinadas estruturas da personalidade de Borrow e da sua postura na vida, com algumas escolhas até, que permitem um maior entendimento de algumas opiniões pronunciadas pelo próprio autor ao longo da obra em análise.

No que respeita as notas, revelam-se do mesmo merecimento que o prefácio, porque explicam alguns factos, personagens ou lugares que vão surgindo, e que dão lugar a uma compreensão mais elucidada da leitura. Para além disso, garante a abrangência do seu interesse para qualquer tipo de público. Ainda no mesmo contexto e visto o autor utilizar no seu discurso original muitas palavras de diversas nacionalidades, afirmando constantemente o seu estatuto de poliglota, as mesmas são muito úteis, para que, na obra traduzida, se mantenha a mesma sensação que Borrow

pretende transmitir no original, como seja demonstrar o seu conhecimento linguístico, sem que o leitor, todavia, se desmotive. É ainda notório o conhecimento literário deste enviado da Bible Society em citações que vai empregando com o fito de explicar melhor as suas ideias. Neste sentido, as notas revelam-se indispensáveis, visto contextualizarem os escritores desses mesmos excertos e ainda o respeitante encadeamento histórico-biográfico.

Esta obra resulta num testemunho histórico da maior relevância, devido, não só ao facto de se passar a conhecer um excelso linguista, tão reconhecido mundialmente e de certa forma esquecido no nosso país, mas ainda por ser permitido ao leitor obter um esclarecimento mais amiúde da realidade portuguesa do século XIX do ponto de vista britânico, mais precisamente do de George Borrow, embora o mesmo esteja impregnado de um olhar repleto do conhecimento de outras culturas.

Na generalidade, o presente trabalho, contemplado no Projecto "Gutenberg - Library of the World's Best Literature, Ancient and Modern to encourage the creation and distribution of e-books", representa uma mais-valia no panorama literário nacional, pois, para além de não se perder o sentido do original, é de uma leitura muito agradável, dado transmitir uma certa descontração ao leitor, cativando o interesse de um livro de aventuras e estimulando a aprendizagem através da perspectiva do olhar do estrangeiro. Contudo, Borrow não deixa nunca de analisar o país onde se encontra e de o criticar, mas também de elogiar o que lhe parece positivo, como o próprio afirma no prefácio: "I am no tourist, no writer of books of travels; but I went there on a somewhat remarkable errand, which necessarily led me into strange situations and positions, involved me in difficulties and perplexities, and brought me into contact with people of all descriptions and grades; so that, upon the whole, I flatter myself that a narrative of such a pilgrimage may not be wholly uninteresting to the public, more especially as the subject is not trite; ...". O autor é um viajante com um fito individual, o de lançar a Bíblia no mercado português, para que todos possam ter acesso à mesma, aliás, à semelhança do que fez com o seu diário, para que todos pudessem usufruir da sua experiência. Neste contexto, faz todo o sentido a publicação de *George Borrow em Portugal* como seguimento do trabalho de uma vida defendendo o direito ao conhecimento.

ABSTRACTS

1. Zepetnek, Steven Tötösy de, "As Novas Ciências Humanas: o Intercultural, o Comparativo e o Interdisciplinar"

The discipline of comparative literature has always been a field under much pressure and under the continuous demand to legitimize itself. In recent years, owing to the appropriation by departments of English of theory and several other areas of scholarship comparative literature has pioneered, the discipline is undergoing both intellectual and institutional constriction and downsizing particularly in the US and in some European countries (although not in others). Steven Tötösy de Zepetnek's paper is a reiteration of some of the arguments why the discipline — despite its traditions rooted in Eurocentrism — remains an intellectually challenging approach for the study of literature (and culture), especially when merged with thought and approaches found in the discipline of cultural studies. To illustrate his argumentation, Tötösy describes briefly the elimination of the first and only full-fledged department of comparative literature in Canada, at the University of Alberta. Tötösy follows his description of events with a ten-point outline of "comparative cultural studies." He defines comparative cultural studies as a field of study where selected tenets of the discipline of comparative literature are merged with selected tenets of the field of cultural studies meaning that the study of culture and culture products — including but not restricted to literature, communication, media, art, etc. — is performed in a contextual and relational construction and with a plurality of methods and approaches, inter-disciplinarity, and, if and when advantageous, including team work. In comparative cultural studies it is the processes of communicative action(s) in culture and the how of these processes that constitute the main objectives of research and study. However, comparative

cultural studies do not exclude textual analysis proper or other established fields of study. In comparative cultural studies, ideally, the framework of and methodologies available in the systemic and empirical study of culture are favoured. Areas such as comparative media studies, audience studies, popular culture, film and literature, etc., are also fields of scholarship which would be incorporated into comparative cultural studies.

2. Monteiro, George, "Articles about, poems by, references to, and mentions of Luiz de Camões in U. S. periodicals (1791-2002)"

3. Castel-Branco, Maria da Conceição Emiliano, "O Percurso Anglo-Português da Rainha D. Catarina de Bragança"

Caught between two cultures, Catherine of Braganza, the Catholic Portuguese wife of King Charles II, had to adjust to her new circumstances and survive many difficult situations during her thirty years in England. Often underestimated by historians and writers, this paper looks at the life of Queen Catherine of Braganza in the court of King Charles II in the light of recent approaches to court studies, gender history and the role of women in the British monarchy. It tries to re-evaluate her multiple roles within the Restoration court, placing particular emphasis on her position and role as consort, her cultural patronage and her influence on English public life.

4. Duarte, Maria de Deus, "From Duppy Stories to Slavery Tales. An Interview with Afua Cooper"

The interview, conducted at the Department of History of the University of Toronto on the 14th of June 2006, approaches the transatlantic trading system and the account of Marie-Joseph Angélique's tragic story under the shadows of four empires — the Portuguese, Dutch, British and French. Afua's passionately written book, *The Hanging of Angélique. The Untold Story of Canadian Slavery and the Burning of Old Montreal* (2006), the first English-language history of the

Atlantic slave trade to include Canada, has international resonance as Angélique was Portuguese and lived in what is now part of the United States. The book joins the commemoration of 400 years of Black History and settlement in Canada (1604-2004) and the fulfilment of a long lasting research dream.

5. Terenas, Gabriela Gândara, “A verde Erin”: imagens da Irlanda no periodismo português”

The authors of the articles on Ireland appearing in the Portuguese periodical press of the eighteen-eighties tended to support the Irish cause as a reaction towards the British Government's aggressive policies, to which Portugal had also fallen victim. Whilst reflecting both the social and ideological backgrounds of their authors and the historical situation in which they were created, the texts emphasize the repulsion of both the Irish and the Portuguese against the arrogance of a nation which would hesitate at nothing to attain its imperialistic goals. The Land League was viewed as a means of achieving autonomy through the establishment of a federal system and as such was idealised by a number of Portuguese intellectuals as a way towards Iberian unification. At the same time the heroic portrayal of the leaders of the Fenian movement was a call to action for the Portuguese people to raise their voices against British despotism, which was creating growing obstacles to Portugal's African ambitions.

6. Guedes, Fernando, “Polémicas Londrinas entre Tories e Whigs motivadas pelas Guerras Civis em Portugal e Espanha”

An English nobleman — Viscount of Porchester, later 3rd Earl of Carnarvon — arrives in Lisbon, for a long trip through Portugal and Galicia, in August 1827.

On horseback he travels all the way to Galicia, sleeping in the most awful boarding-houses he find on his way, and sometimes in very comfortable places such as monasteries and palaces. He arrives in Galicia when the civil war is high and he is arrested by the Constitucionalists as being a spy for the Carlists. Released, he returns to Portugal in time to see the arrival of Infant D. Miguel, the popular enthusiasm and

the solemn oath of the Prince promising to accept the regency in the name of his niece, D. Maria. However, in a few days, the situation becomes very dangerous, the people claiming for D. Miguel as "absolute king", and Porchester is arrested again, now by D. Miguel's partisans. The Author returns to England as soon as he can and publishes a book in 1830 — *The Last Days of the Portuguese Constitution* — and later a two-volume work — *Portugal and Gallicia* — where he describes his adventures and his views of the situation in Portugal and Spain and clearly condemns the English Government policy towards these countries.

These books gave origin to government influenced replies in book form, to some of which he contests, and the controversy took large space and time in London Parliament and political circles.

7. Vicente, Ana, "A Face Feminina da Comunidade Britânica em Portugal"

This article centers on the history of the British Community in Portugal, mostly in the Lisbon Area, between 1937 and 1987, underlining the contribution of its women members. It covers the following aspects:

- 1) The history of British institutions founded by women or with the active participation of women.
- 2) The history of British institutions with women's specific interests as their objectives.
- 3) British women's contribution to the war-effort (1939-1945).
- 4) Reports on the official visits to Portugal of Queen Elizabeth II, Princess Margaret, Princess Diana and Margaret Thatcher.
- 5) Biographical notes on many British women.
- 6) The history of the 400 year old Irish Dominican Convent of Bom Sucesso (by Honor. Grace Mc Cabe, O.P.)
- 7) The history of Queen Elizabeth's School founded by Denise Lester (by Maria Júlia Guedes).

It concludes that both as individuals and as a group, a great many British women of this period and place interacted both with the British community and with Portuguese society, doing much for the general well-being.

Apoios:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR


Ciência. Inovação
2010

Programa Operacional Ciência e Inovação 2010

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR